JONAS ROSA MENDES

O QUE A "SEMANA MUDA" NOS DIZ SOBRE BRASÍLIA DE MINAS?: MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS CATÓLICAS DOS BRASILMINENSES NAS DÉCADAS DE 1960 – 1990

UNIMONTES/MG
NOVEMBRO/2023

JONAS ROSA MENDES

O QUE A "SEMANA MUDA" NOS DIZ SOBRE BRASÍLIA DE MINAS?: MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS CATÓLICAS DOS BRASILMINENSES NAS DÉCADAS DE 1960 – 1990

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social
Linha de Pesquisa: Cultura, Relações Sociais e Gênero.
Orientador: Prof. Dr. Rafael Dias de Castro

UNIMONTES/MG
NOVEMBRO/2023

Dedico este trabalho a minha pequena Lunna.

Mendes, Jonas Rosa.
M538q O que a “semana muda” nos diz sobre Brasília de Minas? [manuscrito]: memórias, vivências e experiências católicas dos brasilminenses nas décadas de 1960 – 1990/ Jonas Rosa Mendes – Montes Claros, 2023.
184 f. : il.

Bibliografia: f. 161-168.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em História/PPGH, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Dias de Castro.

1. Brasília de Minas (MG) - História local. 2. Brasília de Minas (MG) - Usos e costumes religiosos. 3. Celebrações da Semana Santa. 4. Experiências religiosas. 5. Festas religiosas. I. Castro, Rafael Dias de Castro. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: memórias, vivências e experiências católicas dos brasilminenses nas décadas de 1960 – 1990.

Catalogação: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge

AGRADECIMENTOS

Ao término da escrita dessa dissertação, quero manifestar os meus profundos agradecimentos àqueles que, de alguma maneira, estiveram comigo nesse processo, com apoio e contribuições fundamentais.

Ao querido Rafael Dias de Castro, meu orientador, agradeço demais por ter me aceitado como orientando, caminhado comigo nessa jornada. Agradeço por me apresentar excelentes leituras e importantes referenciais para a condução dessa pesquisa, por todas as correções e comentários que me ajudaram bastante na escrita. Agradeço por ser sempre solícito, mesmo quando eu mandava longos e-mails (muitas vezes acompanhados de referências aleatórias ao livro O Som e a Fúria), pela paciência e compreensão e, acima de tudo, por acreditar na minha pesquisa. Em diversas ocasiões minhas inseguranças falavam mais alto e desacreditava no que havia escrito, mas Rafa nunca deixou de ver potencial e sempre valorizou demais o que eu fazia.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História, que com a sua estrutura proporcionou a realização desse trabalho. Agradeço aos professores do programa, em especial: Dra. Rejane Meireles Amaral Rodrigues, Dr. Ildenilson Meireles Barbosa e Dr. Renato da Silva Dias. Todos eles foram muito importantes e necessários na minha formação durante esse período no PPGH. Agradeço imensamente à Rejane por ter sido minha primeira orientadora lá na graduação, a primeira a acreditar nessa pesquisa e a primeira a ver potencial para sua continuidade no mestrado. Encontrar uma professora como ela nessa trajetória acadêmica me fez não apenas um pesquisador melhor, mas um ser humano melhor.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) por me conceder durante 1 ano apoio monetário através da bolsa para que eu pudesse me manter financeiramente nesse período. Agradeço à professora Dra. Helena Amália Papa por todo apoio e auxílio na concessão de bolsas, sempre buscando solucionar os problemas e esclarecer dúvidas nesse processo.

Agradeço aos professores Dr. Robson Murilo Grando Della Torre e Dra. Juniele Rabêlo de Almeida por se disponibilizarem a compor a banca de qualificação realizando a leitura e fazendo formidáveis apontamentos que contribuíram muito na condução da escrita do trabalho final.

Agradeço à professora Dra. Patrícia Vargas de Araújo da Universidade Federal de Viçosa pelas sugestões bibliográficas, comentários e trocas sobre o viver na cidade em perspectiva interdisciplinar feitos ao longo dos encontros de História em minhas participações nos simpósios por ela coordenados com a temática Pensar a Cidade e o Urbano.

A minha mãe, Janete Rosa de Souza, agradeço imensamente por tudo o que fez por mim. Não é sempre que um filho é apoiado quando escolhe cursar uma licenciatura em História e ela desde o primeiro momento me apoiou e continuou me apoiando quando quis seguir nos estudos no mestrado. Além disso, foi graças a ela e a sua atuação na paróquia Senhora Sant'Ana que consegui a maioria das sugestões e contatos com os meus entrevistados. Sem dúvidas, não haveria pesquisa se não fosse minha mãe e isso me deixa muito orgulhoso, pois de certa forma essa pesquisa é uma maneira de entender tanto a religião que ela é tão ligada e foi passada para mim, quanto a cidade onde ela nasceu, cresceu e me criou com a minha irmã. Em inúmeras ocasiões durante o período de entrevistas a referência que os moradores tinham era o "Jonas, filho de Janete" ou o "Jonas de Janete" e isso me deixa feliz porque foi o que me ajudou a chegar aonde não conseguiria sozinho.

Agradeço aos meus familiares e amigos por me motivarem a prosseguir com a pesquisa, sempre demonstrando curiosidade a respeito do seu andamento e mandando energias positivas para que concluísse com sucesso. Agradeço, de forma especial, a minha pequena Lunna que durante esses últimos anos foi uma luz na minha vida que incentivava a persistir. Ela ter me adotado como pai e eu a adotado como filha foi muitas vezes o lugar onde me segurei para me manter firme, lúcido e motivado, sobretudo durante a pandemia. Apesar dos momentos de bronca da parte dela com ela me dizendo "Pai, você me manda dormir cedo, mas você nem dorme. O seu olho vai ficar roxo", acredito que em um futuro próximo entenderá que foi por uma boa razão. Lunna é uma pequena moradora de Brasília de Minas e espero que essa pesquisa possa ser uma forma de conhecer ainda mais o lugar onde vive mais para frente.

Aos meus colegas de mestrado da turma 2021 – 2023, o meu agradecimento e a minha admiração. Somos uma turma que passou por muitas dificuldades, pois fizemos as disciplinas durante a pandemia da COVID-19 e mesmo assim procuramos nos ajudar mutuamente. Gostaria de agradecer a alguns em especial. À Thaís Nery, minha melhor amiga, agradeço imensamente pelo companheirismo, carinho, escuta, sugestões, risadas e fofocas. Clarice Lispector disse que "amizade é matéria de salvação" e minha amizade

com Thaís é muitas vezes (e foi durante todo o mestrado) minha salvação. Fizemos a graduação juntos, estudamos juntos para o processo seletivo do PPGH, nas disciplinas em comum procuramos sempre partilhar um com o outro os comentários e dúvidas das bibliografias, além de uma leitura mútua das pesquisas. Não sei o que teria sido de mim sem Thaís na turma e tenho muito orgulho de falar que sou amigo de uma grande historiadora. A João Pedro agradeço pela parceria, pelas risadas, pelos bons momentos acompanhados de uma cerveja gelada quando foi possível retomar os encontros presenciais. A Cadu, como costumo dizer, meu irmão mais velho no mestrado, agradeço pelo companheirismo, pelas boas conversas, pelas excelentes sugestões de filmes e músicas que trouxeram leveza em momentos de estresse e angústia. À Joyce e à Ravenna, duas colegas que só conheci no mestrado, agradeço por todo o carinho e escuta, que foram muito importantes ao longo desse período.

Se estou finalizando o mestrado é porque tive lá atrás uma importante base nos meus estudos. Por isso sempre agradecerei aos meus professores da educação básica, sobretudo os professores da Escola Estadual Sant'Ana. Ainda é preciso defender muito o ensino público de qualidade no Brasil e é muito gratificante poder falar que sou fruto do trabalho, esforço e dedicação de professores da rede pública estadual. Faço um agradecimento especial a minha professora de História, Silvana Ferreira Mendes, que além de uma inspiração é uma importante referência para os meus estudos sobre Brasília de Minas.

Aos entrevistados dessa pesquisa e aos que de alguma forma contribuíram para sua execução os meus mais sinceros agradecimentos. O coração e a alma desse trabalho são essas pessoas que humildemente aceitaram participar dessa busca por compreender aspectos significativos de Brasília de Minas. Muito obrigado, Arminda (dona Arminda), Carlos Humberto (Carlim de Tico), Flauzina (dona Zina), Geralda Creusa (tia Queu), Geralda Rodrigues (Geraldinha), Jane, Joana (dona Joana), João Afonso (seu Joãozinho Ruas), Joaquim Francisco (seu Joaquim de Rita), José Alves (Zé Goiaba), José Batista (seu Zé Pequeno), José de Fátima (Zé de Fátima), José Francisco (Zé Preto pintor), José Mendes (Zé do Correio), Joyce Georgina, Laurindo (seu Laurindo), Manuel Gonçalves (seu Manuel de Bráulia), Manuel Pereira (seu Manuel), Maria das Dores (dona Das Dores), Maria de Fátima (Fátima de Soares), Maria Eugênia (dona Lia de Jó), Maria Giovanina, Maria Inês (dona Maria Inês), Maria Nazareth (tia Ná), Olívia, Pascoalina (dona Cula), Ronaldo Múcio (Ronaldo Popó) e Terezinha (dona Tê).

Acima de tudo agradeço a Deus pela força e por abençoar os caminhos dessa pesquisa. Agradeço também à padroeira de Brasília de Minas, Senhora Sant'Ana, por sua intercessão e por estar sempre comigo.

No coração do sertão Brasília de Minas se impõe
O seu jeito interiorano a torna mais linda
Circundada por verdes palmeiras
Que aos visitantes parecem dar boas-vindas

Um povo alegre e hospitaleiro
Faz dessa terra um lugar acolhedor
Quem passa por aqui nunca esquece
Quem foi embora lhe tem muito amor

Contendas de um tempo remoto
Sua beleza me fascina
Longos anos que se foram
Mas é ainda menina

Um santuário onde a paz
Perpetua-se sem cessar
Um povo cheio de fé
Que insiste em seu caminhar

("Tributo a Brasília de Minas" – Gilson Pereira de Sousa)

RESUMO

Esta pesquisa analisa as vivências e experiências dos moradores da cidade Brasília de Minas a partir de suas narrativas orais sobre a "Semana Muda" – forma que alguns brasilminenses chamavam a Semana Santa. Ao narrar suas experiências religiosas entendemos que os moradores relatam também um conjunto de experiências que constituem o sentido de ser brasilminense, do que é viver na cidade. Para a pesquisa utilizaremos principalmente as discussões teóricas de Michel de Certeau. Sua perspectiva, ao abordar as práticas culturais, considera como tais ações impõem novas lógicas, inesperadas na organização social. Podemos pensar como a Semana Santa impõe isso em Brasília de Minas nas dinâmicas de ocupação do espaço, no papel de alguns grupos na organização tanto de eventos relacionados à Igreja quanto fora. As considerações certeaunianas nesse sentido coadunam com o nosso processo de análise, dado que entendemos a importância em analisar a Semana Santa não apenas em seu sentido religioso, mas além dele. Serão utilizadas como fontes relatos orais dos moradores de Brasília de Minas, entendendo que o ato da entrevista na História Oral presume um diálogo onde o historiador deve compreender os sentidos do que lhe é narrado.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; experiências religiosas; cotidiano; Brasília de Minas; Semana Santa.

ABSTRACT

This research analyzes the lives and experiences of residents of the city of Brasília de Minas based on their oral narratives about "Semana Muda" - the way some Brasília de Minas residents called Holy Week. In narrating their religious experiences, we understand that the residents also relate a set of experiences that constitute the sense of being from Brasília Minas, of what it is like to live in the city. For this research, we will mainly use the theoretical discussions of Michel de Certeau. His perspective, when approaching cultural practices, considers how such actions impose new, unexpected logics on social organization. We can think about how Holy Week imposes this in Brasília de Minas in the dynamics of occupying space, in the role of some groups in organizing events both related to the Church and outside. Certeaunian considerations in this sense are consistent with our process of analysis, since we understand the importance of analyzing Holy Week not only in its religious sense, but beyond it. We will use oral accounts of the residents of Brasília de Minas as sources, understanding that the act of interviewing in Oral History presupposes a dialog in which the historian must understand the meanings of what is narrated.

KEYWORDS: Culture; religious experiences; daily life; Brasília de Minas; Holy Week.

LISTA DE FIGURAS

Páginas 6 e 7 da edição 121 da revista Mundo Ilustrado de 16 de abril de 1960.....42

Páginas 8 e 9 da edição 121 da revista Mundo Ilustrado de 16 de abril de 1960.....43

Páginas 10 e 11 da edição 121 da revista Mundo Ilustrado de 16 de abril de 1960.....44

Capa do livro De Contendas a Brasília de Minas de Henrique de Oliva Brasil.....46

Capas dos livros Onde Está Sua Memória Cidade?, Tomos I e II, da autora Maria Eugênia Matos Silva.....48

Capa do livro Memorial de Brasília de Minas - documentário da autora Maria Inês de Matos Gonçalves.....50

Missa do lava-pés na Semana Santa de 1973.....83

Procissão de Ramos no centro de Brasília de Minas em 15 de abril de 1973.....104

Padre Pedro Hendricks.....173

Padre Fabiano presidindo a celebração da Quinta-Feira Santa em 1973.....173

Padre Magalhães na Igreja Matriz Senhora Santa em Brasília de Minas (1980).....174

Galeria dos párocos da paróquia Senhora Sant'Ana desde Contendas localizada na parede lateral da Igreja Matriz Senhora Sant'Ana.....175

Lista dos párocos da Paróquia Senhora Sant'Ana de Brasília de Minas (1806 – 2014).....176

Lista dos párocos da paróquia Senhora Sant'Ana de Brasília de Minas (2014 – 2021).....177

Via Sacra ao redor da igreja Matriz feita com figuras vivas na década de 1970.....177

Encenação da caminhada de Jesus com a cruz na década de 1970.....178

Descida da cruz com figuras vivas em 1973.....178

Primeira turma da Cruzada Eucarística.....179

Membros da Cruzada Eucarística na década de 1960.....179

Faixa usada pela presidente da Cruzada Eucarística.....180

Boneco do Judas antes da queima em Brasília de Minas.....181

Boneco do Judas queimando em Brasília de Minas.....182

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 13

CAPÍTULO I: MEMÓRIA, CIDADE E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: OS CAMINHOS ATÉ A BRASÍLIA DO NORTE DE MINAS..... 24

1.1 – O local e o oral na escrita da História: cultura, memória e história local..... 24

1.2 – Entre o religioso e o cotidiano: catolicismo(s) e cidade(s)..... 29

1.3 – A Semana Santa nas cidades brasileiras..... 32

1.4 – O norte de Minas e as experiências religiosas católicas: práticas, tradições e ressignificações..... 36

1.5 – Que Brasília é essa no norte de Minas?..... 40

1.6 – "Pedindo com fé a gente recebe": catolicismo(s) e vivências cotidianas em Brasília de Minas..... 52

CAPÍTULO II: 'A GENTE CHAMAVA DE SEMANA MUDA': NARRATIVAS SOBRE A SEMANA SANTA EM BRASÍLIA DE MINAS, DÉCADAS DE 1960 E 1970..... 70

2.1 – "Devia ficar gravado procês mais novos vê que aqui toda vida teve cultura, teve gente competente e teve gente boa": A cidade, suas dinâmicas e os rituais durante a Semana Santa..... 70

2.2 – Da sacristia à cidade: Os padres e os grupos nas dinâmicas brasilminenses..... 85

2.3 – "Arquivos" de Brasília de Minas: Outras práticas cotidianas dos moradores durante a Semana Santa..... 105

2.4 – Um Deus vingativo e punitivo e um diabo solto pela cidade: relatos sobre medo na Semana Santa..... 115

CAPÍTULO III: A CIDADE MODIFICA, A SEMANA TAMBÉM: AS NARRATIVAS DA SEMANA SANTA NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 E OS DIÁLOGOS COM O PRESENTE..... 124

3.1 – Mudanças na cidade de Brasília de Minas..... 124

3.2 – Mudanças na organização da Igreja Católica no norte de Minas nas últimas décadas do século XX: breves comentários..... 126

3.3 – "Eu sempre falo que padre igual padre Magalhães, Brasília de Minas nunca vai ter": Padre Magalhães nas dinâmicas brasilminenses..... 129

3.3.1 – A "Semana Santa de padre Magalhães"..... 137

3.4 – “Eles pegava um boneco e ribava fogo nesse trem”: a Malhação do Judas em Brasília de Minas..... 141
3.5 – O espetáculo, o respeito e o “católico de verdade”: Panorama geral e diálogos com o tempo presente em Brasília de Minas..... 148
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 157
REFERÊNCIAS..... 161
LISTA DE ENTREVISTADOS..... 169
ANEXOS..... 171

INTRODUÇÃO

> *A quantidade de coisas que se podia tirar de um pedacinho de madeira lisa e vazia abismava Kublai; Polo já começava a falar de bosques de ébano, de balsas de troncos que desciam os rios, dos desembarcadouros, das mulheres nas janelas...*
> *(Trecho de As cidades invisíveis, de Italo Calvino)*

Esse trabalho tem por objetivo compreender as diversas vivências e dinâmicas sociais em Brasília de Minas durante a Semana Santa na cidade e os sentidos atribuídos entre os anos de 1960 e 1990, por meio das narrativas das experiências religiosas e práticas dos sujeitos inseridos no contexto. Em vista disso, entendemos que essas narrativas estão carregadas de subjetividades, dado que cada brasilminense traz, ao narrar as suas experiências, aspectos das suas crenças, valores, lugar social, embebido de dimensões imaginárias e simbólicas. Não só isso, mas pensamos esses sujeitos completamente ligados ao fazer histórico, na possibilidade de destacar as complexidades nas dinâmicas sociais existentes na cidade.

Amanhece e poucos barulhos se ouvem em um dia de muito silêncio, jejum e oração. Algumas pessoas já puxam o terço para rezar por 33 vezes, o mesmo número da idade que Jesus Cristo morreu. Rezam em casa ou vão para o cemitério. Não se pode arrumar a casa, nenhuma mãe quer bater no filho, pois isso seria como bater em Jesus. Os estabelecimentos comerciais se fecham, o padre fica observando se isso é seguido. Andar a cavalo pela cidade nesse dia? Dificilmente vai acontecer, pois têm medo de que algo lhes aconteça. Pode até mesmo aparecer um lobisomem à noite, há quem acredite. Para alguns, ele só apareceria para quem não era temente a Deus. Pessoas da zona rural chegam para as celebrações da igreja. Quem tem onde ficar, chegou no começo da semana. Ao mesmo tempo, algumas pessoas se preparam para queimar Judas na virada para o sábado chamado de aleluia. À noite, após o sermão das sete palavras proferido pelo padre, as pessoas saem acompanhando a imagem do Senhor Morto em um esquife. O som inconfundível da matraca acompanha toda a procissão, mas ela não cala o som proferido da boca dos fiéis com as orações. Já aconteceu de quem queria prejudicar alguém nesse dia pegar um pouco de terra do cemitério para colocar na porta da casa da pessoa. Precisa ser terra de cemitério retirada naquele dia. Todas essas situações eram comuns durante a Sexta-Feira Santa em Brasília de Minas décadas atrás. Ao longo da Semana Santa – ou Semana Muda, como muitos moradores a chamavam – havia também outras situações que faziam parte do cotidiano desse tempo litúrgico e transformavam toda a dinâmica da cidade.

A Semana Santa, também chamada de Semana Maior, é a semana que precede a Ressurreição de Jesus Cristo (Domingo de Páscoa), em que se celebra os últimos dias de sua

vida. Ela se abre no Domingo de Ramos – também chamado de Domingo de Palmas como referência à procissão realizada nesse dia com ramos – e finaliza com o Tríduo Pascal que corresponde à Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa e Sábado Santo até culminar no domingo. Para o catolicismo é o momento de maior importância e junto a data do Natal organiza todo o seu calendário litúrgico[1]: cinco semanas antes da Semana Santa é o tempo da Quaresma; do Domingo de Páscoa até o da Ascensão de Jesus é o tempo da Páscoa seguido pelos domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade e a quinta-feira de Corpus Christi; quatro domingos antes do Natal é o tempo do Advento; do dia 25 de dezembro até o domingo do Batismo do Senhor é o tempo do Natal e os demais períodos, que podem ser até 34 semanas, são definidos como tempo Comum.

Em toda a semana seu caráter de representação e representificação podem ser vistos em vários de seus rituais. Representação por seus rituais serem realizados a partir de recordações de aspectos de uma narrativa. Representificação num sentido de tornar algo do passado atualizado no presente. Celebrar a Semana Santa, para a Igreja Católica, não é, portanto, apenas recordar os últimos dias da vida de Jesus, mas trazer esse passado representado na narrativa para o momento em que se ritualiza.

José Carlos Pereira (2005) apresenta a Semana Santa como a mais importante e respeitada do catolicismo quando as situações se carregam de uma transfiguração simbólica. Para ele, o mundo católico nesse período é revestido de uma aura de encantamento e magia o que dá margem a inúmeras situações (Pereira, 2005, p.186). Estas situações podem ser tanto os rituais prescritos pela Igreja – litúrgicos e paralitúrgicos[2] – quanto populares existentes. De acordo com Pereira:

[1] O calendário litúrgico da Igreja Católica é estabelecido a partir do 25 de dezembro, data fixada como o nascimento de Jesus Cristo e do domingo de Páscoa, data móvel no calendário, mas sempre sendo no primeiro domingo de Lua Cheia depois do equinócio da primavera no Hemisfério Norte. A escolha foi uma ressignificação do calendário lunar judaico. Ver: Belmaia; Dos Santos Amador, 2021. O tempo da Igreja se baseia no tempo do Cristo e isso é intencional. Mircea Eliade explica que "o cristianismo inovou a experiência e o conceito do Tempo litúrgico ao afirmar a historicidade da pessoa do Cristo. A liturgia cristã desenvolve se num tempo histórico santificado pela encarnação do Filho de Deus" (Eliade, 2018, p.66).

[2] A liturgia se constitui de sinais, símbolos, gestuário, palavras, movimentos, objetos, luzes, cores, sons, silêncios e emoções. Para a Igreja Católica é por meio desse conjunto de elementos que se transmite mensagens carregadas de sentido e que envolve quem participa no Mistério pascal do Cristo. Ver: Bucciol, 2018. A paraliturgia é aquilo que está além da liturgia, mas que acontece em paralelo e em consonância. Estão inclusas aqui as procissões, o rosário, celebrações da palavra. Para a Igreja Católica, essas práticas precisam considerar as normas, os livros legitimamente aprovados e o tempo litúrgico, "de modo que se harmonizem com a sagrada Liturgia, de certo modo derivem dela, e a ela, que por sua natureza é muito superior, conduzam o povo" (*Sacrosanctum Concilium,* 13). Dessa forma, o discurso da Igreja, enquanto estabelece a aprovação de alguns costumes, mantém uma postura de exclusão a algumas práticas populares que não correspondem aos critérios anteriormente citados.

> Toda a Semana Santa, ao longo da história do catolicismo, tem sido marcada pelo aspecto da reverência ao sagrado, na mais sagrada de todas as semanas. Abrindo com a celebração das Palmas, a Semana inicia com o convite à penitência, ao jejum, e à oração. Desde os tempos mais remotos do catolicismo brasileiro, nesta semana os fiéis se dedicam mais às funções da Igreja e das causas sagradas (Pereira, 2005, p.217).

Conforme o autor elucida, é possível perceber o quanto a Semana Santa é importante para o catolicismo e com isso permanece durante a história da Igreja. Ela é tida como a semana mais sagrada do ano, além de envolver os fiéis em torno de suas práticas desde o Domingo de Ramos.

Mariana Elias Gomes em seu artigo *A Semana Santa em Mariana, MG: estudo da relação entre patrimônio imaterial e turismo* (2008) traz a Semana Santa na cidade mineira como um exemplo de um espaço público usado tanto pela questão patrimonial quanto pela atividade turística. Para a autora:

> A Semana Santa não é apenas a celebração da morte e ressurreição de Cristo, mas é também a oportunidade de que, através do forte simbolismo que o evento carrega em si, a própria Igreja se mantenha viva na memória dos fiéis, e, da mesma maneira, em um segundo momento contribua para o fortalecimento dos sentimentos de memória coletiva entre os próprios moradores. (Gomes, 2008, p.176)

Segundo Gomes, o aspecto da memória é fundamental na Semana Santa e envolve não só a memória do catolicismo, mas a memória da cidade principalmente quando a história dessa está diretamente ligada à história da Igreja – algo comum na maioria das cidades brasileiras. A isso acrescentamos o pensamento de Michel de Certeau (2022) a respeito dos fenômenos religiosos na sociedade. Para ele:

> "compreender" os fenômenos religiosos é, sempre, perguntar-lhes outra coisa do aquilo que eles quiseram dizer; é interrogá-los a respeito do que nos podem ensinar a respeito de um estatuto social através das formas coletivas ou pessoais da vida espiritual; é entender como representação da sociedade aquilo que, do seu ponto de vista, fundou a sociedade. (Certeau, 2022, p. 144)

Dessa forma, as considerações certeaunianas coadunam com o nosso processo de análise, dado que entendemos que é importante analisar a Semana Santa não apenas em seu sentido religioso, mas além dele[3].

[3] Eduardo Gusmão de Quadros, ao falar sobre experiência religiosa em Certeau, afirma ser preciso atentar-se para o que instituem as manifestações socialmente classificadas como religiosas, pois elas não estão indistintas do tecido social. Segundo o autor, embora Michel de Certeau não tenha tratado da sua teoria acerca da experiência religiosa de maneira sistematizada em uma obra específica, é possível apreendê-la em sua obra. Ver: Quadros, 2007. Outrossim para Michel de Certeau: "Há um conhecimento mais aprofundado a respeito do que são feitas as práticas religiosas (na medida em que, nestas, é possível reconhecer e quantificar fenômenos de natureza econômica, social ou cultural, identificados em outros lugares) [...]" (Certeau, 2021, p.38)

Com relação à escolha do lugar, Brasília de Minas é uma cidade norte-mineira originada a partir da povoação de Contendas[4], que por sua vez se formou na região da antiga fazenda Gaia. Com uma população majoritariamente católica e com a presença de um imaginário religioso na memória da formação local, a cidade é marcada por devoções e manifestações religiosas que ao longo do ano agem sobre dinâmicas sociais no espaço. Destaca-se a devoção à Senhora Sant'Ana (padroeira da cidade), São Sebastião (co-padroeiro) e a Semana Santa.

Essa questão liga-se ao que Iara Toscano Correia (2003) discute a respeito de imaginário social. Para ela, o imaginário social é alimentado pelas ações, desejos, crenças e expectativas experimentadas coletivamente. E essas experiências vividas e compartilhadas que constituem e são constituídas pelo real. O que vai conferir sentido ao mundo e às relações estabelecidas são justamente as representações, códigos e simbologias que advém dessa constante troca (Correia, 2003, p.96). A autora ainda complementa que o imaginário social permite através dos conflitos e disputas que a ele são inerentes a percepção de uma riqueza no cotidiano.

Cotidiano. Essa é uma categoria imprescindível para nossa análise. Os modos de viver e usos do espaço no cotidiano podem ser entendidos enquanto práticas ordinárias, segundo Michel de Certeau (2014), e são a maneira que cada indivíduo interpreta e lida com a cultura. Mais ainda, podemos pensar que são essas práticas que mostram como cada um também lida e interpreta o sentido de ser cidade[5]. A partir das narrativas dos brasilminenses pretendemos observar esses elementos. As experiências desses indivíduos chegam até nós através das narrativas, portanto entendemos que há um determinado espaço temporal entre o que se experiencia e o que se narra. Lidar com essas temporalidades, faz parte do trabalho do historiador.

Walter Benjamin (2012) elabora uma reflexão a respeito disso. Para ele, é finito um acontecimento vivido – ou pelo menos é encerrado na esfera do vivido –, enquanto um acontecimento lembrado não possui limites, uma vez que é apenas uma chave ao que veio antes

[4] O nome Contendas está relacionado a disputas político-religiosas no local. Saint-Adolphe relata que "o vigário de Morrinhos se determinou a residir em Contendas por serem ali mais puro os ares, achou a igreja arruinada, e sem nenhum dos objetos de sua dotação" (Saint-Adolphe *apud* Brasil, 1978, p. 29). Foi a partir dessa transferência do vigário de Morrinhos, padre Antônio Ferreira de Souza que teve início a uma série de disputas envolvendo os outros arraiais com o território onde ele foi residir. Disso surgiu o nome Contendas. Há ainda uma versão que permeia o imaginário local envolvendo figuras diferentes do padre Antônio, que Henrique Oliva Brasil relata em sua obra De Contendas a Brasília de Minas. Segundo ele, o nome estaria ligado às constantes disputas envolvendo dois proprietários de fazenda pela construção da igreja Matriz. No meio dessas disputas, encontra-se um episódio de tomada da santa que ora aparecia de um lado, ora aparecia do outro. Ver: Brasil, 1978.

[5] Essa perspectiva certeauniana do ordinário, nos traz a possibilidade de destacar a dimensão inventiva da autonomia permitindo entender por outras lógicas, situações sociais comuns. Ver: Silva et al, 2019. Nesse sentido as narrativas dos moradores de Brasília de Minas são importantes porque realçam essas lógicas presentes na cidade, que em outras perspectivas poderiam passar desapercebidas.

e depois. Outrossim, Beatriz Sarlo (2007) afirma que a narração inscreve a experiência que não é a do acontecimento vivido, mas da sua lembrança. O processo de rememorar só ocorre a partir do presente, o único tempo apropriado para ele. Além disso, a narração pressupõe que haja um narrador. Aquele que lembra e narra o passado não pode ser vilipendiado, uma vez que separar o corpo da narração se separa a experiência do seu sentido. A memória, como assinala Juniele Rabêlo de Almeida (2016), é capaz de evidenciar experiências de nível individual e coletivo que geram diferentes construções narrativas que podem ser materializadas na oralidade. Portanto, ao trabalhar com as narrativas orais é sempre importante frisar que cada um possui sua subjetividade e a memória é a representação de todo um processo de reelaboração do que viveu.

Essa pesquisa está ligada de maneira intrínseca a minha trajetória pessoal e acadêmica, portanto preciso levantar alguns pontos a respeito. Sou morador de Brasília de Minas, criado em um seio familiar católico e dos 10 aos 21 anos participei ativamente da organização das celebrações da Igreja, começando pelas missas para crianças. Aos 15 passei a fazer parte da Pastoral Litúrgica da Paróquia Senhora Sant'Ana, chegando a me tornar formador de liturgia na paróquia. Durante o tempo na pastoral, tive contato com a organização de diversas celebrações ao longo do calendário litúrgico. Uma que sempre me chamou a atenção era a Semana Santa, devido à alta mobilização na cidade. Ao participar das reuniões de organização notava que era comum aparecerem algumas falas sobre posturas a serem tomadas durante a Semana Santa, como "tem que passar no cemitério com o esquife do Senhor Morto", "a Semana Santa mudou demais", "antigamente o povo rezava mais", e isso começou a me provocar uma série de dúvidas a respeito dessa época. Não só isso, mas ouvia das pessoas mais idosas que "antigamente as pessoas respeitavam demais a Sexta-Feira", "antigamente na Sexta-Feira Santa não podia varrer casa, não podia bater nos filhos". E após a leitura de um texto da obra da memorialista Maria Inês de Matos Gonçalves sobre a Semana Santa no século XX em Brasília de Minas comparando com a atual, me instigou a seguinte frase: "A Semana Santa era chamada de Semana Muda".

Na graduação, desenvolvi uma pesquisa sobre a relação dos brasilminenses com a Semana Santa na tentativa de entender o que esse período do calendário litúrgico significa para eles. O que ficou perceptível é que os sujeitos não narram apenas rezas e práticas ocorridas no período, seja de caráter sagrado ou profano. As relações dos moradores com a Semana Santa vão além do sentido religioso. E isso leva a problemática dessa pesquisa: O que as memórias sobre a Semana Santa em Brasília de Minas podem revelar sobre a cidade, seus costumes,

modos de vida, dinâmicas sociais e transformações entre as décadas de 1960 e 1990? Entendemos que ao analisarmos as vivências, transformações e dinâmicas sociais estamos contribuindo não apenas nos estudos a respeito de Brasília de Minas, mas naqueles que procuram discutir os diversos sentidos presentes no espaço no norte de Minas Gerais.

Sobre Brasília de Minas, os principais trabalhos a respeito, além de obras de memorialistas, são as dissertações de mestrado *Quem manda aqui sou eu: mandonismo, clientelismo e tradição familiar na política de Brasília de Minas - 1958 a década de 1980,* da historiadora Leila Cordeiro de Aquino e *"Nós vivia nos tempo do cativêro": vivências e trajetórias de trabalhadores rurais brasilminenses (1970/1990)* da historiadora Silvana Ferreira Mendes. A primeira se propõe a discutir acerca da tradição familiar na política e as práticas de mandonismo e clientelismo brasilminense de 1958 até os anos da década de 1980. A segunda analisa as narrativas dos trabalhadores rurais brasilminenses em seu cotidiano de trabalho, destacando as permanências e rupturas sofridas por essas populações, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1990. Ambas utilizam a História Oral e estão inseridas em uma linha de poder, trabalho e identidade, analisando a cidade sob essa perspectiva. Há outros trabalhos monográficos que discorrem sobre aspectos religiosos, mas ainda são muito restritos. Essa também é uma das razões que fazem essa pesquisa ser tão importante. Analisar e compreender a sociedade a partir de práticas culturais nos ajuda a elaborar perspectivas e dinâmicas mais complexas existentes no espaço.

Articularemos as ideias de Michel de Certeau com as abordagens da História Oral de Yara Khoury e do historiador italiano Alessandro Portelli. Este afirma que a História Oral tende a representar a realidade não como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, como uma colcha de retalhos em que os pedaços, embora diferentes, conseguem formar um todo coerente quando reunidos, exceto se não houver possibilidade de reconciliá-los rasgando todo o tecido. E isso também, em última instância, é uma forma de representar as complexas dinâmicas existentes em nossa realidade (Portelli, 1997, pp. 16-17). Por essa razão, ao lidar com a análise das narrativas, precisamos tomar cuidado para não forçar a fonte a se encaixar no que se quer. Ignorar os elementos destoantes é renunciar a elementos que podem ser problematizados, seja na pesquisa atual ou em posteriores. Além disso, o autor reflete sobre o diálogo e elucida que:

> é a abertura do historiador para a escuta e para o diálogo, e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua baseada na diferença, e que abre o espaço narrativo para o entrevistador entrar. Do outro lado, é a disposição do entrevistado de falar e de se abrir em alguma medida que permite que os historiadores façam seu trabalho. E a abertura dos historiadores sobre eles mesmos e sobre o propósito de seu trabalho é um fator crucial na criação desse espaço. (Portelli, 2016, p. 15)

A necessidade de se articular Certeau com essas abordagens fica ainda mais evidente quando se pensa não só nas narrativas de práticas cotidianas, mas também na experiência religiosa dos sujeitos. Como salienta Rodrigo Portella, na América Latina predominam comunidades de fé testemunhais, onde as narrativas, as experiências cotidianas são mais importantes que doutrina ou dogma. Portanto, para compreender a religião nesse contexto, é necessário a escuta dos sujeitos religiosos em suas práticas cotidianas e sua interpretação da religião (Portella, 2003, p. 76).

Além dos já citados, utilizaremos no arcabouço teórico Joël Candau, Verena Alberti, Aleida Assmann, Fernando Catroga, José Carlos Sebe Bom Meihy, Juniele Rabêlo de Almeida e Fabíola Holanda para discussões sobre Memória e História Oral. As noções de Joël Candau a respeito do papel da memória na construção identitária, são imprescindíveis para a dissertação, principalmente para o entendimento da memória e do esquecimento e como operam num sentido de ordenamento e classificação. E a história oral nos permite esse contato a partir do sujeito que narra. Recordando sempre que assim como qualquer fonte, as narrativas orais não são uma janela para o passado. Como destaca Verena Alberti:

> Não existe filme sem cortes, edições, mudanças de cenário, como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. A memória, já se disse, é a presença do passado. (Alberti, 2004, p. 15)

Outrossim, é preciso ressaltar que na pesquisa do historiador que trabalha com a história oral sempre há sua necessária interferência, visto que é ele quem vai perguntar na entrevista e vai transpor do oral para o escrito. Sua interferência é também cautelosa porque há de se ter um cuidado para não forçar a fonte a responder tudo o que ele quer e nem os sujeitos das entrevistas devem ser pressionados a isso. A fonte só vai ser produzida através do diálogo entre historiador e sujeito entrevistado.

É em razão desse diálogo também que a temporalidade da pesquisa se complexifica. Trabalhamos não somente com o passado narrado pelos moradores, mas com o presente no qual se narra juntamente com suas percepções. Realizar esse movimento é importante porque ao se trabalhar com temporalidade na História Oral é preciso estar ciente que há um jogo que delineia caminhos que vão, voltam, se cruzam, produzindo desse modo uma riqueza na análise do historiador, pois além do período delimitado, encontramos diferentes marcadores temporais e percepções de tempo e espaço que são vinculados às subjetividades. Isso também insere os

entrevistados como importantes articuladores no processo de pesquisa, visto que, é a partir do que eles narram e de como narram que esses elementos vão sendo contornados.

Há 14 entrevistas gravadas ao longo do ano de 2019 para o trabalho de conclusão de curso com brasilminenses nascidos entre 1925 e 1956. Todos autorizaram o uso da entrevista, seja por meio escrito, seja por meio da própria gravação. Nesse universo de entrevistados estão professoras aposentadas, trabalhadores rurais, donas de casas, locutor, antigos membros de grupos da Igreja como ministros da comunhão, integrante da Congregação Mariana, pessoas que fizeram parte em algum momento da equipe de organização da Semana Santa, entre outros. A ideia inicial foi começar entrevistando pessoas que trabalham ou trabalhavam na igreja e a partir delas receber indicações de outras. As primeiras indicações foram de pessoas que atuam ou atuaram na igreja há muitos anos. Por essa razão a primeira entrevistada foi a senhora Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, nascida em 1944. Para não concentrar todas as entrevistas no centro próximo à matriz, foi necessário procurar moradores de bairros mais afastados e assim foi feito. Muitas pessoas haviam sido indicadas nesse período, mas só foram entrevistadas quando a pesquisa ganhou outras dimensões no mestrado.

Além delas, há 10 entrevistas realizadas no ano de 2022 e 5 entrevistas realizadas em 2023. As entrevistas foram feitas seguindo alguns critérios: geracional, lugar social e nível de envolvimento com a igreja. A escolha por esses critérios é importante para observar as diferentes perspectivas e diferentes experiências ao longo dos anos.

Em razão da pandemia do novo coronavírus, nas entrevistas realizadas em 2022 buscou-se seguir medidas de segurança tanto do entrevistador quanto do entrevistado, sem perder a sensibilidade na escuta e nos gestos. As medidas foram o uso de máscara e álcool em gel, o distanciamento e a vacinação. As últimas foram gravadas em espaço aberto segui apenas a medida de distanciamento. Pretendemos destacar ao longo do texto algumas das experiências de campo a fim de demonstrar a singularidade das entrevistas. As perguntas para as entrevistas foram semiestruturadas e sofriam variações de acordo com o entrevistado, proporcionando uma interlocução melhor.

Todas as gravações foram transcritas de forma manual, sem a utilização de programas de transcrição em um processo lento, demorado, mas necessário, pois acreditamos que era uma maneira de observar melhor as pausas, a linguagem e os termos que estão fora da norma padrão, mas que são marcas da oralidade e das subjetividades dos moradores. Acreditamos também que realizar a transcrição assim, demonstra zelo, respeito e sensibilidade ao entrevistado, pois a gravação seria ouvida cuidadosamente, revisitada e melhor analisada. Além disso, nesse

cuidadoso processo foram utilizadas as anotações feitas durante as entrevistas em um caderno de campo que pontuaram determinados gestos durante algumas falas, aspectos do ambiente onde estávamos situados, as interrupções e impressões gerais do trabalho de campo. É importante pontuar esses detalhes, pois eles demonstram as complexidades existentes no trabalho com a História Oral.

Essa dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado "Memória, cidade e experiências religiosas: Os caminhos até a Brasília do norte de Minas" apresentaremos algumas considerações a respeito da memória e o papel da História Oral na construção de uma História Local. Como esse é um trabalho que observa experiências religiosas e elas são acessíveis principalmente através da oralidade, é necessário elucidar algumas questões. De certa forma, essas discussões ajudam no entendimento do norte de Minas, uma vez que há importantes relações entre religião católica, religiosidade e espaço urbano na região. Utilizaremos os autores João Batista de Almeida Costa, Iara Toscano Correia e as coletâneas *Sertão: tradição, cultura e poder* (2018) e *Sertão: cultura e território* (2020) organizadas por Carla Cristina Barbosa, Denílson Meireles Barbosa e César Henrique de Queiroz Porto. Há também a coletânea *Dinâmicas Religiosas no Norte de Minas e reflexões concernentes* (2018), organizada por Heiberle Hirsgberg Horácio, que complementa os debates acerca da história da região norte-mineira destacando suas complexidades. Para explorarmos as relações entre Igreja e sociedade no norte de Minas, utilizaremos no nosso arcabouço teórico os estudos de Denílson Meireles Barbosa (2010), que discute o papel da Igreja Católica na cidade de Montes Claros nas décadas finais do século XX a partir da sua descentralização para as áreas mais periféricas. Além de analisar o processo de deslocamento da igreja para o sertão e suas implicações, o autor nos dá um panorama das relações entre Igreja e espaço urbano que nos será útil para observar esse processo. Faremos um levantamento bibliográfico sobre a Semana Santa nas cidades brasileiras destacando aqueles que analisam as relações da data religiosa com os moradores. Discorremos também sobre Brasília de Minas, destacando alguns discursos sobre a cidade Brasília de Minas e seus habitantes nas narrativas produzidas por escritores memorialistas no que se refere sobretudo a cultura e a religião. Dentre os memorialistas da cidade, destacam-se três: Henrique Oliva Brasil, que escreveu *De Contendas à Brasília de Minas* (1978), Maria Eugênia Matos Silva, que escreveu *Onde Está sua Memória, Cidade? Tomos I* (1995) e *II* (1998) e Maria Inês de Matos Gonçalves, que escreveu *Memorial de Brasília de Minas – documentário* (2006). Finalizamos o capítulo abordando práticas que fazem parte da

religiosidade católica em Brasília de Minas. Essa é uma forma de apresentar alguns dos sujeitos que fazem parte dessa pesquisa, através dos relatos sobre suas experiências com a religião.

No segundo capítulo, intitulado "'A gente chamava de Semana Muda': narrativas sobre a Semana Santa em Brasília de Minas, décadas de 1960 e 1970" dissertaremos sobre as vivências e experiências religiosas na Semana Santa durante as décadas estabelecidas. Nesse sentido, as categorias certeaunianas de cotidiano, experiências religiosas e cidade nos auxiliarão na análise das narrativas dos moradores. Observaremos através das narrativas como era Brasília de Minas, como era a Semana Santa no período, como as pessoas participavam, a atuação da Igreja na cidade, o papel dos padres na dinâmica religiosa e social, o papel dos grupos da Igreja – Cruzadinha Eucarística formada inteiramente por crianças, apostolado da oração, congregados marianos – a relação rural-urbana, as transformações provocadas durante Semana Santa na dinâmica social e nas vivências desses moradores. Supomos que ao realizar as diversas práticas da Semana Santa estaria o sujeito fortalecendo não somete as identidades católicas, mas também o sentido de ser brasilminense.

No terceiro capítulo intitulado "A cidade modifica, a semana também: as narrativas da Semana Santa nas décadas de 1980 e 1990 e os diálogos com o presente", trataremos das vivências e experiências religiosas na Semana Santa durante as décadas estabelecidas. A proposta é observar principalmente as transformações nas experiências e nas dinâmicas sociais nesse período marcado por uma série de mudanças tanto na Igreja quanto na cidade. Nesse período foram criadas mais pastorais, então é importante observar como essas pastorais atuavam dentro e fora da Igreja. A escolha desse período também se deu pela presença de um mesmo pároco na cidade, o padre Magalhães (1976 – 1996). Além disso, há um aumento populacional na parte urbana de Brasília de Minas – muitos que trabalhavam em grandes propriedades rurais foram para a cidade e se fixaram em locais periféricos bastante estigmatizados. Junto a essas pessoas vieram também experiências religiosas e saberes. Certeau novamente nos auxilia a pensar sobre essas práticas. Além disso, na década de 1990 observa-se uma "espetacularização" na Semana Santa. Finalizamos com uma análise da Malhação do Judas na cidade e um panorama geral das entrevistas estabelecendo um maior diálogo com o tempo presente a partir das percepções dos entrevistados.

Retornando ao trecho que abre essa introdução, temos uma passagem do livro *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, na qual Kublai Khan e Marco Polo estão diante de um tabuleiro de xadrez. Khan, ao pensar na insignificância da parte branca do tabuleiro, percebe a partir das reflexões com o viajante que há muito trabalho na constituição seja na tinta quanto

na madeira escolhida, no tempo de crescimento da árvore usada para a fabricação. Historicizar vivências/experiências é isso: muitos elementos em uma cidade ou na religião a olho nu parecem sem serventia, sem importância. Porém, se analisados conjuntamente, podem nos trazer importantes dimensões. É o que pretendemos com esse trabalho. Em cada experiência narrada pelos brasilminenses encontrar essa parte branca e lisa do tabuleiro.

CAPÍTULO I:
MEMÓRIA, CIDADE E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: OS CAMINHOS ATÉ A BRASÍLIA DO NORTE DE MINAS

Neste primeiro capítulo, apresentaremos considerações a respeito da cultura, memória e o papel da História Oral na construção de uma História Local. Em seguida, estabeleceremos algumas relações entre religião católica e cidade que contribuirão em nossa análise da Semana Santa. No terceiro tópico, será feito um levantamento bibliográfico que abarque os estudos sobre Semana Santa e cidade no Brasil, pensando numa relação entre as experiências religiosas e as vivências cotidianas. Esses dois elementos serão discutidos também na região do Norte de Minas, onde se situa Brasília de Minas. Por fim apresentaremos a cidade, como ela é vista pelos memorialistas, seus moradores, além das práticas religiosas presentes.

1.1 - O local e o oral na escrita da História: cultura, memória e história local

Nesse primeiro tópico, partiremos da seguinte questão: como a História Cultural e a História Oral nos auxiliam na compreensão de uma história local? Conforme afirma José D'Assunção Barros (2009, p.3), os objetos historiográficos não fazem parte apenas do interior de um campo, mas da conexão entre eles. Por conseguinte, apresentaremos os campos em que delimitamos fundamentais para esse trabalho e os conceitos que pensaremos a partir deles.

Este trabalho se insere no campo da História Cultural, pois enfatizamos o estudo de aspectos e práticas religiosas inseridas no âmbito da cultura e das relações sociais. Esse campo permite que se criem possibilidades de se pensar, de se entender a História e, como assinala Sandra Pesavento, é um território vasto que "agrega um amplo leque de campos temáticos e também apresenta uma diversidade crescente – ou mesmo surpreendente – de objetos de pesquisa" (Pesavento, 2003, p. 7). Ainda de acordo com Pesavento, o campo histórico em sua dimensão cultural reforça ao historiador a tarefa de considerar sentidos plurais e retomar a construção de significados em um acontecimento narrado (Pesavento, 1997, 27).

O desenvolvimento da História Cultural nas últimas décadas se deu em um período no qual novas abordagens, novos objetos, novos sujeitos e novos problemas passaram a integrar o

saber e o fazer histórico[6]. Segundo Barros (2004), abrindo a possibilidade para estudos de culturas populares, representações e práticas discursivas partilhadas por grupos sociais, a História Cultural colabora para ressaltar a multiplicidade e complexidade da vida humana.

Nessa pesquisa, utilizaremos as concepções do Michel de Certeau para pensar a cultura enquanto uma "proliferação de invenções em espaços circunscritos" (2012, p.19). Em sua visão, a cultura empreende uma atividade, um modo de se apropriar, uma adoção e transformação pessoais. Ela oscila principalmente entre o que permanece e o que se inventa. De maneira poética, explica:

> A cultura é uma noite escura em que se dormem as revoluções de há pouco invisíveis, encerrada nas práticas -, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos atravessam-na; aparecimentos e criar ações que delineiam a chance de um outro dia. (Certeau, 2012, p.239)

Sob essa perspectiva entendemos que a cultura, na concepção certeauniana, se constitui de ações de pequenas ou maiores proporções que se observadas estão sempre em movimento na sociedade, capazes de realizar transformações[7]. Sua intenção, ao estabelecer logo no título de sua célebre obra "A Cultura no plural", estava em propor uma ideia de cultura que fugisse de modelos singularizantes, estáticos e hierarquizantes. Ao assumir esse plural, ele se propõe a analisá-la principalmente centrando nas práticas, nas relações humanas e como elas delineiam novas lógicas e sentidos na sociedade em que estão inseridas.

Além da História Cultural, nossa pesquisa é atravessada pela abordagem da História Oral, por conseguinte se faz necessário a utilização da memória enquanto uma das chaves de reflexão. Pesavento afirma que:

> Assim como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória recupera, pela evocação, imagens do vivido. E a propriedade evocativa da memória que permite a recriação mental de um objeto, pessoa ou acontecimento ausente. (Pesavento, 2008, p.15)

Essa recuperação das imagens do vivido que a memória proporciona dialoga com Verena Alberti (2004, p.15), que discute a respeito do fascínio do vivido na História Oral. Para

---

[6] Autores como Lynn Hunt que optam por chamá-la de Nova História Cultural para demarcar essa diferenciação da forma de se entender e trabalhar com a cultura. Ver: Hunt, 1992. Peter Burke divide a história cultural em quatro fases sendo a última também chamada de Nova História Cultural. Ver: Burke, 2005.

[7] Néstor Canclini (2019) também propõe uma importante compreensão da cultura a partir de seus estudos sobre o fenômeno da hibridação cultural nos países latino-americanos. Para ele, a cultura deve ser pensada considerando a complexidade de relações que a caracterizam, especialmente as tradições que coabitam e dialogam com a modernidade. Ver: Canclini, 2019.

ela, o vivido é recuperado pelo viés do concebido. A memória realiza operações de ordenamento e classificação (Candau, 2021) que nos proporcionam essas imagens do vivido. O historiador, no processo de escrita, também realiza essas operações tendo em vista que na pesquisa é necessário fazer a seleção de acontecimentos, conjunturas, modos de viver a fim de se analisar o que se passou (Alberti, 2004, p.14). Dos inúmeros estudos sobre memória e História Oral delimitamos para nossa pesquisa, além dos citados Verena Alberti e Joël Candau, os autores Alessandro Portelli, Aleida Assmann, Fernando Catroga, José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda.

As noções do antropólogo francês Joël Candau, discutidas em seus trabalhos de antropologia cognitiva, elucidam o papel da memória na construção identitária. Para ele, o ser humano é um ser mosaico cuja memória é feita de condicionamentos, hábitos, aprendizagens complexas mais ou menos conscientes, além das memórias sensoriais (2012, p. 846). Além disso, a memória e o esquecimento para ele operam num sentido de ordenamento e classificação.

> Recordar, assim como esquecer, é, portanto, operar uma classificação de acordo com as modalidades históricas, culturais, sociais, mas também idiossincráticas [...] a partir de múltiplos mundos classificados, ordenados e nomeados em sua memória, de acordo com uma lógica do mesmo e do outro subjacente a toda categorização – reunir o semelhante, separar o diferente – que um indivíduo vai construir e impor sua própria identidade. (Candau, 2021, p. 84)

Trazer essas considerações sobre esse ordenamento e classificação elucidados por Candau nos auxilia na compreensão da narrativa oral também como performance. Para Portelli (2016, p. 19), a oralidade gera performances e ao se trabalhar com ela o historiador lida com um discurso dialógico em processo. Nessa pesquisa sobre Brasília de Minas entendemos que a memória elaborada na mente de cada morador e narrada, não é o passado cru e verdadeiro – assim como nenhuma fonte. E essa memória que chega ao historiador através da História Oral, como assinala Portelli, só vem a partir da escuta e do diálogo.

O vínculo entre recordação e identidade é também abordado por Aleida Assmann (2011), ao pesquisar as diferentes funções da recordação cultural e seus mecanismos no processo de transformações históricas destacando a escrita, as imagens, o corpo, os arquivos e os locais de recordação. A autora chama a atenção para a diferença existente entre os procedimentos de armazenamento e o processo de recordar. Segundo Assmann:

> diferentemente do ato de decorar, o ato de lembrar não é deliberado: ou se recorda ou não se recorda. Na verdade seria mais correto dizer que alguém recorda alguma coisa, mas só vai tomar consciência dela posteriormente. [...] A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento uma deformação uma distorção, uma

> revaloração e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. (Assmann, 2011, p. 33-34)

Nesse sentido, Aleida Assmann dialoga ao que foi elucidado por Candau a respeito do ato de recordar e esquecer[8], operando em uma lógica a partir do contexto do indivíduo. O que fica perceptível nas considerações de Assmann é a importância do tempo no processo participando ativamente.

Fernando Catroga (2015), leitor de Candau, também elaborou importantes reflexões a respeito de recordação e esquecimento que corroboram com as ideias até então apresentadas. Como o antropólogo francês, Catroga entende que o eu ganha consciência de si apenas em comunicação com os outros, uma relação dialógica e temporal. O autor acredita que a memória individual é formada pela coexistência de várias memórias baseadas nos espaços que os sujeitos estão integrados e que vão se construindo permanentemente. Para ele a recordação, "enquanto presente-passado, é vivência interior na qual a identidade do eu, ou melhor, a ipseidade, unifica os diversos tempos sociais em que coparticipa" (Catroga, 2015, p. 11). Dessa forma, Catroga novamente se aproxima de Candau, pois este entende que a partir de um ordenamento e classificação na memória de reunir o semelhante e separar o diferente, que o indivíduo vai constituindo sua identidade. E essa memória coabita com todos os núcleos que o sujeito está circunscrito e dialoga.

A História Oral nesse sentido nos auxilia através dos seus procedimentos que vão além do gravar perguntas e respostas como quem inquire alguém. Por isso sempre optaremos por utilizar termos como entrevistados, narradores ao invés de depoentes, testemunhas, ao se referir aos moradores de Brasília de Minas, cujas falas aparecerão ao longo do texto. Construir uma relação dialógica e sensível com os sujeitos se faz necessário nessa pesquisa, por se tratar muitas vezes de pessoas que não são ouvidas. Além de parte do projeto, são também atores sociais (Meihy; Holanda, 2020, p.20) e precisam se reconhecer como tais.

Isso nos leva a uma das razões dessa pesquisa, que é estabelecer uma abordagem com relação ao campo de observação a partir da História Local. O discurso historiográfico que propõe abordagens mais gerais, acaba por deixar de lado muitas especificidades de lugares, algo que os estudos em que se reduzem a escala e procuram compreender determinadas localidades

[8] Beatriz Sarlo (2007) afirma que a volta de um acontecimento pela lembrança nem sempre é um momento libertador, mas uma abertura para outras lembranças a partir do presente. Segundo ela: "Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim com o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada" (Sarlo, 2007, p.10). Portanto, o ato de lembrar precisa do presente pois é dele que se apodera para existir.

podem contribuir. A História Local, ao priorizar o que é particular, torna-se um campo amplo de discussões, embora em alguns casos o trabalho nessa abordagem é visto como algo menor. Possivelmente isso se deve ao fato de que, muitas vezes, o estudo de localidades menores – onde a maior parte se concentra – é realizado por não historiadores, os chamados memorialistas.

Embora as obras memorialistas possam (e devam) ser problematizadas – da mesma forma o discurso historiográfico – é necessário destacar sua importância, que muitas vezes se tornam as únicas produções de determinadas localidades e é através delas que o historiador consegue ter acesso a determinadas fontes. O discurso memorialístico é produzido para um fazer-lembrar[9]. Ainda que se atenha a descrição e narração de acontecimentos em sequência, produz memórias (Donner, 2012, p.227). Porém, tal qual a História - mesmo que o método científico e o reconhecimento dos pares não sejam os objetivos - parte de um lugar social, é uma prática e uma escrita, tomando aqui consciência do que o Michel de Certeau (2022) entende por essas propostas de análise do fazer historiográfico[10].

Tomamos por História Local[11] como um modo historiográfico que se "refere sempre a um espaço imediato, incluindo nele, as diversas relações que vão para além daquele pequeno lugar" (Nunes, 2005, p.5). Dessa forma, compreendemos que ao se estudar o cotidiano e as experiências religiosas da Semana Santa em Brasília de Minas, não dispensamos as relações existentes com as abordagens de uma escala mais macro. Porém, ao estudar a localidade, conseguiremos destacar as singularidades existentes no viver na cidade e no(s) catolicismo(s) e o discurso institucional[12].

---

[9] Nesse lugar do fazer-lembrar, os memorialistas são frequentemente tomados enquanto "guardiões da memória local", tornando-se referências da localidade. Inclusive no processo de pesquisa sobre a Semana Santa em Brasília de Minas, a primeira referência que me indicavam para entrevistar eram as memorialistas vivas da cidade, que também são muito procuradas por estudantes da educação básica para pesquisas escolares sobre a história local. Ambas foram entrevistadas para a pesquisa e durante a análise é preciso considerar que as suas falas também estão inseridas nesse lugar citado no início.

[10] Certeau em outros escritos comenta que o trabalho histórico, produz um texto organizado semanticamente para dizer o outro. Consiste não apenas em reunir os objetos encontrados como também reflete principalmente a correlação existente entre eles combinada com a teoria. Ver: Certeau, 2021. p.56.

[11] Muito do que se discute da História Local está concentrada em produções do ensino de História, dos quais podemos ressaltar contribuições. Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelle (2004), por exemplo, ao pensarem na História Local em sala de aula, levantam questões sobre seu uso que podem ser pensados em nossa pesquisa. Segundo as autoras, "é importante observar que uma realidade local não contém em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se também, pela relação com outras localidades, outros países, e, até mesmo, por processos históricos mais amplos" (Schmidt; Cainelli, 2004, p.112).

[12] Segundo Michel de Certeau, o sentido de práticas religiosas varia de acordo não apenas com a região em que elas estão implantadas, mas também com as relações que mantêm. Ver: Certeau, 2021. Desse modo, em Certeau, encontramos respaldo em nosso objetivo nessa pesquisa ao analisar as experiências religiosas católicas em Brasília de Minas.

Circunscrevemos o local a cidade de Brasília de Minas, para se discutir as vivências cotidianas, experiências religiosas e relações sociais no espaço e, dessa forma, é preciso pensar na cidade enquanto conceito. Nessa pesquisa, pensaremos a cidade sob o viés da História Cultural. Como define Sandra Pesavento (1997), a cidade é um conjunto articulado de espaços e vivências que possui funções e identidade proporcionando que seus moradores a reconheçam e se reconheçam enquanto viventes. Como afirma a autora:

> Ora, a cidade é em si uma realidade objetiva com suas ruas, construções, monumentos, praças, mas sobre este "real" os homens constroem um sistema de ideias e imagens de representação coletiva. Ou seja, através de discursos e imagens, o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. (Pesavento, 1997, p.26)

Conforme a afirmação de Pesavento, podemos pensar a cidade a partir de quem vive nela. Dessa forma, nessa pesquisa, a partir da oralidade, a cidade será muitas vezes reapresentada pelos moradores, que também expressarão sentidos a partir das experiências religiosas católicas e das vivências cotidianas.

1.2 - Entre o religioso e o cotidiano: catolicismo(s) e cidade(s)

Um dos principais autores a destacar a pertinência dos estudos do campo religioso e das crenças foi o francês Michel de Certeau. Embora sua identificação seja enquanto historiador – ou como ele respondia quando alguém lhe perguntava, um historiador da espiritualidade (Giard, 2021) – é importante destacar seu trânsito por outras áreas (como a sociologia e a antropologia), porque para a compreensão do religioso isso se faz necessário.

Interessado em explicar a dimensão associativa do humano e religioso, Certeau dedicou-se por muito tempo à história religiosa europeia entre os séculos XVI e XVII também como uma forma de entender a instituição que pertencia, tendo em vista que era jesuíta. Segundo a historiadora Virgínia Albuquerque de Castro Buarque, Certeau ressaltava a articulação entre crença e poder, mas sem negar a especificidade da fé. A crença, assim como o poder, não era entendida apenas em sua dimensão religiosa, sendo este último além de dominação, um modo de promover novas realidades e resistências (Buarque, 2007, p.233).

Essas duas categorias são essenciais na compreensão da estrutura da religião e na análise das experiências religiosas. Isso é um dos principais pontos que diferenciam Michel de Certeau de outros autores dos estudos do campo religioso. Entendendo seu lugar na instituição católica e ao mesmo tempo se afastando de um discurso teológico na sua produção, ele optou por trabalhar com as peculiaridades das experiências no cristianismo. Sobre crença, enuncia:

> A título de primeira aproximação, entendo por crença não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma modalidade da afirmação e não o seu conteúdo. [...] Importa então interrogar-se sobre os avatares do crer em nossas sociedades e sobre as práticas originadas a partir desses deslocamentos. (Certeau, 2014, p. 252)

Conforme enunciado por Michel de Certeau, o crer não está limitado a um espaço institucional dogmático, sendo necessária a investigação de vivências nas sociedades para uma amplitude[13]. De igual modo, Pierre Sanchis (2018) pontua que a religião manuseia categorias que abrangem a subjetividade do indivíduo que crê impulsionando suas ações, orientando e qualificando seu comportamento em sociedade. Nessa perspectiva, os estudos acerca do(s) catolicismo(s) ganham mais nuances.

No território brasileiro a religião católica ainda possui uma expressiva quantidade de fiéis e com bastante atuação e diversas misturas de práticas oficiais e populares. Uma das suas peculiaridades está na complexa mescla, segundo Thales de Azevedo (2002), do dogma católico com crenças encontradas entre os povos indígenas ou importadas com os africanos escravizados[14]. Léa Freitas Perez (2010, p.212) assinala que o brasileiro não é apenas profundamente religioso, mas possui à sua disposição uma multiplicidade de práticas religiosas e de crenças. Ao analisar a religião no Brasil, bem como algumas de suas peculiaridades no que diz respeito a suas práticas na tentativa de se desenhar um mapa da religiosidade no país, a antropóloga define um "multiverso" religioso que se caracteriza pela diversidade de vozes, de paisagens e de modos[15]. Isso nos indica que sujeitos podem se identificar enquanto católicos, mas a forma como manifestam sua fé e como se relacionam ao divino não é necessariamente única, sofrendo modificações consonante a suas vivências cotidianas.

Uma das características da religião católica no Brasil e na América Latina brevemente comentada na introdução, é o prevalecimento de comunidades de fé testemunhais que dão mais

---

[13] Conforme enuncia Certeau: "[...] as significações religiosas alteram-se, apesar da estabilidade das doutrinas, como determinadas contaminações ideológicas e modificações tecnológicas impregnam um sistema recebido antes de darem origem a uma nova configuração[...]. [...] enquanto objeto de pesquisa, o cristianismo não se conjuga no singular. A sua unidade é a construção da doutrina, o produto do discurso" (Certeau, 2021, pp. 26-27). Nesse sentido ainda que o termo em algum momento apareça de maneira singularizada, entendemos que há uma pluralidade da religião e das suas manifestações.

[14] Cabe aqui ressaltar que não é objetivo da nossa pesquisa nesse tópico traçar uma genealogia da religião católica no Brasil abordando sua história desde o período colonial da América Portuguesa, passando pelo Império e seguindo pela República. Nossa proposta é mostrar as particularidades do discurso religioso para além do sistematizado pela Igreja e como ele aparece nas vivências das cidades.

[15] Carlos Brandão vai ao encontro dessa ideia ao assinalar que "a espiritualidade do povo brasileiro" na atualidade é uma mistura complexa de diversas formas de "ser 'religioso', 'crente', 'fiel', 'devoto' ou simplesmente 'uma pessoa espiritual', de viver a fé, de sentir a presença do sagrado e de pensar identidades, sentidos de vida, projetos de destino, visões de mundo e significados da própria divindade diversos e, não raro, até mesmo divergentes" (Brandão, 2009, p.37).

importância a narração e ao cotidiano nas experiências religiosas. Segundo Rodrigo Portella, para se entender a religião nesse lugar:

> é preciso ouvir os sujeitos religiosos concretos em suas práticas cotidianas e na interpretação que eles fazem delas. Creio que aí está "a religião", o que puxaria outro debate, qual seja, se a religião é o que se tem na moldura das instituições religiosas ou o que se vive no cotidiano dos sujeitos religiosos (Portella, 2003, p.76)

Poderíamos conjecturar que a religião se dá com base na coexistência de ambas, em um processo de combates e ressignificações, dado que a instituição religiosa não deixa de permanecer e ter influência no espaço e muitos dos usos que se fazem perpassa pela Igreja. Por essa razão, é possível falar de catolicismos no plural, fazendo um paralelo as concepções de Certeau sobre cultura. E, ao se estudar a religião nas cidades, esses processos ficam evidentes, principalmente considerando que há casos nos quais as experiências religiosas dos sujeitos contribuem para o sentido do ser cidade.

No que se refere a relação Igreja Católica e cidades no Brasil, Carlos Rodrigues Brandão explica em *Memórias do Sagrado: estudos de religião e ritual* (1983) que:

> O trabalho religioso de uma Igreja durante séculos detentora quase exclusiva dos bens de salvação no Brasil gerou, ele próprio, associado a um conjunto de outros fatores sociais que não importa discutir aqui, uma variedade grande e uma quantidade inimaginável de agentes religiosos populares. Beatos, ermitões, rezadores, pregadores ambulantes, santos conselheiros, capelães, mestres de grupos rituais surgem e se multiplicam por todo o território nacional. Alguns sobrevivem e semeiam sujeitos e práticas até os dias de hoje. (Brandão, 1983, p.95)

Conforme explicado por Brandão há uma complexa relação entre a instituição religiosa, os agentes da instituição e os agentes populares. Apoiar-se em lugares comuns como uma lógica institucional (oficial) *versus* popular seria vilipendiar as táticas realizadas pelos sujeitos, forma como lidam com a religião no cotidiano. Tais táticas envolvem trocas, muitas vezes mediadas pelos agentes religiosos populares e pelos próprios padres.

Um dos elementos que contribuem para revelar esses aspectos é a festa religiosa. De acordo com o *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (2000), a festa proporciona a uma comunidade a experiência de uma imersão em um tempo diferente do ritmo do dia a dia. Ela é um:

> acontecimento aglutinador e de convergência, um ponto de encontro de gerações, da comunidade, uma espécie de rotunda por onde todos passam para retomar um sentido certo. Ela é lugar de memória, não só porque faz descer às fundações da personalidade enquanto refaz o tecido relacional que institui cada um, mas também porque atualiza os elementos que tornam cada comunidade diferente, com uma consistência própria. É anamnese. (Azevedo, 2000, p.252)

A partir dessa concepção de festa religiosa entendemos que ela se constitui a partir de características que estão no tecido social que constitui uma comunidade e por isso seus sentidos e usos vão além do religioso. Assim sendo, ao apreendermos os sentidos e usos da festa inserida em uma cidade, poderemos entender o que ela significa na constituição do eu com o outro de cada um que a integra e participa.

1.3 - A Semana Santa nas cidades brasileiras

Os estudos relacionados a Semana Santa no Brasil se concentram em grande parte nas procissões e nas encenações da Paixão de Cristo, sobretudo no estado de Minas Gerais. Nesse tópico, faremos um levantamento bibliográfico sobre a Semana Santa, destacando principalmente aqueles que contemplam a relação dessa celebração nas cidades em que estão inseridas.

Os estudos feitos por José Carlos Pereira, reunidos no seu livro *O Encantamento da Sexta-feira Santa: Manifestações do catolicismo no folclore brasileiro*, torna-se indispensável para nossa pesquisa. O autor, a partir da discussão weberiana de desencantamento do mundo, apresenta o conceito de encantamento destacando que na Semana Santa há uma magia que se faz presente nos rituais que ressignifica a vida daqueles que experienciam a fé católica e a praticam. Ele traz um compilado de práticas existentes no Brasil durante esse período do calendário religioso católico, abarcando desde a quaresma ao Domingo de Páscoa, sobretudo práticas não vinculadas a instituição da Igreja. A Sexta-Feira Santa ganha maior importância devido a celebração da morte do filho de Deus. Como explica Pereira:

> O encantamento dá Sexta-feira Santa passa pelo seu aspecto considerado mágico. Há duas vertentes desse dia no imaginário popular. Uma boa e outra ruim. A boa é que nesse dia, apesar da dor, do sofrimento que envolve o orbe católico, há a esperança de um Deus solidário com o sofrimento humano, que, num processo de kénosis, se iguala à condição humana. A outra é o aspecto fúnebre desta data. Um dia que ficou considerado dia de azar. Quando a mesma cai no dia 13, então, as coisas se tornam macabras. [...] Esses paradoxos de significados perpassam as comemorações da Sexta-Feira Santa, fazendo com que seus elementos, como ritos, mitos e símbolos, contribuam para compor a aura de encantamento que envolve essa data. (Pereira, 2005, p.32-33)

Como explicado por Pereira, a Sexta-Feira Santa ressalta as peculiaridades do imaginário religioso que toma um acontecimento narrado nos evangelhos e é representificado na Semana Santa e mistura com elementos que fogem do cânone da Igreja no âmbito da religiosidade popular. Segundo o autor, muitas crenças se desenvolveram em sociedades rurais ligadas à agropecuária e ao comércio e cidades de estrutura agrária.

Embora realize um estudo bastante descritivo dos aspectos da Semana Santa e reúna uma vasta e diversificada documentação para a pesquisa, sendo uma das razões que o torna indispensável para nossa análise, o autor em muitos momentos os reduz a meros elementos folclóricos exóticos, o que minimiza as experiências religiosas daqueles que têm contato a essas práticas. Ao englobá-las em uma aura mágica e supersticiosa, ele muitas vezes reforça esse exotismo em sua análise.

O anteriormente citado trabalho da Mariana Elias Gomes sobre a Semana Santa em Mariana – MG, nos apresenta a celebração e seus usos tanto pela questão do patrimônio imaterial quanto do turismo. Como elucida a autora, existem em Minas Gerais muitas festas religiosas que unindo o divino e o humano fortalecem a identidade cultural de cada localidade (Gomes, 2008, p. 173). Estas festas, incluindo aqui a Semana Santa só fortalecem a medida em que fazem parte da vivência cotidiana e da memória da comunidade. E como complementa a autora:

> Uma manifestação preservada não necessariamente será a mesma que ocorria há vinte anos atrás, mas sim aquela que ao longo dos anos consegue manter o seu significado entre os seus moradores, e atinge o seu objetivo de unir aquele grupo de pessoas dentro de um contexto social e histórico, a favor da memória coletiva e da identidade e união local. [...] A partir do momento em que esta vivência alcança também os turistas, estas celebrações passam a fazer sentido não apenas para os moradores, mas também para aqueles os visitantes através de práticas de fé que muitas vezes estão repletas de significados históricos e culturais. (Gomes, 2008, p. 175-176)

A Semana Santa vivenciada por aqueles que são de outras localidades também contribui para sua manutenção, ainda que as vivências sejam distintas. Ampliando as perspectivas da Semana Santa em Mariana, Paulo Gracino Júnior em seu trabalho *Religião e metáfora social: a Semana Santa como memória e encenação da hierarquia em Mariana- MG* (2009), mostra através de um estudo etnográfico como a hierarquia e as disputas de poder se projetam na vida religiosa na cidade durante o período. De acordo com o autor, nas décadas de 1970 – 1980 em Mariana, ocorreu um processo de urbanização que marcou a cidade com uma definitiva polarização socioespacial que envolvia os que ali moravam e os novos moradores. Em consequência a polarização "incidiu de forma crucial na vida religiosa da cidade, sendo a religião não só uma projeção desse contexto, mas lugar privilegiado onde se encenam e re-atualizam as disputas de poder e dilemas dessa sociedade" (Gracino Júnior, 2009, p.286).

Nessa perspectiva etnográfica, observando as disputas de poder a partir da Semana Santa, o trabalho de Edilson Sandro Pereira sobre a festa em Ouro Preto torna-se indispensável. Intitulado *O teatro da religião: A Semana Santa em Ouro Preto vista através de seus personagens* (2014) realiza uma análise por meio da observação da Semana Santa entre 2009 e

2013. A partir dos dados, o autor explica que a sociabilidade delineada no contexto está baseada numa disputa entre a paróquia Antônio Dias e a paróquia do Pilar, em que se concentram as celebrações. Estas disputas advêm de conflitos existentes na época de Vila Rica. Como explica Pereira:

> não só o reforço dos vínculos de "comunidade" compõe a tradição da festa, mas também o conflito – ou a resolução para evitá-lo, fazendo com que as paróquias passassem a se alternar no comando da festa – aparece como elemento importante da identidade local. A continuidade assumida entre as contendas do século XVIII – lembremos, no período 'áureo' da cidade – e o modo de festejar a Semana Santa no presente nos mostra, dessa forma, como os atributos do passado e da história são utilizados para enriquecer a festa e torná-la singular, própria daquele lugar e povo, formado a partir da reunião conflituosa entre bandeirantes e portugueses (Pereira, 2014, p.12).

Pelo que elucida Pereira e os anteriormente apresentados, a Semana Santa pode ser utilizada para revelar conflitos, contradições que não necessariamente se restringem ao campo religioso.

Há ainda trabalhos que discutem as procissões do Senhor dos Passos em outras localidades do país. Essa procissão é uma caminhada solene que tem por objetivo reviver as etapas da Paixão de Cristo quando Jesus caminha até o Calvário[16]. No Brasil remonta do período colonial em meados do século XVIII, segundo Riolando Azzi (1986), e era realizada no período preparatório da Semana Santa, na Quaresma. A organização ficava sob a responsabilidade de irmandades[17], tendo surgido em algumas localidades a Irmandade dos Passos para tratar especificamente dela.

Em Sergipe, por exemplo, a procissão do Senhor dos Passos se manteve no período quaresmal se tornando uma festa com muitos devotos. Ivan Rêgo Aragão (2016) faz uma análise sobre as características da religião oficial e da religiosidade popular existentes na festa do Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão, cidade localizada a 26 km da capital sergipana. Comemorada no segundo final de semana após o carnaval, ela é marcada por um alto

[16] De acordo com Léa Perez (2010), a Procissão do Senhor dos Passos é uma das principais procissões lisboetas e sua origem está relacionada às Cruzadas. Os cruzados, após visitarem os lugares santos por onde Jesus passou no seu martírio, tentavam reproduzir este caminho ao regressarem para a Europa por meio de encenações, procissões e em templos. Ao longo dos anos alguns elementos como as imagens do Senhor dos Passos (Jesus carregando a cruz) e Nossa Senhora das Dores sendo carregadas se fixaram sendo comuns nas procissões na Semana Santa.

[17] As irmandades religiosas no Brasil tiveram um importante papel na difusão da Semana Santa no século XVIII. Isso fica bastante perceptível em Minas Gerais, ao analisar a Irmandade do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, as ordens terceiras carmelitas e a de São Francisco da Penitência. Eram elas que difundiam, organizavam e ficavam encarregadas financeiramente das cerimônias da Semana Santa. Ver: Campos, 2005.

deslocamento de fiéis para a região no período para o encontro da imagem de Jesus com sua mãe Nossa Senhora das Dores e a entrega de ex-votos[18] no museu do local. Segundo Aragão:

> a devoção ao Senhor dos Passos, vai além dos cânones oficiais da igreja romana, sendo muitas vezes de foro domiciliar e íntimo. A festa e a procissão anual atuam como momento ápice para o deslocamento, proporcionando o encontro entre devoto e a imagem para renovação dos votos de fé, agradecimento pela cura/graça alcançada e acerto de contas/obrigações com a invocação cristã. (Aragão, 2016, p. 104-105)

Pela explicação do autor, entendemos que há diferentes sentidos na festa de comemoração ao Senhor dos Passos que extrapolam a institucionalidade católica atrelada a uma discursividade romana. Um deles envolve a circulação de pessoas e objetos que nos interessa para refletirmos o trânsito rural-urbano e de itens durante a Semana Santa em Brasília de Minas. Aragão ainda mostra que há na festa um hibridismo cultural ligado a participação de integrantes das religiões afro-brasileiras. Dessa forma, percebemos a coexistência de práticas no mesmo espaço em função da celebração do Senhor dos Passos. A Igreja, segundo o autor, aceita essa inserção e não deixa de se fazer presente, pois é uma maneira de manter o culto aos santos sob sua ortodoxia (Aragão, 2016, p. 107).

Outro ponto fundamental em sua pesquisa, a partir das entrevistas orais, é a percepção de diferentes experiências com o período. Há muitas pessoas que não ficam para participar da festa enquanto rito, celebração. Para elas a satisfação está na caminhada penitencial até a cidade São Cristóvão. Por essa razão é importante o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos para encontrar os diferentes sentidos na festa.

Ainda em Sergipe, mas no município interiorano de Nossa Senhora das Dores, ocorrem as procissões penitenciais da Paixão de Cristo que se tornaram patrimônio cultural e imaterial do estado e foram estudadas pelo historiador João Paulo Araújo de Carvalho em seu trabalho intitulado *Uma cruz para os Enforcados: práticas penitenciais em Nossa Senhora das Dores-SE* (2019). Inserido no campo da História Cultural, ele busca compreender como desde o século XIX foram se constituindo no imaginário religioso católico da cidade, representações e práticas em torno da Paixão de Cristo. Analisando quatro procissões que acontecem durante Sexta-Feira Santa na antiga terra dos Enforcados partindo de diferentes lugares, o autor observa como os fiéis se apropriam das representações de Paixão e Morte para legitimar práticas como

[18] O termo ex-voto consiste em um objeto dado a um santo em agradecimento a um pedido alcançado. Esses objetos podem ser pinturas, fotografias, desenhos, esculturas de partes do corpo. Em locais de romarias é comum que os ex-votos sejam depositados em salas de promessas, como no Santuário de Aparecida. Ver: Duarte, 2011. O ex-voto em muitos casos é assinado, datado e nele o sujeito acrescenta uma história pessoal envolvendo sua relação com o santo. Ver: Ferguson, 1999.

promessas, ex-votos e penitências. Partindo das noções de sagrado e profano, Carvalho argumenta que:

> as crenças (representações) e os ritos (práticas) nutrem entre si uma relação de interdependência e que ambos só se justificam se presentes numa coletividade. Afinal, as práticas religiosas só se tornam plausíveis se envoltas em representações que lhe deem sustentação. Como exemplo disso, vemos a realização de práticas como a penitência durante a "Sexta-feira Santa", que tem como fundamento a crença de que naquele dia esse ato pode redimir o homem de seus pecados uma vez que, no imaginário cristão católico, aquele dia representa o momento no qual Cristo foi Crucificado em prol do perdão dos pecados da humanidade. (Carvalho, 2019, p.58)

Conforme explica Carvalho, as práticas religiosas precisam das representações como respaldo, isto é, o rito necessita da crença, algo que será muito importante durante o dia em que se celebra a crucificação de Jesus[19]. O autor ainda esclarece que a cidade surgiu a partir de uma região utilizada para o enforcamento de indígenas, situação que fez o nome do local ser durante muito tempo Nossa Senhora das Dores dos Enforcados. Durante o período da quaresma e principalmente na Sexta-Feira Santa, para os fiéis, não são apenas as dores da Mãe que estão aos pés da cruz, mas almas dos índios mortos no início da formação do município também permanecem ali (Carvalho, 2019, p. 119). Dessa forma, entendemos que a análise da Semana Santa nas cidades envolve não apenas pesquisar sobre os rituais, as experiências religiosas e as vivências cotidianas. É necessário entender a formação local e todo imaginário religioso presente.

1.4 - O norte de Minas e as experiências religiosas católicas: práticas, tradições e ressignificações

A região é foco de estudo de diferentes áreas. Nosso objetivo nesse tópico é fazer uma breve análise de alguns trabalhos sobre o norte de Minas que de alguma forma trazem contribuições para a nossa análise ao abordarem experiências dos catolicismos e práticas culturais.

Localizado fora da zona mineradora, o norte de Minas se divide em sete microrregiões que são capitaneadas pelas cidades de Salinas, Pirapora, Montes Claros, Januária, Janaúba, Grão-Mogol e Bocaiúva, tendo o município montes-clarense como polo (Correia, 2013, pp. 27-

[19] A partir disso, poderíamos pensar nas considerações de Michel de Certeau (2014) a respeito da credibilidade do discurso, pois para ele é essa credibilidade que vai garantir a movimentação daqueles que creem, produzindo assim praticantes. Nas palavras de Certeau: "Fazer crer é fazer fazer. Mas por curiosa circularidade a capacidade de fazer se mover – de escrever e maquinar os corpos - é precisamente o que faz crer. Como a lei já é aplicada com e sobre os corpos, 'encarnados' em práticas físicas, ela pode com isso ganhar credibilidade e fazer crer que está falando em nome do 'real'" (Certeau, 2014, p.218).

28). É uma região vista por alguns como componente do Nordeste e por outros como uma espécie de entrelugar formada por movimentos migratórios internos (Barbosa, 2010, p. 18).

A ocupação teve início no século XVII, com a expansão da criação de gado ao longo do rio São Francisco. Nos séculos XVII e XVIII, vaqueiros oriundos da Bahia e de Pernambuco ocuparam a região, bem como bandeirantes paulistas. Nesse processo diversos grupos indígenas foram dizimados (Pereira, 2007, p. 101). Essa parte do território não era foco de mineração, por conseguinte, apresentava uma dinâmica diferente das demais regiões mineradoras. Tal diferença também se faz presente no catolicismo. O objetivo desse tópico é apresentar alguns autores que discutem experiências religiosas no norte de Minas Gerais que dialoguem com nossa proposta de trabalho.

O antropólogo João Batista de Almeida Costa em seu livro *Norte de Minas: cultura catrumana, suas gentes, razão liminar* (2021) se debruça pela região abordando desde a cultura norte mineira e identidade regional até comunidades quilombolas e tradicionais existentes no território. Para ele, o norte de Minas configurou sua cultura em momentos diferentes através de diversas dinâmicas que se conectaram ou se sobrepuseram na vida social da região (Costa, 2021, p.45). Sobre as manifestações culturais regionais que expressam a cultura e a civilização norte mineira, Costa afirma que:

> organizam-se a partir da articulação de aspectos religiosos, econômicos, políticos e sociais advindos das dinâmicas culturais e civilizacionais distintas que se imbricaram para a constituição do norte de Minas como uma sociedade com cultura e civilização específica. Na base das manifestações culturais que foram instituídas regionalmente há a ênfase no princípio da vinculação das diversas categorias sociais que compõem a sociedade norte mineira. Em todas as localidades, as principais festas existentes expressam os vínculos sociais entre seus membros. [...] Os ciclos festivos estruturaram-se em torno de santos padroeiros como articuladores das relações sociais de cada localidade e as manifestações culturais vivenciadas nesses momentos expressam a diversidade de dinâmicas díspares que penetram na vida social regional para constituir sua cultura e civilização específicas. (Costa, 2021, p.54-55)

Denílson Meireles Barbosa, em sua dissertação A *Caminho da Periferia: A Descentralização Católica em Montes Claros - 1980-1990* (2010), discute o papel da Igreja Católica na cidade de Montes Claros nas décadas finais do século XX a partir da sua descentralização para as áreas mais periféricas. No primeiro capítulo, ele faz uma análise de como foi o processo de deslocamento da igreja para o sertão sendo parte de um projeto colonizador e suas implicações. Segundo Barbosa:

> [...]a expansão da Igreja Católica logo se inclina para o sertão sobretudo através dos rios que margeiam estas vastas áreas do território. O norte de Minas Gerais encontra-se, nesse contexto, por ter, ao longo do tempo, várias capelas construídas, quase sempre à margem dos rios, onde posteriormente iniciavam-se pequenas povoações que, identificadas com a fé católica, ampliavam as suas práticas religiosas na medida em que estabeleciam contato com outras culturas (índios e africanos). Essas

> povoações, além de conviver com as especificidades do interior, adaptaram ali a sua experiência cultural, e, moldaram-se às características oferecidas pelo sertão. (Barbosa, 2010, pp. 25-26)

De acordo com Barbosa, o catolicismo no sertão norte mineiro sofreu influências de aspectos e características das culturas locais e isso refletiu na forma como as pessoas se relacionam com a religião. O autor reforça ainda, em sua tese *Heranças de fé no sertão do São Francisco: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG*, que as ordens religiosas que vieram para a região trouxeram muitos elementos da cultura ibérica para a população.

> Rezas e orações diversas e bem como outras práticas devocionais foram, em dado momento ação colonizadora da Coroa, práticas conduzidas pela Igreja Católica, Porém, a rarefeita presença do clero nas regiões mais distantes possibilitou um processo de recriação e ressignificação das práticas religiosas pelas pessoas comuns. Cantigas, orações em latim, rezas de cura, e benzimentos são algumas das práticas recorrentes no interior ruralizado do Brasil. (Barbosa, 2016, p. 34)

As características apresentadas por Barbosa corroboram com o que já havia sido discutido anteriormente a respeito do distanciamento do clero, especialmente em regiões mais remotas, abrindo espaço para dinâmicas diferentes na estrutura da religião católica no território. A constituição da Igreja Católica no território e as culturas das populações que constituem a região estão conectadas, aspecto importante ao caracterizar a fé local. Sobre o aspecto devocional presente no catolicismo, João de Deus Gois (2004, p.13) chama atenção para o fato de a religiosidade popular devocional ser predominantemente afetiva e sentimental. O encontro com Deus se dá também nos ritos e nas coisas sagradas. Há uma importância nas bênçãos, nos lugares – estes não são necessariamente templos – nas velas, na água benta e em outros símbolos religiosos. Retomando Barbosa, ele ainda afirma:

> as circunscrições eclesiásticas aparecem com grande frequência nas definições territoriais de todo o sertão influenciando grandemente na formação das expressões e da vivência cultural das populações sertanejas. As circunscrições eclesiásticas se confundem com as demarcações políticas tornando-se quase impossível discernir o tempo de cada uma destas instituições. O envolvimento da sociedade com tempo religioso influencia consideravelmente na vida cotidiana do povo sertanejo que, mais que ninguém, sabe como tornar os espaços em limites sagrados. Objetos diversos são ressignificados enquanto símbolos que são capazes de representar novos significados a partir do culto que pode ser prestado aos mesmos. (Barbosa, 2016, p.46)

Pela afirmação do autor é possível perceber que no espaço onde vivem as populações sertanejas há um grande envolvimento delas com características da religião católica que são

combinadas e ressignificadas gerando outros sentidos a partir da prática cotidiana[20]. Tais características apresentadas serão profundamente importantes para compreender a Semana Santa, a lógica dos ritos e a percepção da fusão entre práticas canônicas e populares nesse momento do calendário litúrgico católico.

Ana Lúcia da Silva Almeida e Heiberle Hirsgberg Horácio fazem um estudo sobre os romeiros que vão até a Santa da Pedra, distrito de São João do Pacuí-MG. No trabalho intitulado *A Santa da Pedra de São João do Pacuí: apontamentos sobre a Festa a partir das narrativas romeiras* (2020), os autores fazem apontamentos a respeito do tipo de relação que se estabelece entre um grupo de romaria e a Santa da Pedra, cuja festa ocorre anualmente no último final de semana do mês de agosto. Utilizando metodologias da História Oral, eles entrevistaram moradores locais e um grupo de romeiros que saíram da cidade de Brasília de Minas. O que chama a atenção é que as festividades no distrito são em homenagem a São João Batista, entretanto, segundo os autores:

> cada romeiro e devoto, ao olhar para a Pedra da Santa da Pedra, relata estar vendo um santo ou santa diferente. Ou seja, o romeiro ou devoto olha a Pedra e diz ver nela o santo ao qual ele tem devoção. [...] A festa reúne devotos e romeiros de várias cidades vizinhas, que fazem o percurso a pé, em excursões de ônibus, a cavalos e ciclistas. Alguns vão para agradecer, outros para pagar promessas e, ainda, há outros que vão à Festa por lazer. (Almeida; Horácio, 2020, p. 159)

Como foi explicado pelos autores, cada um ao olhar para a pedra enxerga o seu santo de devoção, o que pode indicar como a festa reúne várias pessoas. Ao mesmo tempo eles não ignoram o fato de pessoas irem pelo lazer, destacando que os usos da festa não são meramente religiosos. E isso pode nos auxiliar no entendimento de outros usos da Semana Santa para além do religioso.

Emerson Sena de Oliveira, em seu trabalho *As muitas Minas Gerais: religiões, localidade e identidade* (2018), nos apresenta uma análise do campo religioso de Montes Claros sobretudo a partir de dados estatísticos. O antropólogo, quando se refere ao catolicismo na cidade, enuncia que:

> O catolicismo oscila entre duas tensões: a da fé, enquanto encontro individual do homem com Deus, e a da religião, enquanto encontro entre Deus e homem mediado por símbolos, institutos e rituais. [...] Esse catolicismo, incorporador e ressignificador, mantém dentro de si múltiplas identidades, em conflito e em diálogo. O congado e as festas do Divino, tão comuns em Minas Gerais, inclusive em Montes Claros, integram

[20] A afirmação de Barbosa coaduna com o que Léa Freitas Perez elucida a respeito da religiosidade brasileira e como a religião católica foi o dispositivo mais poderoso de controle e organização do cotidiano no território. Segundo ela: "os preceitos católicos, suas festas, sua ética, sua estética deram o ritmo e o tom da vida quotidiana no Brasil colonial imperial e ainda dão ponto. Não havia engenho sem Capela própria e capelão particular. [...] Até mesmo o nascimento de uma cidade, em geral, fazia se a partir da construção de uma Capela e da adoção de um Santo padroeiro, de quem geralmente a cidade recebia o nome" (Perez, 2010, p.223).

> esse mosaico complexo e diverso – no tempo, no espaço e nas nuances rituais, mitológicas, sociais, musicais, simbólicas, valorativas. (Oliveira, 2018, p.183)

Pela explicação de Oliveira, novamente vimos mais de uma face do catolicismo em razão do tipo de experiência do indivíduo com a religião. Seja de maneira individual, coletiva, através de ritos ou uma amálgama desses modos, ressaltam a complexidade em se estudar tais temas em uma cidade.

A historiadora Iara Toscano Correia, em sua tese *(Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012* (2013), estende-se sobre modernidade e tradição popular a partir da análise de quatro grupos de Folias de Reis do município norte mineiro de Januária, às margens do rio São Francisco. Correia, em uma perspectiva apoiada na História Cultural, entende que as populações que vivem nessa parte de Minas Gerais tecem suas histórias a partir de um processo de ressignificar e reinventar práticas tradicionais como uma forma de redefini-las em um cenário que se moderniza. Diferente de outros estudos sobre a religiosidade no sertão, que pautam análise defendendo o isolamento da região como fundamental para explicar a riqueza das práticas culturais, a autora explica que "seria necessário o uso de outras lentes teóricas capazes de dar conta da dinâmica atualizadora das tradições em Januária" (Correia, 2013, p.300). Desse modo, entendemos que as dinâmicas locais devem ser consideradas ao se analisar práticas culturais, nesse caso religiosas. Quando analisarmos as transformações da Semana Santa e das práticas religiosas, estamos cientes que essas dinâmicas estão inclusas no processo.

1.4 - Que Brasília é essa no norte de Minas?

> Mas os caminhos não acabam. Tal por essas demarcas de Grão-Mogol, Brejo das Almas e Brasília, sem confrontos de perturbação, trouxemos o seo Vupes. Com as graças, dele aprendi, muito. (João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)

Caminhos. No andar pelo sertão eles são vários. As Minas também são, como assinalou Guimarães Rosa. Há vários locais que muitas vezes passam desapercebidos como em uma rápida menção de um livro.

Conforme anteriormente mencionado, Brasília de Minas é uma cidade localizada ao norte do estado de Minas Gerais, originada da povoação de Contendas que se formou na região

da antiga fazenda Gaia[21]. Por determinação da Regência do Império, no ano de 1831 foram criadas vilas e povoados em Minas Gerais. Dentre as vilas, estava Contendas, que passou a pertencer ao município de Vila das Formigas, atual Montes Claros (Brasil, 1978, p. 30). O distrito passou a ser chamado Sant'Ana de Contendas. A partir de João Batista de Almeida Costa entendemos que o contexto de criação do local se deu na época em que ocorreu a migração de várias famílias mineiras para a região como funcionários do Império (Costa, 2021, p.42).

Em 26 de dezembro de 1890, através da publicação do Decreto Estadual n° 299, houve o desmembramento da vila do município de Montes Claros. Tal ação oficializou-se em 2 de janeiro de 1894, a partir do momento que instalaram o edifício para Paço do Conselho Municipal, a cadeia e uma escola para ambos os sexos (Gonçalves, 2006, p. 24). Em 1901, o nome Vila Brasília foi dado ao local através de uma Lei Estadual número 319. O nome foi uma homenagem a Vicente Parrella Brasileiro, morador local, que na época lutou pela sua emancipação política (Gonçalves, 2006, p. 24). Em 7 de setembro de 1923 passou a se chamar apenas Brasília, pela Lei Estadual número 843. O nome assim permaneceu até a criação da capital do país, quando o município, para preservar o seu nome, acrescentou "de Minas" em 30 de dezembro de 1962. Dois anos antes houve pressões para o município mudar o seu nome para Brasilândia ou Juscelândia (Brasil, 1978, p.35).

Nesse período, a revista carioca *Mundo Ilustrado* em sua edição número 121 de abril de 1960, lançou uma reportagem sobre a cidade que abre com o seguinte título: História da Brasília Pobre. A reportagem, que vai da página 6 até a página 11 da revista, foi redigida pelo jornalista Luís Gutemberg, que também foi responsável pelas fotografias.

[21] O surgimento da povoação a partir da fazenda Gaia coaduna com o processo de ocupação norte mineira explicado por João Batista de Almeida Costa. De acordo com o antropólogo: "Ao analisar o processo de povoamento da área norte mineira, chega-se à conclusão de que cada bandeirante fundador de uma comunidade não veio para essa região sozinho, pois eles eram parte da bandeira capitaneada por Mathias Cardoso de Almeida. Os demais membros da bandeira eram seus irmãos, cunhados e alguns compadres, além de indígenas "domesticados" e negros escravizados. Assim, cada fundador de cidades existentes na região desde o final do século XVII e início do século XVIII era membro dessa mesma bandeira". (Costa, 2021, p.36)

Páginas 6 e 7 da edição 121 da revista Mundo Ilustrado de 16 de abril de 1960
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Nas duas páginas há uma Fotografia da Igreja Matriz da cidade de Brasília - MG, impressa em preto e branco com um título sobreposto em caixa alta e fonte maior: "HISTÓRIA DA BRASÍLIA POBRE". Há também na mesma página um pequeno texto sobreposto em fonte menor: "Existe em Minas uma cidade chamada Brasília, município do vale do São Francisco, que sofre os piores vexames por ter o nome da novacap". O texto na lateral não está nítido na digitalização da revista, o que impossibilita a leitura. Entretanto, a memorialista Maria Inês de Matos Gonçalves teve acesso a um exemplar da revista e transcreveu parte da reportagem em sua obra Memorial de Brasília de Minas (2006):

> Existem hoje no Brasil duas cidades com o mesmo nome: a Novacap e uma pequena cidade de quatro mil habitantes, no norte de Minas Gerais. [...] A Brasília pobre decidiu lutar contra a má vontade do presidente da Brasília rica. [...] Apesar de pobre, a Brasília velha de Minas quer continuar a ser Brasília. (Gutemberg apud Gonçalves, 2006, pp. 28-29)

No trecho acima, nota-se a oposição estabelecida entre ambas desde apresentar Brasília-DF como Novacap e referir-se a Brasília de Minas como uma pequena cidade de quatro mil habitantes. A cidade é também chamada de pobre, de velha, ao contrário da capital chamada de Brasília Rica. A igreja ocupa maior parte da imagem, foi fotografada de maneira que aparecesse sua frente e sua lateral, possibilitando a vista de um trecho da rua, onde um indivíduo montado em um cavalo aparece. Não há nenhum indício no texto ou em outras páginas da revista que identifica esse indivíduo. Também não é possível ver o seu rosto.

O fotógrafo e autor do texto da reportagem, utilizou um local específico da cidade para representar o seu título. Nesse caso, temos um emprego de metonímia na fotografia: A igreja

representando a cidade, a parte representando o todo. A figura do homem a cavalo pode ser interpretada como um reforço ao aspecto de atraso em oposição a mencionada nova capital.

Páginas 8 e 9 da edição 121 da revista Mundo Ilustrado de 16 de abril de 1960
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

As páginas 8 e 9 apresentam um texto da reportagem intitulado “JK esqueceu-se dela, mas fica ao Norte de Belo Horizonte”. Além de um mapa na lateral esquerda da página 8 com a localização de Brasília de Minas, há duas imagens representando determinadas situações dentro da cidade. A primeira fotografia é do lugar onde situava o poço artesiano de Brasília, impressa em preto e branco, localizada na parte inferior central entre as duas páginas. Abaixo da imagem há uma legenda em caixa alta: “Um só poço artesiano no centro da Brasília Pobre salva o povo de contaminar-se completamente pela esquistossomose. Enquanto isso o presidente JK nega 5 milhões para o abastecimento d’água da cidade”. Há quatro pessoas não identificadas na imagem, duas segurando um recipiente para pegar água no poço. O enquadramento da fotografia destaca mais o local do que as pessoas. O texto dessas páginas fala sobre a localização da cidade e o pedido de crédito feito pela prefeitura ao governo federal para a construção do serviço de água.

Ao colocar a fotografia no centro faz com que o leitor direcione o olhar diretamente para o que está ali. Ao ler título das páginas e imagem central já se produz um discurso: o presidente se esqueceu da cidade e ela sofre com os problemas de abastecimento. Luís Gutemberg quis representar a situação de abastecimento de água. Provavelmente era uma foto apresentando a situação do abastecimento de água do que dos casos de esquistossomose. Importante destacar

que ele é um jornalista, que trabalha para um veículo de mídia impressa, portanto as imagens, como lembra Saliba, "não são feitas gratuitamente, mas por alguém que ganha a vida fazendo imagens e que obedece a um certo número de regras e limitações" (2007, p. 92). Mostrar a raiz do problema, reforça no discurso de culpa. Há casos de a doença em razão do abastecimento ser precário e o abastecimento precário poderia ser resolvido se o presidente não negasse auxílio.

A segunda fotografia é da agência de correios de Brasília – MG, impressa em preto e branco, localizada na parte inferior direita da página 9. Ela ocupa aproximadamente 25% dessa página. Na legenda da imagem, localizada na parte superior está escrito em caixa alta: "Está na agência de correios da Brasília Pobre o porta-retrato do presidente JK que se encontra na cidade e ali também que mais se sofre com a existência da Novacap – cartas e telegramas são desviados, causando prejuízos". Na foto aparecem em primeiro plano uma mulher e um homem, ambos não nomeados, separados por uma mesa com papéis. Ao fundo há um porta-retrato na parede indicado na legenda como o presidente JK. Fotografia e legenda reforçam a crítica ao presidente Juscelino Kubitschek. Em meio ao caos que se encontra a Brasília - MG, ele se faz presente ali apenas por um quadro. A crítica fica evidente em razão do direcionamento da culpa da situação de Brasília - MG. Os problemas municipais não são diretamente da esfera federal, mas da esfera estadual, logo, o abastecimento de água deveria em tese ser problema do governo de José Bias Fortes (PSD).

Páginas 10 e 11 da edição 121 da revista Mundo Ilustrado de 16 de abril de 1960
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Nas últimas páginas da reportagem há um total de 6 fotografias impressas em preto e branco e na legenda há a identificação das pessoas, a exceção da segunda que só identifica o prefeito. Há o nome e a ocupação nas quatro primeiras, representando: o poder religioso em primeiro, o chefe do executivo da cidade, o delegado e juiz de paz, respectivamente. Nas fotografias da página 11, as mulheres são identificadas como "Edla: Miss 1959" e "Mestra Bila: Tradição".

Os títulos que aparecem na página "Brasília Pobre" e "Lá existe de tudo para que haja uma verdadeira cidade" na página 10, seguidos das fotos, cria-se uma espécie de lista. Uma lista do que se deve ter em uma cidade: na página 10 seriam os representantes das instituições e na página seguinte representando elementos socioculturais. A Brasília pobre então tem tudo para ser uma cidade verdadeira, mas, segundo o discurso da revista, não é, por isso sofre vexame ao ter o nome da nova capital. O que seria então uma cidade verdadeira? Seria Brasília, a nova capital, muitas vezes falada na reportagem sempre em oposição a velhice e pobreza da Brasília do norte de Minas?

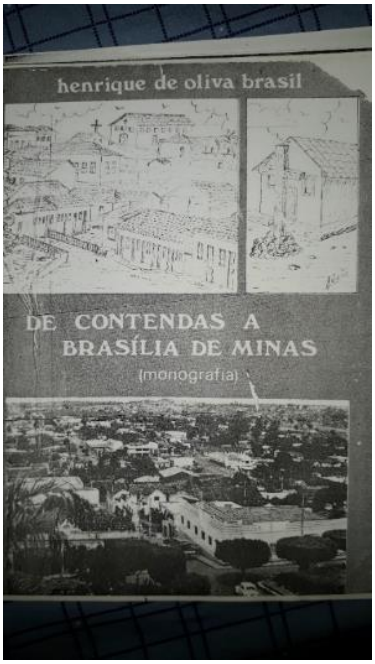
Ao destacar a pobreza e estabelecer comparações com a nova capital, como foi visto também no trecho transcrito, a reportagem estava assumindo uma imagem de cidade e partindo dessa imagem para a construção do seu discurso. Um discurso que pretendia fazer críticas ao presidente da república muito mais do que divulgar a luta local para a permanência do nome[22].

Nota-se que em dois momentos a revista destacou a Igreja/o poder religioso em Brasília de Minas. O primeiro na capa, utilizando a imagem da igreja para representá-la e depois apresentando o vigário da paróquia antes do prefeito. Indicativo possível do lugar que a Igreja possuía. A cidade sempre terá múltiplas definições porque ela é diferente para aqueles que a experienciam seja ela grande, rica, nova, pequena, velha ou pobre.

Isso nos encaminha a questionar como Brasília de Minas é representada nas obras dos memorialistas locais e o lugar do catolicismo na escrita. Procuramos observar as obras de três autores que falam sobre a cidade de maneira mais ampla. Não é uma análise profunda, uma vez que esse não é o objetivo principal da pesquisa, mas entendemos a importância de apresentar esses escritos memorialísticos tendo em vista o papel que possuem na escrita da história local. Abordaremos alguns aspectos gerais com ênfase em debates acerca da cultura e da religião

[22] José D'Assunção Barros (2023) ao discorrer sobre a relação entre o conteúdo e a forma na fonte impressa nos auxilia na compreensão desse processo de construção discursivo. É papel do editor pensar em "estratégias discursivas jogando com a posição das diversas matérias, e em certas ocasiões essa prática pode atender a objetivos políticos muito precisos" (Barros, 2023, p. 113).

O primeiro livro *De Contendas a Brasília de Minas* do memorialista Henrique de Oliva Brasil foi publicado em 1978 é um livro narrativo e descritivo, considerado pioneiro na construção de uma história de Brasília de Minas. Com 523 páginas é a maior obra comparada as das outras duas autoras.



Capa do livro De Contendas a Brasília de Minas de Henrique de Oliva Brasil
Foto de Jonas Rosa Mendes

Logo na introdução, o autor do livro informa que se utilizou de documentos contidos nos arquivos da Prefeitura e Câmara Municipais, cartórios e publicações diversas – provavelmente se referindo a imprensa, enciclopédias e outros que aparecem transcritos ao longo do texto – para escrevê-lo. Além dessa documentação, afirma que contou com "fontes dignas de fé" referindo-se às pessoas com quem conversou o que seria uma forma de atestar a confiança nas informações obtidas. Ao mesmo tempo tenta se esvair de qualquer culpa caso seja encontrada alguma falha, mas reforça que seu objetivo é avivar o passado e registrá-lo (Brasil, 1978, p.12). As narrativas sobre o passado são sempre fruto de construções, dessa forma incapazes de serem consideradas uma janela para ele. O memorialista, ao afirmar seu objetivo após apresentar o que utilizou para a escrita, sobretudo atestando a confiabilidade das pessoas com quem conversou, cria uma autodefesa comum nos discursos de memória que pretende persuadir o interlocutor no presente (Sarlo, 2007, p.51).

Ainda na introdução, o autor confessa sentir inveja dos memorialistas montes-clarenses Hermes de Paula, Nelson Viana, Olinto Silveira e outros a quem tece elogios, mas entendemos

que é uma forma de estabelecer as obras que dialoga e serviram de inspiração na sua escrita. Ao falar das obras memorialistas de Montes Claros e São Francisco, a historiadora Rejane Meireles Amaral Rodrigues destaca que elas eram utilizadas para "altercar uma memória local pautada em convicções morais e políticas, as quais se tornaram 'História Oficial' e memória hegemônica" (Rodrigues, 2014, 76). Podemos, a partir disso, também pensar na circularidade dessas obras e como elas funcionaram como modelos de escrita de outras obras[23].

O livro de Henrique de Oliva Brasil na primeira parte apresenta uma Brasília de Minas a partir dos aspectos geográficos e históricos[24]. Essa maneira de escrita apresentada pelo memorialista é uma forma de ordenamento e classificação que opera como uma tentativa de organizar um passado e a partir disso construir uma memória da cidade. Memória e identidade se entrelaçam e se fortificam mutuamente e essa operação feita por Brasil assegura esse fortalecimento (Candau, 2021, p.19).

Na parte intitulada Acontecimentos Marcantes, o memorialista relata sobre as festas religiosas mais importantes dos santos em Brasília de Minas destacando a festa da padroeira senhora Sant'Ana, a festa do Divino Espírito Santo, a de São Sebastião e a de Nossa Senhora do Rosário. Brasil relata também relata todo o processo de reforma da principal igreja da cidade na década de 1940 e os desafios do vigário da época cônego Luís Caldeira Vale[25].

Adiante o autor inicia uma série de biografias que seguirão até o fim do livro. Ela é dedicada a origem da família Antunes[26], considerada uma das maiores famílias da cidade e a principal envolvida na política local. Ele faz uma divisão entre página dos humildes e uma seção de biografias de pessoas que segundo ele fizeram e fazem a História[27]. A maior parte das pessoas que ele colocou como "humildes", separadas das que fizeram e fazem a História local, são pessoas que sofrem com problemas mentais, principalmente mulheres. Dessa forma,

---

[23] O próprio De Contendas a Brasília de Minas é uma das principais referências na construção do Memorial de Brasília de Minas - documentário (2006) de Maria Inês de Matos Gonçalves.

[24] Há também questões relativas à administração política (com elogios aos últimos prefeitos), economia, e de uma imprensa local do final da década de 1960. Ver: Brasil, 1978.

[25] Esse processo de reforma da Matriz foi estudado por Fredson Ribeiro (2006).

[26] Segundo Leila Cordeiro de Aquino, a família Antunes ascendeu na política a partir da década de 1920, tendo como líder o Coronel Francisco Antunes, fazendeiro que exerceu o cargo de delegado de polícia e vereador no município. Diversos parentes ao longo do século XX, sobretudo na segunda metade exerceram cargos políticos ou tinham aliados exercendo o cargo de prefeito, vice-prefeito, inclusive durante o período em que *De Contendas a Brasília de Minas* era escrito Ver: Aquino, 2013, pp. 51-52. Alguns membros da família receberam biografias individuais mais adiante no livro. Ver: Brasil, 1978.

[27] Esta é uma seção onde aparecem além de políticos da região, uma série de sobrenomes repetidos como: "Rocha", "Sene", "Oliveira", "Araújo", "Parrela", "Passos", "Silqueira", "Antunes", "Oliva", "Braga". Todos, de acordo com Aquino, fazem parte das famílias que exerceram e influência política no município ao longo de todo o século XX (2013, p.28).

entendemos que a construção da História local pelo memorialista foi feita a partir de uma tradição familiar onde as "pessoas humildes" ficam à margem.

A obra de Maria Eugênia Matos Silva, também conhecida como Lia de Jó, intitulada *Onde Está Sua Memória Cidade?* é dividida em dois tomos publicados em 1995 e 1998 respectivamente. Ela já foi professora, tendo lecionado por vários anos e auxiliar do Cartório Eleitoral da quinquagésima zona de Brasília de Minas.

Capas dos livros Onde Está Sua Memória Cidade?, Tomos I e II, da autora Maria Eugênia Matos Silva
Foto de Jonas Rosa Mendes

A provocação contida no título é também uma maneira de mostrar como enxerga e escreve sobre Brasília de Minas. Diferente de Henrique de Oliva Brasil, a autora faz de sua obra algo mais pessoal, pois narra sobre a cidade principalmente a partir de suas memórias através de crônicas do cotidiano e um acervo fotográfico desde 1950 até a data de publicação. Para publicar os dois tomos ela recebeu auxílio e patrocínio de pessoas da cidade e cidades vizinhas. Todas citadas no começo dos livros, sendo no primeiro tomo a identificação por fotografias de cada um.

Sua escrita tem a pretensão de ser segundo ela uma viagem pelo túnel do tempo para descortinar "ricas e doces recordações do passado de nossa querida terra. O progresso vai chegando e abrindo sulcos profundos nos corações saudosos" (Silva, 1995, p. 16). A partir desse trecho, entendemos que sua obra vem carregada de um fazer lembrar e a escolha pela década de 1950 para iniciar seu recorte é intencional visto que até a década de 1970 a cidade se constituía como um território de características majoritariamente rurais.

Os textos não seguem uma sequência lógica temporal pois não tem por objetivo ser uma obra como a de Henrique de Oliva Brasil. Tal qual a memória, eles são fragmentários, embora entendamos que o processo de recordação e escrita pressupõe como já mencionado um ordenamento e uma classificação.

No prólogo do Tomo I, Silva abre com um texto intitulado "Retrato de Brasília de Minas da década de cinquenta", onde relata a partir de descrições como era o cotidiano no período. Não concentra seu texto citando apenas pessoas pertencentes às famílias tradicionais da política, e muitas vezes procura destacar o lugar social. Parteiras, vendedores, barbeiros, costureiras, dona de pensão, farmacêutica, seresteiros entre outros compõem a "viagem pelo túnel do tempo" como ali escreve. Mencionar essas pessoas no relato é mostrar o que era a cidade para ela: um mosaico de sujeitos de lugares e trajetórias distintas que devem ser lembradas para não se perderem pelo progresso.

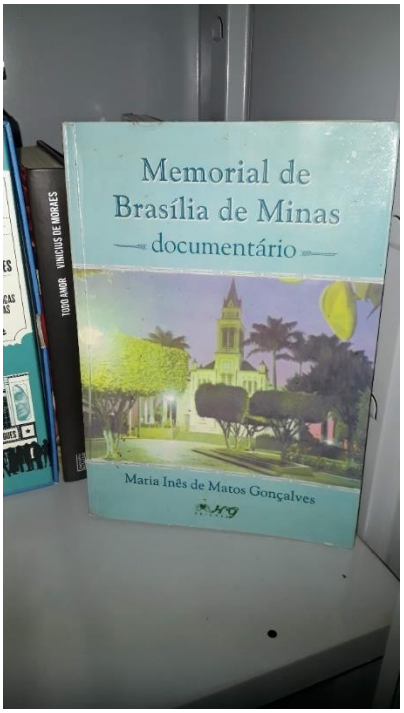
O fazer lembrar novamente se evidencia em uma passagem do prólogo quando explica: "Muitas pessoas que há muitos anos aqui não vêm, quando aqui chegam perdidos em sua própria terra, indagam pelos referidos becos, e com um suspiro de saudades, vão descobrindo aos poucos, as transformações de tudo" (Silva, 1995, p.28). Isso se aproxima do que Joël Candau discute a respeito do tempo privado que de uma maneira geral a memória se insere, pois segundo o autor os melhores índices de reconhecimento e evocação se relacionam a acontecimentos que estão incorporados na vida dos sujeitos (Candau, 2021, p.91). Ao longo das crônicas escritas em sua obra, são apresentadas fotografias legendadas identificando as pessoas ali representadas. Há uma crônica cujo título é "Festas Tradicionais", na qual relata como eram as principais festas dos santos da igreja católica na cidade. O que chama a atenção é a presença de manifestações populares como congados na festa de Nossa Senhora do Rosário e as folias de reis em janeiro na festa de Santos Reis.

O livro finaliza com a seção "Nosso Folclore" apresentando práticas da religiosidade popular na cidade. Das citadas estão as benzedeiras, as novenas para pedir chuva, as danças de São Gonçalo, superstições, e finaliza com a malhação do Judas transcrevendo um testamento de Judas (Silva, 1995, pp. 170-171) que redigiu. Todas essas práticas fazem parte da sua vivência cotidiana, sendo Maria Eugênia Matos Silva católica com bastante envolvimento na paróquia.

Passando para o Tomo II da obra da memorialista é possível perceber diferenças em relação ao anterior. Escrito em 1996 e publicado em 1998 nota-se que as crônicas nele contidas correspondem não apenas as suas memórias, mas de outros habitantes. Além das crônicas ela

escreve discursos de agradecimento e despedida, contos, poemas e acrescenta poemas de outros autores. Essa fragmentação coaduna com Michel de Certeau (2014) no que diz respeito a relatos de lugares. Para ele, os relatos de lugares são bricolagens, constituídos de diversos fragmentos. Nesse sentido, entender os lugares a partir dos relatos é lidar com essa fragmentação de elementos que vão se articulando e se estruturando. E ao retomarmos a provocação do título do livro, "Onde está sua memória cidade?", a memória também está nessa fragmentação e nessa bricolagem de documentos, fotos, contos, crônicas e poemas que nos permitem ver a cidade sob um novo prisma para além da proposta de Henrique de Oliva Brasil.

E por falar em bricolagem, a obra da escritora Maria Inês de Matos Gonçalves reúne características dos dois memorialistas. Publicado no ano de 2006, *Memorial de Brasília de Minas - documentário* foi organizado em 12 capítulos: Fatos Históricos, Dados Geográficos, Política, Religião, Educação, Cultura, Saúde, Lazer e Esporte, Comunicação, Órgãos Oficiais e Públicos, Associações e Entidades, Folclore. Ao final insere toda a bibliografia utilizada e as referências pessoais (pessoas entrevistadas) e colaboradores técnicos. Como Silva, Maria Inês de Matos Gonçalves também foi professora da educação básica da cidade chegando a ser diretora de escola. Foi casada com um ex-prefeito da cidade Antônio Gonçalves da Silva já falecido.



Capa do livro Memorial de Brasília de Minas - documentário da autora Maria Inês de Matos Gonçalves
Foto de Jonas Rosa Mendes

Como a obra de Henrique de Oliva Brasil, a escritora tinha como objetivo escrever uma história completa de Brasília de Minas desde sua formação, o que fica evidente na forma como organizou. Contudo, os capítulos também possuem suas experiências de vida e poemas de sua autoria como a obra de Maria Eugênia Matos Silva. O acesso ao *Memorial de Brasília de Minas* é mais fácil, por ser uma publicação mais recente e teve alguns de seus exemplares doados para bibliotecas das escolas. O exemplar aqui utilizado foi presente da própria autora no ano de 2010. Em nota da autora no início do livro ela afirma que ele "retrata Brasília de Minas ontem e hoje, revivendo cenas, episódios figuras que marcaram a evolução da cidade" (Gonçalves, 2006, p. 9).

O capítulo 4 é um dos que mais interessam a essa pesquisa. Intitulado "Religião", Maria Inês de Matos Gonçalves nos apresenta o catolicismo na cidade. Outras denominações religiosas ficaram excluídas da História Local sendo apenas mencionadas brevemente as igrejas não católicas na parte de religião no capítulo dados geográficos. Além do fato da população da cidade ser de maioria católica, a autora também pertence a religião[28]. Dos assuntos nele abordados, o capítulo abre com uma narração sobre o processo de construção da Igreja Matriz no século XIX e sua reconstrução na década de 1940. Em seguida a autora mostra em dois quadros as festas religiosas em Brasília de Minas. No primeiro, as festas das comunidades, as datas e os bairros. No segundo, as festas centrais que abrangem toda a cidade, incluindo a Semana Santa. Essas organizações são importantes pois demonstram como alguns bairros se formaram em torno de uma comunidade religiosa – Bairro Santa Rita, São João, Santa Cruz, São Francisco e Rosário. Gonçalves também elenca todos os vigários da paróquia desde Contendas e o trabalho que alguns fizeram para a sociedade local além do trabalho religioso. Por fim, ela descreve as festas religiosas da comunidade central iniciando pela festa de São Sebastião em janeiro, passando pela Semana Santa[29], a coroação de Nossa Senhora em maio contendo letras dos cantos, a festa de Senhora Sant'Ana em julho e o Natal em dezembro com suas lapinhas ou presépios.

O que percebemos nesse capítulo é que Gonçalves, ao falar sobre religião, concentra-se no institucional. Apesar de nas manifestações religiosas das festas dos santos serem destacadas as barraquinhas, leilões e na de São Sebastião a procissão de cavaleiros, são práticas bastante

[28] Na biografia da autora ao final do livro destaca-se que ela prestava serviços a Igreja atuando na pastoral do dízimo, ministrando palestras e cursos em encontros de casais, batismo e sendo integrante de um grupo de apoio do Asilo São Vicente de Paula (Gonçalves, 2006, p.312). Ademais, quando entrevistada para essa pesquisa, Maria Inês de Matos Gonçalves demonstrou ser bastante envolvida com a paróquia desde muito nova.

[29] O texto descrevendo a Semana Santa será discutido no próximo capítulo, pois ele foi uma das motivações que levaram a essa pesquisa.

vinculadas a instituição. As práticas da religiosidade popular que fazem parte das experiências religiosas dos moradores aqui não aparecem.

No capítulo intitulado "Cultura"[30], há breves biografias de autores de Brasília de Minas que escreveram obras literárias e técnicas. Nota-se que ao falar da cultura local, a autora privilegia uma cultura muito intelectualizada com pequenas menções a popular, inserida no último capítulo intitulado "Folclore".

Este com cerca de 70 páginas, a autora reúne um compilado com práticas do saber popular de Brasília de Minas e região, trabalhando de forma generalizante (Gonçalves, 2006, p.237). Segundo Gonçalves, a preservação da cultura e das tradições populares se faz necessária por ela vir do povo. Nota-se pela organização da sua obra sobre a cidade de Brasília de Minas que esses elementos ficaram para o final. Poderia abordar anteriormente quando faz um capítulo sobre cultura, mas não o faz. É como se o que estivesse ali fosse algo a parte da história local, mas que precisa ser preservado. Os saberes, as maneiras de fazer ali contidas fazem parte do cotidiano da população e muitos deles integram também as experiências religiosas. Convém destacar que o que é tido como cultura popular não é monopólio das camadas populares, uma vez que as práticas se inserem na sociedade (Canclini, 2019, p.220).

Rezas e benzeduras constituem um saber-rezar não institucional também são aqui colocadas. Definidas pela autora como crendices populares, elas são práticas que fazem parte das vivências cotidianas de muitos moradores. Algumas das rezas foram descritas pela autora como por exemplo as rezas para quebranto, uma fraqueza, debilidade entendida como um mau olhado: "Eu te benzo de quebranto, oiado, oio revirado, com dois te botô, com três eu tiro, cuns puder de Deus e da Virgem Maria" (Gonçalves, 2006, p.302). Logo após a pessoa reza uma Ave Maria e um Pai Nosso para Nossa Senhora do Livramento.

Após uma longa, possivelmente exaustiva, mas necessária exposição da cidade, apresentaremos as experiências religiosas e vivências cotidianas dos moradores de Brasília de Minas a partir das suas entrevistas. Falar sobre a trajetórias deles nos auxiliará na análise das práticas durante a Semana Santa e nos aspectos que eles observam acerca do espaço citadino.

1.5 - "Pedindo com fé a gente recebe": catolicismo(s) e vivências cotidianas em Brasília de Minas

[30] A autora também disserta sobre o Centro de Extensão Cultural Contendas inaugurado em 1983 com o objetivo de criar um centro que pudesse resgatar a riqueza cultural da cidade. Ver: Gonçalves, 2006, p.139.

Nesse tópico abordaremos com mais detalhes o(s) catolicismo(s) presentes na cidade de Brasília de Minas a partir das memórias cotidianas dos moradores. De acordo com dados do IBGE, a população brasilminense é de maioria católica com cerca de 26.096 habitantes declarados. Conforme apresentado anteriormente, a formação local está bastante relacionada a religião que se faz presente tanto através da Igreja quanto através das devoções e práticas populares, participando de dinâmicas sociais diversas que nos auxiliam compreender a cidade.

Um dos elementos que aparece nas falas dos entrevistados é a ligação entre religião, experiência religiosa e família. A Igreja não é a única responsável pela permanência e força dos catolicismos e a família tem um importante papel nesse processo, visto que é através dela que há o primeiro contato e as primeiras experiências religiosas em sua maioria são ali partilhadas.

> Eu nasci aqui na fazenda com o nome de Gameleira pra esse lado aqui de Riacho do Santo. Eu nasci lá, mas depois eu vim pra cá. Mudei aqui pra Brasília com 7 anos de idade. Graças a Deus nós desde pequeno frequentava a igreja e daqui pra cá também né. Casei com 23 anos e fui criando os fio tudo na igreja também. (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

> Minha mãe era muito religiosa e meu pai também. Ele era sacristão da igreja e por esse motivo nós fomos envolvendo com a igreja, envolvendo, envolvendo. E na época em que nós éramos crianças e a gente era envolvido com a igreja [...]. (Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira, 69 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/10/2019)

> Desde pequena frequentava a igreja. Toda vida minha mãe e meu pai eram muito católicos. Nasci, batizei, crismei, fiz primeira comunhão na igreja católica. Minha família foi muito católica. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Eu nasci de uma família católica. Meus pais frequentavam a igreja, mas não era assim... que antigamente tinha missa todo dia... não era assim assiduamente... era assim... no domingo... nas celebrações importantes das festas da igreja. Sempre levando os filhos. Nós fomos criados dentro da igreja, assistindo e participando de todas as coisas da igreja. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

Nos relatos acima, é possível perceber a presença da religião desde a infância dos moradores. Destacam que os pais eram católicos e, ainda que menos assíduos, como os pais da senhora Maria Inês, colocavam os filhos para participarem das celebrações, das festas e realizar os ritos, principalmente iniciá-los nos sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia. O primeiro, cria um elo entre o sujeito e a religião, funcionando como o marcador da identidade católica[31] e é o modo de apresentação para a sociedade porque ao batizar a criança, assinala o

[31] Para a Igreja Católica, o batismo, segundo João de Deus Góis (2004), é um ato que marca o nascimento da criança para Deus e o insere como membro da Igreja. E ao inseri-la os pais e padrinhos assumem também um compromisso de educá-la para que obedeça aos mandamentos. Ver: Gois, 2004. Para além disso, podemos entender também os padrinhos como o estabelecimento de laços não apenas com a criança, mas com os pais também.

seu nome - por isso a expressão “nome de batismo”. A ligação também é percebida em expressões como “a gente era envolvido com a igreja” ou “nós fomos criados dentro da igreja”. Nota-se nesta última uma associação da sua vida a instituição religiosa. O senhor Manuel, além de falar que frequentava a igreja desde pequeno e agradecer por isso, comenta que passou o aprendizado para os filhos.

> Eu nasci aqui em Brasília de Minas. Minha mãe morava na roça e a gente ficou até meus 7 anos. Quando completei 7 anos veio pra cá e morou na casa das minhas tias. Era minha vó e umas tias que a gente tem. Lá a gente foi criada assim... muito rígido, muita religião. Era assim aquela devoção que minha avó tinha e a gente aprendeu aquilo. Então hoje em dia tem muita coisa que a gente acha esquisito pelo jeito que eu fui criada. [...] Lá na casa da minha avó parecia um convento. A gente tinha hora pra tudo. Eu hoje tenho dificuldade de ir para a igreja e ter gente conversando do meu lado. Eu fico nervosa, eu não presto atenção direito na missa. Aí o povo fala “Ah mudou”. Gente, mudou! Eu sei que muita coisa mudou, mas a gente não deixa de trazer o que a gente aprendeu. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

> Pai e mãe que eu aprendi as rezas. Com minha avó também, minha avó eu ficava um bucado de tempo com ela e ela era deden da igreja né então ela me ensinava muita coisa. Ela não saía da igreja... Meus fios hoje eles num segue não, mas a gente ensinou desde piquininim. Reginaldo mesmo foi batizado antes de sair do hospital porque ele sentiu hepatite. Ele foi batizado com dois dias antes de sair do hospital. Sempre ensinava, foi tudo batizado e crismado, mas hoje não quer nada. Eles chorava quando era pequeno e não levava eles na missa o dia que eu não podia levar domingo... (pausa) Cê vê até Carla chorava quando era pequena que não levava ela na missa e hoje ela é de outra. (Joaquim Francisco dos Santos, 82 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/05/2022)

> [...] tinha a veia que era tia minha que me panhava. Ela sabia muita oração. Tinha folia e ela ia. Chamava e ela ia e me levava e nisso toda festa que tinha aqui em Brasília de Semana Santa, de Senhora Sant’Ana eu vinha tudo. Vinha a pé de lá pra cá. Ficava três dias aqui na festa. Nessa época num tinha carro. Nós vinha de a pé. Ficava na casa das amiga, parente de mãe, parente de pai também. (Joana Alves dos Santos, 97 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/09/2019)

Os três trechos das entrevistas acima, embora apresentem pontos comuns aos outros quatro anteriormente citados, levantam importantes aspectos. Um deles, que também pode ser apontado nas anteriores, é o papel da mulher no processo. A mãe, a avó e a tia aparecem como responsáveis por ensinar e eram referências das crianças. Sobre esse aspecto, João de Deus Gois (2004) afirma que na religiosidade latino-americana há grande influência do feminino[32] não apenas no fato da mulher praticar mais do que o homem e estar em maior número no laicato,

---

Cidades como Brasília de Minas era comum colocar como padrinhos pessoas com melhor poder aquisitivo ou que possuía certo prestígio político. O padrinho poderia oferecer proteção e ajuda aos seus afilhados e compadres e em troca os afilhados e compadres poderiam votar nos seus candidatos. Ver: Aquino, 2013.

[32] Podemos citar ainda as considerações de José Carlos Pereira (2011) a respeito da presença e participação das mulheres no catolicismo. Como elucida o autor: “A presença da mulher nos templos católicos é maioria. Embora não participem das decisões de hierarquia, são elas que povoam os espaços sagrados, executando os trabalhos de base. Fora dos espaços sagrados dos templos, nos chamados novos territórios sagrados, elas continuam como maioria” (Pereira, 2011, p.71)

mas também na transmissão da religião. E podemos relacionar com as considerações do já citado Portela que ressalta a religião na América Latina a partir da importância da vivência e da narratividade. De igual modo, Denílson Meireles Barbosa ao analisar os devotos e romeiros de Santo Antônio em Serra das Araras – MG, afirma que:

> O saber relacionado às práticas religiosas demanda anos de observação e repetição de ritos que envolvem a comunidade. É comum ouvir de muitos devotos a referência aos avós ou aos pais quanto ao aprendizado das práticas devocionais, rezas, cânticos, ritos, contos e outras experiências e conhecimentos que tornam importante ofício no conjunto de bens que poderíamos chamar de patrimônio cultural dado no campo da oralidade, portanto, pela tradição e pela herança, sobretudo familiar (Barbosa, 2016, p.89)

Nesse sentido a partir das considerações dos três autores, podemos entender que o cotidiano familiar e a transmissão dos ensinamentos da igreja e das orações através da oralidade cria um saber-rezar que vai constituir mais de um catolicismo no local.

Quando a senhora Jane fala do modo como foi criada, além da presença do feminino no processo, ela recorda da rigidez na casa da avó e chega a comparar com um convento, um dos principais espaços de habitação religiosa destinado a mulheres. Ao mesmo tempo, a devoção de sua avó era tomada como um exemplo. Ao final destaca as influências da sua criação na forma como experiencia o catolicismo. Quando vai à igreja se incomoda com conversas, entende que mudanças ocorreram, mas nas suas palavras “não deixa de trazer o que a gente aprendeu” reforçando o efeito em sua vida.

Sobre a infância e os reflexos na vida adulta no processo de criação dos próprios filhos, o senhor Joaquim Francisco também menciona o papel da avó. Ele, um homem de 81 anos, morou cerca de 26 anos na roça, até que foi para a cidade para trabalhar. O “deden da igreja” e o “ela não saía da igreja” usados para se referir a participação dela é uma forma de mostrar como foi ensinado por alguém que era envolvido com a instituição religiosa. Quando chegou a fase adulta, casou e teve filhos, seu Joaquim também buscou dar aos três uma criação inserida na religião católica. Contudo, quando os filhos chegaram a fase adulta se afastaram, inclusive a filha mudou-se para a Igreja Cristã no Brasil. Era possível perceber um lamento enquanto falava. Nessa parte, durante a entrevista, até sua esposa interveio reforçando que sempre buscaram transmitir os ensinamentos da igreja católica para os filhos, mas infelizmente não seguiram após adultos. Ele até enfatizou o esforço que fazia para levá-los à missa além do relato do processo de batismo do filho mais velho, Reginaldo. Este foi batizado com dois dias de vida porque nascera com hepatite. Percebe-se que a transmissão da religião não é um indicativo da manutenção da prática por parte dos filhos. Eles podem seguir à sua maneira ou não.

O outro trecho é de uma das entrevistadas mais velhas dessa pesquisa. Joana nasceu em 1925 e morou durante a infância, a adolescência e até mesmo parte da vida adulta na zona rural. Ela disse que já morou em onze fazendas, pois trabalhava e quando se casou o marido também era trabalhador rural, atuando principalmente como vaqueiro. Só se mudou para Brasília de Minas quando o marido ficou doente, mas não indicou o ano. Apontou o papel da tia como a responsável por aproximá-la da religião. Um elemento rapidamente mencionado é o conhecimento da tia das orações e de uma prática do catolicismo popular: as folias.

As folias foram trazidas pelos padres jesuítas para o Brasil com a finalidade de expandir o catolicismo para os indígenas e negros, passando por influências desses povos. Com músicas, danças, bebidas e manifestações de devoção aos santos, embora não sejam próprias do catolicismo institucionalizado, as folias possuem uma estrutura, um sistema de rituais próprios onde os foliões desempenham suas funções para que possam acontecer[33] (Bonesso, 2006). Esses rituais são transmitidos através da tradição oral. Presentes nos estados do Nordeste, Sudeste e no estado de Goiás, elas aparecem com mais frequência em áreas rurais. A prática pode ser levada para uma leitura divisiva do sagrado e profano, pensando nas categorias de Eliade. Porém, como afirma Gabriela Marques Gonçalves (2012), todos os elementos que compõem uma folia são vistos por aqueles que participam como uma manifestação a mais da devoção aos santos.

Ao pensarmos em Michel de Certeau, podemos entendê-las como uma nova formalidade das práticas, pois permite apropriar-se de transformações estruturais no nível religioso e em sua condução (Certeau, 2022, p.123). Em consonância com Certeau, Denílson Meireles Barbosa explica que no sertão essa situação é comum, tendo em vista que nessas regiões mais remotas há uma recorrência de várias manifestações religiosas, muitas das quais originadas da inserção do projeto colonizador português. Embora tenham características derivadas de expressões ibéricas, muitas foram configuradas no interior do vale do São Francisco a partir das singularidades da própria região e das características dos povos que ali se instalaram (Barbosa, 2016, p.42). Apesar de ter vindo para o Brasil a partir da ordem jesuítica, os sujeitos reelaboraram a partir do que apreenderam possuindo características que podem variar de acordo com a região.

[33] Além de Márcio Bonesso (2006), há inúmeros trabalhos no Brasil que discutem as folias sobretudo nas Ciências sociais, na Geografia e na História como Maristela Borges (2015), José Henrique Machado e Wander Melo (2020), Andiara Barbosa Neder (2013), André Luís de Souza e André Luiz Araújo (2013), José Reinaldo Martins Filho e Ana Guiomar Souza (2015).

Voltando a entrevista da senhora Joana Santos, em um momento adiante ela menciona os filhos e agradece a Deus por eles serem envolvidos com a igreja.

> Graças a Deus meus fio é tudo de igreja. Tudo de igreja. É fio, nora tudo. As nora canta na igreja. Eu num tenho nenhum fio que num é de igreja. Tem um dos neto que num é muito chegado, mas ele vai. Essa aqui mesmo olha (indicando para a filha que estava na casa) todo ano eu e ela semu festera. (Joana Alves dos Santos, 97 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/09/2019)

Conforme o trecho acima é possível notar o grau de envolvimento dos familiares de dona Joana e até mesmo o dela atualmente. Ainda procura participar das festas da igreja junto aos filhos, pois disse que é festeira. Esse "festeira" é um termo utilizado para designar as pessoas que de alguma forma estão atuando na organização das festas dos padroeiros. Até um dos netos, que nas suas palavras "num é muito chegado", frequenta.

Assim como a senhora Joana, a senhora Pascoalina Gonçalves Dias morou muito tempo na zona rural. Nascida na comunidade Santa Teresa, a senhora Pascoalina foi para a cidade para estudar até a quarta série e só voltou a morar na sede do município já casada e com filhos. A escolha de seu nome se deu em razão da data de nascimento, dia 05 de abril de 1942, domingo de Páscoa.

> Minha terra natal é na comunidade Santa Teresa. Foi lá que eu nasci, lá que eu casei, lá que eu fiz minha primeira casa e depois vendi e nós foi lá pro Pacuí. Depois nós compramos uma casinha aqui, lá no Alto Claro. Foi a primeira casinha nossa aqui. Luís Simões foi quem me deu o lote. O ano eu vou falar com você que eu num lembro… (longa pausa) Mas acho que é fácil de descobrir… Biscoito (Gilvan), meu filho, tem 56 anos e Cimélia 55 e Biscoito já veio pra cá… Cimélia já é a quarta porque Pedrim vem primeiro, depois vem Sílvia que mora em Ubaí, depois Biscoito, aí vem Cimélia, depois de Cimélia vem Biola (Fábio Mariano), aí depois de Biola vem Solange, depois de Solange vem Francinete que trabalha lá na casa paroquial e depois de Francinete vem Lidiane, a caçula, ela já deve ter seus 32 anos por aí. Graças a Deus, minha família é toda católica! Graças a Deus! (junta as mãos e olha para o céu) Eu falo que é duas coisas que meus filho sempre me acumpanha é religião e política. Até de jogo também porque eu sou cruzeirense… (pausa) ah mas se bem que acho que Biscoito e Cimélia são atleticano. Mas todos seguem a minha religião. (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

Apesar de não se lembrar com exatidão do ano que se mudou, a senhora Pascoalina tem como referência seus filhos e dessa maneira percebemos que o seu processo de recordação envolve algo relacionado ao seio familiar. Ela enfatiza que todos os seus filhos são católicos e chega a agradecer a Deus, mas o que chama a atenção nesse trecho é a percepção dela a respeito

do seu alinhamento com os filhos com relação à política[34], religião e no final até futebol, embora dois deles não sejam torcedores do time celeste, Cruzeiro Esporte Clube.

O relato a seguir é de Geralda Creusa de Oliveira e fica marcado o aspecto devocional presente na sua família.

> Minha mãe toda vida foi de igreja... Antigamente, meu filho tinha missa era de manhã... todo dia de manhã ela ia. Ela fazia o café ceedo pra gente que a gente ia pra escola e ia. Era todo o dia. Ela não perdia o dia e também no sábado ela dava um banho na gente bem dado (risos) que no domingo ela só dava outro banho pra gente ir pra missa das 9. Antigamente toda vida tinha a missa das 9, toda vida teve. Toda minha família é católica. Todinha. Foi com ela (minha mãe) que aprendi as orações. Tudo que, por exemplo, tinha uma coisa que não tava dando certo ela chamava "Gente vamo rezar, vamo rezar!" ... Tinha a imagem de Nossa Senhora, tinha um oratório... Menino, ela era assim fervorosa e tudo o que pedia ela alcançava. E ela era religiosa demais. Até meu pai falava "armaria todo dia Georgina vai na igreja", minha mãe chamava Georgina. Aí ele ficava "todo dia ela vai na igreja". Mas é da pessoa né? Eu mesmo gosto... Adoro ir na igreja (fala com empolgação). Acho que todo mundo lá em casa pegou a ela que meu pai não era muito de igreja não... os homens né (risos) geralmente têm uns que não gostam. [...] Eu sou das que mexe lá na igreja... e é bom, menino! É ótimo! Se todo mundo fosse na igreja as coisas não era assim não. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, entrevista gravada em 05/06/2022)

Nesse trecho, Geralda Creusa ressalta o empenho da mãe em criá-la juntamente com os irmãos inseridos na religião católica desde a infância. Ela também fala sobre a sua ajuda à igreja e ainda reforça que é das pessoas que "mexe lá na igreja", indicando seu grau de envolvimento. Ao dizer "Se todo mundo fosse na igreja as coisas não era assim não", entende-se que acredita que vários problemas se resolveriam se as pessoas fossem na igreja, no caso a Igreja Católica. Em um momento durante a entrevista, ela chega a falar sobre um irmão que se casou com uma "crente", forma como se referem a pessoas de religiões evangélicas, mas segundo ela, não deixou de participar.

Além da família, a escola possuía um importante papel. A senhora Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, professora aposentada relata:

> A gente aprendia pra fazer primeira comunhão as orações na escola. Era a professora que ensinava. Naquele tempo não tinha outras religiões aqui. Eram poucas as pessoas evangélicas. Então era assim muito tranquilo a catequese na escola. Inclusive quando eu comecei a dar aula ainda era na escola. Eu comecei no João Beraldo no terceiro ano e tinha as orações antes porque já era a preparação pra primeira comunhão. (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019)

[34] A menção a política nessa parte possivelmente está relacionada ao momento da realização da entrevista, dois dias após o segundo turno das eleições presidenciais de 2022. Além de deixar claro na nossa conversa que não gostava do candidato que não se reelegeu presidente, ao chegar a sua casa percebi que no portão de entrada havia ainda colado um adesivo grande do candidato eleito, Luiz Inácio Lula da Silva.

O que fica evidente até aqui é a forte presença da religião na vida dos brasilminenses. E ao falar em religião e experiências religiosas na cidade é preciso abordar a devoção aos padroeiros: Sant'Ana e São Sebastião. Na tradição católica, Sant'Ana era a avó de Jesus, mãe de Maria e esposa de Joaquim. Sua história se assemelha a de Sara do Velho Testamento e a de Isabel, mãe de João Batista, pois se casou e não tinha filhos, até que um anjo foi a seu encontro e anunciou a vinda da filha. O culto a Sant'Ana, de acordo com Monique Augras (2005) foi estabelecido no século XVII pelo papa Gregório XV e a santa é conhecida por interceder pelas mulheres estéreis. A autora ainda explica que no Brasil Sant'Ana passou a ser particularmente venerada a partir do século XVIII sobretudo na expansão do ciclo do ouro quando houve a fundação de diversas capelas na região das Minas (Augras, 2005, p. 147). Como padroeira de Brasília de Minas, ela intercede pelos moradores da cidade, sobretudo mulheres estéreis, mulheres com dificuldades para engravidar ou com gravidez de risco e avós.

Jane Soares Mendes relata um episódio ocorrido em sua família a respeito de uma promessa feita pela sua mãe.

> Eu lembro que meu pai uma vez adoeceu e minha mãe fez uma promessa pra ele carregar o andor de Senhora Sant'Ana. Então a devoção de S. S. é igual tem até hoje, mas parece que era mais profundo. As pessoas faziam promessas demais pra carregar andor. Não era em carro que carregava o andor. Primeiro carregava era no ombro. Eram quatro pessoas que iam revezando. A devoção do povo era tanta que o bom pra eles parece que era carregar o andor de Senhora Sant'Ana. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

Como podemos perceber no relato de Jane, a intercessão de Senhora Sant'Ana era procurada por causas que extrapolavam as apresentadas por Augras. A intercessão era paga com uma promessa na festa de carregar o andor, uma estrutura feita para transportar as imagens dos santos.

O senhor João Afonso Ruas, morador da cidade afirma que é muito devoto de Senhora Sant'Ana.

> Sempre fui católico, graças a Deus, graças a Deus (olha para cima). Minha família também graças a Deus toda católica. [...] Sou muito devoto do Senhor Bom Jesus e Senhora Sant'Ana, nossa mãe, nossa padroeira. Quando eu faço uma promessa eu sempre faço uma que a gente mesmo pode cumprir. A gente não pode fazer promessa pros outro cumprir não. (João Afonso Ruas, 89 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2023)

Segundo José Carlos Pereira (2003), uma das características da devoção é a fidelidade entre santo e devoto, um pacto que se estabelece. Realizar tal ação era importante para os fiéis

e uma forma de penitência em agradecimento pela intercessão[35]. Dentro da mesma lógica de Pereira, Carlos Rodrigues Brandão explica que nas ocasiões de práticas religiosas coletivas na zona urbana é o momento de utilização de recursos como votos e promessas para o saldo de compromissos entre o fiel e a santidade. Para o autor:

> A promessa feita ao santo é um dos recursos mais costumeiros de manipulação católica do sagrado. Ela obedece a um código de conhecimento amplamente difundido nas comunidades agrárias. Não importa discutir aqui o modelo e os significados das alternativas de trocas de serviços entre o fiel e a divindade mediadora. Dentro de um contexto de explicações de festas de santo, importa colocar a promessa em seu momento de "pagamento", quando o devoto, depois de ver o seu "voto valido", resolve em um dos rituais da festa o seu lado do contrato, de que o fiel se reconhece proponente e devedor. (Brandão, 1983, p.137)

A festa de senhora Sant'Ana em Brasília de Minas é a festa mais importante da igreja na cidade. Entre os dias 17 e 26 de julho celebram com alvorada, novenas, missas, apresentações, leilões e barraquinhas nos arredores da Matriz. No dia 26 de julho é comemorado também o aniversário da cidade, data que foi transferida, pois a emancipação ocorreu em 26 de dezembro de 1894. A proximidade do Natal e a celebração do dia da santa fizeram com que fosse estabelecida essa mudança.

Fredson Lopes Ribeiro analisa em seu trabalho monográfico intitulado *Igreja Matriz de Sant'Ana, Uma História de Identidade Com o Povo Brasilminense* (2006) a relação do brasilminense com a Igreja Matriz. Ribeiro aborda a disputa do local mais adequado para a instalação e todas as questões políticas, econômicas e religiosas envolvidas em sua reforma na primeira metade do século XX. Além disso ele traz importantes contribuições para compreender a relação dos moradores de Brasília de Minas com a Matriz. Para o autor:

> A Igreja Matriz de Senhora Santana, é o marco, o símbolo da religiosidade brasilminense que tem raízes desde o início do processo de povoação dessa região. O imaginário religioso de Brasília de Minas está plenamente entrelaçado com a Igreja Matriz Senhora de Santana, que até o momento desperta e interage com o imaginário local. Sejam com suas campanhas de doações a famílias carentes, suas missas, suas festividades, ou até mesmo na sua própria existência a Igreja Matriz de Santana é o símbolo da identificação de fé e superação desse povo. (Ribeiro, 2006, p.60)

Recordando das festas de Senhora Sant'Ana, Geralda Creusa de Oliveira relata:

> Menino, ali que era festa mesmo. Ali era uma festa rica. Festa rica mesmo. Era assim... a procissão que era feito o mesmo trajeto, tinha a missa. Depois começou a banda tocar. Era o senhor Ramirão que tomava conta... todo mundo queria ficar perto da banda na procissão. Esse dia nós tinha roupa nova. Meu pai não era muito de dinheiro não, mas minha mãe fazia de tudo pra gente ir arrumado. Fazia as coisa pra vender.

[35] Nesse caso, Pereira explica que: "A eficácia deste ritual na devoção, que envolve o 'corpo do devoto' e o 'corpo do santo', está relacionado ao que denominamos de 'relação corporal'. São corpos que simbolicamente se encontram nos sofrimentos da vida para celebrar a esperança da vida sem sofrimento. Esse encontro, movido pela fé, envolve o toque, o beijo, o olhar" (Pereira, 2003, p.91)

> Meu pai toda vida teve padaria. Essa padaria de Mucim (irmão dela) era do meu pai. Era bom demais, demais, demais... (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, entrevista gravada em 05/06/2022)

O relato de Geralda Creusa de Oliveira traz pequenas informações a respeito da festa, mas são muito úteis para o seu entendimento. Além da riqueza da festa, comenta sobre a Banda Euterpe e Fraternidade que tocava na procissão. Era o dia em que ela e os irmãos usavam roupas novas, algo importante para sua mãe. Diferente das celebrações diárias, a festa carrega consigo esse momento de se apresentar melhor para a sociedade[36] muito mais do que para o(a) santo(a). Mais uma vez ela retoma a sua família e fala sobre o pai e sua ocupação. Ao longo de toda a entrevista, suas memórias estão bastante vinculadas à família. É importante reconhecer essas maneiras de elaboração do passado pela memória, pois são elas que dão sentido ao relato. Como Verena Alberti elucida, as "repetições e detalhes que funcionam como divisões infinitesimais em uma entrevista podem ser parte do esforço obstinado e ao mesmo tempo impotente de refazer o percurso do vivido" (Alberti, 2004, p. 17).

Durante a festa de Senhora Sant'Ana era rezada a novena e o hino em honra a santa era cantado.

> Eu sempre fui na novena de senhora Sant'Ana. E o hino de Sant'Ana era muito bonito. Eu lembro de dona Nina de Brito cantando o hino. Quando dona Nina morreu me doeu demais porque eu lembrei do hino. Lembrei que ela cantava. Eu sabia o hino de cor desde pequena porque na escola ensinava esse hino. E o povo fazia muita promessa pra ela (Senhora Sant'Ana). (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

Esse aspecto apontado por Pascoalina sobre o hino de Sant'Ana é importante para mostrar como a devoção a padroeira se inseria até no cotidiano escolar.

> As festas que eu mais me lembro aqui são as tradicionais de Sant'Ana e São Sebastião. Vou te falar uma coisa não era igual tá hoje não. Lá enchia aquela praça da Matriz todinha. O dia dos fazendeiro, o povo ia com os bolso cheio de dinheiro pra arrematar os requeijão. Tinha tanto requeijão nos leilão. E levava até galinha pra arrematar. Oh gente, mas era muita fartura! Foi muito dinheiro que a paróquia adquiriu com leilão. Meu marido ele era gritador de leilão. (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

[36] De acordo com Frédéric Godart "os indivíduos assinalam suas diversas inclusões sociais por meio de sinais identitários, dos quais as vestimentas constituem um elemento central" (Godart, 2010, p.24). Corroborando a essa ideia, Ana Paula Miranda elucida que a aparência pessoal é um estágio de interação e as impressões levantadas a partir das interações são muito importantes em interações futuras. A roupa vem ligada a essas impressões e por isso é um item importante na forma como os indivíduos se apresentam. Ver: Miranda, 2017, p. 50. Michel de Certeau (2012) ao discorrer sobre vestimentas e linguagem do corpo também afirma que a roupa categoriza, separa, ratifica contratos invisíveis entre grupos e no interior de um próprio grupo. Dessa forma entendemos que a roupa também é um marcador nas dinâmicas sociais que ocorrem durante a festa de Senhora Sant'Ana.

A festa da padroeira é lembrada a partir de uma comparação com o tempo presente. Em seu relato, a senhora Pascoalina se recorda da fartura dos leilões e do dia mais movimentado que era o da participação dos proprietários de terra.

A senhora Geralda Rodrigues Silva, relata como eram os leilões realizados durante as festas dos santos na cidade.

> Eles só colocavam pra participar das bandejas quem eles sabiam que podia. Então quando uma pessoa de um socioeconômico menor queria colocar alguma coisa no leilão, tinha que avisar. E geralmente era promessa. Aquela bandeja era de uma humildade tamanha e era promessa da pessoa, mas ficava pra depois. Depois que tinha ido todas as mais caras eles colocavam essas. O povo tinha promessa de canavial, as canas maiores da colheita eram para a igreja, pare uma porquinha, um dos filhotes que vingava era pra igreja. Tinha muito bicho vivo nos leilões, tinha galinha, pato, peru, porco. Papai até uma vez arrematou uma cabritinha e ela serviu de mãe de leite pra três dos meus irmãos. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A moradora em sua entrevista disse que desde a sua infância percebia uma divisão social na igreja da cidade através das roupas e da localização das pessoas nos bancos da Matriz, durante as missas.

> Tinha uma divisão. Demorou muito para que sentassem no mesmo banco os que usavam ternos e os que não usavam. A missa era muito solene. A gente tinha o vestido de ir para a missa. Às vezes repetia a roupa três domingos seguidos porque aquela era a roupa de ir à missa. Mamãe era muito caprichosa e no sábado ela já passava as roupas e a gente ficava tudo arrumadinho para ir à missa. A missa era solene. Tinha uns bancos que ficavam sentadas as crianças e tinham uma mulheres que eram como catequistas, tinha dona Coló que ficava olhando. E a gente criança ficava olhando Neco Martins, Seu Egídio marido de dona Eutália, Antônio Pinto sentavam todos pertos. Na cabeça nossa naquele tempo havia sim separação. As mulheres usavam os cabelos muito bonitos, arrumados. A gente sentia o clima de quem tem, quem tinha e a partir do momento em que eu ia tendo condições eu começava a me sentar mais perto deles. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A roupa novamente se mostra importante para compreensão da dinâmica local e mais adiante será abordada ao discutirmos o papel de um dos padres. Também é importante destacar na visão da senhora Geralda Rodrigues Silva essa divisão no interior do espaço da Matriz. Os nomes por ela citados fazem parte de famílias mencionadas pelos memorialistas da cidade.

Juntamente com a festa de Senhora Sant'Ana, a festa de São Sebastião mobiliza um grande número de devotos na cidade. Esse santo, de acordo com Augras (2005), é um grande auxiliador contra epidemias [37]e sua devoção no Brasil está ligada a Portugal, especialmente por causa da fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Henrique Oliva Brasil escreve

[37] Essa relação de São Sebastião com epidemias e pestes vem desde o século VII resultado da promoção do santo na piedade popular e sua imagem representada com flechas atiradas no seu corpo. As pessoas comparavam o ataque das flechas ao ataque das pestes. Ver: Delumeau, 2009, p. 68.

que os festejos do mártir contavam com a participação de muitos fazendeiros que o consideravam como padroeiro dos rebanhos (Brasil, 1978, p.159). A devoção e a festa ganharam um caráter diferente na década de 1970, como mostra Luziane Mendes da Silva em sua monografia intitulada *Festa em homenagem a São Sebastião em Brasília de Minas antes e depois de Padre Magalhães*. Nesse trabalho, a autora busca compreender a relação que a população de Brasília de Minas desenvolveu com São Sebastião, co-padroeiro da cidade, depois da chegada de Padre Magalhães na Paróquia Senhora Sant'Ana através da festa religiosa e a procissão de cavaleiros realizada no último dia de festa, instituída por ele e que se manteve ao longo dos anos, mesmo após a sua morte. Para ela:

> Brasília de Minas entra no conceito de ser cidade sertaneja do norte de Minas Gerais e sua população possui uma estrutura voltada para essência da construção religiosa e São Sebastião é um santo que a comunidade adotou como eterno padroeiro dos sofredores e daqueles que não têm a quem recorrer nos momentos difíceis da vida. (...) com a chegada de padre Magalhães na Paróquia Senhora Santana, a religiosidade da população brasilminense adquiriu um nível de estabilidade que conquistou muitas pessoas. A sua presença é constante na memória e quando falamos de festa em homenagem a São Sebastião os devotos demonstram uma gratidão profunda pela dedicação exercida por ele no curto espaço de tempo que exerceu sua função de pároco diocesano. (Silva, 2015, pp. 59-60)

Conforme destacado por Silva, os brasilminenses possuem uma forte ligação com São Sebastião e isso cresceu através da figura do Padre Magalhães. É possível entender a festa enquanto um momento de fé e devoção ao mártir, mas também enquanto um momento de relembrar o próprio padre falecido em 1996.

Além dos padroeiros, os entrevistados mencionaram outros santos de devoção importantes em suas vidas ou em suas famílias, como é o caso de José de Fátima Soares Aquino:

> Ela fez promessa pra mim escapar porque eu tive 13 irmãos e só 3 escaparam. Meu nome é José de Fátima por causa de Nossa Senhora de Fátima e hoje sou consagrado a ela. Desde o padre Fabiano que eu tocava nas missas. Comecei com violão. Todos os corais que me pedem pra tocar eu vou. Meus pais sempre incentivaram. Ainda pequeno eles me deram a bíblia, me deram um caticismo. Fui sempre orientado nos ensinamentos da igreja católica. (José de Fátima Soares Aquino, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 03/07/2022)

No relato do senhor José de Fátima aparece outro caso de promessas. Este envolvendo o nascimento. A mãe, atribuindo sua sobrevivência a intercessão de Nossa Senhora de Fátima, deu-lhe o nome. A relação de troca entre o santo e o devoto fica mais evidente e percebemos a sua extensão. Ele também acredita na promessa feita pela mãe e sua trajetória na Igreja Católica foi construída a partir de algo que o antecedeu.

Além dele, outra entrevistada explica a relação do seu nome com um santo de devoção presente na família.

> Lá em casa todo mundo é Geraldo. É Geralda Creusa, Geralda Ieda, Maria Geralda... Toda a família do meu pai era devota. É tradição. Eu mesmo tenho o meu ali (imagem do São Geraldo). Quando um ficava doente falava "põe nos pés de São Geraldo que essa doença vai sair". Outra noite mesmo eu falei com ele "oh São Geraldo, me cura de tudo". Porque a gente pede. Pedindo com fé a gente recebe. Tem gente que fala assim "ah não vou pedir porque não recebo", mas não é assim. O tempo de Deus não é o tempo da gente não. É outro. Tem o tempo de tudo. Uma folha não cai dum pau sem querer. Eu falo com uma sobrinha minha que nada é por acaso, que tudo tem um tempo, tem a hora. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, entrevista gravada em 05/06/2022)

O trecho da entrevista da senhora Geralda Creusa apresenta três aspectos para comentarmos aqui. O primeiro deles é uma tradição familiar ao redor do santo. São Geraldo está tão incorporado a sua família que interfere até mesmo nas nomeações e é mais um caso de devoção herdada. Ela mantém a tradição ao fazer questão de me informar que o santo dela estava presente ali. Outro aspecto está no pedir. Já havíamos falado sobre a troca presente entre santo e devoto, mas talvez não tenha sido bem esclarecido que o "pedir" é bastante envolvido ao "acreditar". Por fim, a noção de uma temporalidade diferente estabelecendo uma distância entre a divindade e o fiel. Ao dizer que o "tempo de Deus não é o tempo da gente", a senhora indica que é preciso paciência, saber esperar quando pedir. Essa diferenciação e esse distanciamento temporal fazem parte da experiência religiosa e reafirma o mistério de fé.

Além de São Geraldo, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é muito forte em sua família. Segundo ela, a imagem encomendada por sua mãe ainda quando era nova existe em casa. Com muito entusiasmo ela relatou que o padre Pedro, pároco da época foi até la para abençoar a imagem para ser colocada na parede e assim permanece no mesmo local.

Outra importante santa para os moradores que aparece nos relatos é Nossa Senhora Aparecida, considerada a padroeira do Brasil[38]. De acordo com Augras (2005) o culto a santa teve início no século XVIII e sua expansão sobretudo no século XIX se deu em razão da necessidade de se escolherem símbolos de identidade nacional[39] e do empenho do Papa em implantar novas diretrizes nacionais.

> Minha mãe estudou num colégio católico, a formação dela foi em um colégio católico, meus avós também eram católicos, então fui criada em uma família católica. Em casa a santa de devoção sempre foi Nossa Senhora Aparecida. Sempre no dia de Nossa Senhora Aparecida meu pai comprava uma caixa de foguete Adrianino. Na hora que dava, meio-dia, eu lembro como hoje. (Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/07/2023)

[38] A importância da santa é tão grande em Brasília de Minas, que no ano de 2014 a paróquia Senhora Sant'Ana foi desmembrada para formar a paróquia Nossa Senhora Aparecida. À margem direita do rio Paracatu, ficou a paróquia original e à margem esquerda a nova paróquia se fixou.

[39] Ainda segundo Augras, a própria coloração da santa é vista como uma forma de expressar a natureza mestiça do Brasil, a síntese das cores do povo. Ver: Augras, 2005, pp. 37-8.

> O dia que era dia de Nossa Senhora Aparecida a gente ficava rezando. Até hoje eu tenho hábito, olha (apontando para a vela e para a santa na cômoda da sala). Ponho no lugar certo e vai queimar a vela o dia intirim. Isso porque eu fui criada assim. Então pra muita gente isso é bobagem, mas pra mim não é. Foi minha criação que foi desse jeito. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

Além da relação genealógica estabelecida por Joyce ao mostrar que foi criada em uma família católica, podemos destacar o ato de soltar fogos no dia da santa de devoção, prática que ainda permanece na cidade no dia 12 de outubro e é uma forma de manifestar alegria e agradecimento.

A entrevista com Jane foi realizada no dia de Nossa Senhora Aparecida. A cômoda e demais móveis da sala onde ocorreu a gravação estavam com diversas imagens de santos e a santa do dia ocupando um lugar central. Ao seu lado, uma vela acesa e ao fundo uma música religiosa tocando mais baixo. Em outras casas das pessoas entrevistadas, os objetos religiosos também ocupam um significativo espaço no ambiente e podem ser entendidos como marcadores da devoção pessoal ou familiar[40], além de indicar que o sagrado se faz presente no local.

A relação com o sagrado também fica perceptível através das práticas de deslocamento dos sujeitos. Em Brasília de Minas, como em diversos locais, há moradores que fazem romarias, principalmente para Bom Jesus da Lapa, localizado no interior da Bahia. Seu João Afonso Ruas, que já foi chefe de romarias, relata:

> Desde 61 eu vou na Lapa. Dia 11 de julho de 61 eu fui a primeira vez. Foi eu e Ervelino Braga que morava por ali onde é Glicerinho ali perto da concha. Ele morava ali e tomava conta. Ele era tão católico que procê vê ele morava perto da igreja e tinha uma capelinha dendacasa com um tanto de santo lá. Agora em setembro eu tava lá. E vai meu povo junto. Eu já fui chefe de romaria pra Bom Jesus da Lapa. Já fui lá pra Lapa até com três ônibus. Eu com um, Zé Cangaia com outro e Zezim Mota ali (apontando na direção da casa dele) com outro. Zezim Mota foi com ônibus cheio, eu fui com o ônibus cheio e Zé Cangaia foi com um ônibus com vinte pessoa. Nós foi com os três ônibus. Chegou lá nós alugamo as casa e arrumamo outra casa pra Zé Cangaia pra ele ficar com os vinte passageiro. E é assim. Todo ano vou lá. O que a gente dedica é preocupar com as coisa da igreja. (João Afonso Ruas, 89 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2022)

No relato do senhor João Afonso Ruas descreve seu papel na organização da romaria para Bom Jesus da Lapa bem como a mobilização feita de Brasília de Minas para o local. A

[40] Os objetos, como afirma Jean Baudrillard (2015), são definidos para além das suas funções. É preciso entender a maneira como os sujeitos entram em relação com eles e as relações humanas consequentes a partir desse contato. Ver: Baudrillard, 2015. Além disso, o espaço privado onde esses objetos – especificamente as imagens de santos – estão dispostos assegura a presença dos santos na casa, garantindo a proximidade entre santidade e indivíduo. Portanto, ao pensarmos nos objetos dos entrevistados, desde uma Nossa Senhora Aparecida na sala de estar a um quadro do Sagrado Coração de Jesus na parede ou até mesmo um oratório construído no quintal da casa para colocar uma santa, é necessário entender que eles nos apresentam esse catolicismo doméstico e para além disso, objetos de memória com significados únicos para seus proprietários.

romaria para Bom Jesus da Lapa se assemelha a muitas romarias feitas pelo país, incluindo a romaria citada anteriormente para São João do Pacuí. Como descrevem Almeida e Horácio:

> Muitos romeiros vão ao distrito durante a festa para cumprir suas promessas. Acendem velas, locomovem-se da porta da igreja até o altar, outros vêm de lugares longes a pé, trazem ex-votos como forma de pagamento de promessas e os expõem na sala destinada a esse fim. Por isso tudo, nos dias da Festa, as filas se estendem por toda a igreja, durante todo o dia. Há também os que levam barracas e acampam no povoado para permanecerem mais dias. (Almeida; Horácio, 2020, p.162)

Os santos de devoção não se resumem aos presentes no cânone da Igreja. Na cidade há também devotos de Maria Rosa da Encarnação, uma mulher brasilminense da primeira metade do século XX a quem alguns moradores atribuem milagres[41]. O trabalho de Silvana Ferreira Mendes, intitulado *Maria Rosa da Encarnação: uma devoção no imaginário popular em Brasília de Minas* (2014), é de suma importância, pois busca identificar a partir dos relatos orais as lembranças a respeito de Maria Rosa e seus devotos. Ainda que não seja reconhecida oficialmente pela Igreja, muitos afirmam que ela é capaz de interceder pelas pessoas e sua trajetória sofrida ainda permanece nas memórias. Segundo a autora:

> São muitos os sentimentos dos brasilminenses expressos nos depoimentos acerca de Maria Rosa da Encarnação: alguns se lembram dela ou recontam sua história com muita piedade e consternação por conta de sua trajetória de vida, outros com franca reprovação ao modo com que ela foi tratada em vida por muitos_ desde a motivação inicial da insanidade quanto aos maus tratos pelas ruas da cidade e vizinhança. Outros apesar de não crerem na possibilidade de um pretenso poder de intercessão divino de Maria Rosa, também não criticam de forma debochada ou com intenção de ridicularizar. À rua do Sossego se aglomeram grande parte dos devotos a Maria Rosa da Encarnação. Foi aí encontrada grande quantidade deles, bastando, pois atravessar a rua para encontrar mais um fiel. (Mendes, 2014, p. 101)

Conforme elucidado por Mendes, a trajetória de Maria Rosa da Encarnação, apresentada a partir dos relatos orais, expõe um aspecto muito comum na religiosidade popular que é a aproximação das pessoas com figuras que, embora não sejam reconhecidas pela Igreja, são importantes para a forma como manifestam sua fé. A autora utiliza "santo oficioso" para designar Maria Rosa, e se aproxima do trabalho de Iara Toscano Correia (2003) sobre João Relojoeiro, também considerado santo para moradores da cidade de Uberlândia - MG. Segundo Correia após a morte de João Relojoeiro:

---

[41] Maria Rosa da Encarnação era também conhecida como Maria Doida. Este nome veio após um episódio de violência no qual seu filho José Domingos foi acusado de roubar um pedaço de capado nas terras cujo proprietário era o Coronel Joaquim Rocha. Como punição pública o filho de Maria foi obrigado a andar pelas ruas da cidade com o pedaço do animal nos ombros e gritando o crime que havia cometido. Os policiais que acompanhavam o percurso o violentavam a mando do coronel. Isso abalou Maria Rosa de tal modo que ela passou a caminhar pela cidade ensandecida. Ainda que fosse vítima de maus tratos por algumas pessoas, muitos moradores a acolheram até a sua morte em 1948. Seu túmulo passou a receber alguns moradores que passaram a lhe atribuir milagres e a fazer promessas ao longo dos anos. Para mais detalhes, ver: Mendes, 2014.

> a população local passou a atribuir-lhe feitos milagrosos. No cemitério São Paulo, onde fora enterrado, formavam-se filas e filas de pessoas que vinham depositar-lhe flores, velas, água e comida para aquele que padeceu em vida de tais privações. Ainda hoje a procura por seu túmulo é grande. Pessoas que lhe são devotas oram e depositam oferendas em agradecimento as graças alcançadas em seu nome, funcionando como um intercessor dos aflitos junto a Deus. (Correia, 2003, p.5)

Nota-se, tanto no caso de Maria Rosa quanto no de João Relojoeiro, a presença da violência na trajetória de vida e as devoções concentradas nos cemitérios. O local em que se concentra pode indicar também a marginalidade da prática[42]. Além dessas práticas de devoção doméstica, em Brasília de Minas também há outras que não estão vinculadas à Igreja Católica enquanto instituição, mas conferem aos fiéis experiências cotidianas que fortalecem sua fé.

> A gente tinha o costume de quando a chuva faltava a gente fazia uma procissão. Juntava o pessoal ali vizinho e fazia uma procissão com vasilha de água, rama, pra ir no cruzeiro onde tinha um cemitério lá... e ia rezando... cantando Ave Maria e Pai Nosso... O Pai Nosso e a Ave Maria era cantado. Contando no terço. Além de outros cantos. Chegava lá e jogava aquela água no cruzeiro e enchia de flor e colocava ramos em volta do cruzeiro. Tinha vezes que a gente voltava de lá e já vinha chuva. (Flauzina Mendes de Souza, 87 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/09/2019)

> até pra chover antigamente tinha as rezadeiras que tinham muita fé e rezavam e a chuva vinha mesmo. Elas panhavam pedra e punha na cabeça... panhavam balde de água e punha na cabeça e saíam lá do cemitério e vinham até no Alto Claro rezando e cantando. Tinha o cruzeiro lá no Alto Claro. Eu não sei o que fizeram com esse cruzeiro, mas até hoje eu sinto saudades daquele cruzeiro que la que molhava o pé do cruzeiro com a água que a gente carregava e cantado e... Deus ajudava tanto... eu não sei se era porque a devoção da gente era tão grande e a fé era tão grande que não levava nem uma novena não... a chuva vinha antes de terminar a novena. A gente terminava as novenas com a chuva (risos). Era bom! Era uma fé tão profunda que esse povo tinha que era assim... a gente via que era um sacrifício que fazia com gosto mesmo, com satisfação, sabe? (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> A gente saía e panhava água na cabeça… faltava chuva e aí fazia as novena. Incrusive uma vez saiu o padre. Quem tava nas porta ele ia chamando pra rezar a novena pra acompanhar a procissão. Eu vi um dia o sol rachando de quente umas mocinha panhava água… (pausa) Tinha um cruzeiro aqui no São João (comunidade) elas ía no Zé de Mel panhar água, levava a água, tinha um cruzeiro também em frente ao cemitério. (João Afonso Ruas, 89 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2022)

Nos dois trechos acima, nos é apresentada uma prática comum no século XX no município de Brasília de Minas, na zona urbana e rural. Embora não seja institucionalizada, a prática consiste em um ritual para se pedir chuva levando água até um cruzeiro, uma cruz grande de madeira fixada em um determinado local. A senhora Flauzina Mendes de Souza e a senhora Maria Eugênia Matos Silva descrevem que além da água eram levados outros objetos e se

[42] Sobre essa relação, ver: Pereira, 2011.

percorriam distâncias em sinal de penitência, mas tudo era feito para se obter a graça da chuva. A região do norte de Minas não é um território que se chove com frequência em todas as épocas do ano. Há períodos de estiagem, muitas vezes longos períodos, e por isso a necessidade por parte dos moradores em realizar a prática.

De acordo com o senhor João Afonso Ruas, houve um momento em que o padre também saiu em procissão, mas segundo outros relatos percebe-se que a realização da prática era organizada pelas mulheres rezadeiras.

> Eram as senhoras velhas, as rezadeiras, as benzedeiras que sabiam aquelas benzeções que organizavam entre elas e contavam com os mais novos para ajudá-las na caminhada. Quando a voz acabava a gente continuava rezando. Aí quando morreram ficou dona Maria José de Patão que nesse tempo era mais velha que a gente um pouco, mas já namorava pra casar. Quando as velhas morreram ela pegou uma parte muito mais pesada porque a cidade já estava evoluindo e o povo já caçoava e já tinha evangélico. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Havia, segundo o relato de Geralda Rodrigues Silva, uma participação de diferentes gerações de moradores e a prática era liderada por mulheres não institucionalizadas na igreja. À medida que as velhas morriam, as mulheres mais novas tentavam manter a prática. Além disso, as rezas para se pedir chuva de maneira processional foram desaparecendo ao passo que ocorreram mudanças na cidade.

Quando perguntada sobre essas rezas, a senhora Maria Eugênia Matos Silva ainda mencionou um dos cantos que cantavam durante o trajeto. Quando começou a cantar, até seu marido interferiu na entrevista e a acompanhou cantando em alta voz:

> Viva minha Santa Teresa!
> Viva minha Santa Isabel!
> Viva minha Nossa Senhora!
> Valei-me São Gabriel!
> A chuva que já choveu
> Trovão lá no céu ficou
> Na terra veio um castigo
> Que os anjo se admirou
> Ajoelha meu povo todo
> Apegamos com a mãe de Deus
> A porta do céu está aberta
> E a luz lá de dentro é seu
> Aí na hora que chegava nessa parte todo mundo se ajoelhava no chão quente pegando fogo, mas todo mundo ajoelhava. O povo fazia penitência. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

Como podemos perceber, as rezas para pedir chuva envolviam todo um ritual que inclui cantos, rezas e gestos como uma liturgia. A evocação aos santos e a penitência novamente aparecem como características das experiências religiosas dos moradores. Necessário explicar que ao trazer esses relatos, não pretendemos romantizar as situações precárias vividas pelos

sujeitos. Entendemos que essa era a forma que lidavam no cotidiano. Isso se aproxima da ideia anteriormente apresentada de crença para Michel de Certeau (2014, p.252), uma vez que, para a compreensão do que esses sujeitos narram ao falar da eficácia das rezas para pedir chuva, está muito mais vinculado às vivências cotidianas da religião do que a um conjunto de dogmas institucionalizados.

Além das rezas, as práticas de benzer aparecem como um importante elemento das experiências religiosas. A senhora Arminda Fernandes Pontes, filha de um benzedeiro relata:

> Meu pai, pode perguntar pra turma aí da cidade, qualquer doença que criança tinha ele ia lá e benzia. Semana passada mesmo teve uma pessoa que falou pra mim assim "êta, Arminda, faltou seu Juvêncio", mas eu tenho certeza que meu pai tá intercedendo por todo mundo aqui. Ele rezava, ele benzia e sempre tinha algum remédio do mato pra passar. O povo procurava ele demais da conta. Essas ferida na perna, mesmo que às vezes o povo tem, ia muito lá nele. Tinha um povo que chamava ele de macumbeiro, oh menino, mas ele revoltava. Ele revoltava. (Arminda Fernandes Pontes, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 02/11/2019)

Na cidade havia um grupo de pastorinhas organizado pela senhora Pascoalina Gonçalves Dias cuja prática remetia a narrativa do cristianismo da visita de pastores ao bebê Jesus para adoração. Essa prática consistia em reunir em casas à noite, normalmente no tempo do advento e cantavam, dançavam e ao término compartilhavam um lanche.

> Quando veio as pastoras, que eu comecei a mexer com as pastorinhas, mãe já era de idade e me ajudou demais. Era a coisa que ela achava mais linda. Ela pidia uma pessoa pra levar ela pra ver. Mas era bonito mesmo, era 24 par de pastorinha. Até os reis magos nós fazia. Era muito bonito. Eu num dou é conta de contar o tanto que era bonito. Na hora que ia embora juntava todo mundo e aí cantava: "Pastoras, vamos embora que a madrugada é vem, à procura de nossas cabanas que lá não ficou ninguém". E batia com o pandeiro todo enfeitado ia batendo e cantando. Foi bonito, viu? Ficou na história. Porque a gente tá falando é do nascimento de Jesus. É o nascimento de Jesus então é uma coisa que todo mundo espera festejar todo ano. Desde que a gente nasceu já havia. (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

As pastorinhas organizadas pela senhora Pascoalina não foram o primeiro grupo da cidade. De acordo com Maria Inês de Matos Gonçalves, havia anteriormente um grupo coordenado por Dona Camila e pelo Senhor João Martins, conhecido como João Fuminho (Gonçalves, 2006, p.268). A memorialista em seu texto descreve as pastorinhas mais em uma dimensão folclórica, deixando de lado aspectos da religiosidade. A senhora Pascoalina, por sua vez, descreve o grupo estabelecendo uma relação com o nascimento de Jesus e enfatiza a sua continuidade. Apresentar tais práticas se torna fundamental para mostrar que aquelas manifestadas durante a Semana Santa não são fenômenos singulares, como veremos nos próximos dois capítulos.

CAPÍTULO II:
"A GENTE CHAMAVA DE SEMANA MUDA": NARRATIVAS SOBRE A SEMANA SANTA EM BRASÍLIA DE MINAS, DÉCADAS DE 1960 E 1970

No presente capítulo pretendemos mostrar, através das narrativas, como era Brasília de Minas durante a Semana Santa nas décadas delimitadas, a relação rural-urbana, as transformações provocadas durante a Semana Santa na dinâmica social e nas vivências desses moradores.

2.1 – "Devia ficar gravado procês mais novos vê que aqui toda vida teve cultura, teve gente competente e teve gente boa": A cidade, suas dinâmicas e os rituais durante a Semana Santa

Antes de apresentar os relatos sobre o cotidiano na Semana Santa em Brasília de Minas é necessário retornarmos para esse lugar onde acontece. Os moradores, ao falarem sobre as celebrações e as práticas, também nos auxiliam na compreensão do espaço, palco dessas dinâmicas. A frase que intitula o presente subtópico é um trecho da entrevista do senhor Manuel Gonçalves de Oliveira, ou como ele bem ressaltou que é conhecido na cidade como Manuel de Bráulia, no qual ele exprime toda a sua vontade de ser ouvido.

> Vou te falar que é uma pena não ter gravado. Uma pena que na época não tinha como gravar. Tem muita coisa bonita que passa e não fica gravado na história, né menino? Devia ficar gravado procês mais novos vê que aqui toda vida teve cultura, teve gente competente e teve gente boa. (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada 27/10/2019)

Nessa entrevista do senhor Oliveira, ainda que esteja se referindo às celebrações da Semana Santa, podemos entender seu descontentamento com a impossibilidade de gravar atividades e pessoas durante aquele período. Ele, que vive na cidade há oito décadas, com sua fala a mim dirigida manifesta um querer lembrar com a consciência de que há diversos elementos e sujeitos que ficam esquecidos no local. A História Oral além do acontecimento, das percepções sobre, do significado do acontecimento também diz respeito ao lugar (Portelli, 2016, p. 12). Quando seu Manuel diz que "aqui toda vida teve cultura, teve gente competente e teve gente boa", estabelecendo seu pertencimento e vínculo com a cidade, ele enfatiza o que aqui já foi abordado acerca de Michel de Certeau e o cotidiano e nas práticas pelas quais as pessoas se reapropriam do espaço. Assim, é evidente que os entrevistados, ao falar sobre a

Semana Santa, também mencionam várias coisas que fazem parte do viver em Brasília de Minas. Quais percepções do espaço encontramos nas narrativas de alguns brasilminenses?

> Brasília era uma cidade muito católica. E era muito pequena, só tinha umas rua… aqui pra você ver, tinha aquela avenida que eu nunca pensei que fosse ver uma coisa daquelas, uma avenida toda mal acabada, a Bias Fortes lá. E tinha também um pedacim de rua que era a rua da Paia que tinha uns barranco ali da altura dessa casa. Um trem mais mal feito. Pra você ver como é que são as coisa que hoje a Bias Fortes é uma das que mais tem movimento na cidade. A Semana Santa naquela época era só do corgo pra cá. Aqui perto do cemitério. Não existia esse bairro aqui que eu moro. Tinha lá a Camilo Prates, a Gurutuba e tinha ali o Jacaré. Era isso a cidade praticamente. (José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019)

Conforme o relato do senhor José Barbosa, a cidade no período era formada por poucas ruas, nem todas tão bem estruturadas e poucos bairros. Ele se refere à cidade pelo nome Brasília, ainda que descreva um período no qual já se nomeara Brasília de Minas, mas é algo comum entre os moradores entrevistados acima de 70 anos. Algo que se destaca logo na primeira frase é a forma como ele caracteriza a cidade. As relíquias verbais que compõem o relato, conectadas a gestos opacos e histórias perdidas, como já pontuado anteriormente, são sobrepostas em uma colagem em que suas relações não são pensadas e, portanto, formam um conjunto simbólico (Certeau, 2014, p.174).

Nesse sentido, Renato Cordeiro Gomes explica que:

> A cidade construída pelo discurso possibilita visões diversas, leituras e interpretações [...] O texto é o relato sensível das formas de ver a cidade, não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. (Gomes, 2008, p. 24)

Dessa forma, a cidade aqui assume uma característica dos sujeitos que a experienciam e a narram: “Brasília era uma cidade muito católica”. Cabe destacar também nesse trecho do senhor Barbosa sobre Brasília de Minas as marcas de subjetividade e a forma como ele não deixa de se colocar na narrativa. O uso de “do corgo pra cá”, “aqui perto do cemitério”, “ali o Jacaré” mostra como ele narra a partir do local que mora e se situa com relação aos lugares existentes. Ele se situa também com relação ao tempo, pois sinaliza comparações de como era com o instante em que narra ao descrever a Avenida Bias Fortes e mencionar a inexistência do seu bairro no passado.

Essa forma de se localizar na narrativa, também aparece no relato do senhor Joaquim Francisco dos Santos. Em um momento da entrevista quando perguntado a respeito das procissões, ele fez uma descrição da cidade tendo como ponto de partida a rua onde mora, rua Coronel João da Cunha, antes conhecida como rua da Paia, citada pelo senhor Barbosa.

> As procissões sempre foi a mesma coisa. Nunca parou de subir ali na padre Calado e rudiar ali no cemitério, passar na Camilo Prates, na coronel Sansão e fechar o trajeto. Por aqui pra esse lado de cá não vinha porque também era tudo mato... Procê vê aqui mesmo tinha era as casas do véio Juca mais embaixo… vinha essas casinha mais véia aqui. Tinha a véia Bela… a véia Mariana… tinha a do véio Tião… a casinha da véia Bela aqui na frente aí cabava aqui ia ter casa lá em cima perto de onde hoje é a padaria de Marquim. Tinha a casa da véia Preta e tinha um pezão de jatobá ali e tinha uma cancela já era estrada aí depois era só aquele capoeirão. Quando começou a fazer estrada de carro ali na Bias Forte era aquele cascaião… tinha uma lagoa ali onde é a rodoviária e plantavam horta lá. Tinha uma casa ali perto do setor onde tinha um mansador de burro. Vinha muita gente pra ver ele muntar num burro brabo. E a mulherada lavava roupa ali debaixo da ponte no Paracatu era aquela água limpinha correndo e mulherada com água dando na cintura lavando roupa lá. O povo vinha trazendo os gados pra matar no matador e passava por ali. Vinha uns cachorrão acompanhando e as mulher na beira do rio ficava com medo desses cachorro passando. (Joaquim Francisco dos Santos, 82 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/05/2022)

Nesse trecho da entrevista do senhor Joaquim Francisco há uma perspectiva da cidade não apenas no situar-se no espaço descrito, mas vê-la a partir das relações sociais ali inseridas. Como bem coloca Michel de Certeau acerca do espaço (2014), podemos entender que Brasília de Minas se constitui de um conjunto de movimentos, operações que ali ocorrem, ocupada e transformada pelos sujeitos que no cotidiano se organizam e se relacionam. Seu relato além de posicionar-se na cidade, apresentam nomes de antigos moradores locais, que já não estão mais vivos. Ao descrever a estrutura das ruas, seu relato se encontra com o do senhor José Barbosa e amplia a percepção do cotidiano. Em seu relato, as ruas e pontos citados tornam-se pontos para se entender os deslocamentos[43], ações e tensões existentes. Nesse sentido afirma Certeau:

> o relato tem papel decisivo. Sem dúvida, "descreve". Mas "toda descrição é mais que é uma fixação", é "um ato culturalmente criador". Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstância. Ela então fundadora de espaços. (Certeau, 2014, p.191)

O relato do cotidiano do senhor Joaquim é portanto uma forma na qual ele enuncia, enquanto alguém que vive, que experiencia o espaço da cidade, sem deixar de pontuar como esse espaço o atravessa. Brasília de Minas não é vista por ele apenas sob um prisma de um amontoado de nomes de famílias importantes, ou apenas como aquela que fica ao norte do estado, pensando no que fora discutido no capítulo 1.

O que se percebe também ao final, quando ele menciona as mulheres lavando roupas no rio e o povo passando com o gado, é como esse espaço ao centro era um espaço de encontro e

[43] Como destaca Michel de Certeau, os relatos orais que descrevem lugares funcionam como mapas delineando determinados espaços e funcionam também como percursos, pois é uma maneira de mostrar como o sujeito faz o itinerário (Certeau, 2014, p.186).

tensão entre o rural e o urbano. Como destaca Silvana Ferreira Mendes (2019), até meados da década de 1970 o território brasilminense possuía características predominantemente rurais.

Em um determinado momento da entrevista com a senhora Geralda Rodrigues Silva há uma descrição da cidade em meados da década de 1960

> Algumas ruas calçadas, algumas ruas de pedregulho e outras eram barro mesmo. Quando chovia, você sabia a rua que passaria pra ir a algum lugar porque a outra estava alagada com espuma de sapo. Não tinha televisão, tinha o brincar na rua. A gente brincava na porta da igreja quando tinha o terço que as mães rezavam na igreja. As mães rezavam e a gente ficava esperando na pracinha e brincando. **Tinha muita reza, a cidade era católica**. A cada nove dias uma santa ia de casa em casa. Era assim rezava, aí no nono dia a dona da casa preparava uns biscoitos e todo mundo saía para levar para outra casa. A outra família já ficava na porta esperando e o altar já estava arrumado para receber a santa. Entregava nas mãos da dona da casa, o marido e os filhos beijavam e a santa era colocada no altar preparado. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023, grifos nossos)

Nesse relato da senhora Geralda Rodrigues a cidade aparece a partir das suas memórias da infância. Os sujeitos ao narrarem não desassociam suas experiências, pois como afirma Beatriz Sarlo: "O testemunho é inseparável da autodesignação do sujeito que testemunha porque ele esteve ali onde os fatos (lhe aconteceram). É indivisível de sua presença no local do fato e tem a opacidade de uma história pessoal afundada em outras histórias" (Sarlo, 2007, p.50). Brasília de Minas novamente caracterizada como católica reforça a percepção da cidade assumindo os elementos dos moradores que a constitui. Mas diferente do outro relato, a senhora Geralda Rodrigues, pontua essa característica a partir da descrição de uma prática comum entre as famílias da época que era a reza das novenas nas casas. Para além do ritual estabelecido de rezas, do levar a santa para a outra família, é importante salientar a rede de solidariedade e sociabilidade gerada a partir das experiências religiosas. A ideia não era apenas rezar, mas também ir ao encontro do outro, partilhar comida, visitar o outro e era o momento que as crianças podiam brincar. É através desses relatos das experiências religiosas que observaremos a partir de agora como eram as dinâmicas existentes durante a Semana Santa na cidade.

Em uma parte do seu livro Memorial de Brasília de Minas, a escritora Maria Inês Gonçalves assim descreve a Semana Santa na cidade:

> Antigamente, nesta semana, era dada mais atenção à Sexta-Feira Santa e ao Domingo de Páscoa, pois, na sexta-feira, não se exercia nenhum trabalho. [...] As mulheres iam assistir à descida da cruz vestidas de preto, roxo ou outra cor escura, enquanto que no domingo de Páscoa usavam branco; e, na solenidade da adoração da cruz, ninguém entrava calçado na igreja, deixando os sapatos na porta. A Semana Santa era chamada de "Semana Muda" porque os tribunais não exerciam nenhum ato nos fóruns. Apesar disso, na marcha do tempo, as palavras de Cristo são cada vez mais confirmadas pela solidez da sua Igreja. (Gonçalves, 2006, p.107)

Esse trecho vai ao encontro do que ela relatou em entrevista quando perguntada como era a Semana Santa durante as décadas de 1960 e 1970. Assim também outros descreveram de maneira semelhante. O narrador, como afirma Walter Benjamin, "retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" (Benjamin, 2012, p.217). O propósito em apresentar os relatos a seguir não é que pareça repetitivo, mas entendemos que é um indicativo de uma presença compartilhada de algumas experiências relacionadas a Semana Santa e isso demonstra como o discurso da Igreja se mantém na sociedade.

> A semana toda era uma semana de respeito e silêncio. A gente chamava de Semana Muda. Os tribunais não funcionavam. Não tinha ato nenhum no fórum. Não vendia e nem comprava na Sexta-Feira Santa. Ninguém abria o comércio! Hoje está diferente. Tinha mais respeito. Então você tinha que comprar tudo antes. Se uma mãe batesse no filho estava batendo em Jesus. Se vendesse alguma coisa estava vendendo Jesus. Tudo era nessa tradição. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Era a Semana Santa todinha muito participada. Tinha missas todos os dias e eram muito participadas. O comércio fechava na quinta-feira... quarta-feira era só até meio dia. Quinta-feira em diante o comércio já era fechado. Às vezes um ou outro que abria o comércio, ele era chamado a atenção. O padre mesmo chamava. Chegou o ponto de uma vez o padre passar e tinha umas pessoas em um bar e ele chamou a atenção. Respeitava mesmo. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> A Semana Santa naquele tempo o respeito era muito grande! Era um respeito muito grande na Semana Santa, porque naquela época a gente não podia fazer nada. Entrava quarta-feira eles falava que era quarta-feira de treva. O que tivesse de fazer, qualquer coisa... um tempero ou outra coisa, tinha de fazer só até quarta-feira até meio dia. (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

> Eu lembro assim… demorava chegar essa época… hoje não, tudo tá rápido… tudo tá rápido e naquele tempo não era assim. Tinha o Natal aí depois do Natal a gente falava "ah agora é Semana Santa" aí a gente ficava esperando essa data. [...] Quando chegava quarta-feira de trevas, minha mãe falava quarta-feira de trevas, já não fazia mais nada. Assim tudo que tinha que fazer fazia na quarta porque na quinta já não fazia nada. Já não fazia uma carne, pouca coisa fazia. Sexta-feira Santa já não varria a casa, essas coisinhas, não fazia nada. Tinha gente que chamava de Semana Muda… E a gente ficava esperando. [...] A cidade ficava cheia de gente. Toda festa aqui ficava cheia de gente. O povo fazia roupa nova pra vir nas festas. Era tradição aqui na cidade. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, entrevista gravada em 05/06/2022)

Os quatro relatos acima ressaltam a interferência da Semana Santa nas atividades cotidianas. Uma celebração católica fazia com que o fórum, o comércio brasilminense fechasse. Ao mesmo tempo revela como o catolicismo estava ligado àquela sociedade e o lugar do padre nessa dinâmica, cabe ressaltar a parte em que a senhora Olívia menciona que quem abria o comércio era chamado a atenção. Isso pode demonstrar tanto uma resistência ao caráter disciplinatório, como também que nem todos viviam o catolicismo – naquele contexto no qual

quase não havia membros de outras religiões em Brasília de Minas – da mesma maneira. De todo modo, essa situação assinala que existiam tensões nas relações entre Igreja – pensando aqui a instituição representada pela figura clerical – e população.

No excerto do relato da senhora Geralda Creusa há logo no início sua percepção do tempo. Em diálogo com o tempo presente ela afirma que diferente de hoje, a Semana Santa e o intervalo que há entre o Natal e a Semana Santa demoravam passar. Essa percepção coaduna com as ideias de Joël Candau (2021) sobre memória e duração, uma vez que para ele a duração do tempo através da memória é mais qualitativa, ligada ao emocional. Ao final do relato da senhora Geralda Creusa menciona a dimensão festiva da Semana Santa com um aumento no fluxo de pessoas que se deslocavam para a cidade.

A ideia de uma "Semana Muda" se dava em razão das restrições cotidianas que se intensificavam sobretudo na quarta-feira, ou quarta-feira de treva, de acordo com o senhor Manuel Pereira, e tendo a chamada Sexta-Feira Santa como o dia mais importante e mais restritivo.

> A quinta-feira era dia de penitência. Nem carro andava na rua. Quinta-feira e sexta-feira da paixão. Ninguém andava de carro. Você não via um carro passando. De meio-dia em diante era aquele silencio. Todo mundo fechava comércio. Não via nada aberto. Não ouvia barulho. Na sexta-feira também do mesmo jeito. Da hora que o dia amanhecia, batia o sino como se fosse para o morto. De hora em hora batia no sino. Tinha hora que eu assustava porque achava que alguém tivesse morrido porque quando uma pessoa morria batia no sino. Sexta-feira até três horas da tarde batia no sino. Batia como se tivesse anunciando a morte de Jesus. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

Conforme o relato da senhora Jane, a partir da chamada Quinta-Feira Santa, fica evidente a interferência do tempo religioso no cotidiano da cidade. A ideia das batidas do sino como se fosse para alguém que morreu, o anúncio da morte de Jesus para toda a cidade pelas batidas do sino aproxima a população do tempo litúrgico. Para Mircea Eliade (2018), há um desejo do homem religioso de se viver perto de seus deuses e através dos gestos, essa aproximação se estabelece. Isso se evidencia na maneira como eles entendiam a realização de determinadas práticas, como as citadas pela senhora Maria Inês tendo em vista que para a época "Se uma mãe batesse no filho estava batendo em Jesus. Se vendesse alguma coisa estava vendendo Jesus".

A aproximação dos fiéis com a história de Jesus também aparece no relato da senhora Maria Eugênia de Matos Silva.

> A Semana Santa era aquela tristeza, menino! A semana era o seguinte: na segunda-feira a gente começava as orações. Todo mundo que tinha muita fé ia na igreja... a igreja ficava sempre aberta. Quando eu era mais nova eu olhava para os santos cobertos e ficava "Oh gente! Por que os santos tem que ficar tudo coberto com um

> pano roxo?". Só depois que eu saber que aquilo lá era sinal de paixão, de dor e de arrependimento. Mas a gente tinha aquela devoção de rezar... a gente chorava também quando ficava das histórias de como Cristo sofreu e o que Nossa Senhora passou quando viu o filho dela daquele jeito. Quando tinha as procissões não fazia fila não. Era multidão que ia. Aí tinha a banda que tocava na frente. Oh gente! Aquela banda tocando fazia qualquer um chorar. A banda tocava e a gente ia atrás rezando e chorando. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

De acordo com o relato de Maria Eugênia, alguns fiéis também se sentiam tristes quando lembravam do sofrimento de Jesus Cristo e as pregações juntamente com os rituais celebrativos e a ambientação reforçavam esse sentimento. Este último elemento é importante pois ao revestir o espaço da igreja com uma aura fúnebre, através do cobrir as imagens[44], no uso das cores, no toque instrumental da banda, auxilia na entronização do sujeito ao tempo litúrgico.

> A cidade ficava um silêncio completo. A cidade era muito triste, tudo era muito triste. Era tão triste que eu sempre lembro da Semana Santa com um tempo nublado. As pessoas ficavam esperando já um tempo nublado no dia (Sexta-Feira Santa). E criava-se uma tensão em torno das 3 horas da tarde, a hora da morte de Jesus. As pessoas já ficavam com medo achando que ia acontecer alguma coisa nesse horário. Era um clima muito tenso. Essa tensão é algo que carrego comigo até hoje e pra completar meu pai morreu bem numa Sexta-Feira da Paixão (pausa). As famílias de fora sempre vinham, os parentes que moravam fora vinham nessa época. As casas ficavam sempre cheias. Lá em casa também era assim, todo mundo reunido. Todos vinham para participar. (Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 04/07/2023)

Aqui no relato da senhora Joyce Georgina encontramos novamente a tristeza e o aspecto fúnebre da Semana Santa e que se estende para Brasília de Minas. A cidade além do silêncio completo que se fazia também ficava "muito triste". Essa associação entre a morte de Jesus na Sexta-Feira Santa e o território nesse relato ganha mais uma camada na vida da entrevistada, uma vez que seu pai faleceu em uma data como esta. Candau explica que as lembranças de experiências individuais seriam como átomos que vão constituir a identidade narrativa das pessoas e assegurar a estrutura dessas identidades (Candau, 2021, p.99). De igual modo, Paul Ricoeur reflete que ao lembrar, o espaço corporal se vincula ao espaço do ambiente, o que influi no que é percebido pelos sujeitos (Ricoeur, 2007, p.157). A memória desse falecimento se incorpora nesse tempo e na sua percepção da Semana Santa em Brasília de Minas de tal modo que ao longo de todo relato, há uma melancolia em sua fala.

[44] De acordo com o *Paschalis Sollemnitatis*, documento da Igreja sobre como preparar e celebrar as festas pascais, as imagens de santos e as cruzes são cobertas no quinto domingo da Quaresma, ou seja, no domingo que precede o Domingo de Ramos, também chamado de Domingo da Paixão. No entanto, a Conferência Episcopal pode alterar isso. As cruzes permanecem cobertas até a Sexta-feira Santa, quando a celebração da Paixão do Senhor termina, enquanto as imagens de santos permanecem até o início da Vigília Pascal no Sábado Santo. (Mendes, 2019, p.28)

A Semana Santa em Brasília de Minas era também um momento de encontro entre as pessoas, sejam os que moravam em outras cidades e durante o período visitavam seus familiares, sejam os que moravam na zona rural e se deslocavam para participar das celebrações.

Essa relação rural-urbana pode ser pensada além do sentido religioso. O ir até a cidade é um ato que se faz necessário ser destacado.

> Era tudo fora da igreja. Juntava muita gente. Hoje em dia junta muita gente, mas nessa época o povo subia até naquelas árvores que tem lá. O povo subia na laje das casas. Juntava umas 5 mil pessoas fácil. O povo da roça vinha tudo pra cá. Vinha gente de fora. Eles vinham e ficavam a semana inteira. (Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira, 69 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/10/2019)

> Vinha muita gente da roça, meu filho! Muita gente da roça. Vinha aqueles povo trazendo aqueles cavalo, aquelas bruaca, que chamava era bruaca aquilo que eles colocava no cavalo. Cheio de coisa. E vinha. Tinha as casa dos parente. Minha avó que era mãe da minha mãe mesmo tinha uma casa ali onde que é dona Zilá (aponta para a praça da igreja Matriz). Eu lembro que o pessoal da família e eu lembro que uns amigos também da família ficava era lá. Já ficava esperando a Semana Santa. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, entrevista gravada em 05/06/2022)

> Eles traziam coisas pra comer... trazia muita coisa boa da roça. Aqui não tinha essa coisa de ir pra hotel não. As pessoas que vinham arranchavam na casa das outras pessoas mesmo. Na casa de mãe mesmo toda festa que tinha a gente ia pra debaixo da mesa pra dormir (risos)... era pra dar cama pras outras pessoas que vinham de fora. [...] Vinha um tanto de gente pra cá. Campo Azul, Santa Teresa, Riacho do Meio, Riachão, Tiririca, Baixão, Rancharia... o povo vinha tudo. Vinha parecendo uma... parecendo uma romaria. O povo vinha a pé. Uns vinham a cavalo, só não montava a cavalo na sexta-feira, aí vinha antes. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Eu lembro que antigamente fazia muita coisa era ali do lado da igreja onde é a casa paroquial. Antigamente também a igreja não tinha aquela gradinha ao redor da matriz. E vinha muita gente na Semana Santa. O povo daqui toda vida foi muito católico. E naquele tempo a igreja não ia no povo então quem morava na zona rural vinha pra cá. Na minha casa onde eu morava enchia o chão de estera pro povo ficar. E era ruim até de andar nos lugar que ficava essas estera. O povo da roça vinha pra cá pra encontrar com Deus. (José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019)

> A cidade? Nessa época ficava muito movimentada, vinha muita gente participar da Semana Santa, vinha, era muito, muito comprometido. Hoje se concentra na zona rural. Hoje é diferente. Naquele tempo eles vinham pra cidade, todos para participar da Semana Santa. Tinha gente que vinha de cavalo, tem gente que vinha de bicicleta, tinha que vir de outros e até a pé, mas que vinham, vinham e voltavam. Talvez até a noite, com a lanterna com era realmente, o povo era mais comprometido. (José Mendes Gonçalves, 76 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 08/06/2022)

Conforme os quatro relatos acima citados, havia um alto número de pessoas que não moravam na cidade, mas que se deslocavam para participar das celebrações da Semana Santa. A senhora Maria de Fátima ao falar sobre as celebrações na década de 1970, estima que o número de participantes era em torno de 5 mil e que chegava ao ponto de terem pessoas

acompanhando as celebrações em cima das árvores e das lajes. Cabe ressaltar também que não eram apenas moradores da zona rural. Durante a entrevista, nessa parte em que falava da quantidade de pessoas que participava, ela mencionou emocionada a saudade que tem dessa época. Esse encontro entre as pessoas parece ser bastante significativo entre os moradores.

De acordo com o relato da senhora Geralda Creusa, a casa dos seus familiares nessa época se enchia com parentes e amigos. Os moradores da zona rural traziam itens em bruacas – bolsas feitas de couro cru – produtos do campo, como também destacado no relato da senhora Maria Eugênia e do senhor José Batista e isso podemos entender que se estabelecia uma rede de solidariedade, pois esse contato em função da Semana Santa geravam trocas, diálogos e, embora não apareça de maneira clara na fala dos entrevistados, tensões no interior das casas. A senhora Maria Eugênia fala que em sua casa dava sua cama para que dormissem e o senhor José menciona que em sua casa eram colocadas esteiras de palha. Tais situações davam uma nova configuração na dinâmica doméstica. Nesse trecho da entrevista do senhor José Batista Barbosa ele afirma que toda vida o povo de Brasília de Minas fora muito católico e naquela época a Igreja não ia ao povo que morava na zona rural e por essa razão era necessário que fossem para a cidade. Maria Eugênia compara o deslocamento a uma romaria, pois muitos andavam até a cidade. A falta de recursos é o fator primordial, sobretudo se tratando de um período em que a população recebia pouco auxílio do poder público, mas é possível pensar numa dimensão penitencial envolvida no trajeto. Ainda que tenhamos mencionado que o ir até a cidade seja um aspecto importante, é preciso lembrar que se trata da semana que se celebra o sacrifício de Jesus.

Nesse sentido, José Carlos Pereira (2005b) ao analisar a relação corporal na devoção ao Bom Jesus Crucificado em Porto de Caxias – RJ, explica que o corpo exerce uma função importante na manifestação da fé, tendo em vista que toda ação sacrificial passa pelo corpo ou se reflete nele. De igual modo, João Paulo Carvalho (2019), ao analisar as práticas penitenciais em Nossa Senhora das Dores no estado de Sergipe, observa que a realização de inúmeras práticas inclusive o movimento de um local para o outro em função da religião, tem uma questão penitencial para a salvação da alma.

O senhor Laurindo Freire de Queiroz, morador da comunidade rural Riacho do Meio pertencente ao município de Brasília de Minas, afirma que por volta de 1963, quando tinha 16 anos, começou a se deslocar a cidade durante a Semana Santa.

> A gente ia Domingo de Ramos. Aí quando era quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira a gente não perdia. Ia e voltava todo dia. Saía do serviço aí de tardezinha a gente ia pra lá. Terminava lá a gente vinha embora e chegava aqui uma hora da manhã. Mas tinha que participar... Ia o pessoal mais novo. Os mais véio não podia ir. [...] Lá dava

> muita gente. Naquela época era gente dimais porque as comunidade da roça tudo ia pra lá. Não tinha onde participar, ia tudo pra lá. Ali naquela praça da Matriz tinha hora que não tava cabendo gente mais porque rudiava lá tudo. (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

O relato do senhor Laurindo Queiroz enriquece ainda mais a pesquisa ao trazer sua experiência enquanto alguém que no período não morava na cidade e ainda se mantém no campo. Ele não tinha lugar para ficar e por essa razão retornava com seus familiares ao término das celebrações à noite em uma estrada de terra. Seu relato assim como os anteriores mostram como a paróquia Senhora Sant'Ana de Brasília de Minas abrangia um grande número de comunidades que ficavam sob a responsabilidade do pároco local.

O senhor Laurindo ainda relata que na década de 1970, os padres atendiam confissões dos moradores da zona rural nos primeiros dias da Semana Santa.

> O Padre (Fabiano) começou na terça-feira da Semana Santa a atender confissão do pessoal da roça. Quem quisesse confessar ia. Ele gostava de ter o dia pra confissão. [...] Padre Magalhães continuou com o mesmo sistema de padre Fabiano: na segunda-feira ele confessava as mulheres da roça e na terça-feira ele confessava os homens. O povo lá da cidade se quisesse confessar era antes. (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

Sobre as celebrações religiosas os entrevistados, em sua maioria, descrevem sem deixar de relacionar aspectos que compõem a narrativa cristã e se colocam como parte do processo. Isso demonstra como o celebrar através dos ritos se insere no local e que ao participar das celebrações da Igreja, os moradores além de atualizarem a narrativa para o presente, também a integram. Segundo Mircea Eliade: "Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal "ordinária" e a reintegração no Tempo reatualizado pela própria festa" (Eliade, 2018, p. 64). Da mesma forma, Fernando Catroga ao pensar na re-presentificação entende que o rito suspende o tempo banal e através de traços como escrituras, símbolos, gestos, relíquias, monumentos é que se reaviva a experiência temporal (Catroga, 2015, p.24).

Ao recordar-se do Domingo de Ramos o senhor Manuel Pereira dos Santos e a senhora Geralda Creusa de Oliveira relatam:

> O Domingo de Ramo era bão demais porque... quando era assim... no Domingo de Ramo mesmo tinha a procissão de ramos né? Tinha o Jesus que entrava com um jumentinho e era muito participado. Tinha gente demais, moço! Parece que naquela época o povo era mais fervoroso... Eu acho que era a igreja mesmo que dava os ramo porque era gente demais. De uma época pra cá eu mesmo já ajudei a pegar. Saí pelos mato tudo aí pra ajudar a pegar ramo pra dar o povo. (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

> A gente saía das casas da gente e ia pro padre benzer o ramo. Era aquelas folha de coqueiro que o povo pegava nas chapadas e a gente já ficava esperando pra receber.

> Ficava esperando benzer pra sair. Fazia as procissão tudo. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

Conforme os relatos, é possível perceber que o dia que abre a Semana Santa já era bastante participativo e era marcado pela benção dos ramos. Geralda Creusa descreve o tipo de folha utilizada e o local onde se retiravam as folhas, algo que coaduna ao que Manuel esclarece em sua fala. Neste trecho ele faz referência aos elementos da narrativa cristã presentes que são o Jesus e o jumentinho[45]. Um ponto que precisa ser destacado nesse trecho é quando ele assim que fala sobre a quantidade de pessoas que participava, reforça que no período "o povo era mais fervoroso". Afirmações como essa são encontradas na maior parte dos relatos de moradores acima de 70 anos e mais adiante serão discutidas.

João Paulo Carvalho explica que é comum após a procissão, os galhos serem recolhidos e usados pela Igreja para fazer as cinzas que serão distribuídas na missa da Quarta-Feira de Cinzas no ano seguinte. Porém há também o costume dos fiéis levarem para suas casas esses galhos como amuletos para abençoar os locais onde moram[46] (Carvalho, 2019, p. 124). Esta prática aparece relatada pelos moradores de Brasília de Minas. Além disso, eles levavam folhas de plantas medicinais para serem abençoadas.

> Tinha gente que na procissão de Ramos que levava folhas de capim santo pra abençoar, pra depois curar de gripe. Isso é fé. A fé é como o amor. Resolve tudo. Você tendo amor você acaba com qualquer dificuldade e a fé é a mesma coisa. Se você tem fé que vai curar com aquilo, uma raiz que você arranca de um pau e toma, se não for veneno, cura. O capim santo já era remédio de gripe. Eles arrancavam e levavam. As vezes já levavam numa garrafinha pra poder benzer. O povo levava folha de pitanga porque servia de remédio pra dor de barriga, levava folha de capim santo pra gripe. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

Conforme o relato da senhora Maria Eugênia o uso das plantas medicinais durante a procissão era um costume comum na cidade[47] e sua explicação corrobora ao que já foi dito a respeito da importância da fé no território. A questão do crer abordada por Certeau pode

---

[45] A narrativa bíblica no Novo Testamento faz referência a entrada de Jesus em Jerusalém montado em um jumento nos quatro textos dos evangelistas. De acordo com José Carlos Pereira (2005) o Domingo de Ramos possui uma mescla de alegria e sofrimento, pois os cristãos recordam nesse dia que Jesus seria em breve crucificado e morto.

[46] José Carlos Pereira em seus estudos sobre a Semana Santa no Brasil também menciona a prática de uso dos ramos abençoados na missa do Domingo de Ramos em algumas regiões. Segundo o autor, os ramos distribuídos entre os fiéis são levados para as casas e usados de forma mágica para espantar tempestades e raios ou para fazer banhos de descarrego (Pereira, 2005, p.180).

[47] Silvana Ferreira Mendes explica que em Brasília de Minas entre as décadas de 1950 e 1970 "os moradores da área rural tentavam de todas as formas suprir suas necessidades desde alimentação, moradia, vestuário como também procuravam meios para domar a natureza e livrar-se dos males físicos e espirituais. Desenvolveram uma infinidade de saberes baseados em elementos da flora e da fauna para livrarem-se das dores e demais achaques - chás, banhos, defumadouros, garrafadas e / ou mezinhas - que juntamente com os benzimentos constituíam em único e poderoso lenitivo" (Mendes, 2019, p.61).

novamente ser salientada nesse caso uma vez que a prática não é própria do espaço institucional dogmático e só faz sentido a partir da escuta e compreensão dos moradores. Entretanto podemos notar que no processo há a necessidade da figura sacerdotal da Igreja. Carlos Rodrigues Brandão aponta que:

> Todas as bênçãos católica conhecidas entre nós são formas e fórmulas pedidas de empréstimo ao padre. Mesmo os benzedores de quem se contam aqui e ali curas e milagres reconhecem o poder da benção de algum padre, como a pessoa mais legitimamente apta a "dar" e a "distribuir" bençãos. (Brandão, 2009, p.104)

Interessante apontar a relação que ela estabeleceu entre fé e amor: "A fé é como o amor. Resolve tudo". Para ela a fé assim como o ato de amar são soluções para todos os problemas, algo mais amplo do que havia sido dito pela senhora Geralda Creusa: "Se todo mundo fosse na igreja as coisas não era assim não".

Na Quarta-feira Santa realizava-se a procissão do encontro em Brasília de Minas na qual os homens transportando a imagem do Senhor dos Passos saíam da igreja de São João e as mulheres transportando a imagem de Nossa Senhora das Dores saíam da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Há em alguns relatos a presença de uma ideia de manutenção através do tempo, como se fosse sempre dessa forma.

> Quarta-feira até muito tempo a procissão do encontro era na quarta-feira. Depois de um tempo foi que padre Magalhães mudou para sexta-feira. Mas ela era quarta-feira de manhã. Aí na quarta-feira de manhã a gente já começava a penitência da gente, ia na igreja rezar. [...] E aquilo pra gente era uma santidade. Doía lá dentro do coração da gente. Na procissão de encontro toda vida foi do jeito que é hoje. Os homens saíam de um canto e as mulheres de outro. Sempre os homens saíam da igreja de São João, porque não tinha lá (apontando na direção da igreja Imaculada Conceição) e as mulheres saíam da igrejinha do Rosário. Carregava a imagem de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos. Quando eu me entendia por gente já tinha essas imagens. [...] Era Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores que ficava no lugar que hoje fica São Sebastiao e São José. [...] O encontro fazia era na praça da Igreja. Tem pouco tempo que eles começaram a fazer lá no mercado porque antes fazia era na praça da Igreja. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

> A procissão do encontro a gente fazia também com aquela imagem de Nossa Senhora das Dores e Senhor dos Passos. Aquelas que estão lá na igreja. Aquelas imagens eu conheço ó.... desde sempre. Desde criança eu conheço aquelas imagens. A minha vida quase toda foi eu participando das coisas da igreja. Uma coisa que eu faço com muito carinho e com muito amor. (Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira, 69 anos, moradora de Brasília de Minas entrevistas gravadas em 14/10/2019)

Um aspecto que apareceu durante as entrevistas a respeito dessa procissão de encontro foi a emoção de presenciar as imagens se encontrando.

> A procissão de encontro mesmo, gente, mas aquela Nossa Senhora das Dores, hoje que restaurou ela, mas quando chegou essa santa todo mundo já queria ver ela encontrando com Jesus. E a gente chorava quando Nossa Senhora encontrava com Jesus. Chorava de saudade dos seus. Saudade daqueles filhos que iam embora, tinha

> umas mães mesmo que choravam demais. Teve muita coisa boa aqui, meu filho. Depois que o povo vai… acha que só as perdições do mundo que é alguma coisa. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022).

> José: Semana Santa pra mim o que é mais marcante é a procissão quando sai com o Cristo (Senhor dos Passos). Pra mim que eu acho. É a que puxa mais a emoção.
> Terezinha: Pra mim o que mais me marca é a procissão do encontro. Que as mulheres saem de lá da igrejinha do Rosário e os homens saem de lá de cima passando na avenida Januária e aí encontro lá no mercado. Aquilo ali pra mim é bonito demais. Aquele encontro, aquele sofrimento da mãe encontrando com o filho. É muito emocionante. Semana Santa é isso, emociona. (José Alves Ribeiro, 76 anos, morador de Brasília de Minas e Terezinha Ferreira de Brito Ribeiro, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em conjunto dia 11/10/2022)

Como Michel de Certeau (2021) explica, a prática religiosa pode ser examinada baseando-se nas determinações sociais, nos conflitos políticos e em codificações culturais localizadas que podem ser os gostos e as percepções pré-estabelecidas dos sujeitos. O que se percebe nessas duas entrevistas é como o ritual provoca a emoção nos moradores por todo o significado que ele traz. Vale pontuar que esse sentimento é despertado com o auxílio das imagens sacras que já são tradicionais na cidade. Além de se tornarem presentificações de Maria e Jesus, elas evocam, como pode ser percebido nos relatos, o encontro da figura materna com o seu filho[48]. O contato do sujeito com o sagrado ao reatualizar a narrativa cristã emociona e isso se manifesta na maneira como narra durante a entrevista. Ainda que o grau de envolvimento de seu José e dona Terezinha não seja como das outras senhoras que atuavam diretamente na organização, restringindo-se ao participar das celebrações da Semana Santa, eles também sentiam a ponto de ser o mais marcante para ambos.

Na Quinta-feira Santa[49] celebrava-se a missa de lava-pés e era feita a adoração do Santíssimo Sacramento. Como explica Carvalho, nesse dia se celebra a instituição da eucaristia ao recordar a última ceia de Jesus com seus discípulos e o exemplo de caridade e amor ao próximo que é o ato de lavar os pés (Carvalho, 2019, p.125).

---

[48] Nessa questão é necessário abordar o conceito de imagem-objeto proposto pelo historiador Jerome Baschet. Para o autor, é uma imagem inerente à materialidade do seu suporte e à sua existência como objeto que funciona em lugares e situações específicas e envolve relações sociais e relações com o sobrenatural. Segundo ele: "é porque existe como um objeto que a imagem pode ser velada ou desvelada, vestida, adornada de joias ou guirlandas de flores, usada em procissão, beijada, raspada ou espancada, pisada ou comida" (Baschet, 2008, p.33). Nas discussões apresentadas na monografia a partir das ideias de Baschet é possível entender que o Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores utilizados nas procissões podem facilmente se enquadrarem nesse conceito, pensando que a ideia das duas imagens ali é invocar a presença ativa no ritual processional de Jesus e Maria e isso é possível justamente porque os sujeitos que ali participam estabelecem essa relação a partir das próprias imagens mentais. Ver: Mendes, 2019.

[49] A Quinta-Feira da Semana Santa abre no calendário católico o chamado Tríduo Pascal, ou Triduum Sacrum, que é o período que antecede a ressurreição. Ele se inicia na tarde da quinta-feira e dura até a manhã do domingo de Páscoa abrangendo a missa do lava-pés, a celebração da Paixão do Senhor e a missa de Vigília Pascal. Esse é o período mais importante da Semana Santa. Ver: Paschalis Sollemnitatis, 2023.

A senhora Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira, ao centro da fotografia, relata que ela e sua irmã cantavam na missa e nas demais celebrações da Semana Santa juntamente com seu Otacílio, que aparece ao seu lado. Nota-se, apesar das vestes que todos estão descalços e isso era um costume por parte de alguns moradores em participar das celebrações e procissões sem usar nenhum calçado em sinal de penitência.

Missa do lava-pés na Semana Santa de 1973. Fotografia do acervo pessoal de Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira

Na Sexta-feira Santa, ocorre a celebração da Paixão do Senhor. Único dia do ano em que não se celebra missa, pois não há o momento do rito da transubstanciação, a sexta-feira é um dia voltado para o silêncio e contrição. Nessa ocasião o altar, local mais importante de uma igreja, permanece despido, pois o centro da celebração não é a eucaristia, mas o crucificado. É comum em alguns locais a apresentação de um teatro da via sacra [50]e à noite a procissão de enterro de Jesus.

> E o choreiro? (risos) A gente ia pra procissão de enterro chorando de verdade. A gente aqui em Brasília de Minas não entendia direito o mistério. O padre falava "foi por vocês, foi por nós que Ele está assim". E a gente chorava… E a banda tocava umas músicas fúnebres. Era um silêncio, não podia rezar, era a caminhada toda em silêncio.

[50] A via sacra ou via crucis é uma prática em que se recorda o caminho de Jesus até sua crucificação e morte, dividido em estações. É comum a via sacra ser utilizada como estrutura para as cenas do teatro da Paixão de Cristo. Ver: Mendes, 2019. Ver também: Lopez, 2013.

> Só o barulho da banda tanranra pá… tanranra pá… era fúnebre. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 14/04/2023)

> Desde quando eu me entendo por gente tem esse Senhor Morto aí. Toda vida eu conheci aquele Senhor Morto. Ele mexe com os braços e fazia a descida com ele. Eu não sei nem de onde veio, mas deve ter sido de fora, deve ter trazido no tempo de padre Pedro. Fazia a procissão e trazia ele de volta pra igreja até certa hora com as fitas... colocava um tanto de fita pro povo beijar. O povo ia beijando e saindo. Enquanto tivesse gente beijando o esquife ficava lá. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

O relato da senhora Geralda corrobora com o que fora discutido anteriormente a respeito do envolvimento das pessoas se integrando no tempo religioso e reatualizando a narrativa religiosa, como na ambientação fúnebre contribuindo para que elas se entronizassem na Semana Santa a ponto de viver aquilo como se fosse parte da cidade. Jane por sua vez, destaca o a relação dos participantes com a imagem do Senhor Morto que era descida da cruz e colocada em um esquife que ainda se encontra na igreja Matriz da cidade. A imagem ali presentifica a figura de Jesus e se torna um canal para o fiel manifestar seus sentimentos através do choro, do pegar nas fitas colocadas no esquife, do beijo nas fitas ou na imagem. Seria o esforço dele para se aproximar do seu Deus, como elucida Mircea Eliade (2018).

> E a gente ia pra procissão descalço. Você via muita gente descalço na procissão esse dia, podia contar quem estava com sapato na procissão de enterro. As velas naquele tempo eram pequenininhas e acabavam logo, mas continuava a procissão. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A penitência também estava presente no rito da procissão de enterro. O sofrimento de andar descalço pelas ruas da cidade era uma tradição seguida por moradores e era um reforço a aproximação do sofrimento de Jesus.

No Sábado Santo era feita a Vigília Pascal à noite, celebração que faz referência à espera da ressurreição de Jesus e seu retorno no fim dos tempos. Tudo culmina no Domingo de Páscoa com a celebração iniciava-se às 5 horas da manhã com uma procissão e em seguida a missa.

Apesar de não ter sido falado pelos entrevistados a respeito desse intervalo entre o fim da missa da Vigília Pascal, que normalmente finalizava por volta da meia-noite, e o início da procissão de Páscoa às 5 horas da manhã, é bem possível que havia pessoas que não voltavam para a zona rural. Pensando nos que faziam o trajeto a pé, o tempo gasto para voltar para casa e novamente ir em direção à praça da matriz a fim de participar da procissão era muito curto. Se o tempo era curto, será que essas pessoas participavam apenas da celebração da santa missa após a procissão? Ou não participavam? Será que todos os que voltavam para casa, retornavam para participar? Será que de alguma forma o padre ou os grupos da igreja no período

auxiliavam? Nesse sentido a pesquisa, apesar da quantidade de entrevistas realizadas, encontra limitações. Mas questionar se havia auxílio do padre ou dos grupos que o ajudavam na organização da Semana Santa é necessário, uma vez que eles desempenham um importante papel na dinâmica religiosa e social de Brasília de Minas.

2.2 – Da sacristia à cidade: Os padres e os grupos nas dinâmicas brasilminenses

A proposta deste tópico é entender o lugar do padre não apenas na Semana Santa, mas também em Brasília de Minas como um todo. Ao falar sobre o período, a presença da figura sacerdotal sempre aparecia de alguma forma. Há relatos em que os moradores associam os anos ao tempo em que determinado padre esteve na cidade. Nessa pesquisa, percebemos a presença mais incisiva de três padres: Padre Pedro Hendricks, padre Fabiano e padre Magalhães. Optamos por discutir a respeito da figura do padre Magalhães no capítulo 3 para acompanharmos melhor o processo de mudança na organização da Igreja e em Brasília de Minas. Além disso, esse foi o padre mais lembrado por sua relação com o local e posteriormente tentaremos entender a razão. A ideia nesse tópico é trazer também, ainda que o foco seja os padres, as pessoas ao seu redor que o auxiliavam muitas vezes com um serviço que não ficava limitado a igreja.

O padre Pedro Hendricks foi pároco da cidade entre os anos de 1946 e 1952, tendo retornado em 1962 e permanecendo até seu falecimento em 1971. Nessa pesquisa, pretendemos observar o seu segundo período como administrador da paróquia em Brasília de Minas, porém percebemos que há uma mistura por parte de alguns moradores, sobretudo os nascidos entre as décadas de 1930 e 1940, das temporalidades. Pelas falas é possível notar que alguns recordam do tempo de pároco como contínuo, inexistindo esse intervalo entre 1952 e 1962. Em alguns casos, durante a conversa com esses moradores fui corrigido por eles e assumiam uma cronologia diferente. Dessa forma, mantive durante a entrevista a cronologia expressa pelo entrevistado, pois isso faz parte do seu processo de ordenamento e classificação. Conforme foi discutido anteriormente, Candau pensa na duração do tempo pela memória numa dimensão mais qualitativa. Para ele: “A memória ignora a cronologia rigorosa da História e suas datas precisas que balizam o fluxo do tempo” (Candau, 2021, p.87). Isso nos auxilia a entender também como muitos utilizam os padres como marcadores temporais.

O memorialista Henrique de Oliva Brasil, na seção de pessoas e fatos que fizeram e fazem a história da cidade, ou seja, a mesma seção dos pertencentes a famílias que exerceram

e exercem influência política no município ao longo de todo o século XX, apresenta um breve texto sobre o padre.

> Em 1946 chegou a Brasília-MG, para assumir a direção da paróquia, o Cônego Pedro Hendricks, de nacionalidade holandeza, em cujo período exerceu o vicariato até 1951, quando foi prestar serviços ao Colégio Diocesano de Montes Claros. Em 1962, é novamente designado para a mesma paróquia à frente da qual esteve até o dia 12 de novembro, quando morreu (1971). Como sacerdote, o Padre Pedro era de excepcional conduta: austero e exigente na igreja, era, todavia muito cortês e amável, no trato com as pessoas. Na prática do sacerdócio; mostrou-se sempre à altura da missão que lhe era confiada pelos seus superiores hierárquicos. Jamais se presenciou um deslise no seu exercício e nas funções, ou ainda, no ministrar dos sacramentos. Quando no fatídico dia 12 – 11 – 71 a população de Brasília de Minas acompanhava o seu enterro é que sentiu o grau de estima em que era tido esse representante de Cristo aqui na terra. Preces em seu favor, foram as mais comoventes. A cidade cobriu-se de luto e a tristeza era geral e contagiante. Todos queriam reverenciar-lhe a memória e dizer-lhe o seu último Adeus. (Brasil, 1978, pp. 348 – 349)

Conforme mostrado no texto de Henrique de Oliva Brasil, o padre Pedro esteve na cidade em dois períodos distintos: quando a cidade se chamava apenas Brasília e quando houve a mudança de nome em razão da capital federal. Esse texto funciona no livro do memorialista como uma homenagem e apresenta um padre competente, de boas qualidades e querido pela população local. O autor constrói um discurso de um padre correto, que não cometia deslize no exercício de suas funções. Esse discurso vai ao encontro de alguns relatos dos moradores a respeito do padre.

> Padre Pedro eu tive a alegria de ser amigo dele... Ele era muito meu amigo. Foi ele que fez o meu casamento. Trabalhei muito com ele. [...] Foi um padre que zelou demais pela igreja. Essa primeira luz que chegou aqui em Brasília foi ele. Botou o motor lá... Marcou a história da cidade. Padre Pedro foi um grande padre! (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 27/10/2019)

> Foi um bom padre. Porque com padre Pedro a pessoa tinha que andar incima do regulamento. Era incima do regulamento católico mesmo. Pra mim ele foi muito bom padre. Ele ajudava muito. Saía… saía… ia nas casa, ele oiava o povo que tava abandonado. Até debaixo da ponte nós ia fazer visita. Ali naquela Ponte do Jacaré tinha um povo que ficava ali abrigado. A gente (os congregados e o padre) reunia lá em cima e discia. Padre Pedro foi muito bom padre. Só que tinha que ser como ele queria né… como os mandamento da igreja mandava né. Porque é o seguinte: muitas vezes eu falo "eu sou católico", mas não quer fazer. (João Afonso Ruas, 89 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2022)

Os dois relatos são de antigos membros da Congregação Mariana que atuaram diretamente no período em que o padre Pedro era pároco. Ambos o conheceram nos dois períodos em que esteve na cidade, tendo inclusive o senhor Manuel Gonçalves de Oliveira destacado o motor de energia instalado durante a primeira passagem dele pelo local. Ele afirma que a sua relação com o presbítero era além de uma relação padre e leigo, mas eram amigos pessoais. Esse trecho de sua entrevista coaduna com o discurso feito por Henrique de Oliva

Brasil. A amizade dos dois segundo o seu Manuel era tamanha que ele relata uma situação quando o padre esteve doente.

> Padre Pedro teve doente e durante a doença dele eu tive olhando ele 15 dias. Fiquei dormindo lá olhando ele. Depois nós levamos ele lá pra Santa Casa e eu não podia ficar lá com ele porque minha esposa estava esperando meu menino mais velho. E aí lá tinha um congregado que deu assistência pra ele. (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 27/10/2019)

O senhor João Afonso Ruas pontua que além de ser um bom padre, ele também prestava auxílio aos mais necessitados em Brasília de Minas juntamente com a Congregação. Nessa parte, podemos notar também a situação de vulnerabilidade que algumas pessoas viviam na cidade e o papel da paróquia diante disso. O que chama atenção em sua fala é a respeito do aspecto exigente que fora brevemente mencionado no texto memorialístico. De acordo com o senhor João, as pessoas precisavam seguir corretamente o regulamento católico nesse período, algo que até ele concorda. Isso também já serve para mostrar a sua percepção de um catolicismo "verdadeiro", proferido por parte de alguns brasilminenses entrevistados.

Nas entrevistas realizadas, percebemos que essa imagem do padre Pedro não é unanimidade e por isso apresentaremos aqui uma série de relatos sobre o sacerdote, que ora se aproxima do que já foi dito a respeito dele e ora se afasta. Desse modo, entendemos que há uma multiplicidade de memórias e percepções sobre o cotidiano daquela época e sobre a figura sacerdotal. A intenção aqui não é criar uma ideia de que há uma memória oficial expressa na obra de Henrique de Oliva Brasil que seria polarizada com as memórias dos entrevistados dessa pesquisa, como se fosse simplificar o debate em "oficial *vs* popular". Como afirma Verena Alberti, seguir nessa ideia corre-se um risco de "transformar a história oral em missão e o pesquisador em missionário encarregado de contrapor memórias 'dominadas' a memórias 'dominantes'" (Alberti, 2004, p.38). Esse tipo de perspectiva pode facilmente cair numa lógica de que a pesquisa "dá voz" àquelas pessoas, algo que limita a História Oral.

Duas das características que mais se destacaram nos relatos a respeito do padre Pedro são o zelo pela paróquia – aqui pensando não somente no caráter institucional – e a sua rigidez.

> Tinha padre Pedro era muito já de idade, doente, era até neurótico. Mas todo mundo gostava muito dele. Ele era bom, religioso... A homilia bonita... Era muito bonita apesar de ele ser um padre estrangeiro, mas ele de vez em quando ele assim brigava com as pessoas, xingava, mas o pessoal nem levava assim muito em conta não porque sabia que ele era neurótico e ainda mais que era a segunda vez que ele vinha pra cá. Ah... e ele gostava daqui também. (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019)

> Padre Pedro era um padre tão fervoroso! Ele era assim... Um padre tão cuidadoso com as coisas de Deus! Mas ele era muito nervoso também. Ele... se não fizesse as coisas do jeito dele já dava o grito. Se não fizesse virava uma onça (risos)... Ele era determinado e o que ele falava tinha que acontecer... Mas ele era muito bom. A gente

> vê que na idade que ele tinha... Ele já era um padre meio idoso, mas não tinha preguiça de fazer as coisas direitinho. Ele era muito cuidadoso... Ah é! E tinha outro detalhe: ele além de cuidar das coisas da igreja, ele cuidava da pobreza de Brasília de Minas porque tinha muitos pobres. Ele ajudou muito assim com o social, porque acho que ele tinha conexão com a terra dele então vinha coisas pra ajudar na comunidade então ele ajudava muito na parte social. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Ah padre Pedro era um padre muito rigoroso! Muito rigoroso! Era comunicativo, mas também muito sério. Ele não aceitava que muié fosse de vestido decotado pra igreja não. Ele não aceitava… Eu lembro uma vez numa missa à noite que (uma mulher) foi com uma roupa decotada e ele parou a missa e disse que não continuava enquanto ela não se retirasse dali. Enquanto ela não saiu ele não continuou. [...] Era um bom padre. Ele gostava das coisas do jeito dele. Que as coisas funcionasse do jeito que Deus quer e é o certo porque Deus não quer que as coisas fiquem do jeito que tá hoje não. Hoje a gente vê criança dentro da igreja mascando chiclete, criança correndo dentro da igreja. Na época dele isso não anconticia de jeito nenhum. Ele não aceitava. Eu acho que foi ele que mandou abrir mais porta lá na matriz. Antigamente não tinha esse tanto de porta que tem lá. Era só uma porta do lado e do outro e a da frente. E ele mandou abrir pra ventilar mais. (José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019)

Os três relatos acima apresentam elementos compartilhados a respeito do padre Pedro. A característica de zelo está presente, seja um zelo pela igreja, seja pela população. O senhor José Batista Barbosa destaca a mudança na estrutura da matriz para melhoria do fluxo das pessoas e para melhor ventilação no seu interior. Algo que fora mencionado até no texto do memorialista e precisa ser ressaltado é o fato do padre Pedro ser de outro país. Durante o século XX no norte de Minas, havia padres e religiosos estrangeiros que moraram por muitos anos no território. A senhora Maria Eugênia fala a respeito do contato que ele possuía com a Holanda o que proporcionava auxílio para a cidade.

Ao mesmo tempo era muito rígido, rigoroso e em certas ocasiões na tentativa de exercer um poder disciplinatório se envolvia em situações desagradáveis[51]. A situação das mulheres com roupas decotadas na igreja que aparece no relato do senhor José Batista Barbosa, fora mencionada por outros moradores também, o que pode demonstrar uma recorrência da ação. A senhora Maria Nazareth se refere ao padre como neurótico, algo que se distancia do que fora apresentado por Henrique de Oliva Brasil em seu texto. Contudo, as ações do padre, segundo ela, por serem recorrentes, não impediam a população de gostar dele.

[51] Cabe aqui pontuar as considerações de Denílson Meireles Barbosa a respeito da Igreja Católica e da atuação dos presbíteros na região do norte de Minas Gerais. Segundo ele: "Os padres 'sempre' foram homens bem formados, cumprindo a exigência do perfil da instituição católica. Porém, ao lidarem com a realidade da linguagem regional e com os gestos e costumes inerentes ao homem do sertão, uma das primeiras atitudes era a de tentar enquadrá-lo no mundo dito civilizado" (Barbosa, 2010, p.42). Podemos incluir as ações do padre Pedro nessa tentativa de enquadrar a população local nesse mundo dito civilizado.

Por outro lado, a senhora Olívia da Conceição Oliveira e o senhor Manuel Pereira dos Santos se recordam que havia pessoas que ficavam com raiva e as atitudes do padre geravam tensão.

> Uma coisa que sempre me chamou a atenção em padre Pedro é que ele sempre chegava antes da celebração e ele ia acolher as pessoas. Era ele que acolhia as pessoas. Entrava na igreja, ia cumprimentando todo mundo, dando beliscão também (risos)... dava uns beliscões pra chamar a atenção se alguma pessoa tivesse com uma roupa inadequada. Ele não olhava a cara, chamava a atenção mesmo. Tinha gente que não gostava, ficava com raiva. Tinha hora que até saía com raiva. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Padre Pedro era muito bão, mas só tinha um negócio: na celebração, no dia que era pra ele celebrar cê tinha que entrar logo. Num ficava escorado na porta pro lado de fora não que cê dançava viu... Aí na hora que ele chegava um pouquinho antes de começar a missa ele ia e dava três volta no redor da igreja. Se tivesse uma pessoa ali ele falava "Cê veio participar da missa num foi? Então cê entra e senta". E lá dentro podia ser a muié de fulano de tal, se ela tivesse assim com uma roupa mais indecente ele ia lá no banco dela e falava: "Vai lá na sua casa e veste uma roupa mais decente que essa roupa sua aí num é de vê Deus não". Muita gente queixava dele naquela época, mas ele era um padre muito bão. Muito bão mesmo. (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

Observamos pelas situações apresentadas nos dois relatos como era o comportamento do padre no espaço da igreja. Ele interferia até mesmo na ocupação dos sujeitos nesse espaço como uma forma de disciplinar. Sua interferência também é percebida na forma de falar e agir, a ponto de ser agressivo, com relação às vestimentas, sobretudo de mulheres na igreja. Conforme o relato de seu Manuel, independentemente da posição social ocupada, ele repreendia. Dessa forma, percebemos o nível de autoridade que padre Pedro possuía na sociedade brasilminense.

Esta autoridade é outro aspecto que o senhor José Batista Barbosa relata é sobre a relação do padre com esportes.

> Ele (padre Pedro) gostava muito de esportes também. Naquela época existia o Operário… (pausa) o Juventus e por causa do respeito que ele tinha ele era chamado pra ser juiz, ele era chamado pra ser o juiz… (pausa) Eu acho que já fui em jogo com ele apitando. (José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019)

Conforme o relato do senhor José Barbosa, o sacerdote era tão respeitado na cidade que a ele era confiada a arbitragem em partidas de futebol, o que mostra a sua atuação em outros espaços e setores da sociedade. Além do esporte local, padre Pedro possui uma significativa importância na educação. De acordo com a senhora Geralda Rodrigues Silva, desde o padre Humberto Murta que esteve na cidade como pároco entre 1957 e 1962 e ajudou a fundar o

colégio Sant'Ana, os padres da cidade tiveram uma importante participação na estrutura da escola em Brasília de Minas.

> (Padre Pedro) falava que a educação não era para todos. Os padres dirigiam o colégio e não era um colégio de padre. Eles davam aula de latim e como eles não tinham esposa nem nada, acabavam sendo diretores do colégio. E padre Pedro começou a exigir o uniforme, a saia abaixo do joelho, uma combinação de blusa por cima pra não ficar uma transparência. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A roupa novamente aparece como um aspecto importante das relações sociais em Brasília de Minas. Aqui notamos mais uma vez o caráter disciplinatório utilizando as vestimentas, nesse caso o uniforme da escola. E pelo trecho é possível notar o caráter excludente, pois não eram todos que possuíam condições financeiras para os uniformes. Como dito no início do excerto, o padre "falava que a educação não era para todos" e, de fato, no colégio não era.

A partir desse relato sobre a escola, retornamos para o espaço da igreja matriz. O aspecto disciplinatório está presente, como havia sido mencionado, mas há também o aspecto excludente. Se ele expulsava do local dependendo das vestimentas, podemos entender que frequentar o espaço sacro no período não era algo para todos, mas limitado àqueles que se submetiam a disciplina do padre Pedro, ainda que houvesse tensão. Portanto, podemos inferir que para celebrar a Semana Santa no espaço sacro os moradores estavam subordinados a sua rigidez. A senhora Geralda Rodrigues Silva também comenta em sua entrevista que as moças que namoravam não gostavam do padre, porque ele não as deixava ficar ao redor da matriz para namorar.

> As moças não gostavam dele porque ele não deixava namorar. Ele não deixava que rudiasse a igreja, naquele tempo o melhor passeio era rudiar a igreja porque os parquinhos ficavam por lá. Todo parque ou circo que vinha ficava por ali. E as moças gostavam de ir pra rudiar a igreja com os namorados. E padre Pedro não gostava disso. Teve uma época que ele cercou de arame. Falou que aquele era um território sagrado e que estavam fazendo coisas mundanas. Ele usava muito isso do mundano. Ele falava com papai: "Você tem filhas demais! Olha bem essas meninas". Somos sete filhas. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

O relato da senhora Geralda traz a maneira que o padre Pedro empregava um discurso de combate ao que seria "mundano" e era feito através da disciplina e do poder exercido principalmente sobre as mulheres da cidade. Circos e parques que se instalavam na cidade normalmente ficavam nos arredores da Matriz, o que gerava disputas. As cidades se constituem também dessas tensões e disputas pelo espaço e nesse caso, o padre Pedro não queria que a influência da Igreja Católica e sua influência fossem conquistadas no local por itinerantes que

ofereciam a população um espaço de sociabilidade distinto. O que confirma isso é o cercamento de arame que foi colocado.

O casal José Alves Ribeiro e Terezinha Ferreira de Brito Ribeiro recordaram que padre Pedro quem fez o casamento deles. Ambos destacaram o amor que ele tinha pela cidade, mas era bastante fechado.

> José: Padre Pedro ele era holandês e era assim mais frio. Não tinha muita amizade com a gente. Era muito fechado. Mas na época a gente nem falava muito disso. Não podia nem falar mal de presidente quanto mais de padre. Então primeiro os padre eram mais assim. Hoje eles são mais democráticos, tem mais diálogo. Naquele tempo não tinha. E eu acho que esse padre ele era… como é mesmo o nome? Aquilo que falavam que Xiquim era[52]… (pausa) ah é comunista. Esse povo aí do exterior, lá de fora dos europeu dessa época aí eu acho que eles era tudo comunista! Daí pra cá cabou.
> Terezinha: Com padre Pedro essas mulher com roupinha decotada, os bracinhos de fora não entrava de jeito nenhum. Vixe padre Pedro se cachorro tivesse atrapalhando a procissão ele tirava no chute. E olha que cachorro parece que gosta de igreja né que até hoje tem uns que fica lá. Mas se tivesse um cachorro na fila da procissão padre Pedro ia lá e tirava no chute mesmo. (José Alves Ribeiro, 76 anos, morador de Brasília de Minas e Terezinha Ferreira de Brito Ribeiro, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em conjunto dia 11/10/2022)

Os relatos do senhor José e da senhora Terezinha trazem percepções complexas e importantes para a pesquisa. Segundo Terezinha, o padre reagia de maneira agressiva com os cachorros que "atrapalhassem" o préstito. O espaço da cidade também é ocupado por eles, e no momento em que o padre Pedro chuta é como se ele demarcasse que aquele espaço, naquele momento, pertence ao sagrado e o animal canino não faz parte, e portanto deveria ser retirado. Ora, se as ações aqui citadas dos relatos dos entrevistados estiverem inseridas como aspectos do que o memorialista Henrique de Oliva Brasil considerou como excelência no exercício de suas funções, então pode-se dizer que padre Pedro foi exemplar. Contudo, é possível questionar se ele reagia de tal maneira até mesmo na procissão de enterro durante a Sexta-Feira da Paixão, dia marcado por uma série de restrições e que para os moradores entrevistados, muitas ações eram pecado. Não foi falado pelos entrevistados se a autoridade sacerdotal estava acima dessas práticas. Por outro lado, o que pode nos dar algum indício está no trecho do esposo de Terezinha. Ele, ao falar sobre as características do padre e mencionar sua origem holandesa, explica que naquele período não se podia "falar mal de presidente quanto mais de padre". Com isso é preciso lembrar que o contexto do qual ele fala é a década de 1960, década de início da

[52] Aqui se faz necessário explicar a quem o senhor José está se referindo. Francisco de Assis Simões, conhecido por Xiquim, foi prefeito de Brasília de Minas (1983 – 1988; 1993 – 1996; 2005 – 2008) e antes de ingressar na política brasilminense foi estudante de direito em Belo Horizonte na UMG (atual UFMG). Nessa época, por causa do seu envolvimento no Centro Acadêmico da universidade e por sua adesão a políticas de esquerda, corria um boato de que ele era comunista, algo que causou inquietação em Brasília de Minas quando ele se candidatou. A historiadora Leila Cordeiro de Aquino fala sobre esse fato em seu trabalho quando aborda a sublegenda do partido dos militares e o pânico comunista. Ver: Aquino, 2013.

ditadura civil-militar no Brasil. Nesse mesmo trecho ele afirma achar que padre Pedro era comunista por suas ações e por ser da Europa. Aqui é importante pensar nas reelaborações que os sujeitos fazem da memória. Essa frase é importante pois diz respeito ao contexto que ele fala e o contexto quando ele fala. Como assinala Juniele Rabêlo de Almeida (2016. p.49), ao observarmos os processos históricos relacionados às experiências individuais e coletivas ao longo do tempo, nos permite inscrever análises de valores, práticas e representações e tradições compartilhadas por grupos que expressam uma identificação coletiva. Essa fala do senhor José mais do que uma percepção do período da ditadura, quando houve uma intensa propaganda anticomunista, é também uma percepção do tempo presente, considerando que a entrevista foi realizada durante o mês do segundo turno das eleições presidenciais de 2022. E de acordo com Verena Alberti: "O sentido se constrói na própria narrativa; por isso se diz que ela constitui (no sentido de produzir) racionalidades" (Alberti, 2004, p.79).

> Ele era suíço… não ele era holandês. Ele tinha a cultura dele e ele queria a igreja como deveria ser. Ninguém entrava com roupa assim (mostrando a sua blusa), foi com ele que a gente aprendeu a fazer coletinho de manga para usar por cima de roupa decotada. E ele não deixava usar véu nos ombros. Ele falava que o véu era para a cabeça. A gente tinha que usar um véu e um pano para cobrir os ombros. Ele mandava pra fora quem sentasse e aparecia o joelho. Antes de começar a missa ele ia de banco em banco e falava "vai trocar de roupa, vai trocar de roupa, vai trocar de roupa". Ele falava: "Não é roupa de igreja, vocês têm 15 minutos". Ele esperava os 15 minutos. Quem ele tinha certeza que ia voltar ele esperava os 15 minutos. E enquanto ele esperava os 15 minutos ele ia contando as coisas de lá (do seu país de origem). Falava sobre a guerra, ensinava a gente a compartilhar, falava sobre os dez mandamentos e falava muito sobre o pecado mortal e carnal. Ele gostava de batizar crianças antes dos nove meses. Quando batizava o menino que já caminhava ele ficava bravo. Queria que o Espírito Santo chegasse mais cedo na vida da criança. Tinha sua brutalidade, mas criança gostava muito dele porque ele era bem grandão e quando ia pedir a benção pra ele, ele ia lá e pegava no colo e soltava de uma vez. A diversão era quem conseguia cair em pé. Ele era branco e tinha umas mãos grandes, gordas e quentes. Parecia uma almofada (risos)... Gostava muito de andar pelo jardim. A gente sabia que ele gostava aí ia pra lá pra bater corda. [...] As missas das crianças naquele tempo de padre Pedro eram às 8 horas da manhã e antes ele fazia um catecismo, perguntava sobre as 3 pessoas, ensinava o pelo sinal da Santa Cruz. Eu gostava dele. Chorei muito quando ele morreu. Devo ter chorado por uns 3 dias. Eu lembro de papai me dando chá. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A descrição da senhora Geralda Rodrigues Silva sobre o padre retoma elementos anteriormente discutidos e acrescenta outras camadas antes não abordadas no trabalho. De início ela menciona que "ele queria a igreja como deveria ser", percepção de outros moradores até de mais idade. Em seguida fala a respeito das roupas e novamente a situação está centralizada na maneira de vestir das mulheres. O que chama a atenção nesse trecho é o fato do padre Pedro durante o tempo em que esperava as pessoas para as missas falar sobre assuntos a respeito da Igreja Católica e contar para a população experiências na Holanda, seu país de

origem, além de falar sobre a guerra. Por fim, outro elemento que não havia aparecido ainda é a sua relação com as crianças. Havia uma missa direcionada a elas aos domingos e ele usava o momento antes do início da celebração para catequizá-las. O uso do padre como marcador temporal é percebido ao final quando ela usa "naquele tempo de padre Pedro". Vale ressaltar que a senhora Geralda Rodrigues Silva viveu na cidade sua infância e parte da adolescência durante o período que padre Pedro era o pároco.

O relato do senhor Joaquim nos permite observar que havia aqueles que tentavam contornar a autoridade exercida pelo sacerdote causando conflitos.

> Era um padre rígido, vixe Maria! Eu lembro dele lá na igreja ele não deixava ninguém sentado lá de fora. Quando ele ia celebrar não deixava que ninguém ficasse ali ao redor do lado de fora não. Se tivesse namorado ele ia lá e rancava de lá… (risos) Ele não aceitava nada disso. Eu lembro de um que tapiou ele lá um dia porque tava mais a namorada e esse trem deu até briga. O sermão dele era bem celebrado. O sermão naquela época era melhor. Era mais bem celebrado. O povo tinha mais fé também. Ele ficou aqui muitos anos. Eu conheci ele quando eu era menino e ele morreu quando eu já tava no DER. Era um padre que queria o povo dentro da igreja. (Joaquim Francisco dos Santos, 82 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/05/2022)

Isso é importante para mostrar as diferentes maneiras que os moradores que participavam da Igreja usavam para lidar cotidianamente com as restrições impostas. Novamente, encontramos em um relato a localização temporal a partir das memórias de vida. Joaquim, assim como outros entrevistados, conheceu o padre Pedro desde a sua primeira administração paroquial na cidade e destaca com saudade que naquela época era mais bem celebrado e a população tinha mais fé.

Em outro momento, a senhora Geralda Rodrigues Silva comentou a respeito da preocupação do padre com a fome em Brasília de Minas que inclusive apareceu nas entrevistas do senhor João Afonso Ruas e da senhora Maria Eugênia Matos Silva. Segundo Geralda:

> Padre Pedro descobriu celebrando nas roças a fome aí ele começou a encomendar o leite em pó. Ele também passou a encomendar a sardinha e o bacalhau. O bacalhau era dado em pedaços pra família preparar e ele ensinava na igreja como o bacalhau era preparado na cidade dele lá na Europa. E o leite vinha em pó mesmo. Ele dava para as famílias amarrado num saquinho. Ele fazia a farofa de bacalhau e dava também num papelzinho. Aqui na cidade a gente tinha acesso a esse leite em pó no consultório médico. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Nesse caso, o espaço sacro possui outras funcionalidades. O padre ainda que o demarcasse e nele fizesse a disciplinarização dos sujeitos, o utilizava para ensinar o preparo de alimentos e distribuir mantimentos para os mais pobres. A igreja Matriz nesse caso era um espaço de sociabilidade e de transmissão de um saber-fazer. Por isso a importância de olhar os

espaços pelos seus usos, como assinala Certeau, pois eles possuem diferentes atribuições que ora se cruzam e ora se divergem. A questão da fome em Brasília de Minas ocorria tanto na zona urbana como na rural, principalmente na rural onde se concentrava a maior parte da população. O acesso ao leite, ainda que se tratasse de um lugar de base rural cuja principal atividade econômica era a agropecuária, estava restrito aos que possuíam melhores condições financeiras. A historiadora Leila de Aquino elucida que, embora no Brasil a partir da década de 1960 a industrialização e a urbanização teve seu ritmo intensificado, em Brasília de Minas essas transformações foram muito lentas em razão do peso da herança coronelística na região. (Aquino, 2013, p.97). Nesse contexto, a população acabava por ficar à mercê de um sistema de clientelismo com os proprietários de terra e do assistencialismo da Igreja, sendo o acesso a diversos itens ficava bastante limitado.

A atenção do padre Pedro com crianças pode ser percebida também no fato dele ter sido o responsável por restaurar um grupo na cidade. Na década de 1960, havia um grupo na paróquia Senhora Sant'Ana constituído por crianças chamado "Cruzadinha Eucarística" ou "Cruzada Eucarística". Sobre o grupo, a senhora Olívia da Conceição Oliveira relata:

> Já existia a cruzadinha quando eu vim pra cá. Eu sei que teve bem antes por um tempo e quem restaurou essa cruzadinha aqui foi padre Pedro. [...] A cruzadinha realmente fazia um trabalho pastoral. E era só criança que fazia parte. A gente ia visitar os doentes e na igreja também a gente ajudava bastante. As crianças que eram da cruzada tomavam conta nas procissões da semana santa, da organização. Eu lembro que ficava separado, sabe. Tinha os membros da cruzadinha, da congregação mariana e aí a gente tomava conta daquele setor ali nas procissões. A gente cantava, rezava. A cruzada tinha responsabilidade de limpar a igreja. Nós lavávamos os castiçais que tinha muito castiçal na igreja e erámos nós que lavávamos. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

De acordo com esse relato da senhora Olívia, o grupo formado por crianças possuía um significativo papel na dinâmica pastoral da cidade. Além de atuar na organização e limpeza da igreja Matriz, também eram responsáveis por trabalhos sociais. Como na época não existia uma pastoral catequética, o grupo era uma maneira de inserção da criança.

Outro grupo do período que ajudava bastante era a Congregação Mariana. De acordo com Pedro Américo Maia (1992), esta é uma associação constituída por pessoas leigas que se consagram a Maria e buscam seguir a fé católica através de um trabalho evangelizador e promotor de ações sociais[53]. Em Brasília de Minas, a Congregação Mariana existe desde a década de 1950 e um dos seus primeiros membros, o senhor Manuel Gonçalves de Oliveira relata:

[53] Embora seu surgimento tenha sido na segunda metade do século XVI pelo padre jesuíta João Leunis, já existiam confrarias como as Confrarias do Rosário que possuíam relação com a Virgem Maria. Ver: Maia, 1992. p.31

> Eu entrei na Congregação Mariana em 57. Fui um dos primeiros. Devia ser mais ou menos uns 40 congregados. Era muito grande a congregação. Tinha a turma boa que trabalhava na igreja, que trabalhava nas obras sociais. No meu tempo o asilo não funcionava, então a congregação cuidava também não só ajudando o padre. Mas era nós que tomava conta da Semana Santa, era nós que cuidava dos pobre de ajudar nas casinha... fazer casinha pros pobre... a gente pegava e levava doente pra Montes Claros... depois a gente reestruturou o asilo e passou a ajudar mais. (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas entrevista gravada dia 27/10/2019)

João Afonso Ruas, também membro da congregação, relata que o grupo que foi responsável por ajudar na construção do asilo municipal em 1962 juntamente com os Vicentinos[54], outro grupo local relacionado a São Vicente de Paulo.

> Eu sou congregado mariano e eu sou Vicentino… eu sou Vicentino. [...] Quando fez aquele asilo… o véio… eu já era congregado. Ali foi feita aquela parte do asilo véio foi feito com a Congregação Mariana, porque não tinha dinheiro. Aí eles pegava e a gente fazia reunião e nós via quem que ajudava. Os Mariano e os Vicentino reunia pra poder adquirir dinheiro pra construção do asilo véio. Ali foi construído na maior dificuldade… (pausa) O primeiro pessoal que entrou lá foi ali do tal arião. Saindo ali do Angico. Tem um mudo… eles era quatro irmão. Tinha um mudo, um cego e mais duas irmã. Um dos deles vinha e ficava lá. Até garrafa de água enchia pra eles ficar lá. Eles vinha pra cá pra pidir esmola que não tinha apusentadoria né. Aí quando fez o asilo foi eu, Otacílio de Cristino, Zezim de Hermino, e Otávio professor que foi panhar esses mudo e trouxemo pro asilo. Nós pos lá no asilo tudo limpinho, as cama tudo limpinha. (Joao Afonso Ruas, 89 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2022).

Esse relato do seu João é importante para mostrar a atuação dos grupos católicos na sociedade brasilminense. Também descreve como era a situação socioeconômica local. Assim como a senhora Maria Eugênia havia apontado e esse relato compatibiliza com o seu, em Brasília de Minas havia muitos pobres e a Igreja promovia ações de assistência.

Além desses grupos, nesse período o padre tinha auxílio de um sacristão Soares e sua família. A senhora Maria de Fátima conta que ainda criança começou a ajudar o pai no que pudesse na igreja. Soares ajudou até o final do período em que o padre Fabiano era pároco. O senhor Ronaldo Múcio Pereira de Matos relata que começou a ajudar na igreja nesse período em que Soares era sacristão.

> Eu comecei a ajudar na igreja aos 12 anos… Se bem que foi antes até… com 9 anos eu era coroinha. Ajudava junto com Soares, pai de Fátima. E aí passei a ser como um sacristão depois. Era eu e o pai de Fátima. Aí eu passei a tocar no sino. Eu acho que toquei no sino por uns 6 anos. Era assim: quando morria alguém aí tinha que bater o sino. Hoje tem Carlim de Tico que avisa no carro quem morreu, antigamente a gente dava umas pancadas no sino avisando da morte de alguém. Lembro que antigamente as missa era em latim. E eu era um dos que respondia na hora de responder. Mas quem sabia mesmo o latim era Soares, pai de Fátima. Eu comecei a aprender. (Ronaldo

[54] A Sociedade de São Vicente de Paulo é um movimento leigo criado no século XIX na França com princípios de caridade e assistência a famílias e pessoas carentes. Ver: Silva, Lanza, 2010.

> Múcio Pereira de Matos, 65 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/05/2022)

Sobre a Semana Santa no período do paroquiado de Padre Pedro Hendricks foi descrita por alguns moradores como uma Semana Santa mais tradicional. Alguns até marcam o tempo pelo padre.

> Eu lembro da Semana Santa no tempo de padre Pedro. Eu saía demais de Maria e padre Pedro trazia padre Joao Batista pra fazer as pregações aqui. Gente, era gente que não acabava mais! E as coisas eram mais reais. A gente não tinha essa anarquia que é hoje do povo que sai de Maria aquele trem todo. Era santidade! Aquele quadro que fazia. Não tinha esse tanto de figurante igual tem hoje. Não tinha isso não. Era só o quadro lá da via sacra. Era santidade viu! E a matraca... na procissão de enterro tinha um homem aqui chamado seu Joao de Brito, ele era pai de dona Nina. Uma pessoa carregava um banquinho pra ele e ia ao lado de Veronica. Veronica era Fátima de Soares ou então a irmã dela. Eram as 13 estações tocando. A procissão parava e ele tocava a matraca [55]tlac tlac tlac tlac a gente ficava ouvindo aquilo e, menino, aquilo... eu chego ficar arrepiada olha (mostrou o braço indicando o arrepio). Aí parava e ele subia no banquinho e cantava a estação. Essas coisas me fascinam! Eu fico encantada com uma coisa dessas. Hoje mudou tudo. E tem hora que eu fico assim: "Meu Deus, por que mudou?". Infelizmente tudo muda. Mas a fé da gente não muda. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

No relato de Jane sobre a Semana Santa, percebemos pela expressão "no tempo de padre Pedro" que a sua referência temporal é o pároco. Em um momento da entrevista, ela, ao se recordar de algo, ficou arrepiada. Como bem salientou Joël Candau, através da memória, o indivíduo está continuamente captando e compreendendo o mundo ao seu redor, expressando suas intenções a esse respeito, construindo-o e ordenando-o (no tempo e no espaço) e dando-lhe significado (Candau, 2021, p.61). O envolvimento de Jane não apenas com a Igreja, mas a sua relação com a fé possui grande influência no que o ato de recordar a Semana Santa nesse período.

Nessa época, o padre Pedro tinha auxílio do padre João Batista que nessas ocasiões sempre estava na cidade para celebrar.

> Todos eles traziam padres auxiliares durante a semana santa. Um pregador que pregava muito bonito que comovia as pessoas era padre Joao Batista. Quantas vezes ele veio aqui e pregava. Ele veio várias vezes pra auxiliar na Semana Santa. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019).

Durante a Semana Santa, a Congregação Mariana era o grupo mais envolvido com a organização. Segundo Manuel Gonçalves de Oliveira:

---

[55] A matraca é um instrumento de madeira utilizado para substituir a sineta nas celebrações ao final da missa de Quinta-Feira Santa e na Sexta-Feira Santa, além da procissão do Senhor Morto. De acordo com José Carlos Pereira (2005), o som da matraca ficou associado no imaginário católico como um som fúnebre por ser uma espécie de anúncio da morte de Jesus.

> A Congregação na Semana Santa fazia tudo. Era a gente que buscava o padre João Batista lá em Montes Claros. O padre entregava pra gente e falava assim "eu faço a Semana Santas e ocês tomar conta"... então a organização da Semana Santa durante uns 30 anos foi só a Congregação Mariana que resolvia. Organizava procissão, trazia padre... toda a programação... o padre só celebrava. A Congregação que carregava o esquife com o Senhor Morto. Ajudava na procissão do Santíssimo porque naquele tempo não tinha os ministros e a Congregação antigamente usava tudo branco aí a gente ajudava com o Santíssimo. Antigamente esses pessoal mais rico que tinha aqui ia com um terno branco e se apresentava pra carregar o esquife. Aí padre Pedro falava "Quem tem que carregar é quem tá participando da eucaristia, quem tá na igreja". (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada 27/10/2019)

O relato do seu Manuel descreve as atribuições da Congregação Mariana durante a Semana Santa na cidade demonstrando que nem tudo se concentrava na figura do pároco. As funções do grupo iam da organização até mesmo o transporte do esquife do Senhor Morto. Nesse momento, ele até chega a narrar uma situação de conflito entre os mais ricos da cidade e o padre, pois eles, proprietários de terras, queriam carregar o esquife, mas o padre Pedro disse que quem carregaria seriam os que estavam participando da eucaristia, quem estava na igreja. Dessa forma, entendemos que esses proprietários de terras não estavam tão envolvidos no cotidiano da igreja na cidade. O carregar o esquife do Senhor Morto fazia com que os sujeitos estivessem em uma posição de destaque no andar da procissão, pois carregaria a imagem de Jesus no dia atribuído como mais importante da Semana Santa. A Semana Santa, nesse caso, também pode ser vista como palco de disputas, o que remete às discussões de Paulo Gracino Júnior (2009) sobre as disputas de poder existentes na Semana Santa em Mariana, conforme apresentado no capítulo 1. A Semana Santa, segundo o autor, "expõe processos que, na maioria das vezes, aparecem mitigados no dia a dia, escondidos na rotina do cotidiano" (Gracino Júnior, 2009, p.308).

Nesse período, de acordo com a senhora Olívia:

> As crianças que eram da cruzada tomavam conta nas procissões da semana santa, da organização. Eu lembro que ficava separado, sabe. Tinha os membros da cruzadinha, da congregação mariana e aí a gente tomava conta daquele setor ali nas procissões. A gente cantava, rezava. A cruzada tinha responsabilidade de limpar a igreja. Nós lavávamos os castiçais que tinha muito castiçal na igreja e erámos nós que lavávamos. Quando chegava perto da semana santa, padre Pedro pedia pra gente lavar todos os santos e os castiçais para que no Domingo de Páscoa ficar aquele brilho dos castiçais no altar. E a gente caprichava viu. Aquele crucifixo que fica lá em cima, antes ficava lá onde hoje fica o Sagrado Coração de Jesus. Eu lembro que uma vez eu fui lavar que padre Pedro pediu. Eu peguei um baldinho de água e subi em um banquinho pra lavar. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

Havia, de acordo com o relato da senhora Olívia, uma separação dos grupos responsáveis por organizar as procissões da Semana Santa e até mesmo o grupo formado pelas

crianças possuíam atribuições. Uma delas era a limpeza da Igreja Matriz, dos santos e dos objetos que seriam utilizados para as celebrações. Esse trabalho realizado pelas crianças não era remunerado, pois era visto como um serviço de doação a Igreja. E essas tarefas eram pedidas pelo próprio padre.

O senhor Laurindo Freire de Queiroz aponta que, em razão da idade, padre Pedro fazia celebrações mais sucintas na época, mas não deixava de observar as vestimentas. Segundo ele:

> (Padre Pedro) tinha uma coisa... Principalmente na Semana Santa. Se fosse pra lá com uma roupa muito decotada ele não gostava não. Ele chegava e chamava atenção. Ele já chegou a falar pra uma mulher voltar em casa e vestir outra. (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

Na sexta-feira, 12 de novembro de 1971, o padre Pedro Hendrick faleceu em sua residência na cidade gerando grande comoção nos moradores. Após sua morte, o padre Fabiano Ézio de Andrade Câmara assumiu a paróquia.

Assim como seu antecessor, Padre Fabiano também aparece na seção de pessoas que fizeram e fazem a história da cidade, na obra do memorialista Henrique de Oliva Brasil. O texto sobre o padre se difere do anterior, uma vez que foi escrito em um período quando ainda estava vivo e atuando como pároco.

> Nasceu na cidade de Itacambira – MG aos 18 de Maio de 1933, sendo batizado com o nome de José Ézio. Filho de Osvaldo de Andrade Câmara e D. Maria Lina de Andrade. Com a mudança dos seus pais para Montes Claros, onde estabeleceram-se, foi, aos oito anos de idade, matriculado no curso primário, que terminou aos 11 anos. Após, foi para o Seminário de Pirapora do Bom Jesus, em São Paulo, onde permaneceu quatro anos no referido Seminário. Fundada Escola Apostólica em Montes Claros, voltou, e nela ingressou, fazendo os últimos anos do curso. Indo novamente, para São Paulo, faz naquele estabelecimento de ensino católico o Seminário Maior (teologia e filosofia). Em 1954 foi para a Bélgica, para completar os estudos teológicos. No dia 21 de setembro de 1957, era ordenado padre, regressando logo ao Brasil. Em Montes Claros, passou a lecionar na Escola Apostólica, exercendo, ao mesmo tempo, o apostolado em diversos bairros da Cidade. Foi capelão do Colégio São José, durante cinco anos. Em 1971 era vigário de Mirabela e, em 1972, transferido para a Paróquia de Santana de Brasília de Minas. Logo que chegou em Brasília de Minas, a população ainda estava sob o peso do golpe sofrido com a morte do seu pastor espiritual, Cônego Pedro Hendricks, entretanto, segundo é do feitio do brasilminense, recebeu o Cônego Fabiano com grande satisfação, já que vinha com a missão de encher o claro deixado com o desaparecimento daquele. A princípio todos viam no seu novo pároco, um homem um tanto fechado e de pouca conversa. Mas tão logo foram, com ele, se acostumando, perceberam que se tratava de uma pessoa bondosa e de grandes virtudes, escondidas naquela sua simplicidade e naquele coração de ouro. Hoje integrado e participante de tudo que diz respeito ao engrandecimento da cidade, vem merecendo dos seus paroquianos a estima a que faz jus [...]. (Brasil, 1978, pp. 489 – 490)

Embora os dois textos apareçam na mesma seção e procuram criar breves biografias dos párocos, é possível observar que a forma como foram escritos apresentam diferenças. O

primeiro, se propunha a ser uma homenagem póstuma, sem destacar a trajetória de vida do padre Pedro. Por outro lado, Henrique de Oliva Brasil se dedica a escrever um parágrafo resumindo a trajetória de vida do padre Fabiano passando pelo nascimento, infância, período de Seminário, até chegar ao momento quando foi nomeado pároco.

Há divergências na data da chegada do padre Fabiano a Brasília de Minas. De acordo com a biografia feita pelo memorialista Henrique de Oliva Brasil, o padre foi transferido para a paróquia em 1972, porém a memorialista Maria Inês de Matos Gonçalves, ao apresentar uma linha do tempo dos párocos da paróquia Senhora Sant'Ana desde Contendas, coloca 1971 (Gonçalves, 2006, p. 102). Este ano também foi colocado na galeria de padres exposta na Igreja Matriz da cidade (ver anexo) e que foi construída com o auxílio da autora, como nos dados fornecidos pela paróquia (ver anexo). 1971 é também o ano que a senhora Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira informa em sua entrevista quando relata a chegada do padre. Apesar de colocar na biografia 1972, no próprio livro o memorialista também constrói uma linha do tempo e ao final da linha coloca padre Fabiano, que na época ainda exercia a função de pároco, iniciando seu paroquiado no ano de 1971, divergindo do que ele mesmo escreveu. O senhor José Batista Barbosa ainda acrescenta que, após a morte do padre Pedro, a cidade ficou um breve período sem pároco, com alguns padres de Montes Claros auxiliando a paróquia.

> Ele (padre Fabiano) chegou aqui na cidade em dezembro de 1971. Precisamente em dezembro de 1971 porque padre Pedro morreu em novembro e logo em seguida ele veio. (Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira, 69 anos, moradora de Brasília de Minas entrevista gravada 13/05/2022)

> Padre Pedro morreu acho que foi em novembro de 70… de 71. E eu lembro que aqui ficou sem padre até vim padre Fabiano. (José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019).

Há poucos relatos a respeito do padre Fabiano em comparação a quantidade de relatos sobre o padre Pedro e o padre Magalhães, mas uma característica comum a maioria era sua calma. Segundo os moradores, ele era um padre que não criava conflitos, desavenças com as pessoas. Além da calma, outro aspecto bastante levantado foi sua doença.

> Eu lembro que ele (padre Fabiano) veio pra cá quando o padre Pedro morreu ele veio e ficou aí. Mas ele era assim... um padre muito doente... celebrava direitinho os sermões bonito, mas ele era muito triste... muito triste mesmo. Tinha aquele semblante... Eu não me lembro de ter visto padre Fabiano sorrir alguma vez. Era um semblante bem triste, mas não era assim neurótico nem essa coisa não... Era que ele mesmo era triste! (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019)

> Um padre calmo, muito bom. Eu admirava ele demais. Era paciente, calmo, amigo. Morreu foi novo. Eu até fui no enterro dele lá em Montes Claros. (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 27/10/2019)

> Padre Fabiano eu não tive muita... aproximação dele não. Só que ele era assim... uma pessoa muito calma, paciente demais. Só que eu acho que ele ficou pouco tempo demais aqui. Ele era doente. Mas ele bom, muito bom. Pra celebrar a missa mesmo ele era muito calmo. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

De acordo com os relatos citados, o padre Fabiano era calmo, paciente e com um semblante mais fechado e triste. Há também um lamento pela brevidade da sua vida, tanto a sacerdotal na cidade quanto a sua vida terrena. E de acordo com a senhora Olívia, essas características também estavam presentes no modo como ele celebrava as missas. A senhora Maria Nazareth menciona que nunca o viu sorrindo e essa tristeza que ela o descrevia no momento da entrevista a envolveu de uma maneira que seu semblante também ficou como a maneira que descrevia o padre bem como sua postura e maneira de falar. Ela só voltou a ficar mais alegre e mudar a sua postura quando foi falar do padre que sucedeu o padre Fabiano. Como bem destaca Verena Alberti, o fascinante na entrevista é justamente a partir da experiência do outro, a possibilidade de vivenciá-la a experiência do outro, à qual se acede sabendo compreender a forma como a experiência do outro se expressa. Isso exige uma preparação cuidadosa, para que nos tornemos interlocutores à altura dos entrevistados, capazes de compreender as expressões de suas vidas e acompanhar seus relatos. A questão aqui não é somente o fato de Maria Nazareth ter se expressado dessa maneira ao se recordar do padre e relatar na entrevista, mas a confiança que a condução da entrevista a deu para se expressar assim. E a isso podemos atribuir tanto o contato prévio entre entrevistador e entrevistado, como também toda a experiência antes da entrevista[56].

> Era um padre de uma humildade! Nossa, ele era humilde demais! Ele também ficou aqui pouco tempo porque ele adoeceu e depois morreu. Mas era um padre assim... de uma serenidade. A missa dele a gente assistia assim... era uma missa assim de silêncio. Ele era muito bom. Você não via voz alta com padre Fabiano. Era uma voz serena. Até o andar dele na rua era aquele andar que a gente tinha a ideia de padre mesmo! Eu ia muito na casa paroquial, porque toda vida lá era aberto que a gente tinha acesso. Hoje tá difícil. Mas a gente entrava e era aquela pessoa boa. A gente falava "padre Fabiano, deixa eu conversar com o senhor?" e ele sentava e conversava com a gente. Ele era uma pessoa maravilhosa. Ele tá no céu! Ele era um padre carrancudo, mas não era que era ruim não. Era o jeito dele. Ele não era muito de sorriso não. Ele era aquele padre sério, mas um padre maravilhoso! (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

> Padre Fabiano era um santo! Eu não sei como que aquele homem ainda não foi canonizado. Era um padre que tinha uma paciência, meu Deus do céu! Fazia tudo

[56] No dia 14 de janeiro de 2019, quando foi gravada a entrevista com a senhora Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, não gravamos no horário previsto às 15:00 porque ela havia se esquecido de avisar que nesse horário normalmente vai a Igreja Matriz rezar. Como era bem próxima à sua casa, fui até a Matriz e permaneci lá com ela para fazer as orações. A História Oral como uma arte da escuta que envolve respeito, segundo Portelli (2016), é também um processo de gestos que envolve respeito e sensibilidade na relação entrevistador e entrevistado.

> mesmo doente sem nem mesmo aguentar. Ele tinha problema nos rins e mesmo assim ele fazia as coisa muito bem feitas. E mesmo doente ele não deixava de ir nas roças pra celebrar. Ele ia muito nas roças. Soares, pai de Fátima, ajudou ele muito também. Ajudou muitos anos. Tinha muita gente que gostava dele então todo mundo queria ajudar. Quando a pessoa é boa demais, todo mundo quer dar uma mãozinha. Eu mesma já fiz muitas viagens com ele assim pras roças pra ajudar mesmo... Quando ele morreu... vou falar com você... foi a mesma coisa de ter morrido um parente meu bem próximo. Senti demais! (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Depois que padre Pedro morreu veio padre Fabiano. Ele era asmático, mas muito bom. O rompante de padre Pedro foi com ele porque padre Fabiano chegava ser cordeirinho. Nessa época quem ajudava ele era Ronaldo Popó. Ele era um coroinha de luxo de saber que o padre estava gripado. Nós sempre cuidamos muito bem dos padres. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

O relato da senhora Jane Soares Mendes destaca a serenidade e a humildade do padre Fabiano. Para ela, as virtudes e ações dele a fazem dizer que ele está no céu. Algo que chama atenção na fala de Jane, é quando ela diz que as características apresentadas a respeito dele era a ideia que tinha de um padre. Sua imagem mental de um membro do presbiterato passava pela serenidade e humildade. Mais do que um mero depósito de informações a memória, como explica Portelli, é um processo contínuo de elaboração e reelaboração de significados (Portelli, 2016, p.18). Isso é importante também para compreendermos suas percepções de Semana Santa e do agir nesse período.

Em concordância ao trecho, o relato da senhora Maria Eugênia exalta a figura do padre e chega a afirmar que ele deveria ser canonizado. Maria Eugênia reforçando as qualidades de padre Fabiano também menciona a doença dele e a ajuda que ele recebia no período, além da sua proximidade. A estima que sentia por ele era tamanha que lamentou o seu falecimento como se fosse um membro da própria família. Nem sempre os padres ficam próximos a suas famílias, pois são deslocados para diferentes paróquias. Por essa razão acabam formando vínculos com pessoas das cidades que passam a residir. E em Brasília de Minas, de acordo a senhora Geralda Rodrigues Silva, é comum que a população se disponha a cuidar bem de seus párocos.

O que não fica esclarecido através das entrevistas é a doença do padre Fabiano. Enquanto a senhora Maria Eugênia afirma que ele tinha problemas renais, a senhora Geralda afirma que ele era asmático. São as únicas que mencionam qual era a enfermidade. Há a possibilidade de ele ter ambas as enfermidades, como também há a possibilidade de ser outras, mas o que coletivamente é compartilhado pelas memórias é a sua saúde debilitada.

A senhora Geralda menciona Ronaldo como o ajudante do padre, que sabia até quando estava gripado. O senhor Ronaldo Múcio Pereira de Matos relatou que ajudou o padre Fabiano durante todo o tempo que esteve em Brasília de Minas.

> Padre Fabiano era uma pessoa muito positiva, muito positiva. Era uma pessoa idônea, direita demais, era de poucas palavra, era uma pessoa muito reservada. Inclusive, você pode deixar aí, Jonas, foi padre Fabiano que trouxe canal de televisão pra cá. Aqui não pegava nada. Não pegava canal de televisão e ele que trouxe pra cá. Ele que pôs a torre. Ele era uma pessoa boa, mas reservada. Ele participava de eventos como formaturas, eventos assim de diplomação. Convidavam ele pra participar e ele ia. Inaugurações, quando os prefeitos faziam inauguração de alguma coisa ele participava. Mas ele não era muito de festa assim… festa popular. Era mais da igreja pra casa. Não era um padre que dançava forró, essas coisas. A vida dele era mais da igreja pra casa mesmo. Todo dia eu saía da missa e ia comprar duas cervejinha e um maço de cigarro Capri pra ele fumar. Daquele amarelinho. Mas a vida dele era isso aí… Ah ele gostava muito de ler revista, jornal… Ele comprava a Manchete, gostava muito de ler essa. [...] Ele não era muito vaidoso. Isso ele não era muito não. Futebol também ele não gostava muito. Viajar por ele também não fazia muito. Ele só ia mesmo pra Montes Claros pra ver a mãe dele. (Ronaldo Múcio Pereira de Matos, 65 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/05/2022)

O relato do senhor Ronaldo Múcio apresentam características que coadunam ao que já foi dito a respeito do padre Fabiano e é muito importante por trazer uma perspectiva que acrescenta mais detalhes a sua figura. Convém destacar a maneira na qual o entrevistado fala sobre os canais de televisão levados para a cidade. Há uma necessidade de registro no "pode deixar aí, Jonas", expresso por Ronaldo. Ele quer que fique registrado e confia no entrevistador para esse registro, especialmente na necessidade de se colocar como parte da narrativa, pois foi ele quem relatou para registrar[57]. O padre Fabiano atuou diretamente na instalação da torre e de antenas para televisores em Brasília de Minas[58]. O senhor José Batista Barbosa também comentou que se lembra do pároco carregando uma escada em uma rural para instalar antenas. Isso aparece registrado no livro da memorialista Maria Inês de Matos Gonçalves, ao descrever alguns trabalhos realizados na comunidade pelos párocos (Gonçalves, 2006, p.102). Ainda que tenha ficado por um período curto em comparação ao padre Pedro e ao seu sucessor, padre Magalhães, o padre Fabiano procurou ajudar a paróquia e a cidade. Além disso, no relato do senhor Ronaldo Múcio, há também a menção a participação dele em eventos sociais como formaturas e inaugurações públicas, o que demonstra o papel e o prestígio que a figura religiosa

[57] A entrevista feita com o senhor Ronaldo Múcio Pereira de Matos foi uma das primeiras realizadas no ano de 2022. Seu nome foi sugerido durante as gravações das entrevistas para a pesquisa na graduação por Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira que trabalhou na igreja auxiliando o padre no mesmo período. No dia da entrevista a senhora Maria de Fátima também estava presente e participou da gravação, o que proporcionou uma segunda entrevista com ela e o diálogo facilitou no processo de recordação.

[58] De acordo com a memorialista Maria Inês de Matos Gonçalves as primeiras torres de televisão instaladas em Brasília de Minas funcionavam através de baterias que eram recarregadas quinzenalmente em razão do local onde foram posicionadas que era de difícil acesso para energia elétrica (Gonçalves, 2006, p.189)

católica possuía em Brasília de Minas. Diferente dos outros entrevistados, há nesse relato informações a respeito dos hábitos, o que podemos entender é que isso se deve ao fato de ele ser muito reservado como o descrevem. Ronaldo Múcio se recorda até da marca e da cor da embalagem do cigarro comprado para o padre na década de 1970 e das revistas lidas.

Ele também relata que era o responsável por acompanhar o padre nas comunidades mais distantes que pertenciam a Brasília de Minas.

> Eu viajava muito com ele. Tinha vez que a gente ficava 3 dias fora. Pras zonas rurais. Naquela época até ali perto de Ponto Chique pertencia aqui. Então a gente viajava e ficava os 3 dias porque o padre ficava ali no local dando assistência. Quando a gente ia praquele lado de Ponto Chique, à noite a gente ia pescar. Era um hobby dele. Ele gostava demais de pescar… (Ronaldo Múcio Pereira de Matos, 65 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/05/2022)

Havia muitas comunidades de responsabilidade do pároco da paróquia Senhora Sant'Ana, inclusive de locais como Ponto Chique que pertencia a Ubaí, cidade que antes era distrito de Brasília de Minas e foi emancipada na década de 1960. Sobre a Semana Santa naquele período, os moradores relatam:

> Na semana santa dele ele trazia uns outros padres para ajudar, igual padre João Batista mesmo. Inclusive o pessoal adorava as pregações do padre João Batista. Padre Fabiano era um padre muito pacato, falava pouco, mas a homilia dele era bonita também. Falava muito bem. Nessa época não tinha a semana santa nas comunidades não. Vinham muitas comunidades pra cá. As cidades vizinhas também, mas é porque antes pertenciam pra cá. Depois emancipou, mas aqui Luislândia, Ubaí, Ponto Chique, Campo Azul vinham pra cá. Eles celebravam a semana santa aqui. Não tinha ajuda nenhuma, vinha por conta própria. Mas é porque a igreja aqui não tinha salão paroquial, tinha a casa paroquial só. A igreja não tinha funcionário remunerado. Nós é que olhava. Quando eu comprava cigarro, jornal pra ele (padre Fabiano), ele me dava o troco. Mas a gente não era remunerado. (Ronaldo Múcio Pereira de Matos, 65 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/05/2022)

> A semana santa na época dele era dessa forma. Mais parada porque ele era um pouco parado. Mas mesmo assim aquela devoção. A mesma serenidade que ele tinha, ele transmitia para a gente na semana santa. Ele era um padre bom demais da conta! Morreu muito novo! Você já viu o retrato dele? Ele morreu muito novo. Aquele jeito dele era aquilo mesmo. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

Conforme os relatos apresentados, havia um intenso fluxo de pessoas que participavam da Semana Santa na cidade, inclusive das cidades que antes eram distritos de Brasília de Minas. Nessa época o padre João Batista também o auxiliava nas celebrações. A senhora Jane descreve a Semana Santa na época dele com características encontradas também na descrição do padre. Há também um lamento em seu relato pela sua morte precoce ocorrida após sua saída da paróquia.

Na Semana Santa no período em que foi pároco, padre Fabiano realizou modificações como a implantação de figuras vivas na procissão de encontro e na via sacra feita na Sexta-Feira da Paixão ao redor da igreja Matriz e a implementação de rezas na procissão de enterro. A senhora Maria de Fátima afirma que nessa época a Congregação Mariana era o grupo que mais auxiliava durante toda a Semana Santa.

Procissão de Ramos no centro de Brasília de Minas em 15 de abril de 1973. Fotografia do acervo de Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira

Nessa fotografia aparecem nomes e pessoas que já não mais vivas, porém a senhora Maria de Fátima se recorda com muita emoção deles e do que faziam pelas celebrações.

> Esse Senhor aqui, Vicentim... Vicentim, seu Fila... é... seu Juquinha Totô... eram pessoas que ajudavam... tinha muita gente aqui da Congregação Mariana... era a Congregação Mariana que tomava conta de todos os eventos que tinha aqui... principalmente da Semana Santa. Quem tava a frente era a Congregação Mariana. [...] Eram pessoas humildes... não era aquela coisa de chegar e estralar não... era coisa humilde... na medida que a gente podia fazer era feito, mas todo mundo com muita boa vontade. Essas pessoas aqui participavam com boa vontade... (Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira, 69 anos, moradora de Brasília de Minas entrevistas gravadas em 14/10/2019)

A senhora Maria Nazareth Rodrigues Silqueira conta que nesse dia ajudava sua mãe a arrumar o altar do Santíssimo durante a década de 1970.

> Não tinha assim como hoje que cada um quer fazer melhor. Tem hora que até volta assim pra muita luxúria, muita ornamentação. Naquele tempo não tinha isso. E na época de padre Fabiano eu algumas vezes já arrumava com minha mãe... era minha

> mãe que eles pediam pra arrumar o altar do Santíssimo. Era na igreja mesmo. A gente arrumava... aliás... acho que quando era padre Fabiano já era no salão. Era difícil arrumar flores então a gente arrumava com flor de sabugueiro que era uma florzinha branca que toda casa tinha. Por sinal era remédio pra... sarampo. Usava o chá dela como remédio pra sarampo e nessa época sempre tinha a florzinha branca. Tinha uma cachinho assim (sinalizando com as mãos) um cachinho assim todo branquinho. Então a gente procurava onde tinha pra colocar nos vasos da igreja no dia da adoração do Santíssimo. E sempre participava... qualquer coisa que tinha necessidade, convocava minha mãe e nessa época do padre Fabiano já éramos todas crescidas. (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019).

A dedicação à igreja da senhora Maria Nazareth vem da sua mãe e pelo seu relato, nessa época, ela já auxiliava na ornamentação. Há em sua fala uma comparação entre o período que narra e o período quando está narrando. Segundo ela, hoje cada um quer fazer melhor. Os sujeitos ao narrarem sobre o passado, como já foi levantado nesse trabalho, não deixam de manifestar suas considerações quanto ao presente. É preciso lembrar que, para aquele que narra sobre o passado, há uma carga emocional envolvida e, como salienta Renato Cordeiro Gomes:

> A emotividade filtra a visão do eu que tenta recuperar pela memória as suas vivências e abdica da possibilidade de totalização. Embora mesclado com o contexto humano e cultural de uma época histórica da cidade, esta se fragmenta, com o eu, que se vê impossibilitado de reativar o *continuum* de uma tradição. (Gomes, 2008, pp. 29-30)

2.3 – "Arquivos" de Brasília de Minas: Outras práticas cotidianas dos moradores durante a Semana Santa

A proposta desse tópico é apresentar os relatos das práticas culturais[59] cotidianas, que não estão totalmente inseridas nos rituais das celebrações da Igreja durante a Semana Santa em Brasília de Minas. Observar essas práticas é importante uma vez que a partir delas é possível compreender o significado para as pessoas e a forma como eles se situam na dinâmica social. Nesse sentido, a historiadora Yara Khoury, ao abordar a história enquanto um processo construído pelos seres humanos de forma compartilhada e complexa, afirma que o sujeito histórico:

> não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricada. Esses sujeitos são moradores da cidade, pequenos agricultores do campo, artesãos, pescadores, trabalhadores

[59] Como prática cultural entendemos segundo Pierre Mayol. Para ele é "a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição de uma família de um grupo social e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso. Prático vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente" (Mayol, 2013, p.37).

> assalariados, grupos de imigrantes, de mulheres, de jovens, velhos ou crianças, membros de movimentos específicos, vivendo experiências de trabalho, construindo modos de viver e se organizar, ou sobrevivendo em becos e ruas, com bagagens culturais diferentes, com perspectivas futuras diversificadas, enfrentando, ou não, processos de exclusão, marginalização e segregação social. (Khoury, 2001, p. 80)

A partir da afirmação de Khoury entendemos que há possibilidades de se trabalhar com diferentes sujeitos, suas vivências e experiências, pois podem nos dar dimensões de complexas dinâmicas existentes na sociedade. Dessa forma, pensar nesses elementos em Brasília de Minas, tema dessa pesquisa, é interessante, pois nos ajuda a entender características e modos de viver brasilminense na segunda metade do século XX. Dentro dessa perspectiva, Michel de Certeau e Luce Giard entendem que há uma relação de gestos e cidade. Para os autores "os gestos são verdadeiros arquivos da cidade, se entendermos por 'arquivo' o passado selecionado e reempregado em função de usos presentes" (2013, p.200). A história da cidade é também contada por meio desses gestos.

Como foi apontado no primeiro tópico desse capítulo em aspectos mais gerais, a Semana Santa interferia nas atividades cotidianas de Brasília de Minas. Essas mudanças também são percebidas nas comunidades rurais. De acordo com José Carlos Pereira (2005, p.35), a origem das crenças nos poderes mágicos da Semana Santa ocorre comumente no meio agrário e depois se expandem. O senhor Laurindo Freire de Queiroz narra seu cotidiano no período da seguinte maneira:

> Aqui na Semana Santa só tirava leite até quarta-feira de manhã. De quarta-feira em diante não tirava leite, não andava a cavalo, não cortava lenha de machado. Ficava até o domingo assim... Falava que a Semana Santa era uma semana de respeito e ninguém trabalhava não de quarta-feira em diante. (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

O relato de Laurindo mostra que a vida na comunidade rural onde ele mora sofria uma significativa mudança. Ele se aproxima de outros relatos apresentados nesse capítulo ao frisar que depois de quarta-feira as mudanças se intensificavam. Em consonância com o senhor Laurindo, a senhora Geralda Creusa de Oliveira relata que esses hábitos também eram observados na roça do seu pai.

> Não fazia nada. Os fazendeiros não tirava leite. Lá na roça do meu pai tirava só na quinta de manhã aquele tanto de leite pra não precisar tirar depois. Aí tirava e dava. No sábado que juntava as vacas pra tirar de novo. Quando chegava semana santa a gente nem ia pra lá (roça). Não podia bater nos filhos. Não podia varrer casa. Não podia socar um tempero (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

Da manhã de quinta-feira até a manhã do sábado, os moradores não tiravam leite, pois no imaginário da época, não podia realizar esta e outras atividades nos principais dias da Semana Santa. Segundo Geralda, parte do leite era levado para sua casa e a outra era dada. Quando ela diz que não ia para a roça nesse período, isso é um indicador que a Semana Santa precisava ser passada na cidade. As outras práticas citadas apareceram anteriormente em outros relatos e algo a ser destacado é a respeito do tempero. Este condimento deveria ser preparado com antecedência para seu uso nas comidas, porém acontecia de algumas famílias prepararem almoço ou janta sem o seu uso.

Na cidade, por causa das atividades econômicas restringidas, os trabalhadores precisavam adotar alguns mecanismos. A senhora Geralda Rodrigues Silva recorda que seu pai, que tinha uma selaria durante a Semana Santa, além de mudar sua rotina de trabalho, precisava tomar algumas medidas de segurança.

> O comércio abria em silêncio e muitas pessoas só abriam uma porta de segunda a quinta. Papai tinha selaria e eu lembro que ele abria uma porta só e depois ele abria um pouquinho por causa do cheiro daquele trem que passava na sela. Eu lembro de papai amarrando um lenço e tomando muito leite por causa do cheiro. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

O silêncio e o respeito são dois dos principais aspectos levantados quando se fala da Semana Santa em Brasília de Minas. As atividades realizadas deveriam levar em consideração o momento mais contrito e serem realizadas em silêncio. Uma das práticas comuns realizadas ao longo do ano, mas que se intensificavam na Semana Santa, eram as rezas no cemitério. Havia mulheres que iam para o cemitério fazer orações e muitas vezes faziam esse percurso e as rezas em conjunto.

> Lá no cemitério o povo rezava. Ali tinha uma cruz que hoje não tem mais lá na porta e lá dentro. Acendia muita vela. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

> Antigamente o povo rezava mais. Eu lembro como hoje na sexta-feira da paixão sempre, desde o tempo do padre Pedro que ele falava: “Quem puder, quem tiver tempo...tiver tempo não! Faz o tempo. Rezem 33 terços”. Eu canso de rezar 33 terços na semana santa. Na sexta-feira da paixão eu rezo 33 terços. Eu começo de madrugada. Ele (padre Pedro) falava que era a idade de Cristo. E eu tinha uma amiga que a gente ia para o cemitério e ficava lá rezando porque lá ficava sossegado. Hoje o povo quase não reza. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

A reza no cemitério durante a Semana Santa ganhava elementos da história de Jesus. Os 33 terços rezados em referência à idade, a escolha do local e do dia ressaltavam o sentimento de contrição presente nesse dia. Apesar de não realizar tal prática, pois desde pequena sua mãe

não deixava que ela e seus irmãos fossem ao cemitério, a senhora Geralda Creusa se recorda que as pessoas iam e levavam velas. Jane, que até hoje vai rezar no local, reforça a ideia recorrente nas entrevistas de que no passado se rezava mais. Segundo ela, o padre Pedro estimulava a prática dos 33 terços. Nesse sentido Carlos Rodrigues Brandão ao falar sobre as representações da santidade explica que uma parte essencial da tarefa dos agentes eclesiásticos é a produção, reprodução e influência do que ele chama de estatuto da legitimidade religiosa. Dessa forma, uma importante parte da tarefa leiga é confirmar esse estatuto feito pelo padre com a sua crença (Brandão, 1983, p.83).

Em outra entrevista, a senhora Jane relata que começou acompanhando algumas mulheres mais velhas que também rezavam no local:

> Igual lá no cemitério mesmo eu vou todos os dias, só não fui nesses últimos dias porque tá chovendo. Porque aqui hoje em dia o povo não vai em cemitério não. E aqui tinha umas mulheres mais velhas que iam. E lá no cemitério não tinha água então elas levavam uns galãozinho cheio d'água. E eu acostumei porque como elas eram mais velhas eu ajudava a levar e ia com elas. E com aquilo eu acostumei. Tem gente que acha que morreu cabou. Eu sei que o espírito tá no céu, mas estão ali os restos mortais e a gente tem que saber que estão ali. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/11/2022)

Segundo esse relato, podemos entender que a reza no local é também para se rezar por aqueles que já faleceram, em memória daqueles que se foram. Vale ressaltar que a maneira como a prática foi passada adiante foi a partir das senhoras mais velhas. Novamente, o papel da mulher na transmissão de um saber-rezar aparece como um elemento lembrado pelos moradores. Outra prática que fora discutida no capítulo 1, mas que também ocorre durante a Semana Santa, é a reza para pedir chuva. A senhora Geralda Rodrigues Silva, descreve:

> Era com o pé no chão porque tinha que ter o sacrifício. Como a cidade era muito quente eles andavam pelo mato e a penitência era não comer nenhuma fruta. Tinha muito araçá, jatobá, pinha do mato, mas não comia. A penitência era ir em fila indiana todo mundo e com um litro de água na cabeça com um galho dentro. Aquele galho simbolizava o que a gente tava querendo que era que tudo ficasse verde. Dois dias da semana a gente ia pelo lado do Tatu porque tinha umas sepulturas antigas e nessas sepulturas antigas a gente jogava a água. Depois a gente ia lá para o lado do São José. Era dona Maria Fumaça, Sá Laia, Marta Fofa, Dálcio, Seu Argemiro e tinha uns homens também que iam entrando pelo caminho. Éramos umas cinquenta pessoas, ninguém machucava, ninguém tinha dor de barriga e papai confiava então todo mundo lá de casa que andava ia. Era reza cantada e tinha a ladainha. Quem soubesse ler ajudava. E lia do jeito que tava lá mesmo. Falava Regina Partirum, porque ninguém ali sabia latim. A gente ficava doido pra leitura ficar boa pra poder ler. Falavam assim "a filha de Chico sabe ler". Ah era uma maravilha! Ficava todo mundo de joelho debaixo de um pau pra rezar a última dezena. Tinha 77 repetições de: "Chuva na terra por esmola, rogai por nós! Chuva na terra por esmola, rogai por nós!". Eram 77 vezes essa repetição quando a gente estava voltando. [...] As rezadeiras levavam água pra jogar na cruz dele e a gente enfeitava aquela cruz com flores que pegava no mato. A gente achava que todo mundo ia pro céu. Rezava com tanta inocência que já era livrado do purgatório. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Segundo o relato da senhora Geralda, as rezas para pedir chuva no período mobilizavam um grande número de pessoas de diferentes idades. A questão do sacrifício e da penitência novamente aparece no caminhar com os pés no chão quente e na restrição em comer os frutos locais quando passavam pelo mato. Ao narrar o deslocamento pelo espaço e citar alguns nomes dos responsáveis por mobilizar as rezas, ela ajuda na composição de uma Brasília de Minas diversificada de elementos invisíveis, que com o desenvolvimento da cidade podem se perder. Como explicitam Certeau e Giard:

> As histórias sem palavras do andar, do vestir-se, de morar ou do cozinhar trabalham os bairros com ausências; traçam aí memórias que não têm mais lugar – infâncias, tradições genealógicas, eventos sem data. Este é também o trabalho dos relatos urbanos. Nos cafés, nos escritórios, nos imóveis eles insinuam espaços diferentes. Acrescentam à cidade visível as "cidades invisíveis" de que fala Calvino. [...] Por isso, tornam a cidade "confiável", atribuindo-lhe uma profundidade ignorada a inventariar e abrindo-a a viagens. São as chaves da cidade: elas dão acesso ao que ela é, mítica. (Certeau; Giard, 2013, p.200)

Um aspecto que pode ser levantado no relato é a hierarquização estabelecida a partir de quem sabia ler, entre aquelas pessoas ali participantes. Somente as que sabiam ler tinham acesso ao livro de rezas, e nesse caso conduziam alguns momentos da prática. As rezas, além de serem para se pedir chuva, significavam também um pedido para livrar as almas do purgatório e, pensando nos estudos de Pereira (2005) sobre a Semana Santa, a aura que envolvia esse período do calendário cristão poderia auxiliar se considerarmos que era um momento de penitência e sacrifício em memória a morte de Jesus. No livro de Maria Inês de Matos Gonçalves, há um canto que era recorrente nas rezas para pedir chuva durante a Semana Santa:

> Segunda-feira santa o dia está pra amanhecer
> Chegou Nossa Senhora está pra chover.
> Terça-feira santa...
> (até Sexta-Feira Santa repete o mesmo refrão)
> Sábado da aleluia o dia está pra amanhecer
> Chegou Nossa Senhora está pra chover.
> Domingo de Páscoa o dia está pra nascer
> Chegou Nossa Senhora está pra chover. (Gonçalves, 2006, p.304)

A oração está ligada a Nossa Senhora, a quem recorriam para pedir intercessão pela chuva. A senhora Geralda Rodrigues relata ainda que ao chegarem à cidade, eles se encaminhavam para os cruzeiros localizados um próximo ao cemitério, um próximo a igreja de São João e um próximo a igreja do Rosário. Havia também uma cruz que eles colocavam água e flores que foi fixada no local onde um vaqueiro teria sido assassinado a mando do coronel

Francisco de Paula Antunes. Ela chega a brincar que existe o soldado desconhecido e em Brasília de Minas havia o local do vaqueiro desconhecido.

A Semana Santa interferia até mesmo nos hábitos alimentares das pessoas. Durante esse período o jejum era uma prática bastante comum nas casas. Como explica Pereira: "As celebrações eram celebrações penitenciais e o corpo para participar dessas celebrações tinha que estar imbuído de tais práticas de penitência" (Pereira, 2005, p.125). O que se observa, a partir dos relatos sobre as restrições alimentares, é que há um conjunto de aspectos a respeito do preparo de alimentos e do que comiam no cotidiano durante a Semana Santa.

> Na sexta-feira era dia de jijum... era dia de penitência. Incrusive o povo da minha família falava que era dia de oração e dia de jijum. Eles punha até as criança de oito anos pra jijuar (risos). Aquilo era tradição. Era dia de respeito... dia de silêncio. (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

> Não podia comer doce, na sexta-feira (Sexta-Feira da Paixão) não tinha sobremesa... a comida era mais simples possível e dizem que antigamente mesmo a semana inteira não comia carne... O jejum era rigorosíssimo! Não tinha jantar naquela época... era muito rigoroso. Criança eles não exigiam o jejum. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Todo mundo jejuava. Criança e adultos, pelo menos na minha família era assim. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> E o jejum cê sabe como é né? Não pode comer nada, toma uma coisa líquida de manhã e continua sem almoçar até doze horas sem comer nada. (Flauzina Mendes de Souza, 87 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/09/2019)

Os relatos focalizam o funcionamento do jejum durante a Semana Santa. Apesar da senhora Maria Inês afirmar que não se exigiam a prática das crianças, o senhor Laurindo e a senhora Olívia afirmam que elas também tinham que seguir. O senhor Laurindo chega a frisar que era uma tradição[60]. Podemos perceber que havia diferenças de acordo com as famílias a respeito da participação ou não de crianças no jejum, porém é certo que elas seguiam algumas restrições alimentares no período, já que a Semana Santa interferia no cotidiano alimentar das casas. O espaço doméstico, segundo Certeau e Giard (2013,p.203), é o território onde se abrem e se reproduzem no cotidiano os gestos elementares das "artes de fazer".

> Padre Pedro mesmo falava que na sexta-feira (Sexta-Feira da Paixão) era dia de jijum. Num tinha negócio de fazer banquete não. E padre Pedro ainda falava que num tinha esse negócio de encher a barriga um dia antes pra depois tá lá na igreja no outro dia

[60] É recorrente nas falas dos entrevistados essa noção de algo que se mantém ao longo do tempo como se fosse ritual. Hobsbawm elabora uma discussão a respeito das tradições inventadas que seriam um conjunto de práticas geralmente regidas por regras implícitas ou explicitamente aceitas. Estas práticas, de natureza ritualística ou simbólica, visam incutir determinados valores e normas comportamentais através da reiteração implicando automaticamente como um meio de continuidade com o passado (Hobsbawm, 2021, p.8).

> não. (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

> Num tumava café com doce, tomava o café sem doce. Mas era só o café de manhã e aí fazia o jejum... e aí ficava sem comer até meio-dia. Os mais véi tinha uns que nem café tumava. [..] Podia comer era peixe, era salada, feijão e arroz, macarrão, outra coisas num podia não. Só que fazia muita salada, verdura. [...] Num vê mais jejum mais. Num faz mais aqueles jejum bem feito que era. (Joana Alves dos Santos, 97 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/09/2019)

> Depois do lava-pés, à meia-noite não podia comer nada de doce. A gente tomava o café de manhã sem doce e ninguém se importava. A gente adoçava o café com rapadura, mas nesse dia o café era tomado amargoso. Quem tinha mais de 12 anos jejuava. O padre reforçava isso. [...] Depois da procissão (procissão de enterro na Sexta-Feira da Paixão) a gente chegava em casa meia-noite aí mamãe preparava um chá de laranja porque agora já podia comer depois de ter jejuado. Aí a gente tomava um chá e comia biscoito e bolo de fubá sentados enquanto papai comentava sobre a procissão, mas todo mundo ficava em silêncio. Aí cada um ia pro seu quarto. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

De acordo com o relato do senhor Manuel Pereira dos Santos e da senhora Geralda Rodrigues Silva, o padre Pedro Hendricks, através da sua fala, impelia os fiéis a seguirem o jejum. Esse reforço feito pela autoridade clerical na cidade, além de estímulo a prática constituía e pavimentava a entrada dessa autoridade no seio familiar. No relato da senhora Joana, há uma mistura de temporalidades, pois ela se recorda do período da sua infância ao falar do consumo de café, quando aborda a alimentação já está falando de um período por volta da década de 1970 – 1980, e ainda estabelece um diálogo com o tempo presente da gravação ao comparar com o período anterior. Sobre o café, a senhora Geralda também vai ao encontro do relato da senhora Joana e destaca o amargor que ele era servido, pois o jejum consistia também na restrição ao açúcar. Poderíamos até pensar que o amargor do café preparado, sobretudo na Sexta-Feira da Paixão, dialoga com o aspecto fúnebre e constrito evocado no dia. O uso da rapadura era comum na época para adoçar o café, pois o açúcar era um produto mais caro e de pouco acesso. Joana também descreve os alimentos preparados durante a sexta-feira. Devido as condições econômicas de sua família, alimentos como verduras, leguminosas eram mais preparados e consumidos nesse dia. Abordar as descrições do cozinhar, do saber-fazer doméstico são importantes para entendermos a partir do que havia e do que não havia os elementos constitutivos do espaço privado durante a Semana Santa.

> Mãe quando chegava na sexta-feira ela não fazia um banquete. Ela fazia um macarrão, um peixe, uma abóbora com quiabo. Até hoje eu sinto aquele gosto da abóbora com quiabo que ela fazia pra dar a gente. [...] A gente não comia doce. Comprava era laranja pra dar a gente nesse dia. Descascava a laranja e colocava numa vasilha pra gente. Todo mundo panhava uma laranja e ia chupar. E ela guardava a semana santa. Esses dias eu tava comentando que eu guardo a Semana Santa, mas não era tanto igual

> mãe guardava. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

Aqui a senhora Geralda Creusa se recorda da Semana Santa através da alimentação e do preparo da comida feito pela sua mãe[61]. Segundo ela, ainda sente o gosto da abóbora com quiabo que sua mãe fazia. O saber-fazer cotidiano na cozinha deixa rastros e é capaz de estimular sensações que permanecem na vida dos sujeitos, como se percebe através desse relato. A senhora Geralda Rodrigues Silva se recorda, além do preparo dos alimentos em sua casa, que havia o costume de ajudar aquelas pessoas que não tinham condições de comer nesse período e pediam esmola.

> Tinha o silêncio, a caridade… ah e a caridade a gente entendia que era a semana inteira porque na cidade na época havia muitas pessoas pedindo esmola e eles pediam para o jejum. Ou então eles falavam: "Um pedaço de abobra pra Semana Santa". E havia pessoas que não comia carne de jeito nenhum na semana. Lá em casa era a partir de quarta-feira. Aí era uma sardinha que mãe abria a lata e colocava no macarrão, tinha abóbora…(Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Esse relato evidencia as desigualdades sociais presentes em Brasília de Minas naquela época. Isso se acentuava durante a Semana Santa, devido ao aumento no fluxo de pessoas que iam para a cidade em razão das celebrações. Outra prática comum relatada pela senhora Geralda Rodrigues é a partilha de alimentos realizada entre os vizinhos.

> era uma sexta-feira coletiva. Quem tinha dava pro outro e quem não tinha pedia. "Dona Ana, o peixe daí sobrou?"; "Ah dá pra te dar duas sardinhas". Eu lembro de eu levando muito pedaço de abóbora e muito pedaço de peixe pra vizinhos e os vizinhos mandavam ovos pra casa de mamãe. Era assim a troca. …(Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A Semana Santa nesse caso fortalecia os laços de solidariedade e sociabilidade entre os vizinhos do bairro. Esse relato é importante para evidenciar essas relações cotidianas no interior do bairro, fora do espaço da Igreja. Segundo Pierre Mayol:

> O bairro é um espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar de tudo um ato cultural,

[61] Pode-se considerar também que o preparo de comida durante a Semana Santa foi recordado por Geralda Creusa, em razão do que ela fazia durante a entrevista. No dia 5 de junho de 2022 quando cheguei à casa de Geralda Creusa, ela começava a preparar o almoço e disse que eu iria almoçar lá com ela. A gravação ocorreu enquanto ela preparava a comida. Muitas vezes esquecidas nas análises, as práticas culinárias fazem parte do cotidiano e são bastante úteis para se entender a vida dos sujeitos. Como elucida a historiadora Luce Giard: "Em cada caso cozinhar é o suporte de uma prática elementar, humilde, obstinada, repetida no tempo e no espaço, com raízes na urdidura das relações com os outros e consigo mesmo, marcada pelo romance familiar e pela história de cada uma solidária das lembranças de infâncias como ritmos e estações" (Giard, 2013, p.218). A senhora Geralda Creusa, que aprendeu a cozinhar com a mãe, ao preparar o almoço e me convidar para comer demonstra estar aberta para uma entrevista e acima de tudo para um diálogo extenso e está disposta a se abrir, partilhando suas memórias, a ponto de mostrar também o produto do seu saber-fazer culinário, herdado da mãe e incorporado com outras técnicas ao longo dos anos.

> não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares, etc.). [...] É sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social (Mayol, 2013, p.41)

Nesse sentido, a partir das relações entre as pessoas do bairro relatadas por Geralda Rodrigues, é possível perceber o que era consumido nas casas, como esses alimentos eram administrados e de que forma essa sexta-feira coletiva fortalecia vínculos. Havia também uma prática de levar as sobras de comida aos peixes no rio Paracatu que corta a cidade.

> Tinha uma tradição quando as famílias terminavam o almoço, iam para o rio lavar os pratos, lavar as vasilhas pra levar o resto de alimento pros peixinhos. Se eles não iam, mandavam os empregados fazer isso. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> A comida que sobrava a gente juntava que ia dar lá pros peixinhos do córrego. Toda vez… tinha hora que a gente nem comia tudo só pra levar pra eles (risos)... Aí ela falava "não, vocês pode comer tudo que eu fiz que dá e vai sobrar até pros peixe". (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

O que se percebe, é que essa prática evidencia as diferenças sociais existentes na cidade. Enquanto havia pedintes, pessoas que não tinham condições de consumir alimentos durante a Semana Santa, havia também as famílias que mandavam os empregados lavarem os pratos no rio e os que levavam o que sobrou dos alimentos para os peixes. Algumas práticas ainda perduram e são realizadas por moradores, como é o caso da senhora Geralda Creusa que relata:

> Eu ainda tenho umas coisinhas que até hoje eu ainda faço. Eu não arrumo casa depois de quinta-feira. Quarta-feira de treva eu já não dou aula mais. E eu não dava aula nem que eu perdia o dia quando eu trabalhava na prefeitura. Minha mãe não gostava. Ela falava "ó amanhã é quarta-feira você fala lá na escola". A gente cresce no costume. Tem muita gente da minha casa que segue, mas tem outros que já não faz mais. Meus irmãos mesmo casou, as mulher deles tem outros costumes. Não posso nem falar nada. Todos moram aqui. Só um que tem quinze dias que foi morar lá no céu… (longa pausa) A gente era oito agora somos sete. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

Assinalar a permanência de práticas é importante para mostrar a maneira como os sujeitos dão sentido a elas. A senhora Geralda Creusa tem uma escola de ensino infantil e, a partir da Quarta-Feira Santa, interrompe as atividades do estabelecimento. Ela ainda afirma que mesmo quando trabalhava para o município, preferia ficar com falta no trabalho. Há também pessoas em sua família que mantém essas práticas. É preciso destacar a menção aos familiares nessa parte do relato. Recordar das práticas realizadas e as mantidas na família se conectou

diretamente a uma situação à época da gravação da entrevista, que foi o falecimento do seu irmão[62].

Trataremos da malhação do Judas no capítulo 3, mas vale destacar uma prática que ocorria no sábado relatada pela senhora Geralda Rodrigues Silva. A prática era uma brincadeira que consistia em jogar água nos vizinhos que passavam.

> No sábado era muito divertido; às seis horas da manhã tinha os danados que ficavam escondidos com umas bacias de água, esperando alguém passar. Quando a pessoa passava aí jogava a bacia com água e aí aquela pessoa tinha que jogar em outro. Era a guerra com água. E nós meninos jogávamos copos com água nos vizinhos e os vizinhos jogavam na gente. Era tudo no Sábado de Aleluia. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A prática, apesar de ser relatada pela senhora Geralda Rodrigues como pertencente ao Sábado Santo, se assemelha a outra comum realizada antes da Quaresma, chamada entrudo[63]. Esta também consistia em se jogar além de água, farinha, tinta e outros itens com um cheiro incômodo. Ela também relata que no Sábado de Aleluia havia em sua casa e em outras ao redor um hábito de comer na cuia carne com farinha. Nota-se que, para alguns moradores, nesse dia já poderia comer carne.

> E tinha o negócio de comer na cuia. Falava assim: "Hoje é Sábado de Aleluia, carne no prato e farinha na cuia". Aí mamãe colocava farinha na cuia e uns pedaços de carne frita e cada um comia um pedaço de carne com aquela farinha. E na casa dos outros também tinha. Na casa de dona Bertolina tinha, na casa de dona Nazinha tinha. Devia simbolizar alguma coisa… (pausa) Ou na cabeça deles podia simbolizar a fartura, a paz, alguma coisa. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

De sábado para domingo à noite, ocorria uma festa em um clube da cidade o baile do aleluia, conhecido como Micarême. Alguns não participavam da celebração da Vigília Pascal do Sábado Santo, para ir a essa festa.

> E quem ia pro Micarême saía de lá e ia pra procissão. Já tinha o Micarême, o baile do aleluia. Toda vida teve. Eu saía e arrumava correndo pra ir pra procissão. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

> Tinha uma festa assim mais social que era a Micarême. Essa festa acontecia na Praça de Esportes. Eu participava dessa festa, mas não entendia o porquê de ela ser nessa época. Só depois mesmo que eu fui entender que era o Aleluia (Sábado de Aleluia). Tocava os sucessos da época, era uma hora dançante. Tinha uma banda que tocava, o povo ia arrumado pra essa festa, menino! (Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 04/07/2023)

---

[62] Optei por manter essa parte na citação porque ela demonstra a minha postura durante todo o tempo que permaneci na casa de Geralda. Eu não estava apenas com uma senhora que seria entrevistada e contribuiria para a pesquisa, eu estava com uma pessoa que há quinze dias havia perdido um irmão e era sua única companhia naquele domingo. A sensibilidade da escuta e dos gestos é algo que sobrepõe qualquer manual e por isso a História Oral é essa arte que se amplia em cada experiência prática.

[63] Sobre o entrudo no Brasil ver: Abreu, 1996.

O relato da senhora Jane demonstra que nem tudo na cidade estava voltado para o religioso durante a Semana Santa. Havia em meio ao período momentos de festividade que não possuíam relação com a igreja. O relato ainda nos dá indício do instante em que as duas manifestações se encontram no mesmo espaço, quando as pessoas voltando da festa iam acompanhar a procissão. Ao utilizar a expressão "toda vida teve", ao contrário de falar desde quando existia a Micarême, a senhora Jane estende o período de duração da festa, como se fosse algo que sempre ocorreu na cidade. Joyce Georgina de Sousa destaca que a festa era feita na Praça de Esportes, sede da Associação Esportiva Brasilminense (AEB) que funciona como um espaço de torneios, eventos sociais, esportivos e culturais em uma das principais avenidas da cidade – Avenida Rui Barbosa. Era um momento dançante que se tocava os sucessos musicais da época. Dessa forma, o sábado fica marcado como o dia da permissividade, após o dia mais restritivo que a maioria da população tinha medo, como veremos no tópico seguinte.

2.4 – Um Deus vingativo e punitivo e um diabo solto pela cidade: relatos sobre medo na Semana Santa

Embora esse elemento apareça em relatos anteriores, é necessário focar e estender a discussão a respeito do medo na Semana Santa, mormente na Sexta-Feira Santa. O que se percebe em Brasília de Minas é que muitos moradores fazem uma associação desse dia às restrições e ao medo. Tal associação não é exclusiva da cidade, pois, de acordo com José Carlos Pereira (2005), no imaginário do catolicismo popular esse é um dia assustador, cujas práticas são realizadas mais pelo medo do que pela devoção. Existe, segundo o autor, inúmeras regras a serem cumpridas e se por algum motivo não forem, o infrator está sujeito a punição divina.

O historiador francês Jean Delumeau, em seu trabalho "História do Medo no Ocidente" (2009), traz importantes considerações acerca do tema. Segundo o autor, por mais que os indivíduos lutem para superá-lo, nosso tempo é bem sensível ao medo e é uma parte essencial da experiência humana (Delumeau, 2009, p.23). Nesse sentido, ao observarmos os relatos dos moradores, é possível entender como o medo é verbalizado e percebido por eles em suas memórias da Semana Santa. Um dos medos que aparece é o de andar a cavalo, principalmente na Sexta-Feira da Paixão.

> Ninguém andava a cavalo. Durante esse dia (sexta-feira) não! Hoje cê sabe como é que é, o trem tá tudo... né? O trem vai mudando, o povo vai mudando e parece que num importa né? Mas o respeito era muito grande naquela época. Hoje o povo já num

> respeita mais. (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

> Ninguém andava a cavalo. Tudo era muito observado nesse dia. Às vezes a gente ouvia que aconteceu alguma coisa com fulano porque ele desobedeceu a Igreja na sexta-feira. Andou a cavalo, caiu do cavalo. Alguma coisa tinha. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Num podia não (andar a cavalo)... num podia andar de a cavalo que eles falava que era por causa da tentação. Podia acontecer qualquer coisa porque num tava respeitando o dia. Que o dia era respeitado e os que fazia isso era porque num tem consideração. (Joana Alves dos Santos, 97 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/09/2019)

Havia por parte de muitos brasilminenses esse medo de andar a cavalo. Esses relatos poderiam até se relacionar com as outras práticas restritivas apresentadas anteriormente, como não varrer casa, não fazer barulho, entre outras, mas há um aspecto do medo envolvido, além do respeito ao dia citado nos relatos. Acreditavam que se andassem a cavalo na Sexta-Feira Santa poderia acontecer algo, como um acidente. Entretanto, possivelmente nem todos seguiam de maneira precisa, visto que a cidade recebia pessoas de diversas localidades, algumas que percorriam longas distâncias para participar das celebrações. Mas para aqueles que acreditavam, o andar a cavalo poderia trazer punições divinas.

> Não andava a cavalo nada nada. O medo que tinha era grande. O povo fala que Deus castiga, mas não é que Deus castiga. Ele põe a gente à prova. Ele mostra que a gente está errado. Ele mostra que aquele não é o caminho que Ele ensina. Por isso que ninguém pegava o cavalo, ninguém arriava uma carroça, nada! Não fazia nada! (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

A senhora Jane atribui as consequências do não cumprimento a uma forma de Deus mostrar o caminho, mas o medo da punição não deixa de existir. A punição seria, nesse caso, pedagógica. Ela ainda relata um episódio que ficou marcado em sua família, envolvendo seu pai e seu tio e a troca de duas mulas durante a Sexta-Feira Santa.

> Meu pai era muito religioso, muito temente a Deus, mas não era muito de ir na igreja não. Ele não importava com esse negócio de “hoje não pode fazer isso, não pode fazer aquilo”. E meu tio em um dia de sexta-feira da paixão estava lá na casa da minha avó. Tava todo mundo na casa de vó. Vinha da roça pra passar a semana santa aqui. E meu tio começou mais papai a fazer um negócio de uma troca de duas mulas. Um tinha uma mula e o outro tinha outra e eles iam trocar. Minha avó chegava e falava “Gente, hoje é sexta-feira da paixão! Vocês param com isso que hoje não é dia disso”. Era as coisas que a gente presenciava na época. Falava “Hoje não é dia disso não. Não é dia de ficar fazendo negócio não”. E eles mesmo nem importavam não. Ficaram lá sentados e mexendo com esse negócio da mula. Eu devia ter uns dez anos. Aí fizeram o negócio da mula. Quando meu pai chegou na roça a mula tinha morrido e a do meu tio também tinha morrido. Eu não acho que foi coincidência não. Deus põe a gente a prova todo dia. Então eu sempre conto isso pra minhas meninas. Eu tenho isso como exemplo. Sexta-feira da paixão é dia de penitência, é dia de você ficar lá quietinho... dia de oração. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

Esse relato expressa uma ideia partilhada em Brasília de Minas a respeito da Sexta-Feira da Paixão. A história, relatada por Jane, tem um caráter pedagógico em sua família. Essa pedagogia do medo é importante para se manter no ambiente familiar o respeito a Sexta-Feira. Não cabe aqui discutir os vários fatores que poderiam ter ocasionado o falecimento de ambas as mulas. O que nos interessa é pensar que, analisando essa história, podemos entender que elas atribuem a punição ou o "colocar a prova", conforme explicado por Jane, não apenas pelo pai e o tio terem feito o negócio naquele dia, mas também ao fato de não serem religiosos ao ponto de seguirem as restrições impostas. Isso fica evidente logo no começo do relato, quando Jane fala que seu pai era religioso, ou seja se declarava católico, mas não era muito de frequentar a igreja, seguir essas restrições. Isso além de mostrar novamente que há diferenças no ser católico e na maneira dos sujeitos seguirem o discurso institucional, também mostra como os entrevistados fazem uso de suas memórias. Como bem assinala Alessandro Portelli (1997), ao se trabalhar com a História Oral, lidamos com as subjetividades, imaginações e memórias dos indivíduos e como elas interagem e se manifestam através das entrevistas realizadas.

Sobre o ponto da punição de Deus, Jean Delumeau argumenta que:

> A ideia de que a divindade pune os homens culpados é sem dúvida tão velha quanto a civilização. Mas está particularmente presente no discurso religioso do Antigo Testamento. [...] a relação entre crime e castigo divino – já neste mundo – tornou-se uma evidência para a mentalidade ocidental. (Delumeau, 2009, 335)

O que podemos perceber, a partir do que foi apresentado por Delumeau, é que há ainda um discurso de um Deus punitivo presente nas memórias de alguns moradores entrevistados. O casal José Alves Ribeiro e Terezinha Ferreira de Brito Ribeiro, ao falarem sobre o medo durante a Semana Santa, afirmam:

> Terezinha: A gente tinha mais receio de fazer as coisa errada. A gente pensava duas vezes antes de fazer uma coisa errada com medo do castigo de Deus.
> José: Tem gente que não acredita nisso, mas a coisa melhor que tem que ter na cabeça é esse medo do castigo de Deus, pra não fazer as coisas de errado. Faz parte. A pessoa que tem medo do castigo de Deus não faz coisa de errada não. Quem não tem faz o que quer. (José Alves Ribeiro, 76 anos, morador de Brasília de Minas e Terezinha Ferreira de Brito Ribeiro, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em conjunto dia 11/10/2022)

O relato de ambos reforça o que foi apresentado por Delumeau e reafirma esse aspecto do medo na cidade como uma forma de manter as restrições. O senhor José acredita que até hoje é necessário manter o medo do castigo divino. Por outro lado, o medo da punição de Deus não era o único nesse dia. Algumas consequências de ações que fossem de encontro ao dia eram atribuídas ao diabo.

> O demônio ele ficava solto nesse dia porque ele tava procurando por Jesus. Então ele abria a porta do inferno e tudo saía. E Lúcifer era o poderoso, ele falava que quem achasse Jesus levava pra ele. E aquele ganhava os trinta e três dinares que Judas havia dado. Até meus dezesseis anos eu ouvia essa história na casa da minha mãe e acreditava. Até os dezesseis anos eu guardei tudo. E eu já estudava o segundo grau, mas eu guardei. Era uma tradição. Eu vinha, meus irmãos vinham de São Paulo, a família não reunia tanto no Natal como reunia na Semana Santa. Meus irmãos que moravam em São Paulo já até namoravam e todos seguiam. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Nesse relato da senhora Geralda Rodrigues Silva, há uma inserção de elementos da narrativa bíblica no seu cotidiano. Ela afirma que até os 16 anos acreditava que o demônio estava solto na Sexta-Feira Santa à procura de Jesus. Essa crença, em algumas localidades, se estende por toda a Quaresma, como salienta José Carlos Pereira (2005). Segundo o autor, para a religiosidade popular se o diabo está livre, os sujeitos precisam tomar cuidado, porque a qualquer instante pode ocorrer de encontrá-lo ou cair em uma de suas armadilhas (PEREIRA, 2005, p.169). Ainda que Geralda tenha se mudado para uma cidade maior para estudar e seus irmãos se mudado para outro estado, eles permaneceram com a crença. A família se reunia durante a Semana Santa e todos seguiam. Um ponto a ser destacado também em seu relato é a importância dada a Semana Santa. Era o momento de reunião dos familiares, com mais importância que o Natal.

A senhora Geralda ainda se lembra de uma situação aos 16 anos, por volta de 1969, ocorrida na Sexta-Feira Santa envolvendo sua trança. Como nesse dia não se lavava nem penteava cabelo, era comum que as meninas fizessem tranças para mantê-lo preso e arrumado.

> nós tínhamos o cabelo grande aí já trançava. Eu lembro que com 16 anos a minha trança começou a soltar e eu entrei no banheiro escondida e pedi pra Elvira apertar minha trança, porque a gente já tinha um pouco de vaidade e tinha uns seminaristas bonitinhos que vinham ajudar na Semana Santa… (pausa) Ah é vinham muitos seminaristas e eles ficavam na casa de dona Bertolina, mãe de Bá… Eu guardo muitas coisas (risos)... Aconteceu que eu tropecei e arranquei a cabeça do dedo e minha avó falou que foi o bicho mau que estava de olho e eu desrespeitei e ele ficou tão feliz que eu desrespeitei que ele quis mostrar que estava comigo. Aí eu tive que fazer uma novena pro bicho mau deixar de ficar comigo. Rezava com vó. Arrancou esse pedaço todo aqui do dedo (tirou o chinelo e indicou o local). Arrancou toda a capela do dedo. E eu com dor e vó falava: “Jesus sofreu mais. E tá vendo? Ninguém mandou você desobedecer”... (pausa) A gente obedecia por amor e por medo. E o medo era maior que o amor. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Conforme o relato acima, a obediência pelo medo se manifestava em situações ordinárias como o arrumar o cabelo. Assim como na família de Jane Soares Mendes, cuja diferença de idade com esta é bem pequena, Geralda também manifesta que sua avó era a responsável pela manutenção e reforço desse medo. Isso volta ao que fora discutido sobre as comunidades de fé testemunhais na América Latina e a relação com o feminino no processo de

transmissão. A avó de Geralda disse que foi o bicho mau que estava de olho e a partir daquele momento para se livrar dele seria necessário rezar uma novena. Sobre Satã ou os diabos, Jean Delumeau descreve:

> O discurso demonológico emprega indiferentemente o singular ou o plural. A ubiquidade da ação diabólica leva a postular não só o extraordinário poder de Lúcifer, mas também a existência de um exército de anjos do mal obedecem docilmente a seu chefe como os anjos executam as ordens de Deus. Mesmo que o próprio Satã, como acreditam certos teólogos, resida no inferno, seus agentes habitam nosso universo (ai de nós!) ou pelo menos circulam – e circularão até o Juízo Final. (Delumeau, 2009, pp. 381 – 382)

Essa manifestação do "bicho mau" acentuada na Sexta-Feira da Paixão só é combatida, para os fiéis, através das orações e, mais do que isso, através da retomada da obediência, uma vez que ele se aproximou pela transgressão. Quando ela afirma que eles obedeciam por amor e por medo sendo este até maior se aproxima do discurso feito por José Alves Ribeiro que "a pessoa que tem medo do castigo de Deus não faz coisa de errada não". Nesse caso a punição vem com o contado ao que deveria ser repelido, o diabo.

> Meus irmãos, os machos, não saíam sozinhos de jeito nenhum, um chamava o outro. Ninguém saía na rua sozinho na Sexta-Feira da Paixão porque enquanto não pegava o Jesus, os demônios estavam tudo soltos. Mulher não podia brigar com o marido porque o bicho mau atentava. Na quarta-feira o padre falava que se a gente estivesse com raiva de alguém pra pedir perdão e a gente pedia. Eu lembro que pedia perdão meus colegas de escola, até os que eu passava na frente na fila. E assim a gente ia pro céu. Era certinho que a gente ia pro céu. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A senhora Joyce Georgina de Sousa se recorda da Semana Santa ainda como um período de muito medo, e esse medo estava associado ao castigo divino e à figura do diabo.

> A Semana Santa era uma época que me causava muita ansiedade e medo porque não entendia o porquê disso tudo. A igreja pregava muito nessa época sobre o fim do mundo, sobre o castigo divino, inclusive tem uma oração de penitência que a gente bate no peito e fala "por minha culpa, minha tão grande culpa" e eu batia no peito, mas não entendia que culpa era essa que eu carregava. O padre também não era tão acessível, era muito mais fechada. Era uma igreja enquanto templo. Eu tinha medo do diabo. Muito medo do diabo. Tudo o que a gente fazia ou não fazia era por medo. Por essa ameaça do diabo. (Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 04/07/2023)

Esta "ameaça do diabo", sobretudo na Sexta-Feira Santa, poderia se manifestar também através de outras criaturas monstruosas, como o lobisomem e a mula-sem-cabeça. De acordo com Pereira:

> Personagens mitológicos que ajudam a compor o aspecto macabro dos encantamentos da Sexta-Feira Santa. [...] Os encantos e magias das sextas-feiras continuam em figuras folclóricas. Nas sextas-feiras, além do lobisomem, do bode preto, surge também a figura da mula-sem-cabeça. Mito que se originou no seio da Igreja Católica,

> como forma de proteção de seus membros, padres, contra o assédio feminino e vice-versa, ganhou fama nos meios populares [...]. (Pereira, 2005, p.170)

Há uma relação entre a ideia de aparecimento dessas figuras com a noite. O medo se torna mais acentuado nesse período. Em concordância com Pereira, Delumeau discorre: "Fantasmas, tempestades, lobos e malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice. Esta, em muitos medos de outrora, entrava como componente considerável. Era o lugar onde os inimigos do homem tramavam sua perda, no físico e no moral" (Delumeau, 2009, p.138). Essa relação do medo com a noite pode ser percebida nos relatos dos entrevistados.

> Eu tinha medo porque falavam que na Semana Santa aparecia mula-sem-cabeça, que aparecia aquilo. Falavam que naquela rua ali que desce falava que passava uns cavaleiro. Eu não gostava de passar lá. Eu falava "oh mãe vão mais eu" porque eu não gostava de passar lá. Eu acho que não existe, mas naquela época eu tinha um medo. Menino, mas se falasse que eu ia ver uma mula-sem-cabeça aí que eu chorava mesmo. E a cidade era escura naquela época. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

> As ruas eram um silêncio e aquela rua ali, aquele bequinho (indicando com o dedo a direção da rua) o povo falava que era amaldiçoado. Ali ninguém passava sexta-feira. Eles falavam que era o beco do medo. Todo mundo tinha medo de passar por ali. Era muito escuro, tinha uns pés de bambu e falavam que lá debaixo vivia mula-sem-cabeça, que o povo via luz ali, falavam que ouviam uivos e que os uivos era o bicho mau chamando outro bicho mau. E tinha gente que acreditava que ouvia passos atrás deles. Eles não olhavam pra trás porque arrepiava até o cabelo só de ouvir os passos atrás. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

> Fazia medo quando era dia de Sexta-Feira da Paixão... muita gente via e muita gente num via era lubisome que andava... o lubisome andava praquelas pessoa que num era muito contrita a Deus, o lubisome aparecia mesmo pra eles. Muita gente contava causo que via ele passar, mas lá na casa de pai rezava a Coresma todinha. Tudo que entrava a Quarta-Feira de Cinzas rezava até a Sexta-Feira da Paixão. Num faiava um dia. Os vizinho ia lá pra rezar. (Joana Alves dos Santos, 97 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/09/2019)

> Tinha superstição de falar que diz que tinha lobisomem, mas era só mesmo superstição. Ninguém nunca viu, mas todo mundo tinha medo assim mesmo (risos)... Mesmo sabendo que não era verdade, o povo ficava preocupado. Se visse um cachorro grande na rua na sexta-feira corria achando que era lobisomem. Tinha a pessoa que era feia, que estava barbado, falava que na sexta-feira que virava lobisomem. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Tinha vez que tinha uma criança que ficava malinando aí falava "ó o lubisome" (risos). Fazia medo nas crianças. Tinha as histórias que falava que tinha lubisome, mas meu pai, falava o seguinte: podia existir, mas que quem tava... Quem tava na finalidade de Deus não tinha essas coisas não. Mas falava mesmo. Falava assim "ó o lubisome!" (risos)... Ou então falava "amanhã é dia do lubisome vim comer os leitão". (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

Os moradores entrevistados falam sobre o medo de lobisomens, mulas-sem-cabeça, embora muitos considerem isso um mito, uma superstição. Além dos fatores já citados, a lua cheia também provoca a presença do medo. Grande parte das celebrações religiosas duravam até a meia-noite e, nas décadas de 1960 e 1970, Brasília de Minas era uma cidade pouco iluminada, sendo a praça da Matriz o local mais iluminado. Por essa razão, no caminhar noturno, um cachorro andando na rua se transformava em uma fera, um ruído se transformava em um barulho assombroso. Delumeau explica que os redutores da atividade imaginativa são atenuados durante a noite, por causa da escuridão. Dessa forma, com o desaparecimento da luz o real e o ficcional podem se misturar na visão dos indivíduos (Delumeau, 2009, p.142). Um ponto do relato da senhora Joana merece destaque. Para ela, os lobisomens só aparecem para quem não reza, para quem não se aproxima de Deus, algo que o pai do senhor Laurindo também concordava. O que percebemos é que o medo estava presente em diferentes gerações, considerando as idades dos cinco entrevistados acima. Outro aspecto que podemos levantar presente nos relatos das duas Geraldas é o medo localizado em determinadas ruas da cidade. Segundo elas, havia ruas que as pessoas durante a noite na Semana Santa não passavam. Geralda Rodrigues diz que chamavam de beco do medo. Uma localidade de Brasília de Minas era renomeada em razão do temor dos moradores. A cidade é dinâmica e a todo momento ganha nuances conforme seus usos e percepções. Os medos eram difundidos principalmente durante a infância, como se nota no relato do senhor Laurindo. Sobre o medo no imaginário infantil, Pereira em seus estudos sobre Semana Santa reúne várias histórias contadas para crianças pois era necessário reforçar o caráter assustador da Sexta-Feira Santa. O autor observa que esse dia era visto como "um dia de medo, assustador. Seu encantamento no imaginário infantil era sinistro. Atos alegres podiam, como nos contos de fada, serem transformados, como num passe de mágica, em tragédias e castigos" (Pereira, 2005, p.126).

Os lobisomens na cidade, de acordo com o relato da senhora Maria Eugênia, seriam aquelas pessoas consideradas possuidoras de uma aparência disforme. O que se percebe é que havia também a crença não apenas do surgimento das criaturas na cidade, mas na transformação de moradores nessas criaturas[64]. Por outro lado, há relatos de pessoas que ou não acreditavam, ou atribuíam essas crenças a apenas localidades rurais.

> Tinha os comentários. Mas assim mais no meio das pessoas sem instrução. Falava de lobisomem, de mula-sem-cabeça (risos). Geralmente quem seguia a igreja não tinha essas coisas. Quem seguia direitinho não tinha medo disso não. Mas tinha muitas conversas. Quando a gente era criança mesmo a gente escutava muito essas coisas...

[64] Essa crença remonta de tradições folclóricas da Europa, mas também há elementos das tradições indígenas e africanas. Ver: Souza, 1986.

> Principalmente o pessoal da roça falava que na Semana Santa na lua cheia que tinha mula-sem-cabeça, tinha lobisomem. [...] Mas tinha um medo de andar à noite na semana santa na noite de lua cheia. (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019)

> O povo tinha uma bestage quando era na semana santa lá na roça. Os vizim lá mesmo ouvia uns cachorro e falava que era lubisome (risos)... Eles falava "ó o lubisome tá andando"... (risos) isso na Sexta-Feira Santa. Na cidade eu não reparei tanto isso aqui não. Isso de lubisome. (Joaquim Francisco dos Santos, 82 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/05/2022)

> Medo eu não tinha não. O povo falava que fulano viu assombração ou que outro fulano lá virava lubisome e comia leitão. Mas eu não tinha medo não. (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

É importante apresentar esses relatos dissonantes porque, embora haja experiências compartilhadas, não há uma homogeneidade com relação a práticas e, conforme os relatos acima, ao medo durante a Semana Santa. Esses moradores pontuam que havia esses medos, mas eles não sentiam, consideravam "bestage" ou atribuíam aos moradores da zona rural. O senhor Joaquim, por exemplo, afirma que não percebeu tanto relatos dessa natureza depois que se mudou para a sede do município. Como bem argumenta Yara Khoury:

> As fontes orais são únicas e significativas por causa do seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Por meio dessa organização, cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós. (Khoury, 2001, p.84)

Para finalizar essa parte, há uma prática ocorrida em Brasília de Minas que não foi citada no tópico anterior, porque acreditamos que ela esteja bastante relacionadas aos elementos do medo, do sinistro da sexta-feira que foram discutidos aqui. Essa prática consiste em retirar um pouco de terra do cemitério na Sexta-Feira Santa e colocar na porta de alguma pessoa que se deseja prejudicar. Essa situação ocorreu de maneira extraordinária durante a procissão de enterro em Brasília de Minas. A senhora Arminda Fernandes Pontes tinha uma loja no centro da cidade e estava participando da procissão de enterro quando ocorreu:

> Fez com um tanto de gente naquele dia. [...] Devia ser meia noite já. Eu tava com minha velinha acesa passando naquela rua descendo a cadeia... [...] Veio uma pessoa correndo e falou pra mim "[...] tá pondo terra de cemitério na sua loja". E era o tempo melhor que eu tinha a loja. Pus uma papelaria. Lá era uma papelaria. Aí eu ainda falei "Cê besta, menina! É a gente rezando e uma pessoa fazendo uma coisa dessas". Aí eu corri. Cortei a procissão no meio e fui lá ver. Quando eu cheguei, menino, no cadeado... tava naquele buraco de passar o cadeado no chão... aquele buraco estava cheinho de terra do cemitério... tava cheinho de terra do cemitério (aumentou o tom de voz ao falar da terra do cemitério). (Arminda Fernandes Pontes, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 02/11/2019)

Esse relato é importante para mostrar que havia outros usos para a Semana Santa, ainda que seja uma situação extraordinária em Brasília de Minas. A Sexta-Feira da Paixão foi usada nesse caso para a realização de uma prática distinta. A senhora Arminda relata que, depois do ocorrido, sua loja fechou e ela acredita que essa prática a prejudicou. A senhora Pascoalina também se recorda desse acontecimento e relata:

> Aconteceu aqui, mas o povo não fala muito porque na época foi um escândalo (falou num tom mais baixo do que estava falando antes). Foi muito feio. Acho que queria era começar uma tradição aqui na cidade, mas foi um escândalo e fez foi acabar. Nunca mais ouvi falar que fez aqui. O povo fala que é a maldição, a terra de cemitério. A gente quer ela (terra) é lá mesmo, no cemitério, não é ficar amaldiçoando os outros não. (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

O relato da senhora Pascoalina reforça a ideia do evento extraordinário na cidade e o impacto causado a ponto de ser pouco falado. Isso fica evidente no fato que essas são as duas únicas entrevistas gravadas que mencionam o que aconteceu, pois alguns moradores da cidade mencionaram, mas não quiseram gravar entrevistas. Em seu relato, Pascoalina fala sobre a prática ser uma maldição e tal ato considerado escandaloso. Por isso, a importância de analisar a Semana Santa a partir das vivências cotidianas, porque é possível encontrar usos que rompem a fronteira do religioso.

CAPÍTULO III:
A CIDADE MODIFICA, A SEMANA TAMBÉM: AS NARRATIVAS DA SEMANA SANTA NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 E OS DIÁLOGOS COM O PRESENTE

Nosso objetivo é observar, principalmente, as transformações nas experiências e nas dinâmicas sociais nesse período, marcado por uma série de mudanças tanto na Igreja quanto na cidade. Nesse período, foram criadas mais pastorais, então é importante observar como essas pastorais atuavam dentro e fora da Igreja. É preciso observar, também, as permanências, a fim de se entender como o discurso institucional se manteve no local. Na década de 1990, a partir da fala dos entrevistados, observa-se uma "espetacularização" na Semana Santa e, à medida que se aproxima dos anos atuais, eles reforçam esse aspecto. É também uma maneira de entender o porquê para alguns a Semana Santa "perdeu o respeito", ou "não se reza mais como antigamente", e como a cidade para eles mudou.

3.1 – Mudanças na cidade de Brasília de Minas

As décadas de 1980 e 1990 representaram um período de transformações em Brasília de Minas. Nesse período, houve um aumento da população urbana, pois muitos trabalhadores rurais passaram a se fixar na sede do município com suas famílias. Com novas moradias, novos bairros foram criados e consequentemente as configurações cotidianas também se modificam. Conforme destaca a memorialista Maria Inês de Matos Gonçalves, criou-se, entre o fim da década de 1970 e início de 1980, um plano habitacional para 800 moradias, além da doação de lotes no bairro Cristina Rocha e adjacências, então localizados na saída para o município de São Francisco, para pessoas de baixa renda e servidores do município (Gonçalves, 2006, p.75). Ruas e praças foram pavimentadas, postes de luz instalados nas ruas deram a Brasília de Minas melhorias em sua estrutura. As melhorias, porém, não atingiram a todos igualmente e, conforme analisado por Silvana Ferreira Mendes, muitos habitantes encontraram dificuldades para a aquisição de moradias.

> Percebeu-se que as áreas mais distantes do centro da cidade foram as que melhor se adaptaram a esta realidade, seja pelas condições sócio econômicas dos novos moradores ou por preferirem estes se juntarem a seus pares residentes majoritariamente nos bairros Alto Claro e Santa Cruz interligados pela rua São Francisco se constituindo nas regiões mais procuradas pelos moradores da área rural do município. [...] Nas décadas de 1980 e 1990 estas localidades – bairros Alto Claro e Santa Cruz e rua São Francisco - constituíam as áreas marginalizadas da cidade de Brasília de Minas, onde tudo que fosse considerado nocivo à moral e aos bons

> costumes ali se concentrava sendo vedado o trânsito e ou frequência às pessoas que não desejassem ficar "mal faladas" (MENDES, 2019, pp. 105-106)

Essa questão vai ao encontro dos estudos de Pereira e Afonso (2010), no que diz respeito ao desenvolvimento socioespacial das pequenas cidades no norte de Minas Gerais. Segundo as autoras, "a partir da maior ou menor inserção na divisão territorial do trabalho, a ocorrência de determinados processos conduzem à refuncionalização destes núcleos urbanos e, consequentemente, a alterações na configuração socioespacial que possuem" (Pereira; Afonso, 2010, p.41). Ao observarmos essas alterações em Brasília de Minas no contexto, percebemos que muito além da configuração socioespacial, os habitantes antigos precisam se adaptar a uma população que, embora em sua maioria estivesse presente em festividades religiosas, passa a se fixar no local. Nos bairros Alto Claro e Santa Cruz, apesar do estigma imposto aos moradores, foi se constituindo uma rede de solidariedade entre eles e uma manutenção de práticas que trouxeram das áreas rurais, conforme analisado por Silvana Ferreira Mendes. Segundo a autora:

> Os relatos nos trazem uma ideia de identidade própria desenvolvida nestes locais pela vizinhança, quer seja em suas atividades rotineiras mas também nas manifestações culturais e religiosas como os festejos aos santos de sua devoção através de novenas e folias além dos momentos de necessidade e aperto compartilharem os saberes e o pouco que possuem. (Mendes, 2019, p.111)

Essa análise de Mendes coaduna com os estudos sobre as maneiras de morar na cidade, proposto por Pierre Mayol (2013), e os usos do espaço urbano pelos moradores. Os usuários do espaço da cidade, como são chamados pelo autor, não conseguem dominar todo o conjunto de códigos ou transformar as configurações espaciais que enfatizam as diferenças sociais, entretanto procuram criar caminhos para viver naquele lugar se apropriando à sua maneira. Isso se evidencia sobretudo no bairro, que, segundo Mayol:

> constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. [...] Essa apropriação (no bairro) implica ações que recomponham o espaço proposto pelo ambiente à medida do investimento dos sujeitos, e que são peças mestras de uma prática cultural espontânea: sem elas, a vida na cidade seria impossível (Mayol, 2013, p. 40)

Nesse sentido, poderíamos entender que Brasília de Minas se constitui de uma série de configurações que ainda que afastam práticas e sujeitos de determinados espaços, cria, através das relações cotidianas dos usuários, espaços de manutenção de outras práticas destacando a multiplicidade do que é viver ali. Observamos, a partir dos relatos, que práticas ligadas às experiências católicas mais populares, como novenas nas casas, folias, rezas para chover, rezas no cemitério, entre outras, vão se afastando cada vez ,aos do centro e se mantendo, não todas,

nos bairros, principalmente os bairros com a população migrante da zona rural. Nessa perspectiva, Denílson Barbosa (2016) avalia que:

> em cada um dos espaços componentes do lugar, seja urbano ou rural, cristalizaram-se formas de vida religiosa, bem diferentes. No espaço urbano viu-se na vida cotidiana constituir práticas tradicionais religiosas através da exclusão de determinados grupos sociais que, conforme a mentalidade do lugar não cabia no ritmo social comum constituído. (Barbosa, 2016, p.33)

Conforme analisado por Barbosa, é possível entender como as cidades no sertão do norte de Minas foram se constituindo desse movimento à medida que cresceram. Como se determinadas práticas não se encaixassem a um modelo urbano, porém se mantiveram através das maneiras de morar dos sujeitos.

Com relação a vida religiosa em Brasília de Minas, a ampliação do número de integrantes de outras igrejas, que não são de denominação católica, se destaca nas últimas décadas do século XX. A Congregação Cristã no Brasil é um exemplo dessa mudança na cidade. Havia poucos membros já na década de 1960, mas, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, com a mudança de novos moradores em Brasília de Minas e o maior aparecimento de núcleos da igreja na região, que a Congregação passou a ter um corpo administrativo e uma sede construída no Bairro Rosário[65]. É nesse cenário que a Igreja Católica na cidade começa a se adaptar e procura ampliar comunidades religiosas, criar pastorais e movimentos e mobilizar a participação dos fiéis. Tais medidas são parte de um contexto de mudanças na instituição.

3.2 – Mudanças na organização da Igreja Católica no norte de Minas nas últimas décadas do século XX: breves comentários

Nas décadas finais do século XX, a Igreja Católica na região norte mineira passou por algumas transformações decorrentes sobretudo das mudanças na instituição pelo Concílio Vaticano II, Conferências episcopais na América Latina e dos processos de urbanização. A proposta desse tópico consiste em realizar breves considerações a respeito desses processos, para entendermos o lugar da Igreja em Brasília de Minas.

[65] A Congregação Cristã no Brasil é uma igreja do seguimento pentecostal instituída no país no início do século XX. George de Oliveira (2017) analisa a chegada e expansão da igreja no norte de Minas Gerais, no qual um dos municípios destacados é Brasília de Minas. Apesar de não ser o foco de análise desse trabalho, a história da Congregação Cristã no Brasil em Brasília de Minas é um exemplo de como ela, assim como outras igrejas evangélicas na cidade, passaram por momentos de exclusão e sobrevivência em determinadas localidades, mantendo-se através dos integrantes e nas maneiras de usar os espaços.

Segundo o historiador Gilberto Angelozzi (2017), após o Concílio Vaticano II no Brasil e na América Latina, a Igreja Católica apresentou uma série de medidas a fim de estabelecer mudanças na relação entre instituição e povo. Para ele:

> a década de 1970 representou um deslocamento ideológico-político, uma ruptura com o papel tradicional da Igreja, que passou a se voltar mais para os movimentos das classes trabalhadoras e para as forças sociais empenhadas na transformação da sociedade. Tal deslocamento, que marcou uma ruptura com o papel tradicional da Igreja, era fruto do envolvimento cada vez maior do mundo católico nos conflitos sociais característicos do período. (Angelozzi, 2017, p.125)

Dessa forma, observamos que as mudanças discutidas, germinadas e desenvolvidas na Igreja Católica nesse período passaram a acolher mais algumas demandas. De acordo com a Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja o objetivo do Concílio Vaticano II era:

> [...] Iluminar todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja. E retomando o ensino dos concílios anteriores, propõe-se explicar com maior rigor aos fiéis e a toda a gente a natureza e a missão universal da Igreja, a qual é em Cristo como que sacramento ou sinal, e também instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano. (LG1)

O Concílio Vaticano II, além de tentar aproximar a Igreja do povo, ao fazer isso propõe também reestabelecer sua unidade. Esse ponto se insere nas discussões de Michel de Certeau ao discorrer sobre a formalidade das práticas. Pensando no corpo social, nas práticas e na discursividade cristã, o autor afirma que:

> A organização das práticas será mais forte do que o sistema de representações ao qual assegura a circulação ou a sustentação. Isso se manifesta, como já se viu, no processo que substitui o primado das crenças pelo das práticas. Mais ainda, o discurso cristão se torna objeto e o instrumento de uma produção – a que constrói um corpo social religioso. Bem longe de articular práticas e de lhes fornecer um quadro de referências, a Palavra verdadeira se transforma num meio, numa axiomática do "fazer a sociedade". (Certeau, 2022, p.208)

Analisando as considerações de Certeau entendemos que a produção constitucional do Concílio Vaticano II mais do que um registro, é uma prática que reforça a discursividade cristã na tentativa de se aproximar cada vez mais dos seus fiéis em prol da sua união. Isso também se confirma no *Lumen Gentium* que assim descreve:

> Em primeiro lugar, é aos fiéis católicos que o santo Concílio dirige o pensamento. Apoiado na Sagrada Escritura e na Tradição, ensina que esta Igreja, peregrina na terra, é necessária para a salvação. [...] São incorporados plenamente na sociedade, que é a Igreja, todos os que, tendo o Espírito de Cristo, aceitam integralmente a sua organização e todos os meios de salvação nela instituídos, e que, além disso, graças aos vínculos da profissão de fé, dos sacramentos, do governo e da comunhão eclesial, permanecem unidos, no conjunto visível da Igreja, com Cristo, que a rege por meio do Sumo Pontífice e dos bispos. (LG14)

De acordo com Mauro Passos (2010, p.186), a eficiência do Concílio do ponto de vista histórico reside em suas finalidades, orientações, documentos e, em suma, no seu dinamismo, e por essa razão delineou novos projetos para o catolicismo. Para ele, o Concílio na década de 1960:

> Permitiu a eclosão de várias iniciativas e aproximou o catolicismo da sociedade moderna, portadora dos ideais do progresso e da crença no poder das ciências. Sob o impulso de conciliar, os bispos brasileiros traçam o Plano de Pastoral de Conjunto de 1966-1970. Nas diversas regiões e dioceses do Brasil foram realizados cursos, conferências e seminários com o objetivo de divulgar uma nova mentalidade religiosa. (Passos, 2010, p.187)

Nesse sentido, percebe-se que durante o período houve um significativo aumento de publicações a fim de modernizar o pensamento e práticas católicas, além de buscar uma efetiva implementação das reformas conciliares. Os efeitos dessas reuniões e publicações são notados através da expansão de movimentos populares na Igreja[66], da criação das chamadas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que atuavam principalmente na zona rural e nas periferias das cidades, a criação de pastorais e cursilhos (Angelozzi, 2017, p.77). No entanto, como salienta Passos, ainda que houvesse um dinamismo trazido pelas conferências episcopais, pelas CEBs entre outros movimentos, estruturalmente não houve muita mudança na Igreja Católica. Conforme explica o autor:

> as reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II não modificaram sua estrutura. O poder no interior da instituição eclesiástica não foi alterado, o leigo passou a ter mais atividades, sem ter autonomia e força de decisão; continua sem voz e sem voto em muitas questões. [...] outras mudanças precisam acontecer no interior da Igreja Católica. Ainda há silêncios, omissões, desacertos e acertos a serem estudados. (Passos, 2010, p.205)

No norte de Minas, sobretudo na diocese de Montes Claros, a Igreja Católica logo no final da década de 1960 discutia e elaborava diretrizes de ação pastoral para serem adotadas. Esses procedimentos foram pouco expressivos no período, tendo a mudança ocorrido de fato na década de 1980 (Barbosa, 2010, p.91). As CEBs foram tardias na região, mas as suas mudanças foram muito importantes naquele contexto. Analisando Montes Claros, Denílson Barbosa discorre que:

> a Igreja Católica em Montes Claros pode ser analisada a partir de dois momentos distintos na segunda metade do século XX. Primeiro: do Concílio Vaticano II até meados da década de 1980 com a segunda Assembleia Diocesana e, segundo: a partir de 1988, ano que o bispo Dom Geraldo Magela (6º bispo) assume a diocese. [...] A nova realidade urbana impõe um novo ritmo à Igreja Católica. As CEBs se tornaram

[66] Esse era um contexto de Guerra Fria, contexto disputas ideológicas e econômicas entre os blocos capitalista e socialista que estavam diretamente ligadas, conforme destacado por Angelozzi (2017), nas ditaduras militares na América Latina, local de reuniões episcopais que discutiram importantes diretrizes para a Igreja Católica. Isso contribuiu para o aprofundamento das tensões entre a instituição religiosa e o Estado no Brasil.

> realidade inquietante e a juventude se organizava em suas Comunidades Eclesiais. (Barbosa, 2010, p.91-92)

Trazer o que Barbosa discorre é importante, pois a partir dessa realidade apresentada é possível situar Brasília de Minas. Se na sede da Diocese houve esse processo lento na elaboração e aplicação das diretrizes, as paróquias situadas ao seu redor também acompanharam a lentidão. Muitas ações da igreja ficavam a cargo dos movimentos, como Apostolado da Oração, com a Congregação Mariana e a realidade das comunidades religiosas locais. Nos anos 1980, houve uma ampliação das pastorais e da elaboração do entendimento de que todos estivessem bem formados e integrados em suas respectivas paróquias. Essa ampliação foi necessária devido ao aumento da população urbana, que trouxe consigo a criação de novos bairros, sobretudo periféricos[67]. Em Brasília de Minas, um dos principais responsáveis pela ampliação da Igreja Católica nos novos espaços foi o padre Magalhães.

3.3 – "Eu sempre falo que padre igual padre Magalhães, Brasília de Minas nunca vai ter": Padre Magalhães nas dinâmicas brasilminenses

Em 1976, o Padre Antônio Carvalho Magalhães chegou à Brasília de Minas e permaneceu como pároco até 1996, ano do seu falecimento. Foi o padre mais mencionado pelos moradores entrevistados, e percebe-se uma mudança na maneira como falam.

> Padre Magalhães foi um padre que eu vou te falar viu... ficou na história! Ele era muito dinâmico. Ele queria inovar muita coisa... fazer inovações aqui... inovou muita coisa quando ele era padre. Ele tinha aquele gosto de fazer as coisas, queria o melhor para a igreja. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019).

> Mior do que ele aqui não teve mais. Era padrim da menina minha. Era bom demais! Ele falava que não saía daqui, que só saía morto pois saiu morto. Ficou aqui 19 ano. (Maria das Dores Rodrigues Lima, 73 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 07/06/2023)

> Ele era mais extrovertido, mais animado. Ele foi amicíssimo meu. Ficou muito tempo aqui. Começou a trabalhar aqui e morreu aqui não mudou pra outra cidade [...] A morte dele foi um trauma pra cidade. (José de Fátima Soares Aquino, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 03/07/2022)

> José: Padre Magalhães era uma maravilha! Era bom demais! Amigo de todo mundo. Com ele não tinha esse negócio de "sou fulano" não. Ele tratava do mesmo jeito. Era muito bom, humilde, conhecia todo mundo.

[67] As análises de Denílson Meireles Barbosa (2010) são muito importantes e muitas serão levadas em consideração no ato da escrita dos próximos tópicos. Entretanto, seu foco é discutir de maneira mais aprofundada o papel da Igreja Católica, em Montes Claros no final do século XX, período marcado por forte processo de urbanização, sobretudo, a partir dos incentivos fiscais dados através da Sudene, além do aparecimento das CEBs e dos processos tardios no sertão norte mineiro. Pretendemos aqui trazer apenas estes breves comentários a respeito.

> Terezinha: Ele (padre Magalhães) era muito bom, muito amigo. E jogava bola demais. É tanto que ele morreu no campo de futebol. (José Alves Ribeiro, 76 anos, morador de Brasília de Minas e Terezinha Ferreira de Brito Ribeiro, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em conjunto dia 11/10/2022)

> quando padre Magalhães veio e ele por ser jovem então teve muitas mudanças, muitas inovações na igreja (abriu um sorriso ao falar disso). Por exemplo: trazer o povo mais pra igreja pra... nessa questão de arrumar a igreja, fazer a limpeza de igreja. Não sei se foi no tempo dele que começou... que as pessoas começaram a .... que começou o ministério da eucaristia para os leigos. Não sei se foi no tempo dele ou de padre Fabiano ainda. Isso aí eu não tenho certeza não. Mas me parece que foi padre Magalhães mesmo. Então assim por ele ser jovem, muito dinâmico e tudo então muita coisa mudou né... teve muita mudança pra melhor. (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019)

Conforme os relatos acima, é possível perceber a aproximação do padre Magalhães com a população brasilminense que, em sua maioria, o caracteriza como um bom amigo, animado, dinâmico e inovador. Apareceu em muitos relatos a descrição de padre Magalhães como amigo pessoal. Cabe destacar que muitos, ao falar dele, logo em seguida mencionam sua súbita morte, "um trauma para a cidade", segundo o senhor José de Fátima e que será discutida mais adiante. A senhora Maria das Dores diz que ele era padrinho da sua filha e, como abordamos no primeiro capítulo, o apadrinhamento era uma maneira de fortalecimento das relações. Ter o presbítero como compadre fazia com que ele se aproximasse mais das famílias. Na entrevista do senhor José e da senhora Terezinha há dois aspectos importantes a respeito de padre Magalhães: além do bom relacionamento, o gosto pelo futebol. Sua morte súbita em 1996 foi enquanto jogava uma partida. A senhora Maria Nazareth enfatiza as características atribuídas ao padre e atribui a elas as mudanças ocorridas no período em que foi pároco. Até mesmo sua postura na entrevista modificou ao recordar sobre o assunto. Padre Magalhães era mais novo que os padres anteriores, sua formação ocorre alguns anos após o Concílio Vaticano II e assume a paróquia Senhora Sant'Ana num contexto em que a Diocese de Montes Claros já havia iniciado, embora de forma lenta, a elaboração das diretrizes que seriam importantes para a ação pastoral da Igreja Católica no território norte mineiro. E isso se percebe quando a senhora Maria Nazareth tenta exemplificar medidas adotadas pelo presbítero em Brasília de Minas.

> Aqui em Brasília eu sempre falo que padre igual padre Magalhães, Brasília de Minas nunca vai ter. Tem não. O padre aqui é bão. É bão mesmo. Mas agora pra buscar o católico na casa pra levar pra dentro da igreja igual padre Magalhães num existe não. [...] Antes de começar a missa ele rodava a igreja todinha [...] e observando tudo. Observando quem tava e quem num tava. Padre Magalhães enxergava o futuro da Igreja. Quem me levou pra dentro mesmo da Igreja foi padre Magalhães. Ele me chamou pra ser ministro da comunhão. Aqui ministro da comunhão era olhado como se fosse dedo da mão. Era escolhido muito bem. E o ministro da comunhão tem que ter muita humildade pra tocar o corpo e o sangue de Cristo. (José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019)

O relato do senhor José Batista Barbosa coaduna com a ampliação da Igreja Católica nos espaços. Quando ele fala que o padre enxergava o futuro da Igreja, é um demonstrativo da mudança representada no clero da região naquele contexto. O padre observava quem participava, quem não frequentava as celebrações e buscava solucionar esse dilema. Ao longo dos 20 anos que permaneceu em Brasília de Minas e atendendo localidades próximas, o que se nota a partir dos relatos é essa característica de observador e acolhedor. O senhor José comenta também a respeito dos ministros da comunhão. Muito mais do que um responsável por dar a eucaristia nas celebrações, os ministros eram homens de confiança do padre.

Houve um momento, durante a entrevista do senhor José, que este relatou uma situação por ele vivida que lhe causou chateação envolvendo padre Magalhães, mas que foi resolvida depois. Segundo ele, durante uma missa, o padre dirigiu-se a ele de forma muito ríspida, e mesmo pedindo desculpas ao final da celebração o deixou chateado a ponto de se afastar do ministério da Eucaristia. Padre Magalhães foi até a sua casa pedir desculpas novamente e conversar. Isso jamais esqueceu, pois naquele momento percebeu a consideração que o padre tinha por ele.

Ao falar de padre Magalhães na cidade, os moradores destacam principalmente a procissão de cavaleiros no dia de São Sebastião, que comentamos no primeiro capítulo. De acordo com Luziane Mendes da Silva:

> Padre Magalhães como era conhecido, chegou à paróquia Senhora Santana em 1976 e foi o responsável pela criação da procissão de cavalos, popularmente chamada de "cavalgada". O fato das pessoas usarem os cavalos como meio de transporte facilitou a aceitação da nova modalidade de manifestação religiosa. Sendo moradores da zona rural, os devotos possuíam uma maior consideração com as festividades em honra ao santo, o que os caracterizavam como "caprichosos em seu traje e na escolha dos animais que participariam da procissão". Padre Magalhães tornou-se um símbolo na manifestação religiosa do povo de brasilminense e sua chegada além de romper com a tradição que era seguida anterior a ele, criou uma relação que demonstra gratidão do povo. (Silva, 2015, p.46)

Sendo o responsável por iniciar a procissão de cavaleiros na cidade durante a festa de São Sebastião, padre Magalhães, segundo Luziane Silva fortalece sua imagem perante o povo brasilminense, algo que contribui para a compreensão dos inúmeros relatos presentes nessa pesquisa a respeito dele. A respeito da atuação do pároco, Joyce Georgina relata:

> Ele já rompeu com todo o estigma de uma Igreja fechada que tinha o padre como uma figura santa, inatingível. Ele rompeu com isso aqui na cidade. Inclusive na época que ele chegou o choque foi muito grande, mas com o jeito bem-humorado dele ele foi conseguindo conquistar as pessoas. Ele que mostrou uma Igreja mais diferente, mais aberta. (Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/07/2023)

A senhora Maria Giovanina Almeida Silqueira trabalhou durante anos auxiliando o padre Magalhães na administração paroquial. Em sua entrevista, ela foi a que mais falou a respeito das medidas que ele adotou na paróquia. Segundo ela, além do município de Brasília de Minas ele era responsável por atender a outras localidades da região.

> Com ele aqui começou a criar muitas comunidades, especialmente a organizar as comunidades rurais. Chegou a ter na época dele um total de 205 comunidades, contando as rurais e as da sede. Na gestão dele ele começou a organizar mais. Às vezes tinha uma fazenda que construía em um local, formava-se uma comunidade, aí ele ia para lá e celebrava até debaixo de árvore. Hoje devem ser bem menos porque a maioria dos distritos emancipou. Se bem que mesmo depois de muitos terem se emancipado ele continuou dando assistência até formar uma paróquia no local. Ele era bem expansivo e por isso tinham as pessoas que gostavam e as pessoas que não gostavam, mas o fato é que ele conseguia levar muita gente para a igreja. Ele atendia individualmente, ele conversava. (Maria Giovanina Almeida Silqueira, 58 anos, moradora de Brasília-DF, entrevista gravada em 10/04/2023)

Trazer esse relato é importante, pois ele além de dimensionar a atuação do padre, demonstra como se dava o processo da formação de comunidades na zona rural. A sua presença pode ser percebida a partir de dois relatos de moradores da comunidade Riacho do Meio.

> Eu conheci mais foi padre Magalhães. Ele ia lá muito (na roça em Riacho do Meio) e ele conversava muito com a gente. Era uma pessoa muito alegre, gostava muito de ensinar. Ele chegava lá pra celebrar um pouco antes da missa pra poder instruir o pessoal que às vezes não sabia o sistema das celebrações. Ele ia e sentava com a gente e ia conversar, explicar, ensinar. Ele era um dos padres que mais assim tomou tempo pra conversar com a gente. E eu não sei como é que ele tinha tempo pra conversar com a gente porque nessa época a paróquia de Brasília de Minas atingia Campo Azul e... tinha outras. Não era dividido ainda... Campo Azul, Luislândia, Japonvar... Mas era muito trabalho pra ele. E ele tinha tempo pra conversar com a gente. Todo dia domingo que ele estava na missa ele chegava antes um pouquinho e dava um passeio de fora a fora na igreja passando por pessoa por pessoa e cumprimentando e até brincando com a gente. Até a roupa da gente assim ele falava alguma coisa. “Oh cê tá com a roupa bonita hoje!”. Ele era muito assim... aberto. Conversava com todo mundo. Sabia o nome de todo mundo! Tinha uma reunião assim... época de festa grande ele falava “Oh fulando aí. Não sei o que não sei o que lá. Oh fulano!”. Conhecia todo mundo. Não sei como ele tinha aquela cabeça pra dar conta de lembrar. Eu vejo os outros (padres) aí eles às vezes não pronunciam o nome das pessoas. Eu não sei se eles sabem ou não sabem. (Flauzina Mendes de Souza, 87 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/09/2019[68])

> Magalhães eu convivi muito com ele que na época eu era coordenador daqui da comunidade e tinha muita amizade com ele... Ele era muito genioso, mas era um padre muito bom. [...] E quando ele celebrava na comunidade era assim também. Ele falava “O culto é tal hora. 5 minutos é tolerável, mas 10 não” (risos). (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

Esses dois moradores demonstram como o padre mantinha na comunidade rural os mesmos aspectos observados pelos moradores da zona urbana. Tomava medidas de caráter

[68] A senhora Flauzina morou na comunidade Riacho do Meio, onde a família ainda possui uma residência. Porém, mudou-se para a sede do município de Brasília de Minas onde permanece até a presente data.

disciplinatório, procurava ser simpático e atencioso com a população local. Nas comunidades, procurava nomear um coordenador que seria um representante leigo para facilitar a interação e era uma forma de estar atento às demandas. Isso é importante pois é preciso considerar que ele atuava nos distritos e cidades recém-emancipadas, além do trabalho como pároco em Brasília de Minas.

Maria Giovanina também explica que, durante o período em que ele viveu aqui, procurou atuar principalmente na organização dessas comunidades, na organização das pastorais e grupos que pudessem auxiliá-lo. Destaca-se nesse período: a catequese[69], a pastoral dos jovens e os encontros de casais.

> Na época de padre Magalhães ou você era quente ou você não era. Não existe católico morno. Então ele começou a organizar grupos. Tinha o grupo São José, grupo São Matheus. Era pra agrupar casais. Esse grupo São José era o que tinha mais casais. Esses quinze casais reuniam após a missa. Aqui em casa mesmo eu colocava as cadeiras ali fora e pedia cadeira pros vizinhos pra sentar todo mundo. A gente refletia sobre os evangelhos da semana. A gente falava do evangelho, quem estava com problema em casa falava e a gente ajudava. Era pra rezar e ajudar uns aos outros. Quando tinha um ano que a gente reunia, padre Magalhães desmanchava e separava 3 casais e formavam outros grupos com casais jovens. Nós íamos visitar doentes, íamos nas roças, a gente tinha todo um trabalho de evangelização. E São Francisco começou a copiar a gente. Vinham uns casais e assistiam e levavam pra lá. E padre Magalhães então resolveu fazer um encontrão por mês no salão paroquial. Era todo primeiro domingo do mês. Vinham as pessoas de Ubaí, de São Francisco e nós. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Geralda Rodrigues Silva mostra a atuação de padre Magalhães de maneira incisiva na estrutura dos casais na paróquia da cidade. Essa organização dos casais foi importante na composição de uma equipe para a Semana Santa, responsável por cuidar da armação, ornamentação e auxílio no que fosse necessário nas celebrações e procissões. Ao início, quando ela afirma que não existe católico morno em referência ao período de atuação do padre é um demonstrativo desse empenho em inserir as pessoas a participarem da igreja. Sobre os jovens, a senhora Geralda Rodrigues Silva também se recorda:

> Ah, padre Magalhães era top! [...] padre Magalhães começou o encontro de jovens. Aí tinha as gincanas. A cidade era mais alegre, estava crescendo nessa época e os jovens gostavam de participar. Muitos se casaram entre eles. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

[69] Conforme mencionado no capítulo 1 a catequese não existia, isto é, não existia uma pastoral encarregada da catequização de crianças. Esse processo era feito na própria escola, local onde as crianças eram preparadas para fazer a primeira comunhão. Maria Nazareth Rodrigues Silqueira explica que nesse período deu-se início a formação de uma pastoral para a catequese em Brasília de Minas. Dessa forma é possível entender que o processo de mudança introduzido por padre Magalhães contemplava desde a formação inicial da criança, passando por todas as fases até o casamento.

Pelo relato da senhora Geralda, entendemos que o padre Magalhães acompanhava o crescimento da cidade e as demandas que se desenvolviam resultantes desse crescimento. A sua atuação com a juventude é reflexo disso. Ele passou a promover atividades para atrair mais jovens, a fim de que se integrassem nas atividades da paróquia. Importante destacar também a formação de casais ali nos grupos organizados que, por sua vez, passariam a integrar os encontros de casais e em seguida passariam em sua maioria a compor o quadro de pastorais à medida que fossem criadas, expandidas. Essa relação com a juventude era percebida além do espaço da igreja, pois, assim como os padres anteriores, padre Magalhães também foi professor no colégio Sant'Ana.

> E ele exercia outra função também porque ele era professor, então ele tinha muito contato com a gente mais jovem. Ele observava muito o comportamento dos jovens, nas homilias mesmo dele já eram bem mais direcionadas aos jovens. Ele preocupava muito com essa geração. Isso eu percebia claramente. Quando eu engravidei mesmo, achei muito bonito porque ele se preocupou comigo, ele se aproximou de mim, perguntava como eu estava. Ele batizou meu filho, fez questão de batizá-lo. Nunca demonstrou nenhum tipo de preconceito e não permitiu que eu sentisse algum tipo de segregação dentro da igreja. Ele me acolheu, ele acolhia a gente. Ele preocupava com a pessoa além do espaço da Igreja. Inclusive ele olhava pra pessoa e conseguia enxergar que ela tava com algum problema. Eu achava isso interessantíssimo, porque ele sabia tudo o que tava ocorrendo. Na época que engravidei teve outras moças também que engravidaram e ele falou numa homilia que os pais não abandonassem suas filhas, que as acolhessem porque elas estavam sofrendo também (voz mais embargada). Você sabe como as mães solteiras são vistas e naquela época também era assim. E ele já tinha outra visão. (Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/07/2023)

Outro relato que evidencia essa preocupação do padre Magalhães com a população é o relato da senhora Olívia da Conceição Oliveira. Em um determinado momento da sua vida, ela precisou se separar do marido e encontrou a ajuda necessária através do padre.

> Quando uma família tinha um problema... falo porque passei por isso quando eu me separei do meu marido... foi ele que me ajudou. Um dia ele me viu passando com meus meninos e perguntou onde eu estava indo. Contei a ele que tinha saído de casa e o que tinha acontecido. Ele me aconselhou muito. Eu lembro que eu tinha arrumado uma casa muito ruim, porque não tinha condições de pagar um aluguel e ele foi lá. Quando ele viu a situação da casa que eu estava com meus meninos ele falou "Você vai sair daqui hoje. Você não vai ficar aqui". Ele providenciou uma casa pra eu morar com meus filhos. Ele não me mandou voltar pra casa. Ele arrumou uma casa pra eu ficar. E ele era assim. Quando via que tinha uma pessoa passando necessidade ele dava um jeito de ajudar. Quando ele não ajudava, mobilizava alguém pra ajudar. Era um padre muito atencioso, tanto com a fé quanto com a parte social da cidade. (Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

O relato de Olívia mostra como o padre Magalhães se preocupava com a vida dos seus paroquianos. Em nenhum momento, houve qualquer represália da atitude de separar-se do marido, pelo contrário, ele procurou aconselhá-la e ajudá-la no que fosse necessário.

Outro relato nesse sentido de auxílio do padre Magalhães é o do senhor José Mendes Gonçalves.

> Ele só queria ajudar as pessoas. Eu tive muita amizade com o Padre Magalhães porque eu… (breve pausa) eu não procedia bem em uma época que eu estava envolvido com o alcoolismo. Eu tava envolvido com alcoolismo e Padre Magalhães… (breve pausa) essa parte aqui você pode deixar. Não tem problema não. Eu não tenho nada escondido, nada. Quando eu vivia naquele negócio de alcoolismo, eu vivia mal na minha família e tudo mais. (voz mais contida) Padre Magalhães foi uma dessas pessoas que me ajudou. Ajudou a mim e a Ivone (esposa). Um dia ele disse assim pra mim, bem assim, depois de uma palestra ele falou assim: "Se eu tivesse uma mulher como essa sua aí eu beijava essas pedras. Eu lambia essas pedra da rua, eu lambia". Ah, eu me lembro muito bem disso. Por isso é que ele é muito querido, padre Magalhães é luxo e padre. (José Mendes Gonçalves, 76 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 08/06/2022)

Novamente, o padre Magalhães é relembrado através das suas ações com os casais. Nesse caso, envolvia o problema do alcoolismo. Embora se tratasse de uma questão delicada e de um momento triste em sua vida, o senhor José não deixou de falar. Na segunda vez que ele fez uma pausa, foi perguntado se gostaria que a gravação fosse interrompida, mas ele quis falar e disse que podia deixar essa parte. Aqui é fundamental falar novamente da sensibilidade dos gestos, para além da sensibilidade da escuta. Quando foi perguntado se ele gostaria que a gravação fosse interrompida, ele entendeu que não era no sentido de tratar como algo desnecessário para a entrevista, mas como uma forma de demonstrar respeito a sua situação e que não haveria julgamentos.

Fora da igreja, padre Magalhães costumava visitar as pessoas nas casas, sentava para conversar com elas, procurava se divertir com elas, sair, festejar. Por isso é tão comum aparecer nos relatos que os moradores o consideravam como amigo.

> Não tinha igual não. Ele era de comer nas panelas do povo, ele entrava nas casas, você já deve ter visto falar. Ele visitava todo mundo. Ele não tinha discriminação de preto, de pobre, de bonito, de feio. Não envolvia muito com político não. Ele tratava todo mundo igual. Tinha aquelas pessoas que gostavam muito dele aí davam ele as coisas. Igual teve um que deu ele um carro, ia pescar mais ele. Era amigo dele, amigo pessoal. Mas ele se relacionava com todo mundo mesmo com rico, com fazendeiro, com pobre. Todo mundo gostava. [...] Ele era muito bom. E assim, o povo achava que ele era novo, que ele era boy, que ele era isso, que ele era aquilo, mas não. Ele era de uma santidade, uma santidade! Oh Jonas, mas o dia que ele morreu eu gritava aqui dentro dessa casa, eu gritava! (pausa) Porque ele me ajudou muito… eu tinha meus menino pequeno, fez muita amizade comigo e com meus meninos. Ele ia pras roças e carregava Dani, que é meu filho. Gabriele minha mesmo não gosta muito de ir à missa porque lembra. Ela fez primeira comunhão com ele. Quando ela fez quinze anos ele que celebrou a missa dela. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/11/2022)

> Padre Magalhães era amicíssimo meu. De chegar aqui em casa e ir nos vidro comer biscoitos. Eu lembro (risos) aqui em casa tinha uma moça muito bonita (estátua) com a cabeça baixa despejando a água duma jarra numa vasilha assim (faz com a mão o tamanho e o formato da vasilha). E nua da cintura pra cima. Ela tinha uns peito muito bonito. Era bonito mesmo. Aí ele chegava aqui e falava: "Aee mulher dos peito

> bonito" (risos). (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

> Ele tinha um bom relacionamento com os governantes da cidade. Eu não me lembro de nenhuma desavença entre ele e algum governante nesse período. E era com tudo. Com poder judiciário mesmo, juízes, promotores ele tinha um bom relacionamento. E com o povo no geral também. Acredito que tinha alguns que não gostavam, sempre tem, mas se for colocar na balança tinham mais pessoas que gostavam do que não gostavam. (Maria Giovanina Almeida Silqueira, 58 anos, moradora de Brasília-DF, entrevista gravada em 10/04/2023)

O relato de Jane destaca sua proximidade com padre Magalhães e o relacionamento dele com as pessoas, independente da classe social. Contudo, algo que chama a atenção em seu relato é quando ela fala a respeito de presentes que ele recebia dos amigos. Presentes esses que envolviam bens de grande valor monetário, como um carro. A senhora Pascoalina enfatiza a proximidade ao mencionar a familiaridade e como ele se sentia confortável em estar na sua casa, a ponto de comer e fazer graça. Maria Giovanina afirma que ele possuía um bom relacionamento com os governantes da cidade e outras autoridades públicas. Por fim, reitera que mesmo que houvesse quem não gostasse, o número dos que gostavam era maior.

Padre Magalhães faleceu em novembro de 1996 e gerou uma grande comoção nos moradores. Seu corpo foi velado na Igreja Matriz Senhora Sant'Ana e levado em procissão até o cemitério da cidade por padres da região, pelos moradores, inclusive de outras denominações cristãs e ao fundo um grupo de cavaleiros, como um modo de homenageá-lo.

> Você já deve ter ouvido falar como é que foi o enterro dele. Nossa, mas no velório teve que fechar as portas da igreja e fazer fila pro povo entrar e sair, porque era muita gente. Pra ir pro cemitério teve que descer ali na rua da prefeitura, virar e subir aqui (rua Camilo Prates), pra dar conta do povo ir. Porque juntou muita gente. Gente de todo lugar, de toda comunidade. Eu sempre falo, que muitos lugares aqui perto tem missa celebrada pro padre Magalhães. E o povo sempre lembra com saudade. E foi uma comoção quando ele morreu… (pausa) Eu nem gosto muito de falar sobre porque eu era muito amiga dele. Ele não saía daqui de casa. Ele era muito amigo do meu ex-marido. Você precisava de ver o tanto de gente que tinha e chorava, o tanto de crente que chorava lá no enterro dele. Os crente chorava mesmo porque padre Magalhães ia direto na casa deles. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/11/2022)

O passado, segundo Ecléa Bosi, sempre é trazido à tona através da memória e se mistura com percepções do presente, justamente porque a memória se manifesta enquanto uma força subjetiva, ativa e profunda (Bosi, 2022, p.36). Em mais de uma ocasião, Jane reforça que o povo se lembra do padre Magalhães com saudade, e ao falar sobre ele se emociona. O que se percebe, através dessa emoção de Jane e de outros moradores entrevistados, é que ele foi um padre querido pela população, responsável por diversas estruturas que se mantiveram e, principalmente, caracterizado como um padre amigo, próximo da realidade local. Durante

muitos anos, moradores se recordam que um quadro com o seu retrato manteve-se pendurado na sacristia da Igreja Matriz Senhora Sant'Ana, retrato que era maior até que o quadro do papa e do bispo no local.

Joël Candau (2021) ao discutir o jogo social da memória e da identidade entende que existe uma relação que os sujeitos mantêm com determinados mortos que pode ser considerada como prosopopeia memorial. Segundo o autor:

> Bem ou mal, tranquilizador ou perturbador, nobre ou não, poderoso ou miserável, anônimo ou célebre, carrasco ou mártir, todo indivíduo morto pode converter-se em um objeto de memória e de identidade [...]. A prosopopeia memorial apresenta várias características de *Exemplum*: idealização, personagens-modelo nos quais são mascarados os defeitos e enaltecidas as qualidades, seleção de traços de caráter julgados dignos de imitação, "lendas vivas" *post mortem* que podem fabricar deuses [...] transcendendo as qualidades pessoais do defunto através de um modelo que combina arquétipos e estereótipos. (Candau, 2021, p.143)

Padre Magalhães, para os moradores entrevistados, pode ser lido a partir dessa ordem da prosopopeia memorial, visto que grande parte dos relatos tende a ressaltar seu bom relacionamento com a cidade e seus feitos, além do sentimento de saudade que permanece mais de duas décadas após sua súbita morte

.

3.3.1 – A "Semana Santa de padre Magalhães"

Diante nos inúmeros relatos sobre padre Magalhães, precisamos separar um subtópico para abordarmos a Semana Santa do período em que este foi pároco em Brasília de Minas. A ideia de se chamar A "Semana Santa de padre Magalhães" veio a partir do que percebemos nesses relatos, do papel do padre em uma organização mais esquematizada da Semana Santa que, ao mesmo tempo em que se reforça como a semana de muito respeito, caminha-se para a transição do que moradores chamam de espetáculo nas celebrações. O que se percebe nas entrevistas é que as características atribuídas ao padre também foram atribuídas a elementos da Semana Santa no período.

> por ele (padre Magalhães) ser jovem, muito dinâmico e tudo então muita coisa mudou, teve muita mudança pra melhor. [...] Ele (Padre Magalhães) orientava e exigia mais que fosse melhorando tudo, as procissões, as ornamentações de rua, de igreja. Na procissão de Santíssimo mesmo tinha as 14... não, não era 14... me parece que tinham 4 bênçãos do Santíssimo nas casas. Tinham os altares nas casas. Naquele lugar que tinha o altar ele dava a benção e seguia. E quase sempre a banda de música acompanhava a procissão do enterro e do Santíssimo. Foi melhorando porque ele era assim mais entusiasmado, mais dinâmico, jovem ainda... tudo foi ficando... muita coisa melhorou. (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019).

> Ele era muito criativo e organizado. Ele que organizou as procissão tudo. Na época dele começou com a vela na procissão do Senhor Morto e aí o povo preocupado com a vela não ficava bagunçado. Entrava tudo na fila. Essa vela foi bom demais porque antigamente ia aquela multidão na rua. A gente tinha hora que tinha que usar até uma corda pra separar o povo do esquife. (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista concedida dia 27/10/2019).

> Nossa a Semana Santa de padre Magalhães! Ele era assim... no dia que entrava a Semana Santa ele vestia a batina preta a semana inteirinha. Eu lembro como hoje. Da quarta-feira, porque realmente começa é na quarta-feira, ele vestia a batina preta e ficava até sábado só usando a batina preta. Andava na rua, vinha na casa da gente só usando a batina preta. A semana santa dele era maravilhosa! Ele não gostava de padre que fazia pregação não, mas as pregações dele era boa. Era muito boa! Tem muita coisa que a gente lembra com saudade. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

Esses relatos mostram como era feita a Semana Santa no período em que padre Magalhães estava como pároco em Brasília de Minas, bem como os entrevistados se lembram dele como o padre mais organizado, animado e atuante. O uso do presbítero como marcador temporal novamente aparece através das expressões "Na época dele", "a Semana Santa de padre Magalhães". Essa forma metonímica de se referenciar ao passado, é mais um indicativo de como a presença do padre está vinculada a vida dos sujeitos entrevistados. A Semana Santa, que se celebra os últimos dias da vida de Jesus Cristo, é também a Semana Santa do padre e com características dele. Embora houvesse inovações, ele não abandonou alguns hábitos tradicionais. No relato da senhora Jane Soares Mendes é falado que ele usava deliberadamente a batina preta durante os dias da Semana Santa, apesar de nos demais dias era comum vê-lo em trajes diferentes dos clericais. Quanto a organização, uma medida tomada pelo padre e que ainda permanece nas procissões da Semana Santa são as filas, principalmente na procissão de encontro na quarta-feira e depois passada para a manhã da Sexta-Feira Santa, na procissão de enterro durante a noite da Sexta-Feira Santa e na procissão da ressurreição na manhã do domingo de Páscoa. Antes caminhavam em multidão, sendo necessário até utilizar cordas para separar as pessoas do esquife com o Senhor Morto, das figuras santas ou das figuras vivas. De acordo com Maria Giovanina Almeida Silqueira, o Padre Magalhães passou a adotar filas.

> lembro muito de uma procissão do encontro que se colocavam umas cordas. Tinham as figuras, que eram pessoas vestidas, aí colocavam uma corda pro pessoal não invadir o espaço. Com ele (padre Magalhães) aqui ele começou a organizar mais as procissões. Antes não tinham filas e nas procissões ele começou a organizar as filas, não precisou mais usar a corda para separar as pessoas. (Maria Giovanina Almeida Silqueira, 58 anos, moradora de Brasília-DF, entrevista gravada em 10/04/2023

Essa questão das filas também foi reforçada por outros moradores locais, que destacam a importância dessa medida para organização das procissões.

> Tinha umas cordas mesmo pra organizar as procissões, igual naquela procissão do enterro mesmo vinha muita gente, muita gente. Então cercava o esquife com a banda de música e as figuras. Tinha as figuras, inclusive nessa época eu participava das figuras. Quando padre Magalhães veio pra cá ele que aboliu as cordas. E a procissão só saía quando tava organizada. Com ele (padre Magalhães) era todo mundo na fila, todo mundo organizado. E ele também não deixava ninguém conversar nas filas não. Ele ficava caminhando a procissão inteirinha olhando se o povo tava organizado. Quando tinha a procissão do Santíssimo, ele chamava outro padre pra levar o Santíssimo e ele ficava andando pra ver se o povo tava organizado. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/11/2022)

> Ele era muito organizado. Esses padre tudo antes não organizava uma procissão. O povo não obedecia eles. Padre Magalhães do primeiro ano que ele chegou o povo obedecia. Tinha que ser na fila e ele acompanhava de a pé. Ele falava "Não, cê não é besta! Vai fazer assim! Vai fazer direitinho" (risos). Tudo dele era organizado. Pontual era dois: padre Pedro e ele. (Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019)

Conforme os relatos acima, percebemos que o padre Magalhães, embora tão exaltado como uma figura amiga, inovadora, jovial, através das celebrações exercia um poder para disciplinar a população. Tais medidas podem ser também uma das razões que Maria Giovanina havia falado que havia os que o amavam e muito provavelmente os que não o amavam também, uma vez que iniciar tais medidas nem sempre a aceitação é homogênea. Porém, o que se percebe nos entrevistados é que essa organização do padre Magalhães foi bastante positiva para as celebrações da Semana Santa e para as demais ocorridas ao longo do ano. A questão do horário era outra medida adotada pelo padre e que o senhor Laurindo se recorda. Na primeira entrevista com Jane, ela comentou mais a respeito do horário.

> Fazia a adoração da cruz igual é hoje, não mudou nada não. Aí muita gente já ficava pro teatro porque o teatro começava logo. Padre Magalhães nesse ponto era bem rígido. Ele era rígido com horário. Ele avisava "Gente, vai ter o teatro. Horário é horário". Então ia terminando a adoração da cruz e a gente ficava pro teatro. Terminado o teatro, imediatamente começava o sermão. [...] A procissão de ressurreição era no mesmo horário de hoje, 5 horas da manhã. E no tempo de padre Magalhães tinha uma vantagem: se tivesse uma pessoa, ele começava. Tinha vez que a gente pegava a procissão andando só ele e os ministros, porque 5 horas, a última batida, ele já começava a procissão. Ele não esperava ninguém não. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

A questão do horário foi um aspecto de mais difícil adaptação por parte dos moradores, pois os padres anteriores não se preocupavam tanto com o atraso e a população se acostumou. Acontecia, em algumas ocasiões, de pessoas que participavam da festa Micarême na noite de sábado para domingo saírem da festa e entrarem na procissão, porque não dava tempo de ir até a suas casas e seguir para participar do ritual.

Para organização de início, o padre era auxiliado pela Congregação Mariana, mas com o tempo foram formadas equipes responsáveis por lidar com essa parte com pessoas já inseridas

nas atividades da paróquia e outras nem tanto. Isso fazia com que estas passassem a integrar de forma permanente em algum serviço paroquial em celebrações posteriores. Além disso, a performance nesse período passaram a ser mais observadas e ganharam outro destaque.

> O encontro fazia era na praça da Igreja. Tem pouco tempo que eles começaram a fazer lá no mercado porque antes fazia era na praça da Igreja. E a reflexão de padre Magalhães todo mundo saía chorando de lá. A homilia de padre Magalhães... olha eu fico arrepiando quando eu lembro (mostra o braço indicando o arrepio)... era maravilhosa! A gente chorava. Hoje acabou isso. Não tem esse trem mais não! A gente chorava e chorava. Ele falava: "sai aí, gente. Encontra uma pessoa que vocês querem encontrar. Encontra uma pessoa que vocês tem vontade de pedir perdão". Ele falando e falando e a gente ia chorando. Todo mundo saía chorando! Realmente era de se tocar. Hoje não, uns padres moquecam pra lá e pra cá e ficam por isso mesmo. Era tocante a procissão de encontro. Ele falava "Olhem para os olhos de Nossa Senhora das Dores! Olhem para o Senhor dos Passos". A gente só de ver aqueles olhos de Nossa Senhora e ver o Senhor dos Passos já emocionava demais. Hoje os trem muda demais. Eu não perco minha fé não! Jamais! Mas a gente fica assim.... quem viveu igual a gente viveu vai vendo as mudanças e a gente fica... fazer o que né? É a vida. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

> Eu me lembro que a última semana santa do padre Magalhães ele organizou uma equipe muito boa... ele que começou com isso de organizar equipes. Jane e eu éramos da equipe. Cada equipe fazia uma coisa mais linda que a outra. Nós introduzimos na semana santa aquele encerramento bonito no Domingo de Páscoa. Nós não pedíamos doações não. Nós mesmo que fazíamos as coisas. Na última eu lembro que nós conseguimos... não é porque eu participei que estou falando que foi a mais maravilhosa que já teve aqui, mas nós conseguimos o gás e enchemos balões e em cada balão tinha uma palavra... amor... justiça... e no encerramento soltamos esses balões. Foi a primeira vez que teve isso aqui. E daí pra cá cada um quer fazer mais bonito o encerramento do Domingo de Páscoa. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

Conforme os dois relatos, notamos que houve um destaque para as performances ocorridas durante a Semana Santa. Embora a procissão do encontro já havia sido mencionado, esse aspecto da emoção com outros padres, parece que durante o período que o padre Magalhães era pároco ele procurou aproximar mais através da sua fala os fiéis das imagens de Nossa Senhora das Dores e Senhor dos Passos. À medida que a senhora Jane fala, ela se emociona por se lembrar do período e estabelece uma relação com a Semana Santa do presente em que se narra. Os sujeitos, segundo Candau (2021, p.75), vão sempre oferecer uma visão do passado transformada pelo presente de acordo com a sua posição. A saudade do padre Magalhães envolve a moradora e, dessa forma, sua narrativa também está incorporada de aspectos que a fazem lembrar com saudades do tempo em que se narra e de quem vivia naquele tempo. Por essa razão ela se emociona, ela se arrepia ao falar e isso enriquece ainda mais a pesquisa. No relato da senhora Maria Inês, ela descreve o funcionamento da última Semana Santa antes do falecimento do padre Magalhães, nesse caso em abril de 1996. Observamos que havia uma disputa velada entre as equipes para realizar uma Semana Santa melhor do que a outra. Isso

reforça a ideia de uma Semana Santa ser também um palco de tensões, de disputas. E isso se evidencia na busca de elementos que melhorariam as performances durante as celebrações.

3.4 – "Eles pegava um boneco e ribava fogo nesse trem": a Malhação do Judas em Brasília de Minas

A figura do Judas Iscariotes durante a Semana Santa aparece sobretudo ao se recordar da narrativa sobre sua traição. Segundo Edilson Sandro Pereira (2014, p.275), o Judas preenche o quadro geral de personagens mobilizados em razão da data e em várias cidades ele é representado e destruído baseando-se com frequência na ideia de que é o discípulo traidor de Jesus.

Na cidade de Brasília de Minas, era realizada a malhação do Judas na virada da Sexta-Feira para Sábado da Semana Santa, ou Sábado de Aleluia, assim como em vários outros lugares no Brasil. De acordo com Carlos Humberto Mendes Gonçalves, um dos organizadores, a prática de queimar Judas na cidade remonta ao tempo em que o padre Manuel Calado era pároco. Isso significa que podemos supor que a malhação começou entre 1926 e 1940, período em que ele foi pároco. O senhor Gonçalves relatou que a prática, de início, ocorria na praça da igreja Matriz e depois passou a ser feita em uma área próxima ao estádio local, o Estádio Municipal Manuel Pereira de Araújo (Estádio Neco Totô).

> A queima do Judas era o seguinte: na época de Cristo, quando Judas Iscariotes se suicidou na figueira, o pessoal tinha o costume de fazer a queima do Judas. Doava um pertence do Judas a cada pessoa. No meu caso, por exemplo eu trabalhei muitos anos com a queima do Judas aqui, mas era uma sátira construtiva. (Carlos Humberto Mendes Gonçalves, 67 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 19/10/2019)

A fala do senhor Carlos Humberto sustenta uma ideia de tradição em torno da prática, apoiada na narrativa do Novo Testamento. Ainda que a prática não tenha uma origem nesse sentido, é interessante a justificativa para ser realizada na cidade. A origem a partir da narrativa é como se a legitimasse. Edilson Sandro Pereira aborda a Malhação do Judas em Ouro Preto, explorando inclusive relatos de moradores. O autor, ao observar as diferenças no tratamento da guarda romana e do discípulo, explica que:

> Apesar de serem os carrascos do filho de Deus, os guardas mantêm uma relação ambivalente com as imagens do Cristo. Eles cuidam de crucificar o Senhor Morto, mas, ao mesmo tempo, cercam o seu o corpo quando ele é carregado em procissão – como que lhe protegendo, evitando que as pessoas se aglomerassem demais em torno dele. [...] Por sua vez, o Judas não mantém nenhum tipo de correlação direta com os ícones do Cristo (e menos ainda com a eucaristia). [...] o Judas é o único que restou como sujeito completamente afastado das demais representações. Além de não se

> vincular a nenhuma procissão, não há ninguém que represente esse personagem no figurado bíblico, por exemplo. Mesmo no ato do Lava-pés, onde são representados os 12 apóstolos, nenhum deles é identificado pelo nome (eles atuam como grupo, não como indivíduos singulares). Por conta do seu ato de traição, esse apóstolo teve um destino completamente diferente de todos os outros. Enquanto esses se tornaram figuras positivamente vinculadas ao Cristo, que o acompanhavam e compartilhavam seu sofrimento, ao Judas restou o papel de antagonista. (Pereira, 2014, p. 276)

O Judas, nesse sentido, possui esse aspecto de negatividade e distanciamento do Cristo[70], que serve de reforço para a realização da prática. Andréia Moura Mendes reitera que, no imaginário popular, Judas não foi apenas o discípulo que traiu seu mestre, mas também um homem que personificou a ganância pelas trinta moedas (Mendes, 2007, p.34). Isso vai ao encontro dos estudos de José Carlos Pereira, sobre o trânsito religioso através da figura do Judas na Semana Santa. Segundo o autor: "Todo traidor rompe com uma regra ou norma estabelecida por um grupo social e passa a ser alvo de desejo e eliminação" (Pereira, 2005, p.65).

O senhor Manuel Pereira dos Santos descreve da seguinte maneira:

> Fazia, moço (a malhação do Judas)! Eu só num sei explicar direito procê onde é que era o lugar que fazia, mas fazia sim. Eles pegava um boneco e ribava fogo nesse trem (risos). E hoje ninguém ouve falar mais nada disso também não. Se é que faz ninguém sabe, mas naquele tempo tinha... o Judas. (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

Malhar, queimar o Judas, de acordo com Luís Câmara Cascudo (2005), era uma tradição muito popular na Península Ibérica e que foi trazida desde os primeiros séculos da colonização. Consistia em rasgar, queimar bonecos de palha no Sábado de Aleluia. Conforme Câmara Cascudo, ainda que a figura possua diferentes nomes, a prática no Brasil é um costume antigo e há uma relação com tradições vivas no trabalho do campo. Segundo ele:

> Com vários nomes, Homem da Quaresma, Jacques da Quaresma, Judas de Palha, Homem de Palha, etc., o sacrifício do mau apóstolo é uma convergência de tradições vivas no trabalho agrícola. No Brasil é costume velho (não tenho informações do século XVIII) fazer-se o julgamento do Judas, sua condenação e execução. (Cascudo, 2005, p.493)

[70] Mikhail Bakhtin observa como as ideias religiosas se associam a representações populares. O autor pontua que na Idade Média a imagem do Judas é abordada numa lenda envolvendo uma visão de São Brandão. Segundo o autor, na lenda, próximo a goela do inferno "encontram Judas refugiado num estreito rochedo em torno do qual rugem as vagas. É lá que ele repousa dos tormentos do inferno, nos dias de festa" (Bakhtin, 1987, p.349). Cabe destacar também os estudos de Peter Burke sobre cultura popular na modernidade (2010), pois o autor explica na Europa naquele contexto os judeus eram figuras muito odiadas e o Judas frequentemente era representado como "um típico usurário judeu desse gênero. [...] Livretos com biografias de Judas contam que ele matou o pai e casou com a mãe, como se os desejos reprimidos fossem projetados para o maior dos vilões humanos" (Burke, 2010, p.229).

Além do senhor Carlos Humberto e do senhor Manuel, outros moradores também falaram sobre a malhação e demonstraram que era um evento em Brasília de Minas, uma festa muito além da queima de um boneco.

> No sábado o povo já barulhava muito. Tinha a malhação do Judas. Toda vida teve. Queimavam o Judas lá no estádio. De uns tempos pra cá é que acabou. Juntava um tanto de gente pra queimar o Judas. Ia gente demais. (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

> Quanto a festejos, dia de sábado da aleluia que tinha aqueles costumes de fazer aquela malhação do Judas. Fazia o Judas, queimava o Judas... fazia até testamento do Judas. Eu (risos)... eu mesmo já fiz testamento de Judas pra um bocado de gente aí (risos)... Fazia o testamento e a gente lembrava assim de uma coisa que a pessoa não gostava ou então que a pessoa tinha e gostava demais e aí essa coisa ficava pra fulano... a gente colocava assim (risos)... às vezes era até inimigo do Judas (risos). Tinha vez que tinha até briga por causa desse testamento do Judas (risos)... (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Mas desde aquele tempo tinha o Judas. Eles fazia o Judas, mas nunca fui ver matando não… parece que matava, apedrejava, xingava ele. Era na sexta à noite. (Joaquim Francisco dos Santos, 82 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/05/2022)

Esses relatos trazem detalhes a respeito da malhação em Brasília de Minas. Além da queima, era feito o testamento, tendo inclusive a participação da senhora Maria Eugênia no processo de elaboração. Nos outros dois relatos, percebe-se que há uma tentativa de distanciamento, como se não tivessem participado, diferente de outras situações que eles se colocavam como agentes participantes.

A respeito do conteúdo do testamento, cada parte do Judas era dada a uma determinada pessoa da cidade. Quanto a seleção das pessoas, o senhor Carlos Humberto explica que:

> O modo de escolher às vezes as pessoas davam palpite. Às vezes tinha fulano que conversava demais e a gente dava pra ela a língua. A pessoa que conversasse mais na cidade a gente destinava a língua do Judas, porque os pertences do Judas muita gente queria ganhar, mas a única coisa que ninguém queria ganhar era a língua. A língua era pro camarada mais conversador da cidade. Uma vez deixei a língua e a pessoa ficou um ano de mal comigo (risos). Os outros pertences também eram distribuídos: a meia, a botina, a gravata... o cinto, a camisa. A vestimenta todinha do Judas Iscariotes. Lia um testamento que falava mais ou menos assim: "Quando Cristo foi morto, antes de ser crucificado foi traído por Judas Iscariotes que com um beijo traiu Jesus Cristo. Mas antes de Jesus morrer, Judas foi até uma figueira e se enforcou. E antes de morrer deixou os seus pertences para seus amigos aqui na Terra". Aí começava a distribuir. Falava "a minha meia, deixo pra fulano de tal..." e por aí vai. Minha intenção nunca foi destruir ninguém. (Carlos Humberto Mendes Gonçalves, 67 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 19/10/2019)

Esse relato é importante, porque ele destaca como uma prática que ocorre em diversos lugares, possui suas peculiaridades conforme a cidade. Embora o senhor Carlos Humberto destaque a rejeição à língua por parte das pessoas, pelo sentido de ser para o falador de Brasília de Minas, é possível também associar ao simbolismo da traição. Sua intenção nunca foi magoar

ninguém, como pontua, porém quase foi processado por uma pessoa que se sentiu ofendida. Depois da leitura do testamento, as pessoas começavam a proferir ofensas ao boneco do Judas e em seguida ele era queimado.

> Depois do testamento põe fogo no Judas e queima ele todinho. Com bomba dentro... inclusive é até perigoso. Antigamente eu contratava vinte atirador de espingarda pra atirar no Judas. Eu parei porque o chumbo estava batendo e voltando. Uma vez voltou e bateu aqui (indicando com o dedo local próximo ao seu olho direito)... quase que fura meu olho. Antes de pôr fogo o povo começava a xingar o Judas: "Vagabundo". A gente colocava uns três ou quatro Judas. Uma vez depois que o Judas foi queimado um camarada foi com uma faca até o boneco queimado e uma bomba que não tinha estourado estourou. Quase que estourava nele. Mas era uma coisa sadia. (Carlos Humberto Mendes Gonçalves, 67 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 19/10/2019)

Nesse trecho, percebemos que a sadia prática, segundo o senhor Carlos Humberto, que quase o feriu mobilizava um número de pessoas responsáveis por realizar o momento de catarse. O senhor José Francisco dos Santos, um dos organizadores e responsável pela confecção do boneco, também vai ao encontro do que foi falado. Segundo ele:

> Era eu mesmo que colocava fogo no Judas. Logo no início, vinha o pessoal com as espingarda pra atirar nele, mas como tava ricochitiando no muro do estádio aí eu fui e parei. E tava voltando no pessoal também era perigoso acertar alguém. Aí eu fui e parei com isso de atirar. Quando dava o horário de pôr o fogo aí punha o fogo nele e quando cabava de queimar aí ia ter o forró pro povo. Fazia o forró pro pessoal aí na praça (praça do estádio). Quando parou de atirar nele aí a gente passou a colocar bomba. (José Francisco dos Santos, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 05/08/2023)

O que é possível perceber nesses relatos, é que após a leitura do testamento, a festa se tornava um momento de catarse. Esse momento que o Judas era ofendido, queimado, desintegrado, está além de uma punição ao apóstolo, uma vez que essa festa evidentemente extrapola os sentidos religiosos de outros dias da Semana Santa aqui nesse trabalho abordados. Amostra disso, é a participação de pessoas sem um grau de envolvimento com a Igreja Católica, como é o caso do senhor José Francisco. Segundo José Carlos Pereira: "O Judas é uma figura extraída do contexto religioso, mas que, quando é colocado no espaço público da rua, ganha características do profano: algazarra, violência e protesto" (Pereira, 2005, p.65). A violência é bem exemplificada no uso de espingardas, bombas e no trecho que o senhor Carlos Humberto conta da pessoa que foi com uma faca para esfaquear o boneco já queimado[71].

[71] José Carlos Pereira defende que a malhação do Judas funciona como uma espécie de "simbiose religiosa do sagrado e do profano" em uma festa que se tornou folclórica. A respeito da violência presente ele afirma que: "Como toda sociedade, diante de suas frustrações e desencantos, tende a eleger alguém para descarregar suas culpas e frustrações, e o boneco do Judas serve como um mecanismo desse processo que, se não ocorrer na forma da violência simbólica, como é o caso da malhação do Judas, poderá desembocar em violência real" (Pereira, 2005, p.80). O momento catártico então de destruição do boneco funcionaria como um escape nesse sentido.

Práticas como essa podem ser encontradas em diferentes locais, como Edilson Sandro Pereira (2014) descreve em Ouro Preto. De acordo com o autor, na cidade em 2013, o boneco do Judas foi confeccionado com o rosto de um ator da novela das 21 horas do período, cujo personagem era um dos vilões da trama, envolvido com tráfico internacional de pessoas. Nota-se, segundo Pereira, que:

> A vilania desse personagem fundamentava a sua escolha para se tornar o Judas em Ouro Preto. Vemos, assim, como a composição desse personagem antagônico ao Cristo, compõe-se, a cada novo ano, em função do quadro de referência mais geral sobre quais são as pessoas que podem ser tomadas como emblemas do mal (sejam elas vizinhos, políticos ou personagens de ficção). Com isso, potencialmente qualquer rosto pode servir para compor a imagem desse artefato que já 'nasce' condenado à destruição. (Pereira, 2014, p. 279)

A festa da malhação do Judas, como é possível perceber, possui essa permissividade para ser sempre atualizada conforme o contexto. Da mesma forma que o testamento na cidade de Brasília de Minas sempre envolvia as questões locais, o boneco em Ouro Preto atendia demandas do presente em que se situava.

Após a queima iniciava-se o forró com banda, bebidas e competições, como a do pau de sebo. Aquele momento, a princípio, não apareciam hierarquias conforme os lugares sociais dos sujeitos participantes da festa. Canclini, ao discutir a encenação do popular, salienta que "a ruptura da festa não liquida as hierarquias nem as desigualdades, mas sua irreverência abre uma relação mais livre, menos fatalista, com as convenções herdadas" (Canclini, 2019, p. 222). Diferentes pessoas se reúnem em uma noite após a procissão do Senhor Morto, para ouvir um testamento, proferir ofensas, ver o Judas ser destruído e festejar.

> Tinha o pau de sebo. Eu colocava nota de 100... colocava às vezes 150 e no topo 200 para que os meninos subissem... era mais a meninada. Ninguém nunca conseguiu chegar nos 200 porque era mais alto. [...] E nesse decorrer a gente fazia um forró. O forró tocava a noite toda. Tinha banda que eu pagava. Tinha uns amigos que me ajudava. A gente saía pedindo na rua contribuição para a queima do Judas e distribuía cesta básica. Sorteava lá... às vezes nem sorteio era. A gente via as pessoas que tinham mais precisão e ia lá e dava. Conseguíamos montar muita cesta básica. Montávamos em torno de 50 cestas básicas. Tinha vez que até mais. [...] Eu convidava na rua. Falava "hoje à meia noite tem a queima de Judas após a procissão de enterro". Naquela época a procissão acabava à meia noite e ia todo mundo pra lá. Lá tinha um forró bom. Raiz do Forró já tocou lá, bandas e bandas... gerava até um dinheirinho para as pessoas lá. (Carlos Humberto Mendes Gonçalves, 67 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 19/10/2019)

> E era uma festa! O que a gente fazia aqui era uma festa. Vinha um caminhão, montava um palco no caminhão e ficava anunciando as coisas. [...] Mais tarde tinha o forró, aí tinha o pau de sebo. A gente fazia um pau de sebo com uns 6 metro de altura e punha o dinheiro lá em cima dele (fazendo o gesto sinalizando a altura). Aí quem conseguia panhar o dinheiro ficava. [...] A gente saía pra pedir as coisas, aí tinha o pessoal que sempre dava. Dava cachaça, dava bala, tinha muita gente que sempre ajudava. Tinha gente que dava roupa pra pôr no Judas e quando não dava eu mesmo que comprava a

> roupa pra por nele. (José Francisco dos Santos, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 05/08/2023)

Observamos nesses trechos outros aspectos da festa, relacionados a sua organização. As festas, que duravam até o amanhecer do sábado, gerava renda para o comércio localizado nos arredores que aproveitavam a oportunidade para vender. Entretanto, muitas bebidas e alimentos eram obtidos através de doações de moradores de Brasília de Minas. Dessas doações, montavam cestas básicas para serem distribuídas e ajudavam através da malhação do Judas pessoas mais carentes. Carlos Humberto pontua que era feito um anúncio do local e horário da festa, que ocorria após a procissão do enterro, indicando a participação de indivíduos que após o término do préstito religioso, segue para o local.

> Essa malhação vem desde antigamente que faziam. Ultimamente parece que nem está fazendo mais. Eu acho que não estão. Quem organizava isso era foi Carlinhos, locutor, Carlim de Tico, ele que organizava. Ele é muito organizado e inteligente. Ele faz aqueles versos. Antigamente tinha, mas era mais assim... mais simples. Eu me lembro que fazia na praça... agora Carlim fazia lá no estádio porque a área é maior, tem mais espaço. Fazia ao redor do estádio porque dava muita gente... as pessoas gostavam de ir. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Muita gente que fazia a malhação ia de noite pra vigília. Você vê que isso já é contraditório né? (Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019)

> Juntava 2 a 3 mil pessoas lá. O pessoal acabava a procissão de enterro ia pra lá. Ficava a festa até 5... 6 horas da manhã. (Carlos Humberto Mendes Gonçalves, 67 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 19/10/2019)

Esses trechos abordam a localização da festa e o deslocamento dos participantes. Antes a malhação era feita na praça, algo que já revela a confluência dos elementos litúrgicos com os elementos populares. A praça, como já apareceu no segundo capítulo era um espaço de disputas onde o padre tentava exercer sua influência. A mudança não atrapalhou a realização da festa, pois era feita após os rituais da Igreja e os moradores se direcionavam para o estádio municipal. Além deles, provavelmente visitantes, visto que era o período de intenso fluxo de pessoas em Brasília de Minas. A senhora Jane Soares Mendes enfatiza que muitos que participavam da malhação, que durava até o amanhecer do sábado, eram encontrados na celebração da Vigília Pascal. Ela expressa que isso é contraditório, porém faz parte das diversas maneiras que os sujeitos se entendem enquanto católicos e enquanto brasilminenses.

Quando perguntados a respeito da interferência do padre, tanto o senhor Carlos Humberto quanto o senhor José Francisco afirmaram que nenhum padre nunca interferiu no que era feito.

> Os padres sabiam que a gente fazia. Nunca aceitaram, mas também não repreendia. A gente vê que não repreendia que antes faziam lá na praça da igreja mesmo. (Carlos Humberto Mendes Gonçalves, 67 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 19/10/2019)

> O padre nunca chegou a interferir não. A prefeitura também não. Nunca não. Às vezes a gente até requisitava policiamento pra eles vim pra ficar olhando pra gente. Só que eles vinha e ficava uma horinha ali e pronto. Deixava a gente só lá outra vez. Sempre foi assim. (José Francisco dos Santos, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 05/08/2023)

Importante destacar, também, o processo que o boneco e o testamento eram preparados. A senhora Maria Eugênia já escreveu um testamento do Judas, mas na maioria das vezes era responsabilidade do senhor Carlos Humberto, e o boneco do Judas era feito pelo senhor José Francisco.

> Eu montava ele (o boneco do Judas) aqui em casa. Deixava aí na rua, exposto na rua pro povo passar e ver. Aí mandava anunciar na rua, colocava ele no carro e passeava com ele pelas ruas da cidade pro povo ver. À noite o pessoal já sabia e vinha ver. Punha ele na praça e o povo vinha. O anúncio fazia durante a semana. [...] Uma vez eu tava montando o Judas e aí mexendo com madeira machuquei esse meu dedo aqui que quase rancou a cabeça do dedo. Eu enrolei num pano e fui pro hospital e falei que eles podia cabar de rancar logo, mas aí costurou. Só que eu tenho a marca até hoje aqui olha (mostrando o dedo polegar com a marca). Minha unha cresce uma por cima da outra por causa do corte. (José Francisco dos Santos, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 05/08/2023)

A festa também era local de tensões, pois havia os que ficavam ofendidos com o testamento, brigas e consumo de drogas.

> Antigamente não dava muita briga aqui não porque quase não tinha essa porcaria que tá aí no mundo hoje, essa tal de droga. Esse povo que vem drogado já vem com o intuito disso, de arrumar confusão. Eu parei mais foi por isso. O povo ficava caçando confusão no meio do pessoal. Teve uma vez que veio uns armado pra matar outro aqui. Aí eu peguei e falei: ano que vem eu num faço mais. Aqui em cima não tem mais não. (José Francisco dos Santos, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 05/08/2023)

O trecho do relato do senhor José Francisco revela os diferentes usos do momento da festa e as percepções de mudança ao longo do tempo. Para ele, o aumento do consumo de drogas na cidade fez com que a malhação do Judas também fosse usada para a prática. Ele também explica sua saída da organização e o encerramento no local.

Antes dessa malhação que acontecia no estádio, em Brasília de Minas tinha o que se chamava de Judas doméstico no Sábado Santo. Alguns moradores faziam bonecos do Judas em casa, outros montavam e deixavam amarrados em algum poste, principalmente próximo à praça da Matriz.

> A malhação do Judas era bom demais! E não era um só não. Na casa dos meus irmãos fazia um, na casa dos amigos deles fazia outro. Não tinha um só, tinha um tanto de

> Judas. E o mais divertido era o de Fausto Calado. Ele era um homem velho, bom de dinheiro, ele tinha uma loja boa e grande e Fausto tinha um Judas imenso. Ele começava a fazer bem antes e ele enchia de bomba. Nas mãos ele colocava traque e na cabeça ele colocava foguete. E todo mundo esperava a malhação do Judas de Fausto. A praça enchia pra ver. Tinha uns Judas que ficavam seis dias amarrados no poste. Amarravam na segunda-feira da Semana Santa e ficava até sábado. [...] A gente fazia em casa também um Judas pequenininho porque quando queimava o Judas era uma vingança pelo que ele havia feito com Jesus. Aí juntava as meninas que brincavam no quintal e fazia um Judas também. Na cabeça da gente, a gente havia agradado a Jesus malhando o Judas. Tudo pela fé (risos). (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

O relato de Geralda demonstra que, durante muitos anos, o malhar o Judas não estava restrito às festas organizadas pelo senhor Carlos Humberto e José Francisco. O aspecto religioso aqui é destacado, quando ela se recorda que fazia junto a outras meninas um boneco para representar Judas Iscariotes e se vingar da traição cometida. Toda ação que infligia na imagem era, para ela uma forma de infligir o próprio Judas e assim agradaria a Jesus. Apesar das relações diferentes, a imagem dele se re-presentifica, pois se recorda da narrativa das escrituras e a transfere para o presente vivido. Cabe destacar também o processo de montagem do Judas e a sua exposição durante a Semana Santa. Embora apareçam relatos de silêncio, respeito, contrição ao longo dessa época, isso não impedia que outras dinâmicas de se inserirem e mostrando as diferentes relações da data para os moradores. Isso desde que era feito na praça da Matriz perdurando até quando passou a se realizar ao lado do estádio municipal. A senhora Geralda Rodrigues também comenta que seu irmão era um dos que gostava de fazer bonecos do Judas com seus amigos.

> Era Zé Geraldo meu irmão, Ronan da loja e outros rapazes que mexiam com isso. Eles iam subindo o Judas pela forca e quando chegava lá em cima eles começavam a jogar coisas nele e no final o fogo. As calças de papai velhas eram guardadas tudo pra esse Judas. Os meus irmãos sempre foram terríveis, a gente rezava e eles faziam a parte divertida. Zé fala que tem saudades do Judas, hoje ele é evangélico, mas ele sente saudades. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

O que encontramos nesse e nos demais relatos são as múltiplas relações e usos da malhação do Judas em Brasília de Minas, que colaboram no entendimento da Semana Santa na cidade e os diversos elementos que a constitui.

3.5 – O espetáculo, o respeito e o “católico de verdade”: Panorama geral e diálogos com o tempo presente em Brasília de Minas

Entre 2019 e 2023, as entrevistas realizadas e analisadas para essa pesquisa trouxeram importantes contribuições para se compreender as vivências e experiências católicas em Brasília de Minas na segunda metade do século XX. As 28 pessoas entrevistadas apresentaram uma diversidade de narrativas que ora se aproximavam, ora se distanciavam umas das outras. Em todas elas, é notável o diálogo estabelecido com o presente em que se narra. Nesse tópico, abordaremos um panorama geral das entrevistas, bem como as percepções dos moradores a respeito das experiências católicas na cidade.

Procuramos pessoas que tivessem nascido entre 1920 e 1960 para serem entrevistadas, pois acreditávamos que apresentariam diferentes perspectivas do contexto que analisamos. Algumas se recordariam do período em que eram jovens ou até mesmo crianças, enquanto outros já eram adultos. O que é recorrente ao analisar as entrevistas é o aparecimento de percepções como "antes rezava mais", "tinha mais respeito", referindo-se tanto à Semana Santa quanto às experiências católicas no geral. Apesar das exceções, os moradores acima dos 70 anos apresentaram com mais frequência essas percepções.

Quando falou a respeito do povo católico da cidade, a senhora Geralda Creusa de Oliveira disse:

> Eu acho muito bom. Muito bom… Assim tem uns que gostam muito de… de ir pra outra religião, uma coisinha de nada aí vai pra outra religião né… [...] Tudo aqui em Brasília era bom demais. Depois a gente vai envelhecendo e as coisas vão mudando demais. Procê agora, menino, procê agora que deve tá bom. Pra mim já não tá mais. Eu mesmo gosto de igreja. Hoje em dia tem gente que tem outras coisas e não vai na igreja. Domingo mesmo minha mãe não deixava a gente faltar na igreja. Se não fosse na missa era tanta coisa que deixava de ganhar, e ainda ganhava uma surra se falava que não ia. [...] Antigamente não tinha tantas outras igrejas. Agora cada um quer porque tem verba né… aí vai aparecendo esse monte de igreja. Antigamente se tinha era um pingado de gente. A primeira igreja diferente era aquela ali perto do DER (Igreja Cristã no Brasil). Veio um povo de fora e eles ficavam carregando as pessoas. Que eles são assim né… Agora tem muita. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

Geralda Creusa se lembra com saudade do passado e em sua fala há um lamento por causa das mudanças. O ser católico, em sua fala – e isso se observa ao longo de toda a sua entrevista –, está ligado à frequência e participação na igreja. É possível perceber, também, que há uma crítica ao aumento de outras igrejas não católicas na cidade e às pessoas que passam a frequentar essas igrejas, em suas palavras "uma coisinha de nada aí vai pra outra religião". Outrossim, essa percepção acerca dos membros de igrejas evangélicas na cidade aparece nos relatos do senhor José Batista Barbosa e do senhor José de Fátima Soares Aquino:

> Depois que vai mudando muita coisa dentro de Brasília foi aparecendo muito evangélico. Brasília tá perdida no evangélico! Tudo quando é canto que você bate o olho agora tem uma igreja evangélica. Mas ainda bem que o povo aqui é muito

> atuante, principalmente nas comunidades. (José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019)

> Não muda muito porque já é a norma da igreja né. Não é igual na igreja evangélica que cada uma faz de um jeito. E na católica não tem dono porque quem é dono dela é Jesus. Já tem as normas que vai passando de um padre para outro. Eu sinto falta assim: Na época de Jesus em sua vida pública se ele aparecesse enchia o lugar de gente. E ele falou que tá no pão né e o pão tá lá na igreja e pouca gente vai. Quando ele tá exposto que o povo vai mais. Tá diminuindo bastante o povo não tá rezando igual antes. (José de Fátima Soares Aquino, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 03/07/2022)

Conforme o relato acima, o senhor José Batista Barbosa destaca um aumento do números de evangélicos em Brasília de Minas (ou só Brasília, como ele a nomeia) de maneira negativa. Entretanto, ele observa que embora haja esse aumento, a participação dos católicos sobretudo nas comunidades se mantêm. Por outro lado, o senhor José de Fátima afirma que o número de frequentadores na igreja está diminuindo e não se reza mais como no passado.

Essa diminuição também é observada pelo senhor João Afonso Ruas:

> Muito é católico, mas num é praticante né… porque o praticante é o que vai todo dia, é o que tá presente. É como eu. Eu sou congregado mariano e eu sou Vicentino… eu sou Vicentino. Parece que antigamente o povo tinha mais atenção. Eu pra mim o povo antigamente tinha mais atenção aqui. (João Afonso Ruas, 89 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2022)

No trecho acima, ele afirma que muitos são católicos, mas não são praticantes, ao contrário dele. Ao se colocar como um exemplo, o senhor João reforça seu pertencimento aos grupos religiosos para reafirmar o seu pertencimento à religião. Para a senhora Pascoalina Gonçalves Dias, o exemplo de católico seria o seu avô:

> Meu avô, pai de pai, ali também foi uma história bonita. Ele criou os sete filho e era muito religioso, muito religioso. Não tinha nada que atrapalhava. Aquele sim era católico… ele era católico mesmo... até dentro d'água. [...] Antigamente o povo rezava mais e tinha mais fé e mais respeito. Não tem nem comparação. Pra você ver que até no dia de Santa Luzia o povo fazia jejum. Não comia mais nada depois do almoço, não comia doce. Hoje em dia não tem isso mais não. (Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022)

Pascoalina, ao exemplificar um católico, se recorda do seu avô, enfatizando repetidamente como ele era religioso em todas as ocasiões, e isso fica evidente ao falar "ele era católico mesmo... até dentro d'água". Embora tenhamos colocado ao longo do trabalho a questão da diversidade do que seria um catolicismo no plural, é interessante mostrar essas percepções dos entrevistados do que seria um "católico de verdade", ou nas palavras da senhora Pascoalina, um "católico mesmo". Esse seria um catolicismo vinculado a tradição. Como se houvesse um modelo de católico e ele estivesse no passado, evidenciado pelas práticas feitas.

E como tais práticas não são feitas ou são de maneira menos expressiva, considera-se que não há mais tanta fé e nem tanto respeito.

Nesse sentido, Pierre Sanchis (2018), ao analisar o campo religioso brasileiro contemporâneo, elucida que embora existam novidades que transformem dinâmicas, o apego a uma tradição também permanece e constitui o ser fiel. Os fiéis, nesse caso:

> procuram a fidelidade aos "ancestrais" e o reencontro das "raízes". Bem sabemos que essas fidelidades trans-históricas nunca se constituem em simples fidelidades, que as raízes podem ser inventadas. A memória coletiva é seletiva, e também o é a "tradição". [...] a característica mais definidora do fenômeno religioso pode ser o fato de ele constituir uma "tradição" cuja referência constrói o ser do fiel que nela se insere. (Sanchis, 2018, p.172)

O que foi elucidado por Sanchis é confirmado nas percepções encontradas nas entrevistas que reiteram o "antigamente se rezava mais" e o "antigamente tinha mais respeito". A vaga noção do "antigamente" abarca todo um passado que pode ser o que fora falado na entrevista, como também um período mais remoto, mas ele serve ao seu propósito por fazer oposição ao tempo presente.

> Muita coisa melhorou, mas num ponto piorou porque o povo não tem assim aquele respeito como era antigamente. Era mais silêncio, as procissões eram bem organizadas, tinha mais silêncio... Então depois foi perdendo assim porque a gente participa e tem muita conversa durante. São poucas as pessoas que vão assim com aquele espírito de piedade, concentrado naquilo que estão fazendo. Às vezes as pessoas vão assim por ir e pronto. "vai ter a procissão então vamos". Então eu acho assim que de um modo geral o católico mesmo nesse ponto parece que esfriou, diminuiu o respeito ao sagrado. É claro que tem assim os que tem, mas assim a maioria tá assim muito frio com o sagrado. (Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019)

> Sinto falta do fervor, da devoção. Muito teatro pra pouca fé. As pessoas tinham mais fé, rezavam mais, iam mais a igreja... Deixava o que tivesse que fazer pra ir à igreja. Hoje em dia eu percebo que o povo está mais desligado das coisas. Ficam mais na televisão, no celular. A tecnologia acabou com aquela devoção que o povo tinha. (Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Hoje o povo não tá tendo tanta fé mais não moço! Pode ver, a fé do povo hoje é pouca! Pode reparar que tem muita gente que hoje quer mais é aparecer. Quer é falar que fez lá na frente que deu isso, que deu aquilo. Gente, não tem precisão disso não! Na festa aqui (na comunidade) mesmo eu toda vida dei coisa, pedi coisa, mas eu não fico anunciando o que eu dou não. Deus tá vendo o que faço já e pra mim tá bom. Se eu der uma bandeja, se eu der alguma coisa, não fica gritando meu nome não porque eu não gosto. Isso é besteira! (Maria das Dores Rodrigues Lima, 73 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 07/06/2023)

Segundo a senhora Maria Nazareth, o "católico" esfriou, ou seja, se distanciou mais e um indício é a diminuição do respeito ao sagrado. Dando como exemplo as procissões, ela se recorda sobretudo do silêncio que se fazia em sinal de piedade e contrição. Como se as pessoas, hoje, apenas fizessem uma performance esvaziada de significado. Essa questão da performance

aparece também nos dois relatos de Maria Eugênia e Maria das Dores. Esta afirma que além da falta de fé, muitas pessoas realizam práticas, se inserem nas atividades da igreja para aparecer. O que elas fazem precisaria ser anunciado, algo que a senhora Maria das Dores é contra. Ela, que muito tempo esteve à frente de pastorais na comunidade onde mora, prefere atualmente ajudar sem tanto vínculo. Seu principal trabalho na comunidade Santa Cruz é o sopão solidário para os pobres, que faz todas as quintas juntamente com a associação de moradores do bairro. Maria Eugênia, ao falar dessa performance, afirma que há "muito teatro para pouca fé", como se o "fazer pelo fazer" ocupou um lugar na sociedade brasilminense. Ela fala também no desligamento, mencionado por Maria Nazareth, e atribui ao uso dos meios de comunicação, como televisão e celular.

> Naquela época o povo rezava mais. E tinha mais fé também. Hoje em dia é igual eu falo... tem uns ali que tá ali parece que é uma obrigação. E num é obrigado a pessoa ir não. Vai quem quer né? Vai é pra dizer que foi. Mas naquela época era bão viu... o povo rezava muito. Hoje se perguntar o que o padre falou tem uns que num sabe. Num sabe mesmo não pois tava num cunversero lá na hora! (Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019)

O relato do senhor Manuel é mais um que vai ao encontro dos relatos anteriores e destaca bem a questão da pessoa que se considera católica, mas participa por obrigação, como se essa participação fosse esvaziada de sentido. A maioria dos relatos dos moradores citados até então nesse tópico são moradores acima dos 70 anos e parecem partilhar de uma percepção de um "modelo de católico", como se fosse possível determinar alguém que é "mais católico" e alguém que é "menos católico". Isso se expressa no relato do senhor Manuel Gonçalves de Oliveira sobre a Semana Santa, quando ele afirma:

> Sempre tinha muito respeito e isso aí é algo que eu acho que até hoje a gente deve. É um dia que morre uma pessoa da gente então a gente não vai preocupar em fazer nada em casa não. É um dia de respeito e silêncio. Todo dia de Sexta-Feira Santa, quem é católico verdadeiro respeita o dia. Não é dia de trabalho, não é dia de música, não é dia de bebedeira não. É um dia de lembrar e respeitar. Agora hoje em dia tem uns cara que não tá nem aí pra Deus. Abre buteco... eles não tem compromisso com o evangelho, nem com a palavra de Deus. Eles querem curtir o mundo. (Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 27/10/2019)

O relato do senhor Manuel Gonçalves mostra bem como, ao atribuir um significado à Sexta-Feira Santa, ele expressa sua percepção do que seria um católico verdadeiro, novamente vinculado ao segmento de um conjunto de práticas. Ao aproximar Jesus da vida cotidiana, quando fala que a Sexta-Feira "é um dia que morre uma pessoa da gente então a gente não vai preocupar em fazer nada em casa", ele justifica e legitima para si – e para os outros também,

uma vez que ele narra – o que um "católico de verdade" deveria e não deveria fazer ao ponto de entender como falta de compromisso com o evangelho todos os que não seguem.

Sobre o "ser católico" em Brasília de Minas, a senhora Geralda Rodrigues Silva faz uma diferenciação:

> E pode colocar meu nome viu? Há aqueles sociais, há aqueles que vão porque alguém chamou, toda igreja é assim e eu to vendo agora as crianças estão evangelizando os pais. O catecismo está muito bom. Não é mais aquela coisa dos dez mandamentos e só. Elas estão evangelizando os pais agora. Antes eram os pais que levavam a missa, agora são os filhos que levam os pais. Tem os sociais, tem os que vão todo domingo e tem também os visitantes que participam de tudo quando vêm pra cidade. De uma certa forma eu acho que os católicos daqui são bem frequentes e quando é pra ajudar sempre ajuda com pouco ou com muito. Nossa igreja sempre consegue realizar as obras devidas. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

Geralda Rodrigues apresenta um panorama do que seria um catolicismo mais vinculado à instituição religiosa. Para ela, o "ser católico" atual está relacionado ao seu nível de envolvimento com a Igreja Católica, baseando-se no que se declara católico para a sociedade, no que participa com frequência e no que participa conforme visita Brasília de Minas. Ela destaca também o papel das crianças como responsáveis por evangelizar os pais, valorizando a catequese. Sobre as mudanças, ela ainda acrescenta:

> Hoje tem mais abertura. Eu acho que a conscientização é maior. Só que essa conscientização vem com liberdade de ação. Eu pequei e amanhã eu peço perdão e tá tudo bem. Aqui em casa eu evangelizei meus filhos, eles gostam das coisas de Deus, mas Marlon não vai à missa, Monielly vai, Monalisa vai de vez em quando. Monielly vai mais, ela gosta. Ela segue o meu caminho. Ela presta serviço à comunidade lá na cidade dela. Então assim, sempre o fruto frutifica. Eu não acho que eles se desvirtuaram. Eu acho que a consciência que eles têm formada agora é diferente. O Deus deles é um Deus livre, não é aquele Deus punitivo. Até meus 16 anos eu tinha um Deus que eu amava, mas era um Deus punitivo. Minhas meninas já amam um Deus livre que ri, que fez o milagre com vinho de qualidade. Ele não foi machista, aceitou mulheres. E aí quando eu provoco ela e pergunto e por que não tinha mulheres na ceia ela responde: "É porque lá é igual aqui, mamãe. Aqui a ceia é só para a família, para os mais íntimos e Jesus também queria assim". Então as coisas vão mudando. (Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023)

A visão positiva das mudanças ocorridas é mostrada a partir da comparação entre a sua juventude e o presente que narra. Ao falar que até os 16 anos amava um Deus punitivo, ela se integra ao imaginário religioso local que foi apresentado no capítulo anterior, baseado no medo e na punição divina. Seus filhos, diferente dela, não precisaram rezar para afastar o "bicho mau" caso desobedecessem. O medo na sua juventude era maior que o amor por Deus. Sua percepção, e também a percepção dos filhos, é de um Deus mais alegre. Ao mesmo tempo, é possível notar as ressignificações feitas, como por exemplo quando ela cita o que a filha diz a respeito da

narrativa de Jesus na ceia com os discípulos. Por outro lado, vale destacar que nem todos os filhos são frequentes como ela na Igreja, e isso não é sinal que desvirtuaram como afirma, mas são maneiras diferentes de entender e se sentir pertencente à religião.

Essa visão positiva também observamos nos relatos de Maria Giovanina e Ronaldo Múcio:

> Eu não acho que o povo rezava mais do que hoje. Eu acho que o povo hoje busca mais entendimento das coisas. Entender o porquê das celebrações. Hoje eu faço um curso de teologia lá na minha cidade. E eu estudo com seminaristas. Antigamente quem de leigo a gente ouvia que estava fazendo teologia além de padre? Então hoje em dia as pessoas buscam mais. E eu acho, Jonas, que precisa ser assim mesmo. Tem que evoluir mesmo. Lá em Brasília, onde eu moro, o povo que atua na paróquia, não tem nenhum que não busque estudar, que busque entendimento. (Maria Giovanina Almeida Silqueira, 58 anos, moradora de Brasília-DF, entrevista gravada em 10/04/2023)

> Hoje tem participação, hoje tem encontro de jovens, se a pessoa vai casar tem preparação. O batismo mesmo hoje tem preparação. Antigamente se o povo quisesse batizar era só dar o nome 9 horas da manhã na missa e 10 horas batizava. A igreja também não exigia curso. A gente não tinha nem noção que um dia fosse ter isso. (Ronaldo Múcio Pereira de Matos, 65 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/05/2022)

O aspecto comum aos dois relatos apresentados é a formação dos leigos e o entendimento das práticas litúrgicas e sacramentais. Tanto Maria Giovanina quanto Ronaldo são mais novos em relação a maior parte dos entrevistados, especialmente ela, e são pessoas que já estiveram mais inseridas nas atividades da igreja na cidade em diferentes décadas. A percepção de Maria Giovanina ainda possui outra nuance, devido a sua ausência em Brasília de Minas. Atualmente mora na capital federal e visita a cidade em determinadas ocasiões, sendo uma delas a Semana Santa.

Com relação às mudanças na Semana Santa, há também relatos que destacam especialmente a participação e a organização

> Mudou muito. Primeiro eu considero que essa mudança foi graças aos grupos que existem na igreja. O padre pode dar funções para os grupos. Tal pastoral é responsável por isso ou por aquilo. Tudo dividido... tudo organizado. Antigamente era mais simples... o padre... o padre escolhia ali algumas pessoas pra ajudar, sabe? Hoje está muito organizado. Muito grupo de oração que ajudam, muitos voluntários. E isso que é a igreja. É a união de todos para ajudar. Isso que é a igreja. Às vezes ele não traz nem padre de fora pra ajudar porque os grupos ajudam muito. As pessoas rezavam muito mesmo, mas tem hora que eu penso que não. Por causa dos grupos de orações. Hoje em dia tem muitos grupos de orações, grupos de jovens... ajudou muito a igreja. (Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019)

> Mais participativa (a Semana Santa). Mais... mais... gente pra trabalhar. Gente que vara a noite na Semana Santa fazendo as coisas. Tá mais participativa… A igreja evoluiu muito. Da água pro vinho. A mentalidade do povo também foi evoluindo. (Arminda Fernandes Pontes, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 02/11/2019)

Os relatos de Maria Inês e Arminda, além de destacarem o papel, o envolvimento de muitos grupos pastorais e movimentos no processo de organização das celebrações da Semana Santa, também mostram que o papel do padre na dinâmica religiosa não é tão expressivo quanto antes.

No geral, observamos também que há pouca ou quase nenhuma menção a antigas práticas que não são consideradas litúrgicas ou pertencentes aos rituais próprios, principalmente atentando para o fato do afastamento de práticas populares do centro de Brasília de Minas. Outras mudanças ocorridas nos últimos anos auxiliam na compreensão de algumas percepções dos moradores. Uma dessas mudanças anteriormente mencionadas é o desmembramento da paróquia Senhora Sant'Ana, para se formar a paróquia Nossa Senhora Aparecida, em 2014. Ao estabelecer, a grosso modo, uma divisão a partir do rio que corta a cidade, isso mexeu com sentidos de pertencimento na população católica em Brasília de Minas.

> Minha participação é boa, porém quando eu participava do lado de lá era melhor. Quando desmembrou as duas paróquias eu fiquei um bom tempo, só gostando da participar da de Sant'Ana. Até hoje ainda tem aquilo em mim porque meu pai nasceu lá. Minha mãe nasceu lá, eles criou a nossa família, tudo de lá, eu conheci, a Igreja foi de lá, eu fui batizado, foi de lá e tudo mais, mas eu dou o mesmo valor à Nossa Senhora Aparecida, que é a mãe de Jesus em qualquer nome que ela se apresentar. [...] Eu andei afastando um pouquinho, mas não me afastei de Deus. Deixei de cumprir a missa no domingo. Não sei por que eu relaxei. Eu relaxei, mas não deixei de ser de Deus. Não deixei de ser católico. Não deixei de respeitar Jesus como meu Mestre, meu Salvador. (José Mendes Gonçalves, 76 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 08/06/2022)

O senhor José Mendes Gonçalves exprime sua dificuldade em se adaptar à realidade de duas paróquias. Embora more no território que pertença à paróquia Nossa Senhora Aparecida e afirme o valor que ela tem, é com a paróquia Senhora Sant'Ana que ele se identifica em razão da sua vida religiosa ter sido trilhada nela. Sua participação na igreja diminuiu, mas ele afirma que não deixou de ser católico, reiterando o que discutimos nesse tópico acerca de catolicismo (s) no plural – ainda que majoritariamente os entrevistados vinculem à instituição religiosa.

Outra mudança ocorrida nos últimos anos foi a pandemia de Covid-19, que provocou o necessário isolamento e restrições de atividades na Igreja, além de algumas adaptações que permaneceram após o fim.

> Vinha, vinha muita (gente). Era bonita. Vinha, participava das coisas, das comemorações, mas era muito boa a Semana Santa aqui em Brasília. Até hoje é porque depois dessa doença que as pessoa afastou. Essa doença não foi boa pra nós católico não. Não foi boa. (Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022)

> Atualmente eu não tenho participação em nenhuma atividade da igreja. Já tive algumas experiências, mas atualmente não participo. Frequento, mas é menos. Depois

> da pandemia acho que dei uma desacelerada. (Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 04/07/2023)

> Tava comentando nesta hora que hoje em dia a Semana Santa tudo eles fazem na internet, cabou, num solta um programa, aí quem não tem internet fica sem participar. Antigamente a gente recebia um programa completim a gente sabia de tudo quanto é celebração. (Joaquim Francisco dos Santos, 82 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/05/2022)

A senhora Geralda Creusa, que anteriormente apresentamos as críticas que ela fez às mudanças, afirma que a pandemia impactou de maneira negativa a participação na Igreja Católica. Ela, ao se integrar como pertencente (“pra nós católico”), lamenta o afastamento das pessoas. Talvez também essa seja uma das razões que a fazem expressar negativamente em relação às mudanças nos últimos anos. Embora mantenha sua participação, seja frequentando às celebrações, seja como membro de pastoral, ela se entristece com o a diminuição no número de integrantes participando da Semana Santa. Candau (2021) entende que, ao se trabalhar com a memória, é preciso atentar-se para o estado emocional daquele que narra, pois terá uma influência nas suas percepções. Joyce ainda se declara católica, mas nesse trecho acima afirma que está mais afastada, sendo a pandemia um desses fatores. O senhor Joaquim por sua vez está descontente com as adaptações feitas pela paróquia e, utilizando a internet como meio de comunicação de maneira mais ativa, deixando de lado antigos mecanismo e isso resulta no afastamento daqueles que não têm acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa é continuidade do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em História, realizado em 2019. Nela, a proposta era analisar o significado da Semana Santa para os moradores de Brasília de Minas através dos rituais, principalmente os litúrgicos. Agora, nessa dissertação, buscamos expandir a análise observando as vivências, experiências católicas e dinâmicas existentes nas narrativas dos moradores e como elas nos auxiliam na compreensão dos estudos sobre a cidade, tendo como foco a cultura e as relações sociais.

Brasília de Minas, na sua história de formação, possui uma significativa relação com a religião católica. Originada da povoação de Contendas, já neste nome abarca histórias que o imaginário religioso se manifesta, seja pela disputa do posicionamento de um padre no local, seja pela disputa de uma santa entre dois grandes proprietários de terras. Embora ao longo dos anos outras denominações cristãs tenham crescido na cidade, ela ainda é a que possui o maior número de sujeitos declarados e é nítida a sua interferência no espaço local.

Essa pesquisa partiu de uma tentativa de compreender melhor como a religião auxilia na interpretação de inúmeras dinâmicas que existiram, outras que permaneceram e fazem parte das memórias dos moradores. Por essa razão, as categorias de Michel de Certeau foram fundamentais para complexificar e analisar as inúmeras narrativas. Os estudos de Certeau na tentativa de compreender as experiências religiosas e as práticas cotidianas a partir das vivências do outro nos auxiliaram a pensar os brasilminenses, a fé e as práticas inseridas no tecido social numa dimensão que não fica totalmente circunscrita no institucional.

Embora possuísse um número expressivo de entrevistas gravadas durante a graduação, era necessário ampliar a quantidade, levantar outras questões. A pandemia do coronavírus durante esse processo impactou diretamente a pesquisa, dificultando o acesso a moradores de maneira segura. Porém, buscamos medidas para executá-la, pois era fundamental que se gravasse com os brasilminenses. A proposta, desde o início, era falar sobre a cidade a partir da escuta de quem ali vive. Trabalhar com as narrativas dos moradores é também uma forma de respeitar e valorizar essas pessoas, que muitas vezes são esquecidas e ignoradas.

Após o aumento nos índices de vacinação no território e ainda respeitando algumas medidas de segurança, como distanciamento, uso de máscara e álcool em gel, no ano de 2022 foi possível retomar as entrevistas. Nesse período, outras demandas exigiam atenção, pois parte dos entrevistados permaneceram isolados e para eles era importante o diálogo, a escuta e sobretudo a postura adotada na pesquisa, que foi a sensibilidade nos gestos. Equilibrar essa

sensibilidade com as medidas de segurança foi um dos principais desafios enfrentados. Mesmo após o encerramento da gravação, era importante permanecer no local e conversar com as pessoas entrevistadas. Ali também era uma forma de mostrar um respeito e o valor do encontro, para além de um arquivo gravado que seria usado como fonte. Foram esses momentos, muitas vezes acompanhado de uma água, um café com biscoitos, um almoço ou um suco, que os moradores puderam falar sobre outras percepções do cotidiano, ou manifestar seu posicionamento político – é preciso lembrar que o ano de 2022 foi ano de eleições no Brasil. Situações singulares, que apenas trabalhando com a História Oral é possível entender.

Em 2023, acreditamos que seria interessante para o trabalho entrevistar pessoas próximo a data da Semana Santa, e assim foi feito. Uma delas, inclusive, não é mais moradora de Brasília de Minas, mora em Brasília – DF, mas todo ano procura participar das celebrações da Semana Santa na cidade. As entrevistas realizadas nesse ano, embora poucas, foram de grande auxílio na compreensão de muitos aspectos que precisavam ser melhor desenvolvidos.

Foram as entrevistas que guiaram os elementos analisados nesse trabalho, bem como a sua organização. Por essa razão, escolhemos trabalhar com uma arriscada temporalidade que compreende quase toda a segunda metade do século XX. Isso porque o que demarcou a pesquisa foram os relatos e a maneira como eles posicionaram os padres como marcadores temporais, atribuindo, em alguns casos, características deles ao período. Trabalhar até com os anos que o padre Magalhães ficou como pároco em Brasília de Minas, era importante para analisarmos as mudanças, visto que ele se situa em um momento de transformação tanto na Igreja Católica, com todo o debate em torno do Concílio Vaticano II, e das outras reuniões institucionais na diocese de Montes Claros e na América Latina, como também uma transformação na cidade.

As narrativas sobre a Semana Santa em Brasília de Minas, ou Semana Muda, abordam sobretudo como esse era um período de rezas, respeito, silêncio e contrição. Uma celebração de denominação cristã alterava as dinâmicas sociais, a ponto de comércios serem fechados, trabalhos serem interrompidos, negócios proibidos, deslocamento a cavalo ser considerado perigoso. Tudo isso envolvendo o fator religioso. Tais aspectos eram reforçados pelos párocos, especialmente o padre Pedro, que possuía um caráter disciplinador. Ele, um padre holandês no sertão norte-mineiro, procurava instalar uma série de medidas, ações e proibições numa tentativa de moldar a população local. Padre Magalhães, buscou organizar a paróquia, as comunidades e a população, procurando se aproximar das pessoas, ajudá-las a enfrentar diferentes situações.

Contudo, como podemos observar, era também na Semana Santa que acontecia os momentos de encontro entre o rural e o urbano, entre aqueles de outras localidades constituindo uma série de relações, tensões e solidariedades.

A Semana Santa era também um momento de medo, no qual os moradores temiam as ações punitivas de Deus ou a manifestação do diabo. Esse medo se acentuava durante a noite, principalmente na Sexta-Feira da Paixão. O medo era uma maneira usada de manter as pessoas inseridas naquelas práticas e impedi-las de realizar qualquer ação que não estivesse vinculada a um sentido religioso.

Observamos, também, que havia gestos, rituais, práticas populares que, embora não estivessem vinculadas à instituição religiosa, também faziam parte do cotidiano da Semana Santa, apresentando nuances e diversidade nos católicos locais. Não só isso, mas havia práticas e festividades que poderiam participar pessoas não religiosas e religiosas. É o caso da Micarême e da Malhação do Judas.

Em vários momentos durante as entrevistas, os sujeitos apresentaram percepções que dialogavam diretamente com o tempo presente e esse diálogo não podia ser ignorado, pois ele contribuiu para nossa análise. Ao presentificar aquilo que é recordado, os moradores constroem uma maneira de se posicionar na narrativa. É também uma forma de entender como eles se enxergam enquanto pertencentes à religião e à Brasília de Minas.

Ainda que tenham se aproximado em diversos aspectos, não podemos deixar de ressaltar como cada entrevista é singular e importante na construção dessa pesquisa. A proposta inicial lá na graduação, era entrevistar pessoas mais próximas das atividades da Igreja na cidade, mas percebemos que era necessários diversificar para observar os diferentes níveis de envolvimento com a Semana Santa. Um dos entrevistados nem se considera integrante da Igreja católica, mas todo ano era um dos organizadores da malhação do Judas, o que demonstra essa diversidade.

Foram entrevistadas 28 pessoas, algumas até mais de uma vez, e estas sempre demonstraram entusiasmo em contribuir com a pesquisa. Vale ressaltar que na cidade houve também quem contribuiu indicando pessoas para participar, doando fotografias para anexar, entre outras. Entretanto, não podemos deixar de citar que nem todos os abordados aceitaram ser entrevistados, houve também situações em que pessoas indicadas para participar estavam debilitadas demais para o processo e infelizmente os que faleceram antes mesmo de serem abordados. Apresentar esses casos é importante, pois o trabalho com a História Oral, ao lidar diretamente pessoas, enfrenta esses percalços.

Esperamos que esse trabalho tenha contribuído para a compreensão de importantes aspectos da cultura e das relações sociais em Brasília de Minas, pontuando o quão importante é trabalhar com a temática das experiências religiosas e do cotidiano em uma cidade do norte de Minas Gerais. Brevemente citada na principal obra do escritor Guimarães Rosa, apresentada na imprensa do Rio de Janeiro como a "Brasília Pobre", a cidade de Brasília de Minas possui dinâmicas que contribuem na compreensão do cotidiano citadino através das memórias, como também complexificam a noção do "ser católico", pois ao falarmos da religião com o maior número de adeptos em Minas Gerais, estamos entendendo que ela é diversa e plural, com diferentes manifestações inseridas no tecido social. Aquela parte branca do tabuleiro falada no diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan, em Brasília de Minas é feito de práticas, gestos, cheiros, percepções do espaço, experiências religiosas, emoções e acima de tudo, de pessoas.

Finalizamos esse trabalho com a pergunta que o intitula: "O que a 'Semana Muda' nos diz sobre Brasília de Minas?". A resposta a esta pergunta, parafraseando um dos moradores, é que lá toda vida teve cultura, gente competente, gente boa. E agora, esperamos que, através desse trabalho, uma parte do que "devia ficar gravado" esteja aqui, juntamente com a voz daquele que falou e das outras inúmeras vozes que contribuíram para sua conclusão.

Referências

ABREU, Martha Campos. **O império do divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. 1996. 2v Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1583710. Acesso em: 21 jun. 2023.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo. História e oralidade nos estudos comunicacionais. **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 47-58, 2016.

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. **Igreja, Estado e Poder**: as relações entre a Igreja e o Estado no Brasil. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2017.

AQUINO, Leila Cordeiro de. **Quem manda aqui sou eu: mandonismo, clientelismo e tradição familiar na política de Brasília de Minas - 1958 a década de 1980**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social), UNIMONTES, Montes Claros - MG.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. **a Festa dos" Últimos Passos do Cristo"**: Religião e Religiosidade Popular em São Cristóvão-Sergipe. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, v. 26, n. 1, 2016. p. 103-113

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011

AUGRAS, M. **Todos os Santos São Bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. - **Dicionário de história religiosa de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. ISBN 972-42-2383-3. vol. 2

AZEVEDO, Thalles de. **O Catolicismo no Brasil**: Um campo para pesquisa. EDUFBA, Bahia, 2002

AZZI, Riolando. Do bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. **Perspectiva Teológica, v. 18, n. 45**, p. 215-215, 1986.

BARBOSA, Carla Cristina; PORTO, César Henrique de Queiroz. **Sertão**: tradição, cultura e poder. Montes Claros-MG: Editora Unimontes, 2018

BARBOSA, Carla Cristina; PORTO, César Henrique de Queiroz; BARBOSA, Denílson Meireles. **Sertão**: cultura e território. Montes Claros-MG: Editora Unimontes, 2020

BARBOSA, Denílson Meireles. **A Caminho da Periferia**: A descentralização Católica em Montes Claros -1980-1990. Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo, PUC: 2010.

BARBOSA, Denílson Meireles. **Heranças de fé no sertão do São Francisco**: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG. 2016. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **O lugar da História Local**. São Paulo: Intervozes, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose-Barros-28/publication/321111136_O_Lugar_da_Historia_Local/links/5a0e18d5aca27244d28588da/O-Lugar-da-Historia-Local.pdf

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História** – Especialidades e Abordagens, Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2023.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BELMAIA, Nathany Andrea Wagenheimer; DOS SANTOS AMADOR, Cassio Henrique. O Concílio de Niceia definiu a regulamentação da data da Páscoa no século IV?. **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 706-728, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas v.1). Trad. Sergio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BONESSO, Márcio. **Encontro de Bandeiras**: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro, São Carlos, Estado de São Paulo.. 2006. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

BORGES, Maristela Corrêa. **Entre as folias do São Francisco**: de uma Geografia da religião a uma Geografia da religiosidade popular no norte de Minas Gerais. 2015. 181 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI https://doi.org/10.14393/ufu.te.2015.51

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado**: estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Benção**: Espiritualidades religiosas no Brasil. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2009.

BRASIL, Henrique de Oliva. **De Contendas a Brasília de Minas.** Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1978.

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 6, n. 2, p. 9-26, 2004.

BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro. A epistemologia "negativa" de Michel de Certeau. **Trajetos Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 5, n. 9/10, p. 231-247, 2007.

BUCCIOL, Dom Armando. **Sinais e símbolos, gestos e palavras na liturgia**: Para compreender e viver a liturgia. Brasília: Edições CNBB, 2018.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** . Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras – 2010

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Aspectos da Semana Santa através do estudo das Irmandades do Santíssimo Sacramento: cultura artística e solenidades (Minas Gerais séculos XVII ao XX). **Revista barroco**, 2005, pp. 71 - 88

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2019.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Uma cruz para os enforcados**: práticas penitenciais em Nossa Senhora das Dores (SE). Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2019.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**: Morar, Cozinhar. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2013

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano:** As artes de fazer. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. Campinas-SP: Papirus, 2012.

CERTEAU, Michel de. **O lugar do outro**: História religiosa e mística. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 1 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2021.

CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: Concílio Vaticano II. 1962 – 1965. São Paulo: Paulinas, 2011.

CORREIA, Iara Toscano. **João Relojoeiro**: a Construção de um Santo no Imaginário Popular– Uberlândia/MG (1956-2202). 2003. Dissertação (Mestrado em História Social), UFU, Uberlândia.

CORREIA, Iara Toscano. **(Res)significações religiosas no sertão das gerais**: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. 2013. 332 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

COSTA, João Batista de Almeida. **Norte de Minas**: cultura catrumana, suas gentes, razão liminar. Montes Claros-MG: Editora Unimontes, 2021.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

DONNER, Sandra Cristina. História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, v. 11, p. 223-235, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FERGUSON, Richard. **Exvotos**: Folk art and expressions of faith in Mexico. 1999. Disponível em: https://www.mexconnect.com/articles/969-exvotos-folk-art-and-expressions-of-faith-in-mexico/ Acesso em: 10/10/2022

GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. Tradução de: Lea P. Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

GOIS, João de Deus. **Religiosidade Popular** – pesquisas. São Paulo. Edições Loyola. 2004.

GOMES, Mariana Elias. A Semana Santa em Mariana, MG: estudo da relação entre patrimônio imaterial e turismo. **Revista Urutágua**, 2008.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GONÇALVES, Maria Inês Matos. **Memorial de Brasília de Minas**: documentário, Belo Horizonte: edições Horta Grande, 2006.

GRACINO JÚNIOR, Paulo. Religião e metáfora social: a semana santa como memória e encenação da hierarquia em Mariana- MG. **Mediações** - Revista De Ciências Sociais, 14(2), 2009. pp. 285–312.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Trad: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. pp. 7 – 24.

HORÁCIO, Heiberle Hirsgberg. **Dinâmicas Religiosas no Norte de Minas e reflexões concernentes**. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2018.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOSÉ, F. **DR. XIKIM DISCURSANDO NO ENTERRO DO SAUDOSO PADRE MAGALHÃES**. **YouTube**, 4 nov. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H5bagoI15sc . Acesso em: 6 set. 2023

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 22, 2001.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro; et al (Orgs.) **Muitas histórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 116-138.

MACHADO, José Henrique Rodrigues; MELO, Wander Oliveira. Cultura imaterial: folias e o catolicismo popular. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, 2020. p.2489-2500 Disponível em: https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/6165 Acesso em: 29/09/2022

MAIA, Pedro Américo. **História das Congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1992.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. A FOLIA DE REIS NO HORIZONTE DA FESTA: INTRODUÇÃO A UMA ETNOGRAFIA. **V Simpósio Internacional de Musicologia**, 2015. p. 84. Disponível em: https://www.academia.edu/download/45707112/c1b035_11ed326d20914d04b772b5f0ad50bade.pdf#page=84 Acesso em: 29/09/2022

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

MENDES, Andréa Regina Moura. **A malhação do Judas**: rito e identidade. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

MENDES, Jonas Rosa. **Tempos de rezas e medos**: os rituais culturais da Semana Santa em Brasília de Minas (1962 – 1996). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros – MG, 2019.

MENDES, Silvana Ferreira. **"Nós vivia nos tempo do cativêro"**: vivências e trajetórias de trabalhadores rurais brasilminenses (1970/1990). 2019. Dissertação (Mestrado em História Social), UNIMONTES, Montes Claros - MG.

MENDES, Silvana Ferreira. **Maria Rosa da Encarnação**: uma devoção no imaginário popular em Brasília de Minas. São Paulo: Plêiade, 2014.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda**: a relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

MONTES, Maria Lúcia. **As Figuras do Sagrado**: Entre o público e o privado na religiosidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

NEDER, Andiara Barbosa. FOLIA DE REIS EM MINAS GERAIS: ENTRE SÍMBOLOS CATÓLICOS E AMBIGUIDADES AFRICANAS. **Ciências Sociais e Religiã**o, v. 15, n. 18, 2013. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/ccf6/5431f54ef82748680d53ccfd00320f925a11.pdf Acesso em: 30/09/2022

NUNES, Neila Ferraz Moreira. História local: conceito, trajetória, razões e desafios. **Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU**, v. 5, n. 2, jul./dez. 2020.

OLIVEIRA, Emerson Sena de. As muitas Minas Gerais: religiões, localidade e identidade. In: HORÁCIO, Heiberle Hirsgberg. **Dinâmicas Religiosas no Norte de Minas e reflexões concernentes**. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2018. pp. 181 – 208.

OLIVEIRA, George Gomes de. **Congregação Cristã no Brasil**: Origem e seus desdobramentos na sociedade norte-mineira. Dissertação (Mestrado em História Social) – UNIMONTES. Montes Claros, 2017.

O que são CEBs. Disponível em: <https://portaldascebs.org.br/o-que-sao-cebs/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PASCHALIS SOLLEMNITATIS: A Preparação e Celebração das Festas Pascais. Disponível em: <https://presbiteros.org.br/paschalis-sollemnitatis-a-preparacao-e-celebracao-das-festas-pascais/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PEREIRA, Edilson. **O Teatro da Religião**: A Semana Santa em Ouro Preto Vista através de Seus Personagens. Rio de Janeiro, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado em Antropologia Social, 2014.

PEREIRA, José Carlos. **O Encantamento da Sexta-Feira Santa**: Manifestações do Catolicismo no Folclore Brasileiro. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

PEREIRA, José Carlos. **A Eficácia Simbólica do Sacrifício**: estudo de uma devoção popular do Catolicismo. 2ed. Porto Alegre: Zouk, 2005B

PEREIRA, José Carlos. **Interfaces do sagrado**: catolicismo popular: o imaginário religioso nas devoções marginais. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2011.

PEREIRA, José Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, v. 3, p. 67-98, 2003.

PEREZ, Léa Freitas. Da Religiosidade Brasileira. In: PASSOS, Mauro (org.). **Diálogos Cruzados**: religião, história e construção social. Belo Horizonte: Argumentvm, 2010. pp. 211-252.

PEREZ, Léa Freitas. **Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas.** 2010. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2441

PESAVENTO, Sandra. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra (Org.). **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1997.

PESAVENTO, Sandra. Apresentação. In: PESAVENTO, S. J. (org.). **História Cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

PESAVENTO, Sandra. **História cultural**: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. (Orgs). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em História Cultural. Porto Alegre, Asterisco, 2008.

PORTELLA, Rodrigo. Cotidiano e narrativa religiosa Considerações, perguntas e propostas a partir das teorias de Michel de Certeau em "A invenção do cotidiano" e da História Oral. **Razão e Fé,** v. 5, n. 1, p. 63-82, 2003.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 15, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. No princípio, um lugar: a arqueologia religiosa de Michel de Certeau. **História Revista**, v. 12, n. 1, 2007.

REVISTA MUNDO ILUSTRADO. Rio de Janeiro: Diário de Notícias. V. 1. n. 121. 16. Abr. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/ Acessado em: 07/08/2022.

RIBEIRO, Fredson Marcony Lopes. **"Igreja Matriz De Santana, Uma História De Identidade Com O Povo Brasilminense"**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Estadual de Montes Claros, São Francisco – MG, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad: Alain François et al. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. **Memórias em disputa**: transformando modos de vida no sertão e na cidade. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2013.

SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e a História. In: CAPELATO, Maria Helena et. al. **História e cinema**: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2007. pp. 85-96.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras/Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves. Os tempos da memória:(Des) continuidade e projeção. Uma reflexão (in) atual para a história?. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 24, 2002.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia Regina Capelari (Ed.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Editora UNICAMP, 2004.

SILVA, Cláudia Neves da; LANZA, Fabio. Sociedade de São Vicente de Paulo: caridade católica aos problemas sociais?. **História** (São Paulo), v. 29, 2010. p. 40-55.

SILVA, Luziane Mendes da . **Festa em Homenagem a São Sebastião em Brasília de Minas antes e depois do Padre Magalhães.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Estadual de Montes Claros, São Francisco – MG, 2015.

SILVA, Maria Eugênia Matos. **Onde Está sua Memória, Cidade?** - Tomo I. Brasília de Minas, 1995.

SILVA, Maria Eugênia Matos. **Onde Está sua Memória, Cidade?** Tomo II. Brasília de Minas, 1998

SILVA, Mariana Mizael Pinheiro da; ANDRADE, Everardo Paiva de; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Artes de ensinar, ofício de viver: das narrativas (auto) biográficas a uma história pública dos professores. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, 2019. p. 158-181

SOUZA, A. L. S. de, & ARAUJO, A. L. R. de . (2020). “Folia de reis” em Minas Gerais como ritual religioso, festa popular e patrimônio imaterial . **REVES** - Revista Relações Sociais, 3(3), 0212–0223. https://doi.org/10.18540/revesvl3iss3pp0212-0223

TORRES-LONDOÑO, Fernando. Imaginária e devoções no catolicismo brasileiro. Revista **Projeto História,** n. 21, 2000. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/10771/8003

LISTA DE ENTREVISTADOS

Arminda Fernandes Pontes, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 02/11/2019.

Carlos Humberto Mendes Gonçalves, 67 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 19/10/2019.

Flauzina Mendes de Souza, 87 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 04/09/2019.

Geralda Creusa de Oliveira, 74 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 05/06/2022.

Geralda Rodrigues Silva, 70 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 14/04/2023

Jane Soares Mendes, 72 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 12/10/2019 e 04/11/2022.

Joana Alves dos Santos, 97 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/09/2019.

João Afonso Ruas, 89 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2022.

Joaquim Francisco dos Santos, 82 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/05/2022.

José Alves Ribeiro, 76 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 11/10/2022.

José Batista Barbosa, 75 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 27/10/2019.

José de Fátima Soares Aquino, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 03/07/2022.

José Francisco dos Santos, 69 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 05/08/2023

José Mendes Gonçalves, 76 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada dia 08/06/2022.

Joyce Georgina de Sousa, 62 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista realizada dia 04/07/2023

Laurindo Freire de Queiroz, 76 anos, morador da comunidade rural Riacho do Meio do município de Brasília de Minas, entrevista gravada em 20/10/2019.

Manuel Gonçalves de Oliveira, 88 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista concedida dia 27/10/2019.

Manuel Pereira dos Santos, 78 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 15/10/2019.

Maria das Dores Rodrigues Lima, 73 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 07/06/2023

Maria de Fátima Neves Rosa de Oliveira, 69 anos, moradora de Brasília de Minas entrevistas gravadas em 14/10/2019 e 13/05/2022.

Maria Eugênia Matos Silva, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019.

Maria Giovanina Almeida Silqueira, 58 anos, moradora de Brasília-DF, entrevista gravada em 10/04/2023

Maria Inês de Matos Gonçalves, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019.

Maria Nazareth Rodrigues Silqueira, 78 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 14/01/2019.

Olívia da Conceição Oliveira, 68 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 18/10/2019.

Pascoalina Gonçalves Dias, 81 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 01/11/2022.

Ronaldo Múcio Pereira de Matos, 65 anos, morador de Brasília de Minas, entrevista gravada em 13/05/2022.

Terezinha Ferreira de Brito Ribeiro, 80 anos, moradora de Brasília de Minas, entrevista gravada em 11/10/2022.

ANEXOS

ROTEIRO BASE PARA ENTREVISTAS

-O (A) senhor(a) sempre morou na cidade? (Em caso negativo perguntar quando se mudou e motivos)
-Fale sobre sua participação na igreja.
-O que o (a) senhor (a) acha do povo católico em Brasília de Minas?
- Como era a sua vida e da sua família na igreja na sua infância? Vocês frequentavam, ajudavam?
-O que o (a) senhor (a) lembra das festas religiosas?
-Durante o período da sua infância, como era a Semana Santa?
-Como vocês se comportavam durante a Semana Santa? O que podia e o que não podia fazer?
-Como ficava a cidade na época da Semana Santa?
-Muitos padres passaram aqui por Brasília de Minas. Dentre eles o padre Pedro. Como ele era? As pessoas da cidade gostavam dele? O que o (a) senhor (a) se lembra da Semana Santa na época do padre Pedro?
-E o padre Fabiano, como ele era? As pessoas da cidade gostavam dele? O que o (a) senhor (a) se lembra da Semana Santa na época do padre Fabiano? O que o (a) senhor (a) acha que mudou da época do padre Pedro para a época do padre Fabiano?
-Depois do padre Fabiano veio o padre Magalhães. Como ele era? O que o (a) senhor (a) se lembra da Semana Santa na época dele? O que o (a) senhor (a) acha que mudou da época do padre Fabiano pra época do padre Magalhães?
-Nessa época que o padre Magalhães estava aqui, alguns lugares deixaram de ser distritos daqui e viraram cidades?
-Fale sobre a Semana Santa hoje. O que mudou? E o povo católico em Brasília de Minas?

TERMO DE CONSENTIMENTO
Responsável pela Pesquisa: Jonas Rosa Mendes.
PPGH/UNIMONTES.
Título Provisório da Pesquisa: "O que a 'semana muda' nos diz sobre Brasília de Minas? Memórias, vivências e experiências dos brasilminenses nas décadas de 1960 – 1990"

Eu, _____, fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre os objetivos da pesquisa provisoriamente intitulada "O que a 'semana muda' nos diz sobre Brasília de Minas? Memórias, vivências e experiências dos brasilminenses nas décadas de 1960 – 1990". Assim, autorizo a utilização das minhas informações para fins científicos, sem restrição de citações dos dados obtidos, por tempo indeterminado, em meio impresso, digital e outros. Sei que a pesquisadora se pautará pela ética no tratamento das informações. Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado com o objetivo acadêmico. Portanto,

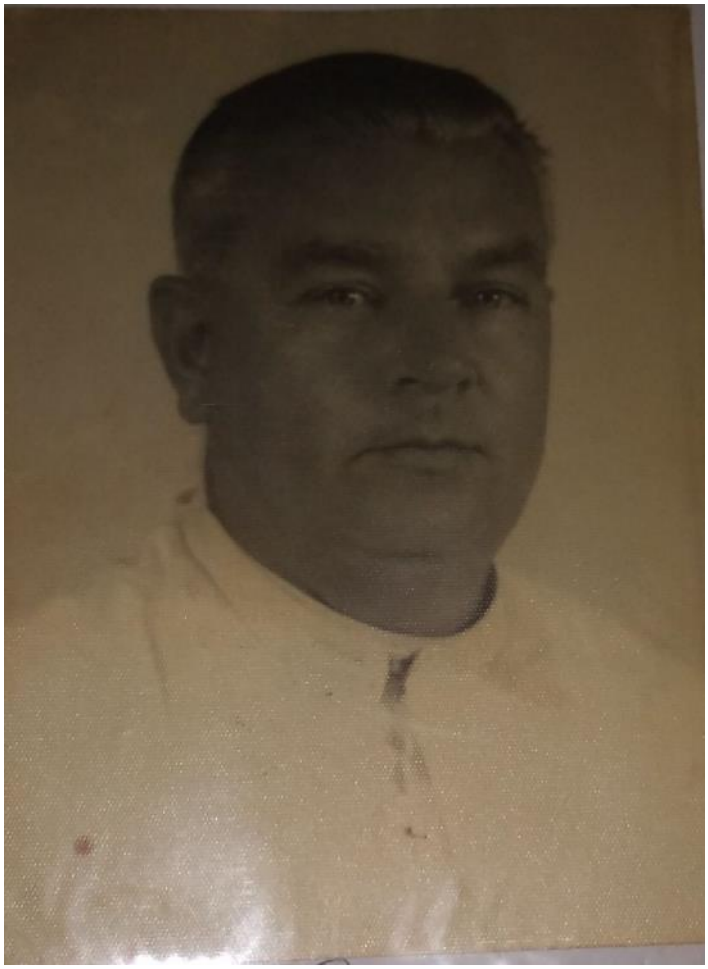
( ) Autorizo a divulgação do meu nome em suas publicações;

( ) Prefiro que a pesquisa utilize o nome fictício, _____ , em lugar do meu nome, mantendo, assim, o sigilo de minha identidade

Brasília de Minas, ___ de _____ de 20___.

Assinatura do (a) participante: _____

FOTOGRAFIAS

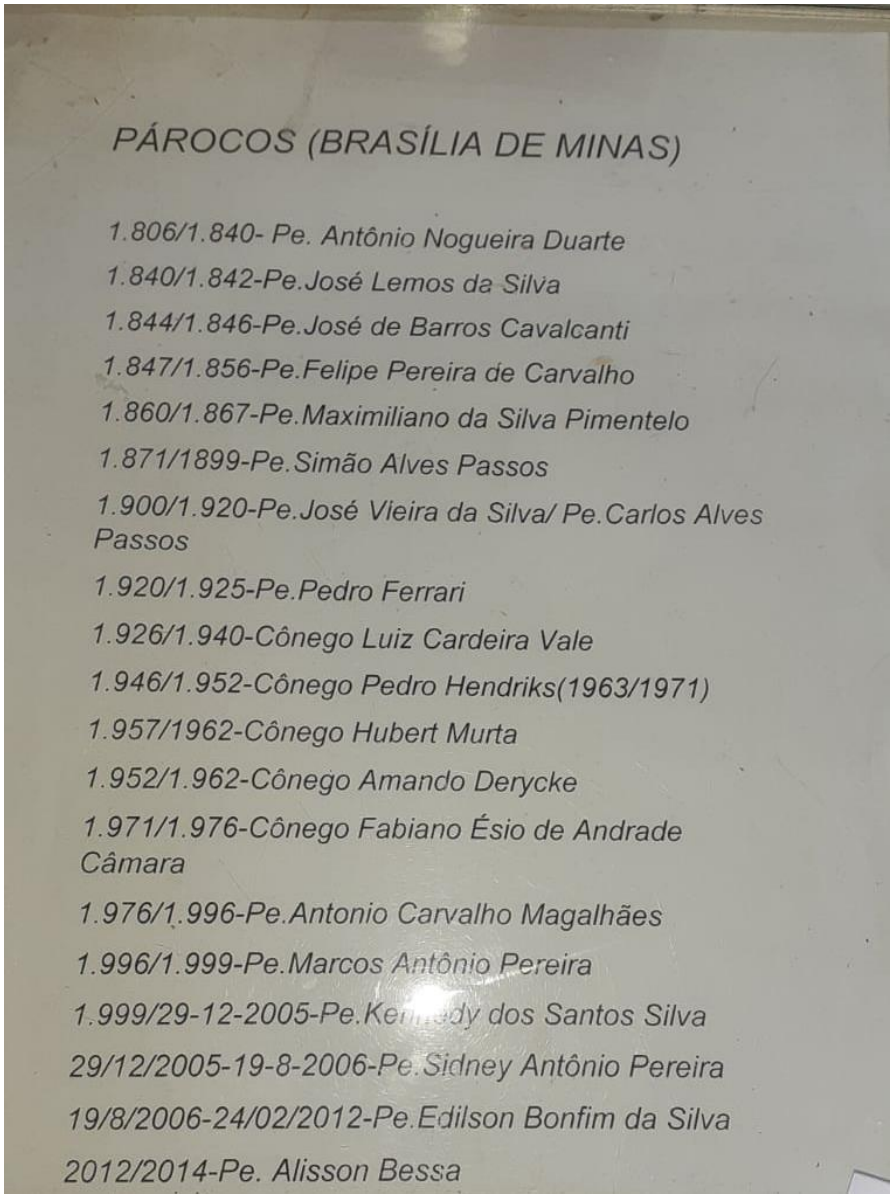


Padre Pedro Hendricks. Foto disponibilizada por O. C. Oliveira

Padre Fabiano presidindo a celebração da Quinta-Feira Santa em 1973. Foto do acervo de M. F. N. R. Oliveira

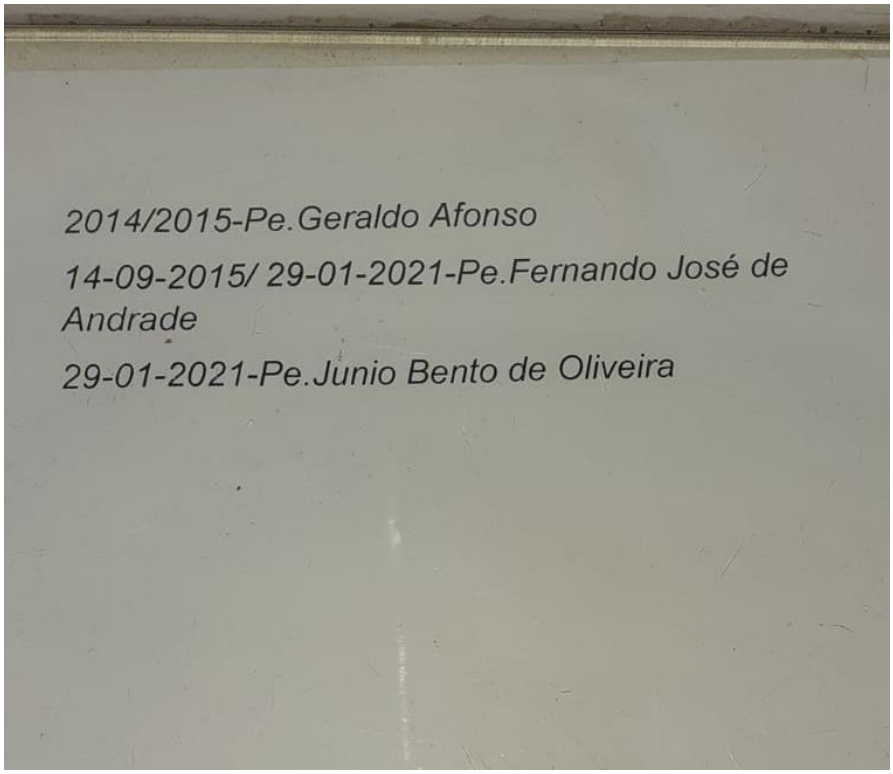
Padre Magalhães na Igreja Matriz Senhora Santa em Brasília de Minas (1980). Foto de Janete Rosa de Souza

Galeria dos párocos da paróquia Senhora Sant'Ana desde Contendas localizada na parede lateral da Igreja Matriz Senhora Sant'Ana. Foto de Jonas Rosa Mendes



Lista dos párocos da Paróquia Senhora Sant'Ana de Brasília de Minas (1806 – 2014)

Fonte: Secretaria paroquial da Paróquia Senhora Sant'Ana

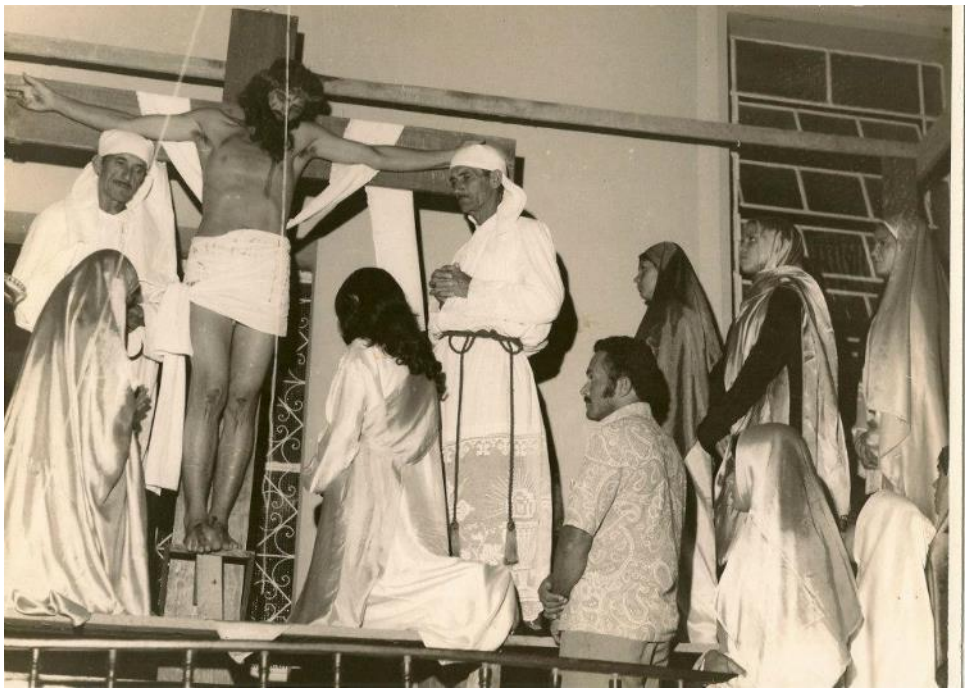


Lista dos párocos da paróquia Senhora Sant'Ana de Brasília de Minas (2014 – 2021)

Fonte: Secretaria paroquial da Paróquia Senhora Sant'Ana

Via Sacra ao redor da igreja Matriz feita com figuras vivas na década de 1970. Foto do acervo de Maria Aparecida Araújo

Encenação da caminhada de Jesus com a cruz na década de 1970. Foto do acervo de Maria Aparecida Araújo



Descida da cruz com figuras vivas em 1973. Foto do acervo de Maria Aparecida Araújo

Primeira turma da Cruzada Eucarística. Foto disponibilizada por O. C. Oliveira

Membros da Cruzada Eucarística na década de 1960. Foto disponibilizada por O. C. Oliveira

Faixa usada pela presidente da Cruzada Eucarística. Foto disponibilizada por O. C. Oliveira

Boneco do Judas antes da queima em Brasília de Minas. Foto disponibilizada por C. H. M. Gonçalves

Boneco do Judas queimando em Brasília de Minas. Foto disponibilizada por C. H. M. Gonçalves

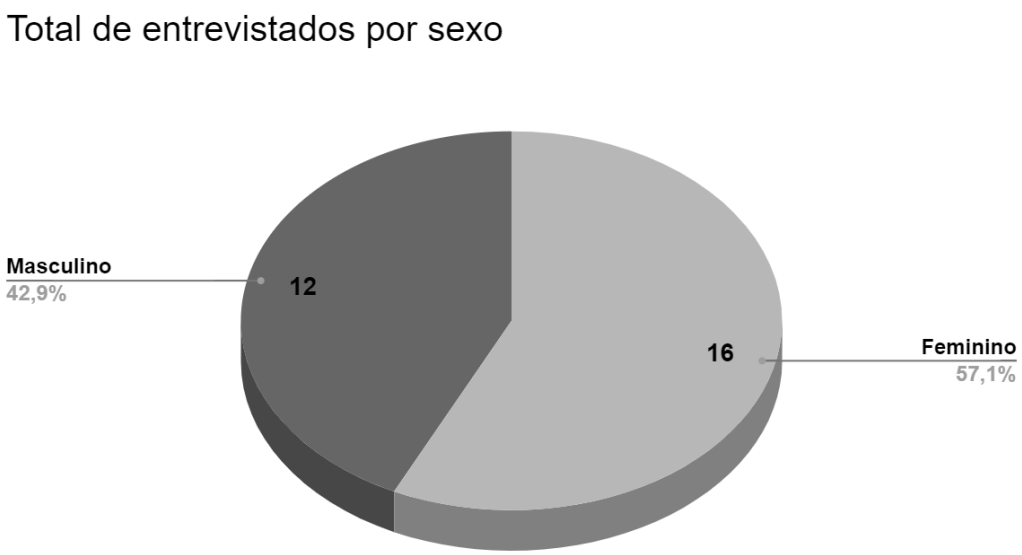


Gráfico com o total de entrevistados por sexo

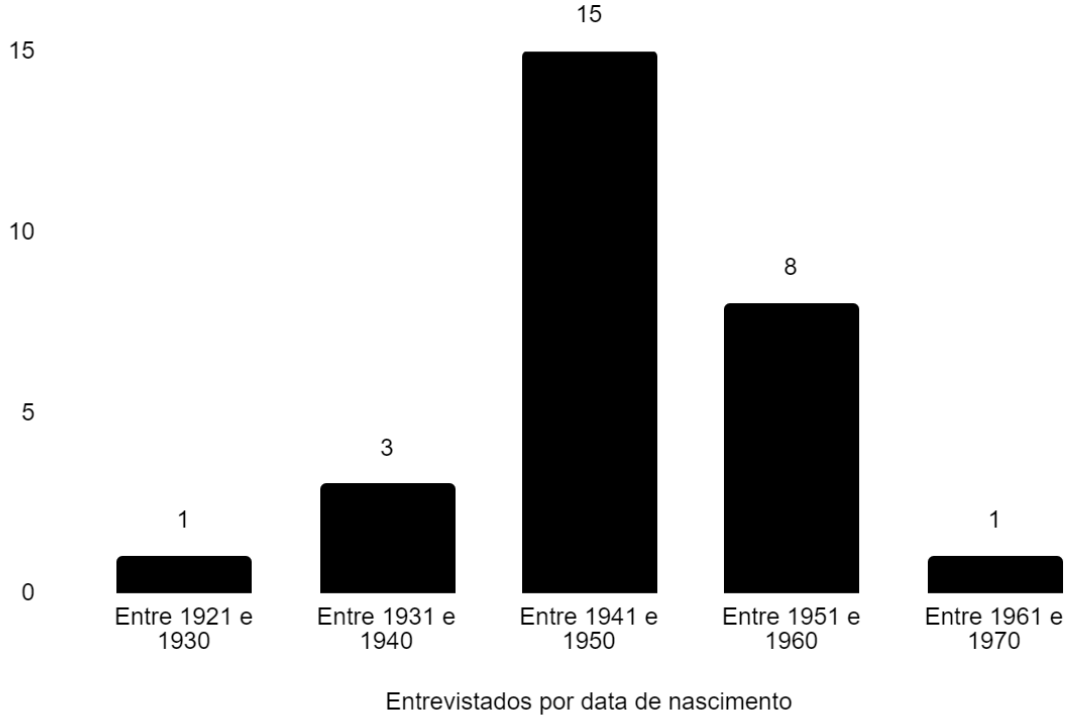


Gráfico com o total de entrevistados com base na data de nascimento